UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

O olhar do longínquo.

Sociedade, política e religião no horizonte geográfico de Giovanni Botero.

Christian Purpura

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História Social, do departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas
da Universidade de São Paulo para obtenção do título
de Doutor em História

Orientador: Profa Dra Laura de Mello e Souza

Versão corrigida

São Paulo
2012

RESUMO

Esta tese tem por objetivo o estudo do pensamento geográfico de Giovanni Botero. Sua melhor síntese é dada pelas *Relationi Universali*, que oferecem um exemplo interessante da reflexão de um pensador católico sobre o mundo e o homem no mundo. Tratado que compendia o saber geográfico de final do Quinhentos, foi também obra que, por estilo e metodologia, se distanciou das cosmografias coevas, tendo uma especificidade política e religiosa reconhecível nas intenções do autor.

Com seu olhar sobre as culturas outras, as *Relationi* forneceram um instrumento intelectual que permitiu pensar as populações do Novo Mundo e seu encontro com a sociedade europeia.

Palavras chaves: Botero, século XVI, Geografia, Novo Mundo.

email: purpurabrazil@hotmail.com

ABSTRACT

This thesis aims to study Giovanni Botero's geographical thought. The *Relationi Universali* are its best synthesis and offer an interesting example of the reflections of a catholic thinker over the world and man in the world. The treatise compiles the geographical knowledge at the end of XVI century, although, for its style and methodology, keeps distance from other cosmographies of that time. Botero's work has a political and religious peculiarity that can be found in the author's ends.

With its look over other cultures, the *Relationi* were an intellectual tool that allowed to think to people of the New World and their relations with the European civilization.

Key words: Botero, XVI Century, Geography, New World.

email: purpurabrazil@hotmail.com

RIASSUNTO

Questa tesi si prefigge il compito di studiare il pensiero geografico di Giovanni Botero. Le *Relationi Universali* di Giovanni Botero ne sono una sintesi e offrono un esempio interessante della riflessione di un pensatore cattolico sul mondo e sulla presenza dell'uomo nel mondo. Trattato che compendia il sapere geografico alla fine del Cinquecento, è anche un'opera che, per metodo e stile, si distanzia dalle cosmografie coeve, avendo una specificità politica e religiosa riconoscibile nelle intenzioni dell'autore.

Col suo sguardo sulle culture altre, le *Relationi* hanno fornito uno strumento intellettuale che ha permesso di pensare alle popolazioni del Nuovo Mondo nel loro rapporto con la civilizzazione europea.

Parole chiave: Botero, Secolo XVI, Geografia, Nuovo Mondo.

email: purpurabrazil@hotmail.com

AGRADECIMENTOS

A Laura de Mello e Souza, pela confiança.
À Fapesp, pelo apoio financeiro.
A Adone Agnolin e Ana Paula Megiani, pelos conselhos.
Aos meus pais, pelo suporte.
A Kety, pela paciência.

Esta tese contou com o apoio financeiro da FAPESP

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo 1 A formação jesuítica	
1.1 A educação jesuítica no horizonte da ContraReforma	25
1.2 Piedade, eloquência, doutrina	38
1.3 Um perfil controverso	45
1.4 A formação de um jesuíta errante	52
1.4 A fama e a decepção	63
Capítulo 2 Geografia moral	
2.1 Retórica e empenho religioso	70
2.2 Geografia moral	87
2.3 Cartografias da cristandade	97
Capítulo 3 Os compromissos de um homem de corte	
3.1 Em Roma	104
3.2 Em Turim	121
3.3 As faces de Jano	124
3.4 Um intelectual de corte	137
3.5 A praxe das dedicatórias	142
Capítulo 4 A unificação do espaço geográfico	
4.1 A arquitetura de uma obra aberta	147
4.2 A nova escala do mundo	153
4.3 As grandezas da Terra	158
4.4 A natureza das fontes geográficas	163
Capítulo 5 O olhar do longínquo	

5.1 O olhar itinerante	169
5.2 A objetivação da realidade	175
5.3 O olhar do longínquo	186
Conclusões	191
6 Fontes	193
7 Bibliografia	196

Introdução

A partir da última década do século XVI algumas gerações de leitores tiveram a oportunidade de acrescentar em suas bibliotecas mais um livro que iria atualizar seus conhecimentos sobre o mundo e satisfazer seus interesses por matérias geográficas. Tratava-se das *Relationi Universali* do piemontês Giovanni Botero, que apresentavam, na organização textual e na elaboração do discurso, uma sensibilidade afinada com o gosto literário daquela época, sendo destinadas a um largo consenso entre o público letrado europeu, um reconhecimento atestado pelas numerosas edições, traduções e citações.

Botero se encontrava na maturidade de seus quarenta e cinco anos de idade¹ quando, em 1589, começou a compor um livro que demandaria muitos anos de pesquisa e trabalho antes de assumir uma feição definida, ainda que não fosse definitiva. Era esta uma fase importante, particularmente favorável para as aspirações pessoais do piemontês que, desde o começo daquela década, estava passando por uma sequência de experiências fecundas, deixando para trás os anos difíceis entre os jesuítas com os quais não conseguira nem concretizar suas ambições missionárias e nem completar a profissão dos votos. Após encerrar sua experiência na Companhia de Jesus, em 1580, Botero se colocou a serviço da família Borromeo, trabalhando inicialmente em Milão como secretário de São Carlos, e, em seguida, acompanhando em Roma a ascensão eclesiástica do jovem Federico, ascensão que coincidiu com a afirmação intelectual do nosso autor. Este, nos anos romanos que vão de 1588 a 1596, conheceu um dos momentos mais prolíficos de sua carreira literária - e certamente o mais digno de consideração - deixando para a posteridade um trítico de obras que hoje chamam a

¹ Embora não seja possível determinar com exatidão dia e mês de nascimento, há um consenso quanto ao ano de 1544, estabelecido por Chabod e Firpo com base em algumas deduções. O local onde Botero nasceu e passou a infância é Bene, município que atualmente fica na província de Cuneo, na região de Piemonte, e que na época era domínio do duque de Sabóia.

atenção dos estudiosos; são elas as *Cause della grandezza delle città* (1588), a *Ragion di Stato* (1589) e, justamente, as *Relationi Universali*, livro central para nós, cujo conteúdo foi escrito em etapas, entre 1589 e 1596, mas que ficou aberto a correções e acréscimos no decorrer dos anos. A constante ampliação desta obra encontrava sua justificação na incorporação de novos temas ao objeto de estudo, e na atualização dos dados. Os primeiros concorreram para dar forma à edição completa de 1596, enquanto os *addenda* comportaram a redação de uma quinta parte, completada em Turim em 1611, que permaneceu manuscrita até o final do século XIX quando Carlo Gioda a publicou no terceiro tomo de seu livro sobre Botero.² As *Relationi* acompanhavam a evolução das informações relativas às novas terras, como também integravam a própria experiência geográfica do piemontês, ainda que esta fosse secundária na economia do discurso e limitada a poucas viagens: além da Itália, o nosso autor conheceu a França e a Espanha; a permanência neste último país foi determinante para a redação da *Relatione di Spagna*, que pode ser considerada um apêndice das *Relationi Universali*; no entanto, as viagens de Botero eram realizadas, normalmente, a partir de livros e mapas, caracterizando-se como "peregrinações sedentárias e descontínuas"³ - para usarmos uma expressão feliz de Plínio Freire Gomes; viagens deste tipo eram comuns a tantos outros humanistas.

O pensamento de Botero se inscreve no âmbito de uma reflexão particularmente significativa como foi aquela de sua época, que tomava consciência, década após década, de um planeta em transformação incessante e no qual os cristãos eram chamados a reinterpretar sua presença. Como se caracterizava esta reflexão, e com quais especificidades interveio a contribuição do autor em questão, são perguntas que estimularam nossa pesquisa.

Os séculos XVI e XVII registraram o êxito de publicações de cunho geográfico com as quais as *Relationi* estabeleciam um parentesco estreito baseado em um objeto comum que podemos identificar naquela Terra Universal da qual fala Jean-Marc Besse, e que abrange o espaço unificado do mundo.⁴ Era este um mundo amplo e diversificado que o homem europeu começava a conhecer paulatinamente em sua totalidade por meio

² GIODA, Carlo, *La vita e le opere di Giovanni Botero con la quinta parte delle Relationi Universali*, 3 vols, Milão, Hoepli, 1895.

³ FREIRE GOMES, Plínio, "Alessandro Zorzi e l'invenzione dei tropici" in RAMADA CURTO, Diogo, CATTANEO, Angelo, FERRAND DE ALMEIDA, André, (org), *La cartografia europea tra primo Rinascimento e fine dell'Illuminismo*, Firenze, 2003.

⁴ BESSE, Jean-Marc, *Les grandeurs de la terre. Aspects du savoir géographique à la Renaissance*, Lyon, Ens Éditions, 2003.

da tecnologia da imprensa, o principal veículo de divulgação das informações geográficas. As tipografias europeias imprimiam livros sobre estes argumentos que logo caíam nas mãos de colecionadores e leitores curiosos e desejosos por novidades. Apesar do custo, que podia ficar elevado nas edições ilustradas e nos *in-folio*, existia uma grande demanda por livros deste gênero – tanto de escala topográfica quanto geográfica – cujas tiragens se esgotavam rapidamente. Só para mencionar alguns títulos memoráveis, o *Theatrum Orbis Terrarum*, de Abraham Ortelius, foi um grande sucesso de vendas desde sua primeira publicação em 1570, e garantiu uma pequena fortuna ao seu autor, como também a seus herdeiros. Por sua vez, a *Cosmografia Universalis* do teólogo alemão Sebastian Munster atingiu quase quarenta edições em menos de um século, tornando-se um modelo imitado em toda a Europa. A *Descrittione di tutta Italia* do frade dominicano Leandro Alberti foi publicada dez vezes, entre 1550 e 1596, e recebeu, sempre no século XVI, duas traduções para o latim, realizadas na cidade de Colônia. Além do bom êxito editorial, a *Descrittione* ganhou uma gratificação importante no ambiente pontifício, já que Egnazio Danti recorreu ao texto de Alberti para as legendas dos frescos da galeria geográfica vaticana. E fora da península, Ortelius apreciou o trabalho do dominicano, valendo-se de uma das primeiras edições para a parte italiana de seu *Theatrum*. Outros escritos afins conseguiram alcançar resultados parecidos. Lembremos, como exemplo ulterior, as *Navigazioni e viaggi* do veneziano Giovanni Battista Ramusio, que se diferenciavam dos livros mencionados tanto no método quanto na composição. De fato, no livro de Ramusio, as imagens tinham uma função de ilustração e suporte ao texto, diferentemente do *Theatrum* de Ortelius, que se fundava na autonomia do mapa. Além disso, as *Navigazioni* foram essencialmente um trabalho de compilação no qual os documentos eram apresentados por breves comentários do escritor veneziano. Ao contrário, em Munster e Alberti, a relação entre a pesquisa e as fontes levava, na fase final da redação, a uma articulação mais variada entre autor e texto.⁵ Apesar da diversidade, as *Navigazioni* guardavam, com os primeiros dois exemplos, uma atenção comum à nova geografia dos descobrimentos, e partilhavam com todos eles o mesmo destino: aquele de um grande reconhecimento editorial europeu.⁶ Há outro aspecto, curioso mas não por isso menos

⁵ Enfrentaremos estes assuntos quando virmos a construção das *Relationi Universali*.

⁶ Existem numerosas referências sobre estes autores nos livros que tratam da geografia renascentista. Limitando-nos às monografias mais recentes e inovadoras recomendamos MANGANI, Giorgio, *Il mondo di Abramo Ortelio*, Modena, Franco Cosimo Panini, 2006. MCLEAN, Matthew, *The Cosmographia of Sebastian Munster*, Aldershot, Ashgate, 2007. Análises estimulantes sobre Ortelius e Munster em

interessante, relativo à história destas publicações. Os livros de Munster, Alberti e Ramusio ou foram impressos no final da vida de seus autores, ou apareceram póstumos. Por este motivo, o percurso destas obras, como também de outras, tem que ser entendido para além das vontades do autor, dentro de uma lógica editorial e do consumo livreiro.

O sucesso da literatura de viagem e das cosmografias de vários tipos se apoiava em uma curiosidade pelas raridades e variedades das coisas humanas, e da natureza em geral, que era amplamente difundida entre os eruditos do Quinhentos e Seiscentos,⁷ curiosidade que a perspicácia editorial de Manuzio, Rusconi, Zoppino, Giunti, para citar apenas os tipógrafos de Veneza, sabia saciar.⁸ Nas estantes das bibliotecas patrícias desta cidade veneta, os livros de caráter geográfico somavam uma quantidade consistente, abrigando tanto as antigas compilações medievais quanto as atualizações recentes dos *Ptolomeus*.⁹ Folhear estes livros restituía aos leitores a experiência de uma diversidade que se articulava em um terreno compartilhado, de um ecúmeno alargado. As páginas descortinavam o teatro da existência humana representando as singularidades de um mundo surpreendente que podia ser apreciado – ou saboreado, se usarmos uma máxima de Francis Bacon – através da leitura, e podia ser ‘vivenciado’ no percurso visual das pranchas, que permitiam replicar uma viagem verdadeira, porém mais cômoda. A geografia, no entanto, não era somente uma literatura de evasão; a curiosidade despertava nos leitores reflexões que se guardaram até nossos dias em anotações inscritas nas margens de livros, ou de rascunhos, ou, ainda, nos inventários das bibliotecas; pequenas evidências de questionamentos que, em alguns casos, constituíram as bases para tentativas de estudos mais densos. Um exemplo interessante

BESSE, Jean-Marc, *Les grandeurs de la terre*, op cit. Sobre a redescoberta recente de Leandro Alberti ver PETRELLA, Giancarlo, *L'officina del geografo*, Milano, Vita e Pensiero, 2004. Outro livro relevante sobre Alberti é a coletânea organizada por DONATTINI, Massimo, *L'Italia dell'inquisitore*, Bologna, 2007. Surpreendentemente, falta ainda um estudo aprofundado inteiramente dedicado a Ramusio. Lembramos um artigo de DONATTINI, Massimo, “Ramusio e le sue Navigazioni. Appunti per una biografia”, *Critica Storica*, XVII, 1980. Sempre atual é a introdução de Marica Milanese à edição das *Navigazioni* editada pela Einaudi em 1978.

⁷ É aquilo que Chinard chamará de exotismo. CHINARD, Gilbert, *L'exotisme américain dans la littérature française au XVI siècle*, Paris, 1911. Por uma sua crítica ver GLIOZZI, Giuliano, *Differenze e uguaglianza nella cultura europea moderna*, Napoli, Vivarium, 1993, especialmente os quatro ensaios iniciais.

⁸ POMIAN, Krystof dedica à cultura da curiosidade um capítulo de seu livro *Collectionneurs, amateurs et curieux*. Paris, Venise, *XVIe-XVIIIe siècle*, Paris, 1987.

⁹ AMBROSINI, Federica, *Paesi e mari ignoti. America e colonialismo europeo nella cultura veneziana (secoli XVI-XVII)*, Venezia, 1982, p. 29. Ver também DONATTINI, Massimo, “Orizzonti geografici dell'editoria italiana (1493-1560)”, in PROSPERI, Adriano e REINHARDT, Wolfgang, (org), *Il Nuovo Mondo nella coscienza italiana e tedesca del Cinquecento*, Bologna, Il Mulino, 1992. Sobre os Ptolomeus italianos ver CODAZZI, Angela, *Mostra di Tolomei e atlanti antichi*, Roma, 1967.

neste sentido é aquele do bibliófilo Gian Vincenzo Pinelli, que, em Pádua, nas últimas décadas do século XVI, acumulava dezenas de manuscritos e livros sobre estes temas com a intenção de selecioná-los para uma coletânea, mas, como acontecera anos antes com Alessandro Zorzi – outro colecionador de escritos geográficos – o projeto não se materializou. Após a morte de Pinelli, em 1601, estes documentos foram adquiridos pelo cardeal Federico Borromeo – que do bibliófilo era amigo – e hoje pertencem à Biblioteca Ambrosiana.¹⁰ Borromeo era um polímata, cuja erudição abraçava religião, história, cosmologia, política, pintura, e obviamente geografia. Ele foi um dos primeiros leitores das *Relationi Universali*, as quais serviram de estímulo para a redação de um tratado de geografia americana que ficou apenas esboçado em um manuscrito.¹¹ Exemplos análogos a estes deviam ser numerosos cruzando os Alpes, onde, de fato, deparamos com interesses parecidos em Basileia, Friburgo, Antuérpia, Paris, Viena, Nuremberg, Sevilha e outras capitais do conhecimento. Nestes centros, mais de humanista colocou curiosidade e erudição a serviço da geografia, uma disciplina cujo estatuto científico, no século XVI, era incerto, fazendo com que seu campo estivesse aberto para aqueles escritores desejosos de frequentá-lo. Assim, um leitor dotado dos conhecimentos necessários e com boa disposição podia se tornar compilador, ou autor de textos geográficos; um percurso que testemunhamos não apenas nos planos provisórios de Pinelli ou Federico Borromeo, mas que foi comum a outros eruditos, como Ortelius, o qual canalizou sua paixão de colecionador de mapas em um projeto editorial grandioso.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos um espaço comum de recepção, definido pela cultura da curiosidade, podemos perceber diferenças nas intenções dos autores e dos editores, além de, obviamente, imaginar leituras idiossincráticas que a própria estrutura do livro geográfico encorajava.¹² Este podia ser consultado a partir do capítulo

¹⁰ BRAGAGNOLO, Manuela, “Geografia e politica nel Cinquecento. La descrizione di città nelle carte di Gian Vincenzo Pinelli”, in *Laboratoire italien*, n° 8, Lyons, 2008. Trata-se de um artigo interessante e que apresenta um apêndice documental que reproduz esquemas para a descrição geográfica, acompanhados de comentários de Pinelli. Por outro lado, a documentação de Zorzi à qual nos referimos se encontra na *Biblioteca Nazionale* de Firenze e na *Biblioteca Comunale* de Ferrara. Um belo artigo de Plínio Freire Gomes explora a incorporação das descobertas ultramarinas na reflexão deste humanista veneziano, que o autor sintetiza na invenção do trópico, e na função do equador como uma linha reta que ressignificava o espaço cartográfico. FREIRE GOMES, Plínio “Alessandro Zorzi e l’invenzione dei tropici”, op cit.

¹¹ Borromeo gostava de escrever sobre todos estes temas e deixou um conjunto impressionante de manuscritos (mais de duzentos), a maioria em italiano, que ainda hoje, curiosamente, são pouco estudados. Sobre o manuscrito geográfico ver ALBÓNICO, Aldo, *Il cardinal Federico 'americanista'*, Roma, Bulzoni, 1990.

¹² BESSE, Jean-Marc, em *Les grandeurs de la terre*, op cit, p 247 e ss.

ou da página que o usuário melhor entendesse, construindo um roteiro seletivo de leitura, como acontece com o manuseio de uma enciclopédia. Do ponto de vista do autor, é possível identificar em cada livro uma busca por um tipo de representação e entender estas publicações como respostas, às vezes polêmicas, a questões eruditas, mas também políticas e religiosas. De fato, no mundo das publicações eram travadas batalhas que não exteriorizavam apenas confrontos pessoais, como aquele famoso entre André Thevet e François de Belleforest,¹³ mas colocavam em jogo questões candentes para a sociedade de então. E mesmo a *querelle* que envolveu os dois franceses ia além de uma rivalidade fútil entre homens ambiciosos, atingindo aspectos intelectuais como o papel da experiência na formulação do saber cosmográfico, experiência que era considerada imprescindível para Thevet. Os livros geográficos portanto não eram apenas espelhos das viagens de descobrimento, mas refletiam tensões de vária natureza, e suas páginas carregavam o peso de discussões e problemas internos à sociedade europeia.

A partir de meados do século XVI, o discurso geográfico foi investido por ideologias em uma competição nova, chegando inclusive a ser atingido pela censura.¹⁴ É notório o uso político que as Coroas ibéricas fizeram dos mapas a partir do século XV, e que certa historiografia resumiu com a fórmula de segredo.¹⁵ A descoberta da América, a rota das Índias, e a competição por terras e riquezas intervieram como fator perturbador da prática cartográfica, que sofreu distorções em nome de interesses comerciais e políticos. Se a censura tentava preservar o domínio ultramarino, a divulgação da informação podia ser uma arma para enfraquecer o país concorrente. Ramusio, com suas *Navigazioni*, tornava público e transformava em notícia o que era escondido pelos rivais de Espanha e Portugal. Houve também um confronto de saberes geográficos que se travou entre o mundo católico e aquele protestante, e que viu Botero

¹³ BROCC, Numa, *La geografia del Rinascimento. Cosmografi, cartografi, viaggiatori (1420-1620)*, trad, Modena, Franco Cosimo Panini, 1986, p 77.

¹⁴ Considerações interessantes sobre Botero como soldado da contra-reforma podem ser encontradas em DESCENDRE, Romain, "Une géopolitique pour la Contre-Réforme: les Relationi universali de Giovanni Botero (1544-1617)" in *Esprit, lettre(s) et expression de la Contre-Réforme en Italie à l'aube d'un monde nouveau*, Actes Du Colloque international (27-28 novembre 2003), Nancy, 2005. Sobre a geografia de Possevino ver BESSE, Jean-Marc, "Quelle géographie pour le prince chrétien? Premières remarques sur Antonio Possevino" in *Laboratoire italien*, n° 8, Lyons, 2008. Sobre a censura de livros geográficos, FRAJESE, Vittorio, *Nascita dell'indice. La censura ecclesiastica dal Rinascimento alla Controriforma*, Brescia, 2006.

¹⁵ A política de segredo protegia a cartografia portuguesa de acordo com CORTESÃO, Jaime, "A política do sigilo nos descobrimentos", in *Obras completas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1967. Por uma crítica, ver o recente artigo de FREIRE GOMES, Plínio, "Volta ao mundo por ouvir-dizer: redes de informação e a cultura geográfica do Renascimento", *Anais do museu paulista*, vol 17, n 1, São Paulo, 2009, p 113-135.

e Possevino lutarem ativamente em prol de Roma. Do outro lado da cortina, a *Cosmografia Universalis* de Munster foi um exemplo de como a narração geográfica, ao denunciar a Inquisição, assumia um compromisso crítico. Com efeito, Munster publicava, na edição de 1550, a *Sardiniae brevis historia et descriptio*, escrita por Sigismondo Arquer, na qual este advogado atacava a crueldade dos procedimentos inquisitoriais. O resultado foi que o livro de Munster encontrou o ostracismo romano, que o censurou,¹⁶ enquanto Arquer acabou sendo queimado justamente por aquele Tribunal do Santo Ofício que ele tivera a coragem de denunciar.¹⁷

Uma leitura atenta das cosmografias renascentistas descobrirá, para além das similitudes e de esquemas estereotipados, diferenças significativas e peculiaridades que a historiografia, atualmente, está ajudando a trazer à tona. Uma bibliografia recente tem evidenciado os contextos em que o saber geográfico renascentista era formulado e as aspirações individuais e coletivas por trás deste tipo de reflexão. Retomando os nossos exemplos, e sintetizando algumas conclusões a que chegaram os pesquisadores,¹⁸ o *Theatrum* de Ortelius foi elaborado como um projeto irênico de pacificação; a *Cosmografia* de Munster era motivada por uma perspectiva teológica e servia de guia para a leitura da bíblia; a *Descrittione* de Alberti foi uma operação filológica que redesenhava a identidade geográfica da Itália;¹⁹ as *Navigazioni e viaggi*, assim como o *Theatrum* de Ortelius, tinham ambições cosmopolitas, e tornavam evidente como a expansão do ecúmeno encontrava uma legitimação no plano da providência divina, providência que, no caso de Ramusio, ainda reservava um lugar de destaque para a República veneziana.

O livro de Botero tratava de temas geográficos e tinha afinidades com estes exemplos, mas sua colocação entre as cosmografias deve ser feita com cautela porque as *Relationi* não seguiam o filão dos *ptolomeus* que, na Itália, eram editados numerosos

¹⁶ Pinelli, no entanto, possuía uma cópia.

¹⁷ PROSPERI, Adriano, *Tribunali della coscienza. Inquisitori, confessori, missionari*, Turim, Einaudi, 1996, p. 31. Ver também FIORANI, Francesca, *Carte dipinte. Arte, cartografia e politica nel Rinascimento*, Modena, Franco Cosimo Panini, 2010. A autora afirma que a *Descrittione* de Leandro Alberti tinha por objetivo aquele de corrigir a descrição da Itália realizada por Munster.

¹⁸ Para uma análise mais elaborada sobre Ortelius remetemos a Mangani, op cit, e Besse, op cit. Os dois autores chegam a conclusões parecidas. Deste último, ver também as ponderações sobre Munster e Ramusio. Sobre a operação filológica de Alberti recomendamos o ensaio de MARCOCCI, Giuseppe, “A proposito dell’immagine dell’Italia nel Cinquecento. La *Descrittione di tutta Italia* di Leandro Alberti e la cartografia rinascimentale”, in DONATTINI, Massimo, op cit.

¹⁹ Neste sentido foi importante a inclusão italiana da Córsega, da Sardenha e da Sicília, esta última então considerada como uma muralha da cristandade, *inter Italiam et Africam*. A decisão de Alberti de considerar as ilhas como uma extensão geográfica da Itália o distanciava de Biondo Flavio, o qual em sua *Italia illustrata*, escrita na segunda metade do século XV, deixara de lado as ilhas.

naqueles mesmos anos, nem replicava o método das *Navigazioni* de Ramusio, ainda que nos dois encontrasse uma fonte de inspiração. A estrutura das *Relationi* se aproxima dos livros de Alberti e Munster; como estes autores, Botero ampliou os temas tratados, inserindo sua investigação em uma vertente que aliava descrição geográfica e análise estatística, religiosa, etnográfica, política.²⁰ A geografia à qual se filiava, e que permitia este *excursus* amplo, não era aquela ptolomaica, de tipo matemático, mas a estraboniana, uma geografia que abria para outros discursos – principalmente o histórico e o político – e cuja construção do objeto de pesquisa não acontecia no plano cartográfico, mas naquele da narração. Este pensador grego do século I, anterior a Ptolomeu, tinha proposto um estudo da geografia divergente daquele oferecido por Eratóstenes, criticado pela escassa atenção ao ecúmeno terrestre e por ter privilegiado o cálculo sobre a descrição. Para Estrabão, a geografia devia estudar a relação do homem com os territórios em que os acontecimentos históricos se desenrolavam. Encontramos uma postura parecida em Políbio, que considerava a geografia como uma “história pragmática”.²¹

Nosso estudo sobre as *Relationi Universali* demanda um aprofundamento das questões que tangem esta obra. São elas basicamente de ordem política, geográfica, religiosa, sem querer menosprezar outras leituras. O tripé política, geografia, religião é de interesse prioritário porque estrutura o livro, sustenta os planos da exposição – uma descrição múltipla, às vezes redundante, da morfologia física e social do mundo – e se manifesta nos objetivos de formar e informar o homem de governo e de Igreja. Se o aspecto político diz respeito à arte de exercer o poder e aos mecanismos que regem o aparato institucional, delineando um campo de estudos com fronteiras claras, o segundo, em sua acepção quinhentista, é muito vasto, já que engloba domínios do saber hoje autônomos, como a etnografia, e tece relações estreitas com a história. A heterogeneidade da geografia da Renascença resulta em maneiras diferentes de praticá-la. Este de Botero é um exercício da disciplina à maneira de Estrabão, Piccolomini, Munster, mais que de Ptolomeu, Regiomontanus ou Oronce Finé, expoentes, estes últimos, da vertente matemática, que constrói um modelo para ordenar a superfície terrestre. A Terra do autor das *Relationi*, ao contrário, é já dada; agora se trata de narrá-la, ou, dito de outra forma, sua objetivação não se dá com régua e compasso, mas

²⁰ Numa Broc fala em uma corrente política e estatística da qual Botero e Sansovino, na Itália, e Bodin e Chappuys na França, foram os expoentes mais famosos. BROCC, Numa, op cit, p 79.

²¹ BIRASCHI, Anna Maria, “Una geografia per l'impero”, in *I greci. Storia, cultura, arte, società*, Torino, 1998, p 1087.

seguindo a lógica ordenadora da composição escrita. É uma geografia totalizante e descritiva de um mundo apreendido tanto em sua conformação natural quanto nas divisões territoriais realizadas pelo homem. A geografia de Botero põe ênfase no homem, é, portanto, em primeiro lugar, uma geografia humana. No que concerne à religião, ela é traçada pela biografia de Botero, que escreveu como pessoa educada na ordem jesuítica, por muito tempo ao serviço dos Borromeo, e engajado na afirmação propositiva da Igreja católica no período tumultuado da ContraReforma. Uma das metas de nosso estudo é entender como estes três aspectos se articulam.

Além da geografia de Estrabão, Botero procurou também outras fontes para estruturar suas relações: eram estas as *relazioni* diplomáticas venezianas, memórias sobre o país no qual os embaixadores tinham desempenhado sua função, e que eram transmitidas numa exposição escrita ao Conselho da Sereníssima, de acordo com um esquema padronizado que contemplava a descrição geográfica do país, sua riqueza material, sua força econômica e militar, e a relação com os países vizinhos. Embora estes escritos estivessem cobertos pelo segredo, circulavam manuscritos, e alguns deles foram publicados. De fato, Botero citou o *Thesoro politico*, livro que reunia algumas relações diplomáticas.²² A coincidência lexical é significativa. Interessante é o fato de Botero ter organizado o livro sobre os reinos europeus, na segunda parte das *Relationi*, de acordo com o modelo seguido pelos embaixadores venezianos. Uma prova de como os tratados de geografia da Renascença pertencem a uma disciplina emaranhada em outros saberes, como acenaremos de novo em outras páginas.

Os planos de articulação do discurso geográfico de Botero restituem uma descrição múltipla do mundo, pela qual o leitor atual reconhece certas redundâncias ao longo das quatro partes que compõem seu livro, mas que não devia incomodar o público daquela época. O sucesso das *Relationi* ocorreu dentro e fora da Itália, como comprovam as mais de sessenta edições que, na última década do Quinhentos, e durante o século seguinte, foram lidas em diversos países europeus.²³ Escrita em italiano, a obra apareceu também em alemão, inglês, espanhol, polonês, latim;²⁴ e mesmo que não tivesse

²² *Thesoro político, cioè, relationi, istruzioni, trattati, discorsi vari di Ambasciatori perinenti alla cognitione e intelligenza degli Stati, interessi, e dipendenze de i più gran Principi del Mondo*, 1589. Sobre este livro ver TESTA, Simone, “Per una interpretazione del *Thesoro Politico*”, in *Nuova Rivista Storica*, 85, 2, 2001.

²³ A última edição italiana das *Relationi Universali* é de 1671, mas na Espanha esta obra teve um prolongamento editorial com a publicação de 1748. Luigi Firpo considerava as *Relationi* como o manual que educou as elites europeias do século XVII.

²⁴ As traduções latinas e alemãs apareceram em 1596. Aquela espanhola é de 1603. A tradução polonesa é de 1609, enquanto aquela inglesa apareceu em momentos diversos. Uma primeira e parcial, *Relations of*

recebido uma tradução para a língua francesa, Pierre d'Avity conduziu uma investigação sobre o estado do mundo reproduzindo largos trechos das *Relationi*.²⁵ De uma forma ou de outra, os escritos geográficos de Botero marcavam presença em grande parte da Europa.

Um resultado editorial, portanto, que repetiu, ou até mesmo melhorou, aquele conseguido por este ex jesuíta com o *Ragion di Stato*, embora fosse menos duradouro. As *Relationi*, por sua heterogeneidade e estrutura compositiva, envelheceram aos poucos e caíram no esquecimento, seguindo uma parábola comum a outras publicações do gênero geográfico,²⁶ enquanto a obra política superou a prova do tempo entrando no século XIX como único legado intelectual que o mundo culto creditava a Botero. Testemunha disso é Alessandro Manzoni que, em uma página erudita do *Promessi Sposi*, indicava em Maquiavel e no Botero estadista dois grandes pensadores políticos, renunciando aquele binômio da teoria do Estado ainda hoje fortemente enraizado entre nós.²⁷ Com uma fórmula parecida, Vincenzo Gioberti, ocupado em traçar uma genealogia da grandeza itálica, falava de uma escola de filosofia civil cujo ciclo começava com Maquiavel e terminava com Botero. A este último, porém, Gioberti não conferia muita popularidade já que era autor “quasi ignoto, ma degno di esser conosciuto”.²⁸ Antes da redescoberta acadêmica das *Relationi Universali* realizada por Carlo Gioda no final do século XIX, Botero era lembrado essencialmente como um teórico da política, sempre associado à pessoa de Maquiavel. O próprio Gioda começa seu livro dizendo que “di Giovanni Botero una persona mezzanamente colta può, senza vergogna sua, confessare di non sapere altro se non che fu l'autore della *Ragion di Stato*”, uma afirmação que não perdeu sua atualidade

the most famous kingdoms and common-wealths é de 1601. A mais completa é aquela realizada por Robert Johnson em 1630.

²⁵ D'AVITY, Pierre, *Les Etats, Empires, et principautez du monde*, Paris, 1616. Esta obra teve grande sucesso ao longo do século XVII e foi publicada com três títulos diferentes. Na versão latina de 1628 se torna *Archontologia cósmica*, e na edição de François de Ranchin é chamada *Le Monde, ou la description générale de ses quatre parties*.

²⁶ A última edição alemã da *Cosmographia Universalis* de Munster é de 1620. Destino semelhante, mas vida mais breve, teve a *Descrittione* de Leandro Alberti, cuja última edição é de 1596. Este autor caiu em um esquecimento quase total até que, a partir de 2003, voltou a ser tomado em consideração pelo mercado editorial – com a reedição anastática da obra em dois volumes – e pelo mundo acadêmico italiano que, em 2004, dedicou a este personagem um congresso que reuniu grandes nomes da historiografia e geografia como Adriano Prosperi, Paolo Prodi, Frank Lestringant, Massimo Donattini, Franco Farinelli, Marica Milanesi, Elena Fasano Guarini, entre outros.

²⁷ O capítulo 27 do *Promessi Sposi* conduz o leitor pela biblioteca de Don Ferrante. Na estante dos autores políticos há Bodin, Cavalcanti, Sansovino, Paruta, Boccalini. E, em evidência, Maquiavel, com seu *Principe* e os *Discorsi*, e Botero do qual é citado apenas o *Ragion di Stato*. MANZONI, Alessandro, *I promessi sposi*, Milano, 1865, p 442.

²⁸ GIOBERTI, Vincenzo, *Del primato morale e civile degli italiani*, Losanna, 1846, p 161.

na Itália de hoje.²⁹ Sempre na veste de cientista político, Botero fora introduzido na história da literatura italiana de Giuseppe Maffei, em uma indicação rápida junto a Maquiavel.³⁰

No século XX, um renovado interesse sobre a razão de Estado teve o efeito de reavaliar a reflexão do nosso autor. O livro que deu início a esta operação é o *Die idee der Staatsräson in der neueren Geschichte*³¹ do historiador alemão Friedrich Meinecke, cujas ideias surgiram no contexto político europeu dos anos vinte e naquele intelectual do historicismo. Meinecke confere a paternidade da razão de Estado a Maquiavel, enquanto Botero constitui um vulgarizador e um representante medíocre cujo conservadorismo católico é reprovado. Junto com os estudos de Benedetto Croce sobre o período barroco, a obra do alemão constituirá a referência principal sobre esta categoria da ciência política por um bom tempo, pelo menos até os anos noventa quando Enzo Baldini e Yves Charles Zarka, de forma independente, promoverão seminários que resultarão em três volumes reunindo as pesquisas mais inovadoras ligadas ao tema.³² A partir destes anos, o livro *Ragion di stato* ganha uma análise aprofundada no âmbito da discussão sobre o paradigma político da razão de Estado, discussão embasada em preocupações e metodologias diferentes daquelas de Meinecke ou Croce, e em uma problematização do objeto de estudo que leve em conta o contexto histórico em todos os seus aspectos. Este é um filão de estudos que aborda uma manifestação precisa do pensamento boteriano, aquele político, cuja bibliografia desde então cresceu enormemente.

Nos mesmos anos em que Meinecke trazia a *Ragion di stato* para a discussão acadêmica, o então jovem Federico Chabod escrevia uma monografia sobre Botero que ainda hoje é ponto de partida para uma pesquisa sobre este autor. Publicado pela primeira vez em 1934, no quarto número da coleção *Nuovi Studi di Diritto, Economia e Politica*, o texto será recuperado, anos mais tarde, para o volume *Scritti sul Rinascimento*, que reunia outros artigos sobre o século XVI e alguns de seus protagonistas, como Paolo Giovio, Francesco Guicciardini e Paolo Sarpi. Este ensaio,

²⁹ GIODA, Carlo, *La vita e le opere di Giovanni Botero*, op cit, p 1.

³⁰ MAFFEI, Giuseppe, *Storia della letteratura italiana*, 1825.

³¹ O livro foi traduzido para vários idiomas. Nos consultamos a edição inglesa que tem por título *Machiavelism. The doctrine of Raison d'État and its place in modern history*, New Haven, Yale University Press, 1998.

³² Os livros em questão são: BALDINI, Enzo, (org), *Botero e la Ragion di Stato*, Firenze, Leo S. Olschki, 1992; BALDINI, Enzo, (org), *La Ragion di Stato dopo Meinecke e Croce*, Genova, Name, 1999; ZARKA, Yves Charles, (org), *Raison et déraison d'État, théoriciens et théories de la Raison d'État aux XVIe et XVIIe siècles*, Paris, Puf, 1994.

caracterizado pelo estilo elegante da prosa e pela crítica pungente, propõe uma biografia intelectual de Botero, e se destaca por um estudo criterioso das *Relationi Universali*. Estas ocupam um espaço consistente e empenham Chabod em um cotejo minucioso de trechos pertencentes a vários textos que esclarece as fontes usadas para sua composição. O artigo oferece ainda um riquíssimo apêndice documental. O historiador italiano contrapõe, no plano do empenho intelectual, um Maquiavel heroico, votado integralmente para a política,³³ a um Botero inconstante, que perambula entre vários campos do saber. As incertezas do ex jesuíta se traduzem em leituras da sociedade de seu tempo que oscilam entre realismo analítico e ascetismo religioso. Pode parecer curioso que, ao mesmo tempo em que é dada centralidade às *Relationi*, Maquiavel seja usado como contraponto. Chabod se serve da integridade do florentino para evidenciar o pensamento desordenado de Botero que a estrutura emaranhada das *Relationi* sintetiza muito bem. O piemontês, ainda, paga a caro preço o compromisso com o poder, o qual comporta renúncias intelectuais que sinalizam escasso "vigor", para usar um termo do historiador italiano. Parafraseando Margheirita Isnardi Parente, seria o caso de perguntarmos se este compromisso com o poder não seja um ato realista, fruto de uma escolha prudente, mais do que de uma incerteza, ou da falta de força moral.³⁴ Voltaremos sobre o assunto no primeiro capítulo.

Um leitor como Alberto Magnaghi, não gostou nada da crítica do jovem historiador, e afirmou que contra Botero estava sendo perpetrado um processo no qual ele decidiu vestir as roupas de advogado defensor escrevendo, com título irônico, o *Processo e condanna di Giovanni Botero*.³⁵ O ressentimento de Magnaghi provavelmente se deve ao fato de ele ter escrito trinta anos antes um livro que enaltecia a figura de Botero; o "*Relationi Universali*" di Giovanni Botero e le origini della statistica e dell'antropogeografia, quando saiu, contribuiu, com suas teses, para um debate acadêmico veemente do qual participaram Gioele Solari e, anos depois, de forma mais contundente, Federico Chabod. O livro chegou também à atenção do famoso sociólogo Thorstein Veblen que deu um parecer favorável no *American Historical*

³³ Embora Chabod não a cite, lembramos a famosa carta de Maquiável a Vettori em que dizia que a noite se dedicava ao estudo dos antigos, que ele sentia lhe pertencer totalmente, como fosse comida, e pelo qual ele nascera. A contraposição entre Maquiavel e Botero se encontra nas páginas 301-302 do *Scritti sul Rinascimento*.

³⁴ Voltaremos a tratar deste aspecto no capítulo 1.3

³⁵ MAGNAGHI, Alberto, "Processo e condanna di Giovanni Botero", in *Memorie della Real Accademia delle scienze di Torino*, II, vol 68, 1936.

Review.³⁶ Na Itália, porém, as teses de Magnaghi provocaram reações em prevalência negativas. Este professor de geografia da Universidade de Turim, celebrou Botero como um autor que tinha antecipado a metodologia da estatística, da geografia e da etnografia modernas. Gioele Solari respondeu com uma resenha em que julgava excessivas certas posições do colega,³⁷ contestando-lhe a cientificidade conferida às *Relationi Universali*, cujo substrato, ao contrário, é essencialmente religioso e político. Além do mais, acrescentamos nós, em sua busca por uma originalidade, Magnaghi considerava o piemontês como um precursor das ciências positivistas do século XIX, quando Botero fora prelado da ContraReforma e homem da sociedade de Antigo regime. Pecando por anacronismo, Magnaghi deixou de contextualizar as *Relationi*, perdendo a ocasião para entender o valor histórico da obra e o sucesso de sua recepção, que não se deveu a qualidades inusitadas, mas à adesão conformista a certos domínios discursivos enraizados na cultura quinhentista que Botero soube articular com perícia.

Assim como Solari, Chabod chamou a atenção para um contexto ideológico como aquele do século XVI, orientado por questões religiosas, desmontando as hipóteses científicas avançadas por Magnaghi. Finalmente, a análise filológica mostrou que Botero utilizava outros escritos, fazendo das *Relationi* uma obra de compilação, portanto pouco original. Todavia, uma conclusão deste tipo nos parece pouco fecunda, e até falaz, porque estamos falando de uma cultura que julgava positivamente a imitação de um modelo. A prática da compilação era comum na Renascença, especialmente, mas não unicamente, no campo da geografia. Um escritor podia se apoderar de trechos mais ou menos extensos de outros autores e, na organização e reapresentação do material, re-significá-lo. Se muitos deixavam de citar as fontes, Botero, quase sempre, deu o justo crédito aos livros consultados; mas isto não faz dele um escritor mais honesto que outros. Insistimos no fato que as *Relationi* de Botero precisam ser pensadas dentro de uma prática da escritura renascentista que consentia o uso e o abuso de textos alheios, que encorajava a repetição como um procedimento correto. A crítica de Chabod, ainda, subestima o ato de montagem e não reconhece como este, com sua seleção e ordenação, pode ser uma operação com um resultado que cria diferenças. Um exemplo que pertence a outro âmbito por nós estudado é *Il Segretario* de Francesco Sansovino, que plagiava *Il Principe* de Giovanni Battista Nicolucci, conhecido como Pigna. No entanto, o livro de

³⁶ VEBLEN, Thorstein, review in *The American Historical Review*, vol XIII, n 4, 1908, p 854-856.

³⁷ SOLARI, Gioele, “Le origini della statistica e dell’antropogeografia”, *Rivista italiana di sociologia*, anno XI, 1907, p. 99-106.

Sansovino foi de grande novidade por trazer no cenário literário tardo quinhentista a figura do secretário, que ganhava assim uma posição interessante na reflexão sobre os homens de corte.

Apesar do enquadramento teórico frágil, o livro de Magnaghi tem observações interessantes, e aqueles que pretendam pesquisar as *Relationi* precisam ler este contributo, obviamente com certo cuidado. Com o escrito de 1936, Magnaghi retomava suas posições sem acrescentar muitos elementos. Sua defesa da modernidade de Botero não convenceu, enquanto a versão de seu grande crítico prevaleceu e acabou influenciando outros historiadores, como Luigi Firpo, que reconheceu as dívidas intelectuais, embora teoricamente se afastasse do historicismo de Chabod. Firpo pode ser considerado outro grande estudioso de Botero. A ele se deve a organização de uma importante edição do *Ragion di stato*, ao qual acrescentou o *Cause della grandezza delle città* escrevendo uma introdução. Firpo publicou também documentos inéditos em uma *Boteriana*, trazendo novas evidências que contribuíram não pouco para o conhecimento deste autor.³⁸ Mais recentemente, Aldo Albónico voltou a trilhar o percurso metodológico de Chabod, com uma crítica severa, muito útil para completar o trabalho sobre as fontes bibliográficas de Botero.³⁹ No entanto, voltamos a repetir, a operação de compilar textos era algo comum, e Albonico não contextualiza esta prática de escrita, não questiona seu significado literário e histórico.

Por sua estrutura universalista, as *Relationi* têm atraído o interesse de historiadores fora da Itália, sendo citadas em alguns trabalhos, e tornando-se objeto específico de estudo. Lembramos, como exemplo, um artigo interessante de John Headley, um dos poucos americanos a darem atenção para o Botero geógrafo.⁴⁰ Além da redescoberta alemã realizada por Meinecke, as pesquisas em torno da razão de Estado inevitavelmente despertaram o interesse sobre as outras obras do piemontês. Se deve a Romain Descendre o estudo mais importante, entre aqueles realizados recentemente, sobre Botero. Um dos méritos de Descendre é aquele de ter realizado uma análise conjunta das três principais obras de Botero, embora a ênfase caia principalmente no

³⁸ BOTERO, Giovanni, *Della ragion di stato con tre libri delle Cause della grandezza, delle città, due aggiunte e un discorso sulla popolazione di Roma*, a cura di Luigi Firpo, Turim, Utet, 1948. A *Boteriana* foi publicada na revista *Studi piemontesi*.

³⁹ ALBONICO, Aldo, *Il mondo americano di Giovanni Botero*, Roma, Bulzoni, 1990.

⁴⁰ HEADLEY, John, "Geography and Empire in the Late Renaissance. Botero's Assignment, Western Universalism, and the Civilizing Process", *Renaissance Quarterly*, vol 53, n° 4, 2000, p 1119-1155.

Ragion di stato e nas *Cause della grandezza*. Descendre mostra que o pensamento de Botero tinha uma certa coesão, coesão que fora negada por Chabod.⁴¹

Por fora do Império: Giovanni Botero e o Brasil, de Laura de Mello e Souza, introduziu no Brasil um autor até então pouco conhecido. O artigo desta historiadora consegue atingir dois objetivos: em primeiro lugar, a autora coloca o escrito boteriano em relação com as leituras da América feitas pela concorrência protestante, centrando assim uma das questões principais das *Relationi*, isto é seu uso propagandístico. Laura de Mello e Souza, justamente, chamou a atenção para a importância que as *Relationi* tiveram na construção de uma imagem europeia da América, sendo que esta última funcionou de espelho e refletiu tensões internas ao Velho Continente.⁴² Em segundo lugar, o artigo aprofunda o discurso das fontes de Botero iniciado por Chabod e Albonico, evitando o teor polêmico dos historiadores italianos, e mostrando a importância das leituras jesuíticas. Uma vez que o método filológico tem esclarecido as fontes literárias de Botero, podemos examinar sua obra sob outros ângulos.

Antes de considerarmos esta produção teórica, será interessante, no primeiro capítulo da nossa tese, concentrar a atenção naquele período constitutivo passado entre os jesuítas, período turbulento e, no entanto, determinante para a *forma mentis* de Botero, para depois seguirmos sua estadia em Milão, e seu percurso palaciano em Roma e Turim. Na cidade lombarda, a figura carismática de Carlos Borromeo influenciou não pouco o rumo intelectual do nosso autor, o qual começou a verter em prosa um empenho religioso que fazia os interesses da diocese local. No entanto, foi nos contextos institucionais das outras duas cidades que foram elaboradas as reflexões sobre o poder e o espaço mais interessantes para o nosso estudo, o observatório romano sendo um lugar particularmente importante, pois foi a partir dele que Botero, dotado dos melhores instrumentos bibliográficos que a cidade universal pudesse colocar a sua disposição, dirigiu seu olhar para horizontes geográficos longínquos. O resultado dessas observações, mediadas pelas leituras, foi uma obra volumosa, escrita por uma pessoa erudita, que conjugava a tradição geográfica clássica com as fontes mais modernas, reconhecendo a estas últimas um peso decisivo na descrição da realidade.

No primeiro capítulo, tentamos ir além de uma simples apresentação de dados biográficos, e problematizamos a fase jesuítica do nosso autor a partir de dois pontos:

⁴¹ DESCENDRE, Romain, *L'État du monde*, op cit. Este autor escreveu vários ensaios para os quais remetemos à nossa bibliografia.

⁴² O ensaio sobre Botero faz parte do livro *Inferno Atlântico. Demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

sua educação nos colégios da Companhia de Jesus, e sua atividade como professor de retórica. Ambos garantiram um tipo de formação cultural que foi propedêutica para a promoção social e intelectual de Botero. Seu percurso na Companhia de Jesus teve altos e baixos, atestados de reconhecimento e críticas severas, e assim como já foi assinalado por Firpo e Chabod, apontamos os problemas disciplinares que manifestam uma personalidade difícil. No entanto, nos distanciamos destes autores quando eles cristalizam as queixas dos jesuítas em um retrato negativo da pessoa. Certas considerações de Firpo sobre o oportunismo de Botero foram lidas por nós de forma diferente, a partir de uma contextualização de sua conduta, enfatizando o lado social sobre o psicológico.

Selecionamos uma bibliografia variada sobre a educação jesuítica e o contexto da ContraReforma. Para enquadrar estas questões usamos o importante livro de Adriano Prosperi, *Tribunali delle coscienze*, alguns capítulos do *Umanesimo e religione nel Rinascimento* de Delio Cantimori, e um ensaio de Gian Paolo Brizzi presente na *Letteratura italiana* da Einaudi. Entrando no específico, foi de grande auxílio o livro *The first jesuits* de John O Malley. Interessante foi também a leitura de um artigo de Christopher Carlsmith sobre os desafios que os colégios jesuíticos enfrentaram nos primeiros anos.⁴³ De fato, a partir da biografia de Botero pudemos apurar aquela carência de recursos humanos que tanto O Malley quanto Carlsmith evidenciam.

Apesar das frustrações vividas no estágio inicial da carreira, a passagem pela Companhia de Jesus tem uma grande relevância na biografia deste pensador, seja por sua extensão temporal considerável - mais de vinte anos - seja porque dos inicianos adquiriu ferramentas intelectuais de excelência; um conjunto de ideias que alimentaram as reflexões de uma vida e que ainda facilitaram sua introdução na sociedade de corte. De fato, graças a essa formação, que concentrava conformismo religioso e erudição humanista, Botero entrou em contato com um circuito cultural europeu socialmente elevado dentro do qual soube tecer relações pessoais que, bem capitalizadas, o recompensariam ao longo da vida, tanto do ponto de vista intelectual como também materialmente. Nos momentos de crise pessoal, como veremos, esta teia de proteção revelou ser um refúgio consolador e um ponto de partida sólido para novas realizações profissionais. Pensamos portanto em começar nossa investigação pelos anos formativos de Botero, uma opção cronológica óbvia mas que, ao mesmo tempo, nos dá a

⁴³ Christopher Carlsmith, "Struggling toward success. Jesuit education in Italy, 1540-1600", in *History of Education Quarterly*, vol 42, n 2, 2002.

possibilidade de testar sua ideologia católica, a qual, no período passado ao lado de Carlos Borromeo produziu uma geografia moral sobre a qual nos deteremos no segundo capítulo. Aqui serão considerados os escritos religiosos de Botero, mais especificamente o *De praedicatore verbi Dei*, o *Dispregio del mondo*, e finalmente o *De catholici religionis vestigiis*, todos escritos entre 1584 e 1585. O primeiro escrito se insere no âmbito de uma produção sobre a pregação que empenhou os colaboradores de Borromeo. O último aborda o mesmo tema de uma perspectiva diferente como aquele da divulgação da palavra de Deus pelo mundo, um tema que obrigou Botero a consultar textos geográficos. Desde o começo a geografia de Botero foi mediada por interesses religiosos. O que mudará nas obras mais maduras será a linguagem com que ele tratará a religião, e a geografia moral dos anos juvenis dará lugar a um realismo narrativo. O aspecto religioso, no entanto, permanecerá central, não tanto em seu aspecto teológico quanto

O contexto institucional em que viveu Botero será analisado no terceiro capítulo. A literatura sobre o secretário tem se revelado de grande importância para repensar o impacto que a vida de corte teve na escrita de Botero. Entre os livros consultados, destacamos a coletânea de Rosanna Gorris Camos.⁴⁴ Este livro veio acrescentar o nosso conhecimento sobre o tema que, na parte bibliográfica, limitava-se ao artigo de Salvatore Nigro presente no livro *O homem barroco* organizado por Rosario Villari. Aqui no Brasil, uma tese de doutorado defendida na Unicamp em 2004 por Edmir Missio, também ofereceu uma contribuição interessante para o amadurecimento das questões.⁴⁵ Missio pesquisa a dissimulação honesta de Torquato Accetto, e o primeiro capítulo de sua tese é sobre os papéis do secretário. Além de fontes italianas, Missio explora também alguns textos espanhóis do século XVI e XVII, particularmente aquele de Saavedra Fajardo.

O principal legado de Botero é incontestavelmente sua contribuição para a renovação da linguagem política, renovação que credenciou a razão de Estado como categoria moderna que, em meio à ascensão das grandes nações, interpretava a arte difícil do equilíbrio, sugeria um método de governo caracterizado pelo realismo, e legitimava o arranjo institucional⁴⁶ promovendo o interesse de Estado e a sua

⁴⁴ CAMOS, Rosanna Gorris, (org), *Il segretario è come un angelo*, Fasano, Schena, 2008

⁴⁵ Edmir Missio, *Acerca do conceito de dissimulação honesta de Torquato Accetto*, Tese de Doutorado, Unicamp, 2004.

⁴⁶ Entre os numerosos estudos que tratam da renovação da linguagem política, consultamos VIROLI, Maurizio, *Dalla politica alla Ragion di Stato*, Roma, 1994 e o clássico de Meinecke, *Machiavelism*, New

conservação. Este pensador tardo-renascentista foi também capaz de elaborar, em mais de um momento, uma reflexão que ultrapassou o antagonismo com o secretário florentino, e que se constituiu de forma positiva no âmbito da geografia, disciplina cujos horizontes eram extensos. Em nosso trabalho não pretendemos dissociar Botero de Maquiavel ou contrapor um Botero político a outro geógrafo, quanto aumentar o círculo de interlocutores – sendo Bodin, Munster, Acosta, Ramusio alguns deles – e diversificar os fundamentos conceituais, tentando mostrar como a dimensão geográfica serviu de estímulo para a produção teórica do nosso autor, como esta foi determinante na reelaboração do vocabulário político. Em um estudo recente, Romain Descendre observa que os escritos mais significativos de Botero se caracterizam por uma atenção constante ao território, considerado uma peça chave de sua reflexão:⁴⁷

“A originalidade das análises de Botero se deve a uma constante tentativa de territorialização das questões políticas. Na grande como na pequena escala, desde o espaço urbano até a ordem do mundo, a análise política é sistematicamente colocada em um contexto espacial”.⁴⁸

O espaço é o contexto em que se articula uma parte significativa da política boteriana, e uma chave que enriquece seu sentido, mas acha-se também, como território, no centro de um processo de consolidação do Estado moderno do qual o piemontês soube colher a importância devida. Este é o dado político mais interessante, que emerge de uma leitura que abrange a *Ragion di Stato* e que demanda, no terceiro capítulo uma compreensão de seu pensamento no âmbito institucional em que foi produzido: isto é aquele da Cúria romana e da corte dos Sabóia.

Há outro aspecto, que nosso autor explora na segunda parte das *Relationi*, e que é relativo à descrição do mundo, não mais em sua morfologia, mas em suas divisões estatais. A contingência do espaço político, no entanto, decreta o caráter transitório desta seção. Se a geografia de Botero aparecia já obsoleta no século XVIII, conforme o exame crítico de Girolamo Tiraboschi,⁴⁹ ela é um retrato do mundo no final da

Haven, 1957. Sobre a razão de Estado ver ainda CROCE, Benedetto, *Storia dell'età barocca in Italia*, Bari, 1957.

⁴⁷ "L'originalité des analyses de Botero tient à une constante entreprise de territorialisation des questions politiques. A grande comme à petite échelle, depuis l'espace urbain jusqu'à l'ordre du monde, l'analyse politique est systématiquement replacée dans un contexte spatial" DESCENDRE, Romain, *L'État du monde*, Genève, 2009, p 236.

⁴⁸ *Ib*, p 14.

⁴⁹ Outra razão para o envelhecimento das *Relationi* pode se atribuir ao seu uso: pensadas para fixar o estado de povos e nações em um registro atualizado, ficaram obsoletas com a mudança das conformações sociais e políticas. Este é o parecer lúcido de Girolamo Tiraboschi, autor de uma importante história da literatura italiana. TIRABOSCHI, Girolamo, *Storia della letteratura italiana*, Modena, 1778, p 258.

Renascença. O julgamento de Tiraboschi coloca as *Relationi* sob uma ótica que foca sua historicidade e reflete seu caráter documental de orientação no cenário de um momento provisório, já que as transformações do atlas político do mundo, ao longo do tempo, dispensam seu uso. A obsolescência da obra não impedia ao bibliófilo Vincenzo Dalberti, no começo do século XIX, de defini-la "opera bellissima e perfetta". Ele possuía a edição bresciana de 1598, a mais completa, "non castrata come lo furono le seguenti", anotava com certo orgulho.⁵⁰ Mas esta opinião ficava isolada em um mar de indiferença. As *Relationi* no século XIX não passavam de um troféu raro de uma biblioteca particular. É este um primeiro passo na leitura do livro que permite reconhecer certos objetivos e seus limites. Mas podemos perguntar se as *Relationi Universali* e, mais em geral, os tratados geográficos da época, constituíram apenas uma etapa na representação do perfil físico e político do mundo ou deixaram, para além de suas descrições pontuais, algum rastro mais consistente. Talvez uma resposta inicial possa ser encontrada questionando mais em profundidade a intencionalidade da proposta editorial de Botero. Se a curiosidade de um público heterogêneo decretou o sucesso das *Relationi*, existiu um propósito do autor em destinar a obra a um tipo específico de leitor. O público alvo era constituído por cardeais, príncipes e homens de poder, isto é, por uma elite que através da leitura era sensibilizada a tomar conhecimento da importância da geografia, a visualizar as fronteiras do poder, a perceber as diferenças de escala trazidas pelas descobertas recentes de novas terras e de novos mares, e a se situar em um mundo cuja unidade física era transmitida por este gênero de livros. Botero usava a curiosidade do leitor para orientá-lo em um percurso formativo. Para além da contingência das configurações territoriais, podemos dizer que o que fica, ou melhor, o que se insinua neste leitor, é uma atenção espacial nova, uma atenção secularizada.⁵¹ O definição do espaço geográfico será objeto dos últimos dois capítulos em que se inserem as *Relationi Universali* que dialogam com a produção de seu tempo. A última parte jogará um olhar sobre o mundo americano.

⁵⁰ FIORINI, Tiziana, *La biblioteca di Vincenzo Dalberti*, Bellinzona, Edizioni Casagrande, 1991, p 94.

⁵¹ É um traço secular aquele presente nesta obra também reconhecido por CHABOD e, mais recentemente, por SOUZA, Laura de Mello e. Do primeiro ver *Scritti sul Rinascimento*, Torino, 1967. E da segunda, *Inferno atlântico*, São Paulo, 1993, p 60.

Capítulo 1

A formação jesuítica

"L'eloquenza e le scienze da' religiosi condotte alla Rocca e Cittadella di Dio come ancelle, sono finalmente come scudi e palvesi per discacciare i nemici, i quali vorrebbero assaltare la Chiesa di Dio"
(Antonio Possevino, 1598)⁵²

1.1 A educação jesuítica no horizonte da ContraReforma

Quando optou por ingressar na ordem de Santo Inácio de Loyola, no outono de 1559, o jovem Botero partilhava um entusiasmo comum a muitos de seus coetâneos,⁵³ cientes de formarem um grupo exclusivo de pessoas selecionadas para uma congregação nova e, no entanto, já de ponta no seio da Igreja, como testemunha o voto de obediência que ligava seus membros diretamente ao papa. Além desta condição privilegiada e de vanguarda, outro elemento de distinção da Companhia de Jesus era representado pelo

⁵² POSSEVINO, Antonio, *Coltura de gl'ingegni, nella quale con molta dottrina e giuditio si mostrano li doni che ne gl'ingegni dell'huomo ha posto Iddio, la varietà e inclinatione loro e di dove nasce e come si conosca, li modi e mezi d'essercitarli per le discipline, li rimedii a gl'impedimenti, li collegi e università, l'uso de buoni libri, e la corretione de' cattivi*, Vicenza, Giorgio Greco, 1598, p 86-87.

⁵³ Entusiasmo documentado, entre outros, em uma figura muito próxima a Botero como Federico Borromeo que, aos 16 anos, durante sua estadia em Bolonha sob a proteção do cardeal Gabriele Paleotti, almejou tornar-se jesuíta. O primo São Carlos, avesso à ideia, acabou destinando-o ao clero secular. Sobre a vida de Federico Borromeo, consultamos o verbete escrito por Paolo Prodi no Dicionário Biográfico dos Italianos online da Treccani: www.treccani.it

compromisso militante, um voluntarismo que aos olhos dos mais fervorosos tornava possível a realização da aventura missionária e a conversão dos infiéis.⁵⁴ Se a missão teve um forte apelo no recrutamento de levas de jovens, e constituiu uma coluna fundamental da arquitetura catequética, não menos importante foi, na propagação e no fortalecimento da fé, a ação educativa que começava dentro dos colégios jesuíticos, estes também polos de atração que, em um tempo breve, contribuíram para aumentar o prestígio da Companhia de Jesus graças à força de um modelo de ensino novo e de boa qualidade. Duas estruturas, o colégio e a missão, cujo valor e importância eram certamente do conhecimento do jovem piemontês, embora não saibamos até que ponto eles motivaram uma escolha em que deviam pesar outros fatores, particularmente os conselhos de um tio professo na ordem em Palermo. A partir desta cidade siciliana, Botero, então com quinze anos, começou a percorrer um trajeto que, em 1560, o levou para Roma, onde pôde aprimorar sua educação na mais importante escola da Companhia: o Colégio Romano. Pelos relatos copiosos de seus superiores, ficamos sabendo que ele manifestava interesses eruditos e uma certa agitação devida a uma sensibilidade poética,⁵⁵ como também ao desejo irrefreável de propagar a mensagem de Cristo pelo mundo;⁵⁶ de fato, aplicação nos estudos e ardor missionário não faltavam ao nosso autor, o qual viveu sua participação entre os jesuítas com espírito dedicado e a expectativa de um sonho que nunca se concretizou. Sua permanência nesta congregação religiosa se deu sempre dentro de colégios, e coincidiu com uma atividade didática que, inicialmente, viu o piemontês ser discente e, em seguida, professor de retórica e filosofia; ao longo de vinte anos, Botero esteve em contato com um ambiente devoto, variamente culto, e fortemente comprometido com a defesa do catolicismo, um ambiente que era considerado crucial para a socialização dos jovens em torno de exemplos edificantes fornecidos pelos livros e pelas profissões de fé de muitos inacianos.

⁵⁴ O fascínio que a missão dos jesuítas exercitava sobre o imaginário dos *indipetentes*, isto é os *indiam petentes*, aqueles que solicitavam o envio como missionários para as Índias, foi estudado por Giancarlo ROSCIONI em *Il desiderio delle Indie. Storie, sogni e fughe di giovani gesuiti italiani*, Turim, Einaudi, 2001.

⁵⁵ Uma carta datada 3/10/1562 dos padres da Companhia diz que o aluno "tiene molta buona volontà et se alcuna volta erra nasce forse più tosto da umore poetico che da malitia". CHABOD, Federico, *Scritti sul Rinascimento*, Turim, Einaudi, 1967, p 272.

⁵⁶ O desejo - ou, como diziam alguns aspirantes missionários, o desejo de ter desejo - deixava muitos jovens jesuítas apreensivos, e a referência a este sentimento recorre em muitas cartas, como mostrou Roscioni ao longo de seu livro, especialmente no capítulo que tem por título "L'insopportabile attesa". Op cit, p 163-179.

Embora a Companhia de Jesus tenha surgido como frente missionária da Igreja, em pouco tempo ficou claro a seus fundadores que a criação de institutos de ensino constituía uma operação necessária e complementar ao empenho apostólico, sendo também uma forma de fincar raízes mundo afora. O colégio e a missão determinavam a cadência de um percurso a ser realizado em sequências que revelam o vínculo existente entre estas duas instituições; integradas no mesmo plano estratégico, elas concentraram as atenções de Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Juan Polanco, Francisco Borja, Jerônimo Nadal, entre outros, na esperança de servirem de base para uma sociedade renovada de acordo com os preceitos cristãos. Adone Agnolin, em seu recente livro *Jesuítas e selvagens*, lembra justamente as "funções decisivas" que os colégios desempenharam no sentido de tornarem os resultados das atividades missionárias mais eficientes.⁵⁷ Questões pedagógicas e evangelizadoras se entrelaçavam e estavam no centro das preocupações da ordem de Santo Inácio que, na segunda metade do século XVI, intensificou a fundação de escolas, despertando logo o interesse de milhares de estudantes de todo o continente europeu. O Colégio Germânico em Roma, por exemplo, fora criado em 1552, sob os auspícios do cardeal Giovanni Morone, com o propósito de preparar adequadamente o clero secular e regular em vista de uma retomada da supremacia espiritual sobre as terras luteranas, acolhendo e delimitando objetivos já presentes no Colégio Romano, fundado um ano antes na mesma cidade. John O'Malley, grande especialista da história da Companhia de Jesus, afirma que esta última instituição fora concebida como centro pela difusão de missionários, o empenho dos quais teria um efeito multiplicador na criação de novas unidades de ensino.⁵⁸

Propedêuticas para a formação de pessoas virtuosas que garantissem o sucesso do proselitismo evangélico em terras de fronteira próximas ou longínquas, as escolas dos inicianos representavam ainda, com sua abertura inovadora aos laicos, uma frente de defesa interna ao mundo católico e, nas palavras de um militante moralista como Antonio Possevino, um escudo que pudesse afastar os inimigos da igreja de Deus.⁵⁹ É

⁵⁷ AGNOLIN, Adone *Jesuítas e selvagens. A negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séc XVI-XVII)*, São Paulo, Humanitas, 2007, p 137. O autor, cujo interesse é focado na evangelização dos índios tupi, estende o vínculo entre o centro romano e a periferia americana para outras instituições, sendo a Congregação De Propagande fide, de 1622, a mais importante.

⁵⁸ "it was conceived as a center from which jesuits would be sent on various pastoral missions and from which 'new colonies' would be formed for the founding of other schools", O'MALLEY, John, *The first jesuits*, Harvard, Harvard University Press, 1993, p 234.

⁵⁹ A metáfora da escola jesuítica como escudo proposta por Antonio Possevino em seu *Coltura de gl'ingegni*, é a nossa epigrafe. Esta verve belicosa se encontra em outros escritos de Possevino como, por exemplo, *Il soldato christiano* de 1588; ela não faltou em Botero, como testemunham o *De Regia*

este um aspecto de grande importância, pois os colégios jesuíticos, ao dirigir suas atenções para o âmbito secular, vão preencher um espaço como aquele das escolas municipais que, em geral, apresentavam carências e limites didáticos.⁶⁰ As instituições pedagógicas dos inicianos não formavam apenas missionários, elas visavam também desenvolver os quadros internos à Ordem e, ao mesmo tempo, dotar a sociedade mais ampla de laicos bem instruídos que dessem o bom exemplo para os outros. De acordo com O'Malley, a educação dos garotos era prioritária, chegando a prevalecer sobre o treino dos missionários.⁶¹ No clima de competição acirrada com o mundo protestante, a proteção do rebanho católico obrigava a uma reflexão sobre as medidas a serem tomadas para que se evitasse a sua dispersão; uma das estratégias de intervenção adotadas apontou, justamente, a educação como uma forma de controle e um recurso integrante da ação pastoral. A partir de uma inserção cuidadosa no tecido social, de olho nas elites, embora fossem gratuitas e acolhessem alunos capazes e de todas as camadas sociais, as escolas da Companhia funcionaram como um mecanismo de inclusão e um instrumento de transmissão de valores cristãos a serem inculcados paulatinamente no espírito das futuras lideranças. *Puerilis institutio est renovatio mundi* dizia uma máxima atribuída ao jesuíta espanhol Juan Bonifácio,⁶² que resume muito claramente o compromisso pedagógico destes religiosos e o poder de alavanca que a instrução tinha para a edificação da cristandade. Nesta sentença ecoavam palavras proferidas anos antes por outro jesuíta, Pedro de Ribadeneira, o qual, em uma carta destinada ao rei Felipe II de Espanha, afirmava ser a educação dos mais jovens fundamental para o bem-estar da comunidade católica.⁶³

Devemos a Antonio Possevino uma contribuição indicativa das expectativas que a Igreja contrarreformista colocava sobre a instrução como guia edificante do bom cristão. Representante de Roma na Suécia e no leste europeu, ativo na fundação de missões no

Sapientia, ou o livro sobre o cardeal, ambos marcados por este espírito militante, de contraposição ao mundo luterano.

⁶⁰ A instituição de escolas municipais laicas remonta ao século XIII. Com elas, as cidades italianas providenciavam a educação de base que era fornecida por mestres de gramática e ábaco.

⁶¹ O'MALLEY, John, "How the first jesuits became involved in education", in DUMINICO, Vincent (ed), *The Jesuit ratio studiorum. 400th anniversary perspectives*, New York, Fordham University Press, 2000, p 57.

⁶² Juan Bonifacio (1538-1606) foi autor, em 1575, do tratado de pedagogia *Christiani pueri institutio, adolescentiaeque perfugium*. Em 1588, esta obra conheceu uma edição asiática organizada por Alessandro Valignano.

⁶³ O'MALLEY, John *The first jesuits*, op cit, p 209. Na carta datada 14/02/1556 Ribadeneira, que foi professor de retórica em Palermo, e na época do documento em questão era diretor do Colégio Germânico, se expressava nestes termos: "todo el bien de la cristiandad y de todo el mundo depende de la buena institución de la juventud, la cual, siendo en la niñez blanda como la cera se deja más fácilmente informar de cualquier forma que le imprimen".

Piemonte, Possevino foi homem de ação e jesuíta incansável na promoção da causa cristã.⁶⁴ Depois de muitas viagens europeias realizadas nos anos sessenta e setenta, Possevino dedicou o resto de sua vida ao ensino e aos livros. Entre estes vamos determos por um momento sobre o *Coltura de gl'ingegni*, de 1598, pois suas páginas abordam questões educativas atinentes com quanto estamos dizendo. Originariamente impresso em latim com o título de *Cultura ingeniorum*, este escrito constituía a introdução teórica à *Bibliotheca selecta*, mas tinha consistência suficiente para ser publicado em separata,⁶⁵ oferecendo uma reflexão interessante sobre a importância do papel formativo da escola.

Possevino confere ao termo *coltura* o sentido de educação, de acordo com a palavra tardo latina *cultura*,⁶⁶ que, por sua vez, vem de *colo*, isto é, cultivo (da terra); a metáfora agrária é retomada pelo jesuíta mantuano com uma série de transposições de linguagem, justamente evidenciadas por Romain Descendre, que tornam o ensino uma atividade trabalhosa, porém fundamental para que as sementes deem bons frutos.⁶⁷ O *ingegno* precisa ser cultivado como um campo que requer todos os cuidados necessários. Ao longo do século XVI, houve uma discussão em torno do conceito de engenho, que contemplava questões psicológicas e pedagógicas. Possevino não ignora esta literatura e, de fato, cita a referência clássica de Galeno, e dialoga criticamente com a posição de Girolamo Cardano e Juan Huarte, autor do importante *Examen de ingenios*, de 1572. O jesuíta entende o engenho como aquela atitude natural, própria do ser humano, para

⁶⁴ Decisiva foi sua mediação no fim das hostilidades entre a Polônia de Estevão Bathory e a Moscúvia de Ivã IV, o Terrível, em 1582. Nesta ocasião, Possevino tentou selar um pato russo polonês contra o turco que porém não teve sucesso. Ele fracassou também na tentativa de converter os russos ao catolicismo, encontrando em Ivã IV um interlocutor astuto, decidido em manter boas relações com Roma, mas que não abriu mão das prerrogativas do patriarcado oriental. A missão russa de Possevino resultou no livro latim *Moscovia*, de 1587, traduzido várias vezes em italiano com o título *Commentari di Moscovia et della pace seguita tra lei e 'l regno di Polonia*. A edição mantuana publicada por Vincenzo Osanna em 1596 é revisada e corrigida. Botero, em suas *Relationi Universali*, consultou a edição latina. Para mais detalhes sobre a missão diplomática de Possevino, ver GUIDA, Francesco, "Ivan il terribile e Antonio Possevino: il difficile dialogo tra cattolicesimo e ortodossia", *Nuovi studi storici*, 17, Roma, 1992, p 261-275.

⁶⁵ A *Bibliotheca selecta* foi publicada pela primeira vez em 1593. Para um estudo recente recomendamos o livro de BALSAMO, Luigi, *Antonio Possevino, S.I. bibliografo della controriforma e diffusione della sua opera in area anglicana*, Firenze, Leo Olschki, 2006. Tanto o *Coltura de gl'ingegni* quanto o *metodo per lo studio della geografia* que usamos para o nosso estudo, são duas partes da *Bibliotheca Selecta* traduzidas para o italiano e editadas em separata. Um artigo que explora o empenho contrarreformista de Possevino é aquele de DONNELLY, John Patrick, SJ, "Antonio Possevino's plan for world evangelization", *Catholic historical review*, 74:2, 1988.

⁶⁶ Mas já no primeiro século antes de Cristo, a palavra cultura era empregada como metáfora educativa. Famosas as sentenças de Cícero, *cultura animi philosophia est*, e de Horácio, *recti cultus pectora roborant*.

⁶⁷ DESCENDRE, Romain, "'Connaître les hommes', 'soumettre les consciences', 'voir toute chose'. Censure, vérité, et raison d'État en Italie au tournant des XVI et XVII siècles", *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, LXX, (2), 2008, p 308.

apreender as coisas.⁶⁸ O discurso de Possevino aborda o tópico da formação do saber tanto em seus aspectos pedagógicos quanto espirituais, e busca alcançar objetivos extramundanos que ligam o homem ao divino através de um percurso educativo preciso. Com efeito, a instrução é investida por uma aura sagrada, revelada nas páginas iniciais pela bela metáfora do cosmos como escola da qual Deus é professor ("celeste scuola di cui Iddio stesso è il Professore");⁶⁹ um professor caridoso e generoso, que gratifica o homem com o dom da razão e, ainda, com todas aquelas ciências que tornam o mundo terreno inteligível. A necessidade de proteger a razão e exercitar o conhecimento demanda uma instrução isenta de falhas, que para este autor é, obviamente, aquela católica. O motivo é simples, e explicitado no prólogo, onde se afirma que religião e sabedoria estão juntos ("et senza dubbio volle Iddio che l'humana natura fosse tale che sempre desiderasse queste due cose Religione e Sapienza"),⁷⁰ em uma relação fecunda que produz a verdade. Esta tem que ser guardada com cuidado até o fim da vida quando, junto com a alma, irá para o céu.⁷¹ Definido "lume della natura",⁷² o conhecimento proporcionado pela ciência, sozinho, não consegue iluminar toda a grandeza de Deus, precisando do suporte da fé. Ao mesmo tempo, porém, o conhecimento é complementar ao aperfeiçoamento da espiritualidade. O exercício da razão, e sua promoção através do estudo, torna-se imprescindível para que o homem possa aumentar a fé e se beneficiar da companhia de Deus.⁷³ Por isso, ao renovar, implicitamente, o apelo daqueles jesuítas que pregavam o comprometimento da Ordem com a transmissão do saber, Possevino ampliava-o, até invocar a presença católica em todas as escolas e universidades. O príncipe, afirma este autor, deveria incentivar a implantação de instituições de ensino, valendo-se de educadores religiosos, os mais aptos para que a "Christiana Republica"⁷⁴ fique fortalecida e protegida das artimanhas do demônio; este último constitui um perigo constante pois, infiltrando-se nas escolas e nos livros, tenta corromper os estudantes com uma série de expedientes: disseminando textos heréticos, ou manchados de ateísmo; perturbando as aulas com gritos e outras confusões; suscitando facções entre os estudantes; desvirtuando a inocência dos jovens com a carnalidade ("carnalità") e expressões vergonhosas escritas

⁶⁸ POSSEVINO, Antonio, op cit, p 21. Engenho podia ter outros sentidos: Tasso o usa na *Gerusalemme liberata* como força de caráter.

⁶⁹ POSSEVINO, Antonio *Coltura de gl'ingegni*, op cit, p 8.

⁷⁰ *Ib*, p 2.

⁷¹ *Ib*, p 2.

⁷² *Ib*, p 5.

⁷³ *Ib*, p 2. Mas o assunto é presente ao longo do texto. Na página 61, Possevino diz que o principal objetivo de um professor deve ser aquele de "corroborare la fede e di nodrire la pietà".

⁷⁴ *Ib*, p 79-80.

nos muros das escolas; e, finalmente, sobrepondo os horários das aulas com aqueles do culto.⁷⁵ Neste sentido, apenas os educadores religiosos têm a capacidade de reconhecer as ofensivas de Satanás, conciliar os tempos do estudo e do culto, preservar a moralidade dos alunos. Para dar força à sua argumentação, o mantuano traz o exemplo histórico de Carlo Magno, o qual, junto com as igrejas, fundou escolas bem sucedidas porque governadas por sacerdotes; um empenho renovado, em tempos recentes, pelos reis católicos Carlos V, Felipe II, Estevão de Polônia, entre outros.⁷⁶

Em sintonia com seus pares jesuítas, Possevino colocava a educação cristã a serviço de um controle social eficaz. Neste escritor, assim como em outros pensadores contrarreformistas, há uma visão que oscila entre o aspecto propositivo de incentivar a instrução, crucial para adquirir noções e valores fundamentais, e outro, defensivo, que vincula o trabalho dos educadores à salvaguarda da espiritualidade católica das ameaças da heresia e do demônio, dois contrapontos ideológicos funcionais às pretensões hegemônicas da Igreja tridentina.

A discussão católica em torno da educação não pode ser separada da atenção crescente reservada ao livro impresso enquanto ferramenta de estudo e veículo de conhecimento. Um exame que integra estes dois aspectos, isto é a formação cultural das pessoas e o instrumento preposto a fornecer o conhecimento, é presente nos grandes projetos editoriais de Possevino. A *Bibliotheca selecta* e o *Apparatus sacer*⁷⁷ foram obras enciclopédicas, publicadas entre o final do século XVI e o começo do XVII, que apontavam os livros mais adequados para as estantes de uma biblioteca cristã; integrando piedade e saber, selecionavam, no *mare magnum* da editoria de então, autores que estivessem em sintonia com as diretrizes romanas. Estes repertórios bibliográficos tiveram grande importância na delimitação das fronteiras do saber católico, orientando as escolhas literárias do público erudito no campo do empenho ético e religioso. Favorecia-se, assim, uma promoção do livro impresso que ia na direção complementar àquela do *index librorum prohibitorum*, cuja primeira versão é de 1559.⁷⁸ A tarefa da qual Possevino ficou encarregado propunha-se conjugar a "censura

⁷⁵ Estas cinco estratégias são discutidas brevemente no capítulo XLV *Cinque mezzi tenuti da Satanasso per turbare la coltura degl'ingegni negli studi*. Op cit, p 94.

⁷⁶ *Ib*, p 71-72.

⁷⁷ O *Apparatus sacer ad scriptores veteris et novi testamenti*, em três tomos, é de 1603.

⁷⁸ Como apontado por BALSAMO, Luigi, "How to doctor a bibliography: Antonio Possevino's practice", in FRAGNITO, Gigliola, (org), *Church, censorship and culture in early modern Italy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001, p 56.

com a propagação do saber", ⁷⁹ uma operação só em aparência contraditória, no momento em que a repressão realizada pelos órgãos de controle dos livros foi uma intervenção complexa e articulada que precisa ser enquadrada em uma competição entre sistemas de verdades, como também em um processo amplo de reforma moral, conforme sugeriu Vittorio Frajese com suas pesquisas fundamentais sobre a censura eclesiástica no século XVI.⁸⁰ Polo cultural emergente, particularmente monitorado desde seus primórdios, a editoria era objeto de sentimentos ambivalentes: se alguns predicadores mostravam inquietação para com a nova tecnologia, as hierarquias eclesiásticas mais altas se diziam admiradas por esta "arte divina".⁸¹ De acordo com Frajese, as primeiras medidas tomadas pela Igreja sobre a editoria não surgiram como ato hostil ou desconfiado, mas se inseriram na normal "fisiologia da atenção para com a escritura mecânica".⁸² Foi a partir da segunda metade do século XVI que as preocupações relativas ao estado de crise em que versava o mundo cristão apertaram a vigilância sobre livros manchados de heresia ou moralmente perigosos, levando a promulgar um índice de livros proibidos cuidado pela Congregação do Santo Ofício e, em seguida, a criar uma congregação *ad hoc* como aquela do Índice, que exerceu sua função auxiliando a Inquisição. No decorrer de poucas décadas, a opinião da Igreja sobre muitos livros até então tolerados mudou radicalmente, e os textos foram submetidos a métodos de controle mais rigorosos. Ao retirar certos livros do mercado editorial, os guardiões da moralidade católica, como Possevino, favoreciam a circulação de outros. Mas, para além desta consideração, a própria censura não deve ser entendida apenas como uma maneira de impedir a circulação de livros suspeitos, já que as intervenções diferiam nas formas e nos objetivos. Para livrar o terreno de equívocos, é preciso perguntarmos qual era a concepção da censura e seu campo de aplicação no mundo eclesiástico de então. O termo tinha (e ainda tem) um significado preciso no âmbito do direito canônico: tratava-se de uma medida disciplinar, uma pena espiritual aplicada a um infrator, visando sua

⁷⁹ "Il n'y a rien de contradictoire dans cette conjugaison de la censure et de la propagation des savoirs. Cela ne serait paradoxal que si l'on identifiait la censure à une volonté d'effacer purement et simplement le savoir. Or l'enjeu de l'entreprise censoriale n'est pas uniquement d'empêcher l'accès aux vérités, voire même à la 'Vérité' (ce que est certes aussi le cas, à travers l'interdiction des traductions de la Bible par exemple) mais d'occuper une position dominante ou hégémonique dans un champ de vérités multiples qui s'affrontent", DESCENDRE, Romain, "Connaître les hommes", op cit, p 308.

⁸⁰ FRAJESE, Vittorio, *Nascita dell'Indice. La censura ecclesiastica dal Rinascimento alla Controriforma*, Brescia, Morcelliana, 2006.

⁸¹ Palavras do arcebispo de Mainz Bertoldo de Henneberg, apud FRAJESE, op cit, p 15.

⁸² "Le prime misure pontificie per la regolazione della stampa non nacquero nel quadro di un'ostilità o di una diffidenza verso la nuova invenzione dei caratteri mobili ma si inserirono piuttosto nella fisiologia dell'attenzione verso la scrittura meccanica", ib, p 16.

redenção.⁸³ Assim como a penitência, a censura era uma *spiritualis medicina*, com a diferença que a primeira interessava o foro interno da consciência individual, enquanto a outra se colocava no foro externo, tendo portanto dimensão pública. A censura comportava uma privação dos bens espirituais, sendo o pecador impossibilitado de participar da missa, ou receber os sacramentos, até que deixasse de ser contumaz. Se este pertencia aos quadros eclesiásticos estava suspenso de suas funções. A sanção agia como curativo, atacando a causa do mal-estar e purificando a alma do pecador. A censura livreira operava replicando esta finalidade, só que o alvo não era mais a pessoa, mas o livro, cujas páginas podiam ser portadoras de uma "doença" inserida pelo escritor, com ou sem malícia, que acabaria contagiando os leitores, poluindo suas almas. Esta filiação da censura livreira à censura penal, apontada por Frajese, encontra um respaldo empírico no léxico utilizado nos documentos pontifícios.⁸⁴ Ela remete também para uma relação profunda entre o homem e o livro, sendo, este último, a manifestação das ideias de um autor que se propagam à alma do leitor. Isso justificava as preocupações da Igreja para com o conteúdo dos livros, a biografia de seus autores e, obviamente, os leitores, cujas bibliotecas podiam ser inspecionadas.⁸⁵ Os escritos eram submetidos aos consultores da Congregação do Índice que faziam um exame textual em uma lógica investigativa e não certo de crítica literária, deixando seus autores ansiosos quanto aos resultados ou ao tempo de espera.⁸⁶ Se nada fosse apurado, os textos ganhavam o *imprimatur*, isto é a licença de impressão que atestava a compatibilidade com a doutrina cristã. Ao contrário, no caso em que fosse encontrado algum erro doutrinário, alguma trivialidade, uma mensagem ambígua, ou ofensas à dignidade eclesiástica, uma intervenção corretiva fazia-se necessária. Existiam duas categorias, ou classes de livros sujeitos a censuras diferentes: os *omnino damnati* e os expurgáveis. Se os livros *omnino damnati*, eram proibidos e precisavam ser retirados, cancelados, queimados, impedidos de chegarem às mãos dos fieis,⁸⁷ muitos outros sofriam correções que, paradoxalmente, eram consideradas bem vindas pelo mundo editorial; os autores

⁸³ Frajese sintetiza assim a definição dada por Francesco Antonio Glianès em seu *Summa censurarum et irregularitatum* de 1640. Op cit, p 290.

⁸⁴ *Ib*, p 292.

⁸⁵ De fato, livros e bibliotecas se tornaram provas nos processos da Inquisição.

⁸⁶ Quanto ao resultado, Giordano Bruno dizia que os verdadeiros religiosos e as pessoas de bem não deviam temer a censura. FRAJESE, op cit, p 308. A lentidão dos consultores, porém, deixava o próprio Possevino nervoso e não sempre condizente com as modificações aportadas a seus textos. BALSAMO, Luigi, "How do the doctor a bibliography", op cit, p 58.

⁸⁷ Um número muito limitado de prelados podia possuir tais livros, como, por exemplo, os inquisidores que precisavam conhecer o conteúdo para contrastar a heresia.

encontravam neste *iter* a garantia da impressão de seus manuscritos, e os editores podiam distribuir no mercado obras com potencialidades comerciais.⁸⁸ Tratava-se dos livros expurgáveis pelos quais a censura operava como uma purificação da linguagem, tirando as "manchas" presentes nos textos, reabilitando, junto com a obra, o escritor. Esta distinção em classes encontra um paralelo com os destinos da alma. Os livros *omnino damnati*, assim como seus autores, mereciam o inferno, enquanto os expurgáveis eram sujeitos a uma reparação comparável com aquela das almas no purgatório. A censura dos livros expurgáveis, apesar da manipulação, constituía um alívio para seus autores, cuja alma livrava-se dos pecados contidos nas páginas a serem corrigidas. A finalidade da expurgação, portanto, era corretiva, agia como uma reforma moral.

A classificação de um livro proposta pelos consultores era controversa e, ao longo do tempo, era suscetível a repensamentos que determinavam sua mudança de uma classe para outra. Além de tudo, as decisões tomadas não eram sempre unânimes. Emblemático foi o caso de Erasmo, cujos livros foram destinados à fogueira pelo índice de Paolo IV, em 1559. O índice conciliar de 1564 mitigava a intransigência de papa Carafa, mas deixava o status do holandês incerto. As discussões sobre o grande erudito foram retomadas em 1587. Nas reuniões especialmente dedicadas a este assunto delicado, alguns consultores, como Marcantonio Maffa, manifestaram a intenção de deixar os livros de Erasmo na primeira classe, por ele ser réu de ter influenciado Lutero e causado indiretamente a cisão protestante. Outros, porém, como Roberto Bellarmino, tomaram a defesa deste humanista com base no fato que, embora ele tivesse errado gravemente em muitos artigos de fé, não cumpria o outro critério que definia uma pessoa como herege: a pertinácia no erro.⁸⁹ Um exemplo interessante que mostra como a conduta de um autor pudesse atenuar o erro contido no livro. Os escritos de Erasmo tinham falhas doutrinárias sérias segundo Bellarmino, mas seu autor não pretendia combater a Igreja, por isso bastava intervir com emendas pontuais sobre as passagens inconvenientes presentes em suas publicações. A intervenção de Bellarmino orientou a maioria dos consultores a votarem contra a heresia de Erasmo, que assim passou da primeira para a segunda classe.⁹⁰ A discussão sobre Erasmo demandou um empenho muito grande por parte dos consultores, mas nem sempre a análise de um livro

⁸⁸ Frajese oferece vários exemplos de editores e autores que aguardavam as correções como oportunidade para publicar seus livros. Op cit, p 308.

⁸⁹ Ib, p 320.

⁹⁰ Foram nove votos contra seis. FRAJESE, op cit, p 113.

comportava tanto cuidado. O resultado era que podiam ocorrer distrações grosseiras. É o que aconteceu justamente com as *Relationi Universali* de Botero. Em 1622, cinco anos depois da morte do nosso autor, um inquisidor de Modena assinalava à Congregação do Índice uma passagem sobre o reino de França que, no seu entender, prejudicava a Igreja. De acordo com as pesquisas de Luigi Firpo, em um trabalho que permaneceu na fase de projeto e que Enzo Baldini divulgou em ocasião de um congresso,⁹¹ o inquisidor de Modena lera a edição de Veneza de 1618, a qual apresentava uma omissão, fruto de um erro tipográfico. Esta omissão caracterizava outras edições publicadas no norte da Itália. Os consultores da Congregação do Índice fizeram uma colação com estas edições, mas se tivessem usado aquela romana de 1596, o incidente teria sido evitado, ou, pelo menos, teria tirado a culpa do autor. Assim, por um descuido, as *Relationi Universali* precisaram de uma expurgação, ainda que limitada a poucas linhas. Que a censura tocasse Botero, grande defensor da Igreja, e que em vida fora por um certo período consultor da Congregação do Índice não deve causar estranheza. As *Disputationes de controversiis christianae fidei* de Bellarmino também foram inseridas no Índice de 1590, levando este jesuíta à autocensura e a retratar algumas passagens da publicação.⁹² A máquina censória podia atingir qualquer um, e muitos homens devotos foram apontados para o Índice, ou pagaram a caro preço a divulgação escrita de ideias consideradas erradas, uma exposição que não era mais aceita.

Que a censura fosse um instrumento de reforma moral é revelado também pelo repertório lexical utilizado. Mancha, sujeira, esterco e outros termos deste teor eram usados corriqueiramente pelos quadros eclesiásticos empenhados na luta contra os livros heréticos cuja leitura acabaria contaminando a alma. Frajese observa que o uso destes termos não era uma trivialidade, uma vulgarização, ou uma queda de estilo, mas um reflexo linguístico da ideologia da pureza e de uma tradição teológica que considerava o pecado como uma coisa imunda.⁹³ A censura e a penitência funcionavam, portanto, como um antídoto. Para dar um exemplo, Possevino usa o verbo *imbrattare*, isto é sujar. Em uma página de seu *Coltura de gl'ingegni*, apelava para recorrer à leitura dos melhores autores para que "non si imbratti l'anima d'alcun vitio".⁹⁴ Os textos, uma vez

⁹¹ BALDINI, Enzo, "Le ultime ricerche di Luigi Firpo sulla messa all'Indice delle 'Relazioni Universali' di Botero" in BALDINI, Enzo (org), *Botero e la 'Ragion di Stato'*, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.

⁹² FRAJESE, op cit, p 308.

⁹³ Ib, p 287. Sobre o assunto ver também o trabalho de DELUMEAU, Jean, *O pecado e o medo. A culpabilização no Ocidente (séculos XII-XVIII)*, Trad, Bauru, Edusc, 2011.

⁹⁴ POSSEVINO, op cit, p 54.

corrigidos dos erros, e extirpado o "sinistro sentimento",⁹⁵ se tornavam puros, ou, para usar outra expressão interessante da época, *correcti et illibati*,⁹⁶ de modo que o livro readquiriria uma virgindade, uma integridade, afastando o leitor dos perigos de contaminação. A censura foi portanto um dos meios de reforma da espiritualidade católica e correção dos hábitos morais, além de um instrumento de repressão. Claramente, as duas coisas - reforma e repressão - andavam juntas, mas se é fácil inferir o segundo, é preciso fazer um esforço para captar o aspecto propositivo que a censura tinha para a sociedade de então. A censura atendia, de um lado, a um programa de disciplina e renovação de uma sociedade cujas bases morais eram consideradas frouxas (e, de fato, o termo reforma quando aplicado aos livros era sinônimo de censura), de outro, como um ato de profilaxia pública, de purificação, que visava proteger a "saúde" do corpus social cristão.⁹⁷

Assim como as demais ordens religiosas, os jesuítas acolheram a demanda de coesão doutrinária que estava sendo articulada pela ContraReforma e que acordava à instrução e à educação um papel central na disciplina e na vigilância do homem cristão, demonstrando-se idôneos para o cumprimento do serviço reformador.⁹⁸ Mais do que meros executores, eles, com o ativismo e a argúcia intelectual que lhes eram próprios, contribuíram para a formulação de propostas pedagógicas, como manifestam os exemplos oferecidos até agora. Botero, também, escrevendo no mesmo período que seu amigo Possevino, e guiado por preocupações parecidas, se engajará na defesa do mundo católico face à cisão causada pela Reforma protestante, e colocará sua função de letrado para servir os interesses de Roma. Ciente de que a batalha contra os hereges tinha que ser conduzida no plano de um saber instrumental e renovado - como apontou no livro sobre o Cardeal,⁹⁹ e conforme realizou tanto em seus escritos políticos e morais, quanto nas *Relationi Universali* - Botero usou papeis e tinta como instrumentos para a propagação da fé, e com seu discurso geográfico delineou as fronteiras com o mundo extracatólico. De fato, para os formuladores da ContraReforma, o plano da cultura - sua

⁹⁵ Ib, p 97.

⁹⁶ O termo *illibatus* aparece em vários documentos conforme mostra FRAJESE, op cit, p 276.

⁹⁷ Na capa de muitos livros da época podemos encontrar sob o título a expressão "riformato".

⁹⁸ Para uma discussão ulterior sobre a educação no período contrarreformista remetemos para o ensaio de BRIZZI, Gian Paolo, "strategie educative e istituzioni scolastiche della Controriforma" in *Letteratura Italiana, vol 1. Il letterato e le istituzioni*, Turim, Einaudi, 1982.

⁹⁹ BOTERO, Giovanni *Dell'uffitio del cardinale libri III*, Roma, 1599. Texto chave para compreender a obra de Botero segundo o que afirma Romain Descendre, "Une géopolitique pour la Contre-Réforme: les *Relazioni Universali* de Giovanni Botero", in *Esprit, lettre(s) et expression de la Contre-Réforme en Italie à l'aube d'un monde nouveau*, Nancy, 11, 2005, p 52.

produção como também sua transmissão - tornou-se, ao longo do século XVI e do seguinte, estratégico na formação de padrões sociais conformistas e na promoção de um consenso amplo, complementando outras técnicas de disciplina mais truculentas como, por exemplo, a repressão inquisitorial, visando assim consolidar a hegemonia da Igreja através de soluções diferentes. Como foi bem sintetizado por Adriano Prosperi, um conjunto de persuasão e repressão, prêmios e punições,¹⁰⁰ constituía a solução encontrada por confessores, missionários e inquisidores, isto é, os agentes institucionais principais incumbidos do cumprimento da obediência às regras. A estes podemos acrescentar os consultores da congregação do Índice que, com suas restrições, procuraram normatizar a produção editorial, e tentaram disciplinar as leituras do público católico. Na construção de uma sociabilidade cristã, é oportuno também mencionar o papel positivo desempenhado pelos sacramentos do batismo, casamento, eucaristia, etc. os quais reforçavam nas pessoas neles envolvidos laços afetivos duradouros e sentimentos de um pertencimento comunitário, que remontava à mesma matriz religiosa.

Botero, como já dissemos, por um período foi consultor da Congregação do Índice, acompanhou de perto o funcionamento da máquina censória, aplicou suas normas e, o que mais nos interessa, como escritor, não lhe escapou a importância, o poder de persuasão e influência social que o livro impresso possuía na sociedade de então. Quando analisarmos as obras de Botero, precisaremos ter em mente este contexto religioso dilacerado, cindido entre cristãos protestantes e católicos, como também levaremos em consideração o aspecto ideológico do saber, objeto de uma atenção dupla que se manifestou, de um lado, na censura realizada pelas atividades das Congregações do Santo Ofício e do Índice, e, de outro, na difusão controlada das ideias e no uso atento da tipografia. O livro foi um instrumento importante, tanto na defesa, quanto na promoção do saber católico. A percepção de sua relevância estratégica resultou em uma política editorial da qual o nosso autor teve parte ativa como mostraremos em outras páginas.

¹⁰⁰ PROSPERI, Adriano, *Tribunali della coscienza. Inquisitori, confessori, missionari*, Turim, Einaudi, 1996, p XII.

1.2 Piedade, eloquência, doutrina

Até aqui enfatizamos a instalação de colégios e o controle do conhecimento como uma ação disciplinadora e uma contraofensiva romana à ameaça protestante, mas é oportuno lembrar que a preocupação da Igreja para com a educação não era certamente nova, e respondia a solicitações de renovação internas, sendo o fruto de dinâmicas em que experiências diversas e formas autênticas de espiritualidade desempenharam um papel decisivo. Tratava-se de demandas que, em geral, interessavam o horizonte amplo da existência e procuravam reencontrar uma pureza considerada perdida, objetivo para o qual concorreram cerimônias e meios tão diferentes entre si como os sacramentos do batismo e da eucaristia - entre os outros - mas também o fogo da inquisição e a censura livreira. Sem entrarmos neste âmbito mais amplo, e limitando-nos ao ensino, o quinto Concílio de Latrão (1512-1517) já colocara questões pedagógicas na agenda, exortando os educadores a instruírem os alunos em matéria religiosa, e mais precisamente nos mandamentos, salmos, hinos e vidas de santos, fornecendo modelos positivos para uma conduta cristã exemplar. Um processo de reorganização, portanto, estava já em andamento, acelerando-se com a ContraReforma.¹⁰¹ No decorrer de poucas décadas, a Igreja tridentina, em um momento histórico de crise religiosa, retomou e aprofundou as instâncias indicadas na ocasião do Concílio de Latrão - e que já estavam dando frutos com as escolas de doutrina cristã¹⁰² - podendo agora contar com o empenho de uma congregação nova e bem motivada, como também com uma resposta pronta e firme de muitos homens de Igreja. Entre estes lembramos apenas uma figura importante para o nosso estudo como São Carlos Borromeo, o qual, em Milão, entre os anos sessenta e setenta, deu impulso à criação de escolas e seminários,¹⁰³ e encorajou Silvio Antoniano a sistematizar a nova ação pedagógica com um tratado sobre a educação doméstica dos mais jovens.¹⁰⁴ Uma contribuição importante por enaltecer a figura do pai de família,

¹⁰¹ Processos de adaptações pautam a história do cristianismo conforme mostra Robert BIRELEY em seus escritos. É importante observar que, para este autor, as acomodações da Igreja que ocorrem na época moderna não coincidem com o período contrarreformista geralmente considerado pela historiografia, abrangendo um segmento temporal maior, compreendido grosso modo entre 1450 e 1700, por ele chamado de "o longo século XVI". BIRELEY, Robert, *Refashioning of Catholicism 1450-1700. A reassessment of Counter Reformation*, Washington DC, Catholic University of America Press, 1999, p. 2.

¹⁰² Um exemplo bem sucedido é aquele de Castellino da Castello que em Milão, em 1536, fundou uma escola que serviu de modelo a ser imitado em outras cidades do norte, e que aproximava os jovens aos hábitos cristãos. Gian Paolo BRIZZUOLI, op cit, p. 905.

¹⁰³ Entre estes, particularmente importante foi o seminário jesuítico de Brera que surgiu com o beneplácito de São Carlos.

¹⁰⁴ Trata-se do livro *Dell'educazione cristiana de' figliuoli*, publicado em Verona em 1584.

que constituía o lado laico na vigilância da moralidade, ajudando os párocos nesta função.

Os grandes protagonistas da reforma pedagógica, contudo, foram os jesuítas. Na prática, como se traduziu o compromisso educativo dos homens de Santo Inácio? Que tipo de preparação ofereciam aos estudantes e com quais meios buscavam seus objetivos? Respondendo em uma síntese que não pretende ser exaustiva, os jesuítas participaram de forma importante neste projeto cultural, inovando a didática, recuperando dentro de um horizonte moralizado tudo o que de bom ofereciam os *studia humanitatis*, aguçando o raciocínio dos alunos no óbvio limite da ortodoxia católica, introduzindo, no programa escolar, a exposição de casos de consciência, fundamentais para a construção de um percurso vigiado.¹⁰⁵ Tudo isso no quadro da *Ratio Studiorum*, que organizava nos detalhes o itinerário de estudos, exigindo a máxima obediência por parte dos alunos. Os procedimentos jesuítas amadureceram dentro de um processo amplo de mudanças no ensino, que envolveu, em escala menor, outras ordens religiosas, as quais não ignoravam o legado deixado pela experiência humanista do século XV, com sua ênfase nos estudos literários, filológicos, e retóricos, essenciais para a formação do homem chamado a desempenhar papéis de liderança na sociedade. A postura clerical frente ao modelo humanista, porém, apresentava distinções, indo de uma sua recusa, que apelava para a recuperação da *simplicitas christiana*, livre portanto dos excessos intelectuais às vezes imputados aos protagonistas da cultura renascentista, a uma sua aceitação condicionada em chave católica. A própria censura interveio como um mecanismo de correção da cultura humanista que assim foi sujeita a um processo de purificação. Com efeito, os livros *omnino damnati* eram em sua maioria de área protestante, enquanto os expurgáveis pertenciam à tradição cultural latina e italiana da Renascença.¹⁰⁶ De acordo com Delio Cantimori, o encontro entre os princípios educativos do humanismo italiano e aqueles da Igreja católica resultou em sínteses diferentes que mostram a variedade de soluções pedagógicas então em elaboração. À fusão harmônica entre cultura humanista e religiosidade proposta pelo cardeal Jacopo Sadoletto no *De liberis recte instituendis*, de 1533, se opôs a subordinação da primeira à

¹⁰⁵ Para uma discussão articulada em dez pontos, remetemos para o estudo de O'MALLEY, *The first jesuits*, op cit, p. 226 e ss.

¹⁰⁶ A este propósito Frajese diz que "il potere ecclesiastico definiva, in modo fin troppo schematico e necessariamente soggetto ad eccezioni, il proprio atteggiamento verso i più importanti fenomeni culturali del presente: la Riforma protestante, da combattere e distruggere come un corpo estraneo e nemico; il Rinascimento, da riformare ed espurgare come fenomeno interno", op cit, p 352.

segunda realizada pela Companhia de Jesus,¹⁰⁷ que assim estabelecia uma hierarquia rígida, sancionando a superioridade da moral sobre o conhecimento, e integrando os *studia humanitatis* no âmbito austero do ascetismo. É o momento contrarreformista que puxa para uma moralização da sociedade, mas temos que lembrar, com Cantimori, que esta operação de restauração religiosa acontece em um momento histórico que aponta para outra crise, interna à península - embora não fosse exclusiva a ela - que é política e econômica.¹⁰⁸ O protótipo do humanista engajado nos ideais republicanos não encontra mais uma colocação na realidade dos Estados italianos, os quais ou são sempre mais dependentes do jogo estrangeiro, ou enfrentam uma reforma absolutista de suas estruturas políticas e administrativas. Como veremos adiante, na segunda metade do século XVI, o status social do homem letrado sofreu uma transformação profunda que coincidiu com estes rearranjos estruturais.¹⁰⁹ Mudado o cenário político, o aproveitamento do ideal humanista se deu junto com uma valorização da "vida social cristã", enquanto questões religiosas se tornaram prioritárias. Como diz Cantimori,

"os ideais humanistas e a praxe de ensino (a pedagogia e a didática) continuam sendo aplicados e honrados formalmente, mas adquirem um novo conteúdo: isto significa também que são esvaziados do antigo significado laico, enquanto o interesse para o ideal ético e religioso aumenta".¹¹⁰

Sabedoria, eloquência e piedade formavam um tríplice indissociável para alguns pedagogos cristãos, como, por exemplo, o grande educador reformista Johannes Sturm que chegou a incluir os três conceitos na fórmula *propositum a nobis est sapientem atque eloquentem pietatem finem esse studiorum*. Palavras - observa Alfredo Saloni - que poderiam estar presentes na *Ratio Studiorum* jesuítica.¹¹¹ De fato, vários aspectos da educação eram comuns a protestantes e católicos, a começar pela base dos *studia humanitatis*. Cabe aqui lembrar a importância do humanismo italiano para a formação cultural dos reformadores protestantes, herdeiros daquela postura livre e investigativa de

¹⁰⁷ CANTIMORI, Delio, *Umanesimo e religione nel Rinascimento*, Turim, Einaudi, p 233. Outras opções pedagógicas lembradas por Cantimori são aquelas oferecidas por São Filipe Néri e pelo franciscano José de Calasanz.

¹⁰⁸ *Ib.*, p 232.

¹⁰⁹ Ver o capítulo 3.4

¹¹⁰ "Gli ideali umanistici e la prassi d'insegnamento (la pedagogia e la didattica) continuano a essere applicati e onorati formalmente, ma acquistano un nuovo contenuto: il che significa anche che vengono svuotati del vecchio significato cosiddetto laico, mentre l'interesse per l'ideale etico-religioso aumenta." CANTIMORI, Delio, *op cit*, p 239-240. Esta virada religiosa, observa Cantimori, é comum a toda Europa.

¹¹¹ SALONI, Alfredo, "L'educazione intellettuale", in VALPOLICELLI, Luigi (org), *Pedagogia. Le forme dell'educazione*, Milano, Vallardi, 1970, p 286.

grandes eruditos, entre os quais se destaca a espiritualidade de Pico della Mirandola - indiferente às instituições eclesiásticas e aos sacramentos¹¹² - ou a crítica textual e filológica de Lorenzo Valla, cujos escritos inspiraram Erasmo de Roterdã, Lutero, e outros; obviamente, o espírito particular que animava luteranos e católicos acentuará suas diferenças com o tempo, sendo o protestantismo uma "religião de cultura" que promoveu e liberou as energias intelectuais, enquanto a educação católica dos jesuítas prendeu a potencialidade criativa de seus alunos dentro de esquemas severos que implicavam a renúncia à individualidade e ao pensamento autônomo.¹¹³ Uma contraposição clara, mas o próprio Saloni adverte para não exagerar com a crítica ao mecanicismo jesuítico, já que as escolas destes religiosos formaram letrados e cientistas de primeiro plano. O autor retoma uma sentença de MacAuley, um historiador britânico do século XIX, para dizer, com uma dose de ironia, que os jesuítas entenderam o ponto até o qual podia ser levado o desenvolvimento intelectual do indivíduo sem que este alcançasse a independência do pensamento.¹¹⁴ Uma religião da consciência se contrapunha a uma religião da autoridade, contudo, lembra Agnolin, "nem uma nem outra se manifestam enquanto prerrogativa (exclusiva) do luteranismo ou do catolicismo".¹¹⁵ Observação que encontra sua justificação na existência de uma hiperculpabilização comum à cultura religiosa de todo o ocidente cristão,¹¹⁶ a qual "apagava as fronteiras entre reforma e catolicismo".¹¹⁷ Se este sentimento compartilhado atenuava as divisões entre as duas confissões, as soluções encontradas para aliviarem as tensões da culpa foram diferentes, como aponta Jean Delumeau em seu estudo.¹¹⁸ A luterana elaborou a justificação pela fé realizada individualmente, enquanto a católica delegou esta reparação aos sacramentos rituais, e particularmente à confissão e à pessoa do confessor.¹¹⁹ O resultado, no primeiro caso, foi a emergência de um sujeito emancipado, colocado, com sua piedade interior, sozinho frente a Deus, e, no segundo, de um sujeito obediente, amparado no seio da Igreja. Ambos, no entanto, tinham ainda um aspecto comum: a disciplina. Neste

¹¹² Delio CANTIMORI, op cit, p 148.

¹¹³ Ib, p 287.

¹¹⁴ Ib, p 287.

¹¹⁵ AGNOLIN, Adone, *Jesuítas e selvagens*, op cit, p 51.

¹¹⁶ Agnolin aqui retoma o estudo de Jean Delumeau sobre o pecado no ocidente.

¹¹⁷ "Delumeau [...] ha parlato di una 'iper-colpevolizzazione' della cultura religiosa dell'Occidente cristiano come sproporzione tendenziale tra senso del peccato e fiducia nel perdono: e così facendo ha cancellato i confini tra Riforma protestante e cattolicesimo della prima età moderna, tutti e due immersi necessariamente in una storia che li superava e li includeva", PROSPERI, Adriano, *Tribunali della coscienza. Inquisitori, confessori, missionari*, Turim, Einaudi, 1996, p 217.

¹¹⁸ DELUMEAU, Jean, *O pecado e o medo. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*, Trad, Bauru, Edusc, 2003

¹¹⁹ AGNOLIN, Adone, op cit, p 52.

âmbito se insere a importância particular que os exercícios espirituais e os exames de consciência jesuíticos tiveram para a prática da confissão. Tendo sua origem na *devotio moderna*, como forma de religiosidade subjetiva e meditativa, os exercícios espirituais colocavam para o praticante um percurso de aperfeiçoamento que o levasse a incorporar os valores éticos e religiosos, e cuja orientação era garantida pela construção de uma relação estável com um diretor espiritual oportunamente treinado, inclusive, através da leitura do manual dedicado aos exercícios.¹²⁰ A meditação, com seus ritmos medidos pela repetição e pelo hábito, como uma mnemotécnica,¹²¹ favorecia a incorporação da disciplina. Complementarmente, os casos de consciência faziam parte das atividades escolásticas no sentido de corrigirem e guiarem o aluno em seu caminho espiritual, mas cumpriam também o objetivo de interiorizar a obediência. Esta ênfase na disciplina interessava o ensino como um todo.¹²² De fato, este era efetuado nos colégios jesuíticos, em primeiro lugar, com o propósito de formar membros laicos de uma comunidade que reconhecia seu vínculo religioso no respeito da hierarquia e da autoridade eclesiástica. Em segundo lugar, o estudo da antiguidade clássica, da retórica, e do latim - as *humaniores litterae* - constituía as bases para promover especialistas da palavra, isto é, predicadores e missionários que agissem no mundo com a técnica de uma eloquência afinada e eficaz, perpetuando os valores religiosos católicos. Em outras palavras, a crise política, econômica e religiosa do século XVI, assim como a ampliação extraordinária do ecúmeno com todas as consequências morais que acarretou - sendo estes os contextos históricos em que surgiu a Companhia de Jesus - modificaram as finalidades cíveis e laicas do antigo programa humanista, cujas disciplinas, com os inicianos, se tornaram uma ferramenta para promover sentimentos de piedade cristã e compreender assuntos teológicos,¹²³ chegando a estabelecer um encontro com a velha inimiga, a escolástica, esta também renovada e instrumental ao empenho catequético.

¹²⁰ Os exercícios espirituais escritos por Inácio eram uma espécie de guia para o diretor espiritual mais do que um livro a ser lido pelo praticante. O'MALLEY, John, *The first jesuits*, op cit, p 37.

¹²¹ AGNOLIN, op cit, p 209.

¹²² Podemos pensar também à disciplina como um fator que caracteriza a sociedade de antigo regime abrangendo todas as esferas sociais. A respeito ver as considerações clássicas de Norbert Elias sobre o processo civilizador, como também a segunda parte do livro de BOUWSMA, William, *The waning of the Renaissance, 1550-1640*, New Haven, Yale University Press, 2000. Livro que interpreta nos termos de uma reação conservadora ao moto liberatório da primavera renascentista a fase declinante deste período histórico e cultural.

¹²³ Este valor instrumental não se limitava às disciplinas humanistas, mas se aplicava também às ciências físicas e matemáticas de acordo com o pensamento de Santo Inácio. Sobre a presença das disciplinas científicas nos colégios da ordem ver GATTO, Romano "Cristoforo Clavio e l'insegnamento delle matematiche nella Compagnia di Gesù", in *Il Rinascimento italiano e l'Europa*, volume quinto, Treviso, Angelo Colla, 2008.

Uma sinergia sobre a qual foram investidos grandes esforços e expectativas, com resultados que a historiografia, atualmente, está avaliando.¹²⁴ Como apontamos no começo do capítulo, este programa de estudos, assim concebido, joga luzes sobre o desenho unitário que liga o colégio ao ministério apostólico, o qual valorizava as aplicações práticas da retórica, sendo a expressão correta e a tradução linguística dois recursos fundamentais para afirmarem a verdade e tornarem a especulação escolástica significativa no plano pastoral.¹²⁵ Outro historiador da Companhia de Jesus, Jarno Höpfl, apropriadamente define o plano de estudos dos jesuítas como funcional à execução do programa missionário.¹²⁶ A incorporação do patrimônio clássico grego e latino, e o estudo das línguas, forneciam técnicas retóricas preciosas que, de um lado, aprimoravam a epistolografia, instrumento central que interligava as periferias longínquas com o centro romano, e, de outro, facilitavam a comunicação dos inicianos com as realidades externas,¹²⁷ adaptando-a a contextos culturais e sociais os mais diferentes como foram aqueles das missões asiáticas e americanas,¹²⁸ ou das "nossas índias", segundo a descoberta do exotismo interno realizada pelos jesuítas. De fato, a alteridade nas áreas rurais e fronteiriças do Velho Mundo também colocava problemas na comunicação e transmissão do evangelho.¹²⁹ Mas não foi apenas o plano de estudos a preparar operários de Cristo competentes e prontos para enfrentarem estas alteridades. É oportuno lembrar que a presença de estudantes e professores de todas as "nações" nos colégios da Companhia constituía um verdadeiro laboratório linguístico e cultural, a

¹²⁴ Além dos livros citados, um trabalho crítico é aquele de SCAGLIONE, Aldo, *The liberal arts and the Jesuit college system*, Philadelphia, John Benjamin Publishing, 1986. Recomendamos também os ensaios de Paul GRENDLER reunidos em *Renaissance education between religion and politics*, Aldershot, Ashgate, 2006.

¹²⁵ Nas palavras de O'MALLEY "The Jesuits wanted, however, to provide that theology with a new casing and to direct it more effectively to ministry", *The first Jesuits*, op cit, p 244.

¹²⁶ "This education was in some sense 'functional'. A thorough grounding in rhetoric and dialectics was necessary as training for the persuasive speakers (and eventually writers) that the Society's mission needed", HOPFL, Jarno, *Jesuit political thought. The Society of Jesus and the State 1540-1630*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004, p 13.

¹²⁷ O'MALLEY, John, op cit, p 210 e 212. Há uma carta datada 21 de maio de 1547 escrita por Polanco e destinada a Lainez que faz uma defesa dos *studia humanitatis* e especialmente da língua latina. Esta carta, por sua clareza, é citada por muitos estudiosos.

¹²⁸ Nos últimos anos, algumas pesquisas importantes têm investigado a prática missionária, dando ênfase especial a políticas linguísticas de negociação no encontro catequético, seguindo o princípio de adaptabilidade. Limitando-nos à área de estudos sobre a colônia do Brasil, além do livro de Agnolin, já citado, lembramos CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte, *Operários de uma vinha estéril. Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620)*, Bauru, Edusc, 2006, e POMPA, Cristina, *Religião como tradução. Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*, Bauru, Edusc, 2003.

¹²⁹ Quando Botero foi escolhido para ser enviado na missão de Saluzzo, os jesuítas alegaram motivos culturais e linguísticos. Cf neste capítulo a página 61.

expressão de um cosmopolitismo edificante, e um momento de troca cuja riqueza foi evidenciada por Possevino.¹³⁰

O que praticamente distinguia os jesuítas de outros educadores, laicos ou religiosos, era o procedimento de ensino que se inspirava no *modus parisiensis*, método escrupuloso, aprimorado e em parte modificado pelos padres da Companhia, e baseado em exercícios frequentes, tanto escritos quanto orais; com estes, os garotos precisavam demonstrar, através do controle da eloquência, a assimilação do conteúdo, que, uma vez avaliada através de provas e considerada satisfatória, garantiria a promoção para uma classe superior. A progressão lógica da aprendizagem, e a disposição dos alunos em turmas de nível crescente de conhecimento - este também um sistema de organização original - era uma resposta a certa desordem que reinava em boa parte do ensino italiano no outono da Renascença, e uma das razões que determinaram o sucesso repentino dos colégios jesuítas, demonstrado inclusive pela exportação, em outros momentos, do modelo.¹³¹ Finalmente, o domínio da palavra, tão valorizado, era aperfeiçoado através da procura de novas formas de comunicação, como, por exemplo, as disputas semanais sobre temas propostos pelos professores, ou, ainda, as encenações teatrais e as sessões musicais. No dizer de Juan Polanco, os recursos em questão ofereciam a vantagem de encorajar a participação dos jovens nos debates públicos e estimular o apego pelo estudo;¹³² junto com a atividade física, eles foram também ocasiões lúdicas de descontração.¹³³

Este foi o ambiente que dotou Botero de um patrimônio valioso de noções e uma postura ideológica, reconhecível em muitas páginas de suas obras, com a qual familiarizaremos nos próximos capítulos. Agora, porém, vamos aproximarmos da pessoa, tentando entender um pouco um perfil humano que a historiografia recente tem

¹³⁰ POSSEVINO, Antônio, *Coltura de gli ingegni*, op cit, p 88 onde fala dos "costumi di varie nationi per mezo de' quali acquistano la prudenza insieme con la dottrina: percioché ciascuna natione per l'istessa consuetudine di viver insieme si comunica scambievolmente insieme i doni i quali ha da Dio." E continua especificando as qualidades de alunos de diferentes nacionalidades. Assim ele reconhece que: "la simplicità [...] ne' settentrionali si conserva; la prontezza degli ingegni e la gravità, la qual è negli spagnoli; la vivacità de' francesi; il giudicio degli italiani; l'eloquenza, de greci..."

¹³¹ Entre os primeiros a adotarem o programa da *Ratio Studiorum* jesuítica lembramos os somascos e os barnabitas.

¹³² CARLSMITH, Christopher, "Struggling toward success. Jesuit education in Italy, 1540-1600", in *History of Education Quarterly*, vol 42, n 2, 2002, p 224.

¹³³ Sua formação jesuítica se reflete também em episódios biográficos mais amenos. Provavelmente, a lembrança do período escolar motivou Botero a realizar uma encenação teatral sobre um sujeito bíblico na Academia Accuratorum, durante o carnaval de 1584. O piemontês perpetuava assim uma prática jesuítica, contrariando Carlos Borromeo, o qual tinha aversão tanto ao carnaval quanto ao teatro. A Academia Accuratorum tinha sido fundada por Federico Borromeo, em Pavia, para discutir questões científicas. Os integrantes eram, em sua maioria, estudantes do Colégio Borromeo, e, por algum tempo, contaram com a participação de Botero.

julgado prevalentemente em modo negativo, para depois conhecer mais detalhadamente o Botero estudante e professor, destacando o papel da geografia na formação de um jesuíta no período em que ele seguiu os cursos no Colégio Romano, no começo dos anos sessenta.

1.3 Um perfil controverso

Nas escolas pelas quais passou, o futuro pensador da razão de Estado e escritor de coisas geográficas recebeu uma educação norteada pelos cânones do humanismo e da doutrina cristã, centrada, portanto, em matérias clássicas como o latim, o grego, a dialética, a retórica, estudados através de compêndios escritos pelos padres, ou, no caso dos autores do mundo antigo, lidos diretamente, após suas obras passarem por um exame minucioso. Cícero, Quintiliano, Suetônio, Tito Lívio, Virgílio, Horácio, Aristóteles, entre outros, formavam esta biblioteca seleta, servindo de guias e modelos educativos de referência. Ao contrário destes exemplos, Terêncio, um dos autores clássicos mais lidos na época, fora excluído das escolas jesuíticas no começo dos anos cinquenta por Inácio de Loyola, que não aprovara as tentativas de expurgação de seus textos.¹³⁴ Uma censura que, como veremos, atingiu também autores de obras geográficas de grande relevância.

O jovem piemontês revelava qualidades promissoras na aprendizagem e uma predileção para a poesia; contudo, um caráter avesso à disciplina, às vezes birrento, criava-lhe não poucas confusões, conforme nos deixaram escrito alguns padres da Companhia, que elogiavam a erudição do aluno, a boa vontade e a dedicação nos estudos, ao mesmo tempo que lamentavam alguns deslizes no comportamento.¹³⁵ Embora problemas de condutas entre os estudantes fossem corriqueiros - inclusive nas escolas dos jesuítas, a ponto de estas questões, e suas soluções, serem objeto de discussão entre os padres¹³⁶ - em nosso autor prolongaram-se para além dos anos do

¹³⁴ FRAJESE, op cit, p 372.

¹³⁵ Documentos jesuíticos reproduzidos por Federico CHABOD em seu *Scritti sul Rinascimento*, op cit.

¹³⁶ Há relatos de ações violentas que incluíam agressões e vandalismos cometidos por alunos rebeldes. Um trabalho de persuasão através da palavra era necessário e preferido às punições corporais que Inácio de Loyola considerava ineficazes. Temos aqui um exemplo da capacidade de mudança que a retórica possui e uma atenção para desenvolver um trabalho psicológico junto com os jovens. CARLSMITH, Christopher, op cit, p 237. O'MALLEY, John, *The first jesuits*, op cit, p 230.

colégio, delineando um tipo de homem insolente e orgulhoso, plangente e melancólico.¹³⁷ É este um quadro humano que podemos desenhar, ainda que com cores tênues, consultando documentos nos quais anedotas que revelam detalhes sobre o caráter aparecem espalhadas em várias linhas. Luigi Firpo e Federico Chabod reuniram estes fragmentos para construir o perfil psicológico de uma pessoa facilmente irritável e insatisfeita, de "índole neurótica", segundo uma definição do primeiro,¹³⁸ "nervoso e fácil à excitação", para o segundo.¹³⁹

A Chabod se deve o estudo mais profundo sobre a personalidade de Botero, de acordo com um método que buscava compreender o lado profissional de um determinado autor a partir de uma atenção especial para os dados biográficos e psicológicos. Segundo o historiador italiano, se trata de uma investigação fundamental, em que "as incertezas, as oscilações do pensamento, os dissídios"¹⁴⁰ são os elementos mais preciosos para acompanhar o percurso trabalhoso de um pensador e de suas ideias, e captar com a paciência que for necessária o "processo vivo da criação" intelectual.¹⁴¹ É o que este historiador faz ao longo das páginas boterianas, com elegância e perspicácia, mas também com uma intransigência que nos parece excessiva. No ensaio é evidenciada a tensão contínua entre a obra e a pessoa, o texto e o contexto, tensão que em Botero não chega a se normalizar, deixando suas ideias e seus escritos pouco coesos, influenciados por fatores externos mais do que guiados por um desenho de pesquisa coerente.¹⁴² Em outras palavras, faltava-lhe aquela firmeza e força moral que caracterizava um autor como Maquiavel. Isto leva Chabod a associar a estrutura caótica das *Relationi Universali*, ou as discrepâncias existentes entre algumas obras, com a fragilidade intelectual e com uma fraqueza humana de Botero, o qual, em sua "mediocridade do sentir", não era suficientemente dotado de "vigor e pensamento para tirar de si as grandes ideias", sendo

¹³⁷ Em algumas cartas juvenis, Botero lamentava sua "maninconia". No livro quinto do *Ragion di Stato* ligará este estado do espírito à poesia quando avalia os pró e os contra das letras na formação militar do príncipe. BOTERO, Giovanni, *La ragion di Stato*, op cit, p 92.

¹³⁸ FIRPO, Luigi, Giovanni Botero, in DBI.

¹³⁹ CHABOD, op cit, p 277.

¹⁴⁰ "le antitesi, le incertezze, i dissidi sono gli elementi più preziosi a noi offerti per rivivere l'opera altrui", Ib, p 704.

¹⁴¹ Ib, p 704. A defesa deste método se encontra na resenha de um livro de Ernst Mehl sobre Villani. Sua importância foi apontada por Mario FUBINI, e mais recentemente por COMPARATO, Vitor Ivo em "Il Botero di Federico Chabod", in BALDINI, Enzo, *Botero e la 'Ragion di Stato'*, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p 464.

¹⁴² "Come frammentario e inuguale il pensiero, così inuguale e frammentario era il metodo della ricerca", CHABOD, op cit, p 349.

incapaz de coordená-las logicamente.¹⁴³ É um intelectual cindido entre várias tendências, sempre incerto quanto ao rumo a ser tomado.¹⁴⁴ Estes juízos deixam perplexos, mas, inesperadamente, a certo ponto, abrem para soluções positivas. Com efeito, impedido por seus próprios limites de regular o foco das pesquisas, Botero consegue enxergar com seu pensamento nômade e suas divagações, aspectos da realidade que vão além da política e da religião, como a economia, a finança, a demografia, que outros estudiosos, concentrados apenas em um campo de estudo, negligenciavam (Maquiavel, de novo, fornece o contraste com sua única paixão: a política). Uma visão que, no entender de Chabod, é fruto da falta de organicidade, e tem sua origem em uma curiosidade e em um olhar que se deixa seduzir facilmente pelos fatos mundanos.¹⁴⁵ Paradoxalmente, o reconhecimento de uma faceta positiva da obra boteriana passa por uma depreciação das qualidades intelectuais do autor, rebaixado a um observador passivo munido de um "espírito diletante".¹⁴⁶

Colocado na passagem do Renascimento para o período barroco, o Botero de Chabod encarna aquela "decadência do entusiasmo moral" que é atribuída por uma historiografia de matriz crociana¹⁴⁷ aos homens desta época. Para Chabod, o piemontês incorpora todas as incertezas que afloram a partir da segunda metade do Quinhentos, e seu pensamento espelha a crise social e política dos estados italianos, crise que abre uma brecha para o conservadorismo católico do qual a razão de Estado é instrumento teórico. Em uma palavra, Botero é um autor de acomodação.¹⁴⁸ Se os principais estudiosos de Botero, isto é Chabod e Firpo, concordariam com uma definição como esta, as consequências que ela comporta no plano das interpretações são diferentes. Firpo, observa Isnardi Parente, entende a acomodação de Botero como um ato realístico,¹⁴⁹ enquanto Chabod vê nela a renúncia à invenção, trazendo à tona todos os

¹⁴³ "Botero, non abbastanza ricco di vigore d'animo e di pensiero per cavar da se stesso, in una solitudine pensosa, le grandi idee...", CHABOD, op cit, p 299.

¹⁴⁴ "Il pensiero di Botero rimaneva scisso interiormente fra diverse tendenze, senza possibilità di uscita che non fossero compromessi di valore tutt'affatto pratico e momentaneo", CHABOD, op cit, p 348.

¹⁴⁵ Uma passagem significativa é esta: "A differenza del Machiavelli, il quale dal concentrar se stesso in un unico amore, la politica, aveva derivato la unilaterale, ma potente incisività del suo pensiero, il Botero era di troppo scarso afflato creativo per rimanere ben fermo in una preoccupazione fondamentale: l'anima sua, egli avrebbe dovuto votarla a più d'un amore; e come facile alle impressioni del momento, come mutevole a seconda dell'ora era stato l'uomo, così docile alle curiosità successive era il pensatore", Ib, p 302.

¹⁴⁶ "Selon Chabod, c'est paradoxalement grâce à son esprit diletante que Botero sut, par delà de la politique, découvrir l'économie". DESCENDRE, Romain, *L'État du monde. Giovanni Botero entre raison d'État et géopolitique*, Genebra, Droz, 2009, p 173.

¹⁴⁷ ISNARDI PARENTE, Margherita, "Il Botero di Luigi Firpo", in BALDINI, Enzo, op cit, p 474.

¹⁴⁸ Isnardi Parente fala em "spirito di compromesso che domina l'opera boteriana", op cit, p 475.

¹⁴⁹ Ib, p 475.

limites intelectuais deste autor. Daqui a desenhar uma pessoa débil, sem vigor,¹⁵⁰ um anti-herói melancólico, a passagem é breve. A nosso ver, o risco em que este historiador incorre em certos momentos, é de sobrepor os planos do contexto, da pessoa e da obra, sem manter a necessária distância que os separa. Assim, a crise social da época repercute sobre o homem, o qual a transfere automaticamente para as páginas, que acabam reproduzindo as imperfeições do autor, em um círculo claramente vicioso. Algumas pesquisas recentes atenuaram estas conclusões¹⁵¹ mas, até poucos anos atrás, o perfil proposto por Chabod encontrava ainda prosélitos que deixaram estudos relevantes, por um lado meritórios, mas, por outro, ancorados em uma visão negativa do homem e de seus escritos que nos parece problemática. Nos anos noventa, Aldo Albónico voltou a trilhar o percurso metodológico de Chabod, e reforçou a dose crítica, depreciando a obra e escrevendo laconicamente que Botero não era uma pessoa simpática.¹⁵² Até mesmo a escassa iconografia existente reproduz uma figura soturna, em pose severa e nada cativante (fig 1).

Mas até que ponto a postura grave assinala os defeitos do homem e não a condição social daquele que foi funcionário de corte e teórico da razão de Estado? Não é nossa intenção negar as propriedades comportamentais que lhe foram atribuídas pela historiografia recente, até porque os indícios que denotam um homem difícil são numerosos; pretendemos, no entanto, atenuar certos juízos de valor que correm o risco de comprometer a avaliação do pensador - ainda que suas ideias evidenciem uma adesão conformista à cultura dominante - e deslocar as atenções para outros aspectos da pessoa. Lembramos que a construção desta imagem sombria se funda principalmente em testemunhos jesuíticos anteriores aos anos oitenta, nos quais se concentram as queixas e as preocupações relativas a suas intemperanças. Mais tarde, há atestados de pública estima para a pessoa, e Possevino - que, já vimos, pertencia à ordem de Santo Inácio - chega a defini-lo, em um soneto de 1584, como "amabile".¹⁵³ No nosso entender, Chabod e Albónico, os historiadores mais severos, cristalizaram os julgamentos dos jesuítas em um retrato negativo que deixa de avaliar um possível desenvolvimento das qualidades humanas. Acreditamos que a experiência, o tempo, e a ascendência positiva de algumas

¹⁵⁰ Falta de vigor é uma crítica que Chabod faz a Botero mais de uma vez em sua monografia.

¹⁵¹ Tanto Romain Descendre quanto Giuliano Ferretti advertem a necessidade de percorrer novos caminhos interpretativos e têm uma postura crítica em relação a muitas conclusões de Chabod.

¹⁵² ALBÓNICO, Aldo, *Il mondo americano di Giovanni Botero*, Roma, Bulzoni, 1990, p 11.

¹⁵³ "L'amabile Botero, che non suole/Ignobil cosa scrivere v'invia/Del suo ameno giardino e frutti e fiori" soneto escrito para Agostino Valier, apud GIODA, Carlo, *La vita e le opere di Giovanni Botero*, vol II, Milano, Hoepli, 1895, p 782.

peessoas influentes - como, por exemplo, São Carlos Borromeo - moldariam a índole do piemontês, canalizando a teimosia juvenil em pertinácia intelectual, pertinácia que a crítica, ultimamente, está começando a reconhecer.

Fig 1 Retrato de Giovanni Botero, 1603.

Contrariamente a quanto afirma Chabod, isto é que o pensamento de Botero carece de coerência, é fragmentado e fruto de interesses passageiros, e portanto não tem vigor, estudos recentes mostram uma coesão maior do que aquela proposta pelo historiador italiano.¹⁵⁴ Esta coesão, mesmo que não chegue a uma organicidade teórica, ou a uma síntese conceitual, não interessa apenas os três livros principais, mas envolve também alguns escritos do período piemontês, e, parcialmente, as primeiras redações realizadas quando trabalhava ao lado de São Carlos, em Milão, cujo teor moralista e inflexível não deve distrair-nos da importância de certos tópicos para as reflexões futuras mais maduras. De fato, a *verve* polêmica e antagonista - especialmente antimachiaveliana e antiprotestante - de um letrado que amava a confrontação no plano do discurso, e

¹⁵⁴ Os estudiosos que nos últimos anos estão renovando a pesquisa sobre Botero são Enzo Baldini, Romain Descendre, Chiara Continisio, Gianfrancesco Borrelli, e Pierpaolo Merlin, sobre os quais voltaremos ao longo da nossa tese.

defendia obstinadamente a ortodoxia católica, está presente em muitas de suas análises e iniciativas editoriais, sendo este o primeiro elemento comum a suas obras. Mas não é o único, nem o mais importante. Como mostraremos adiante, realismo e capacidade de ser porta-voz das transformações políticas e sociais de sua época, são outras características interessantes que encontramos no trítico de obras principais, como também nos escritos tardios *I prencipi christiani* e *I capitani*.¹⁵⁵

Deixamos de lado os livros por agora, e voltamos para a pessoa que está por trás deles. Se, nos anos passados entre os jesuítas, Botero não adquiriu aquele *habitus* de obediência imprescindível para ser membro da Companhia, e se não ficou mais dócil, consolidou, com o tempo, qualidades que lhe permitiram entrar nas cortes, encontrando ali um ambiente idôneo para a realização de suas ambições sociais. Estas pretensões mundanas afluíam já no período jesuítico e, provavelmente, foram um motivo ulterior que explica suas insatisfações e os repetidos atos de rebeldia que acabaram dificultando sua permanência na Ordem de Santo Inácio. Para o amadurecimento do homem foi fundamental a estadia na diocese milanesa e a passagem para o ambiente palaciano no qual o Botero adulto alcançou projeção intelectual; este ambiente, de fato, exigia uma conduta prudente e paciente, um controle maior das ações como também uma dosagem das palavras, uma substituição portanto daquele caráter impulsivo que perturbou os anos formativos com outro baseado no decoro, na circunspeção, em uma palavra, na *phrónesis*, mecanismo de defesa fundamental para sobreviver no equilíbrio precário do mundo das cortes, e qualidade necessária à execução das funções. A este propósito, podemos evocar a importância estratégica do comportamento controlado na construção literária da figura do homem cortês, o qual foi objeto de reflexões pontuais, altamente significativas, em vários autores da Renascença italiana. Pensamos no *Galateo*, de monsenhor Giovanni Della Casa, publicado póstumo em 1558, ou no *Cortegiano*, do humanista Baldassar Castiglione; livro impresso em 1528, mas cuja redação é anterior, correspondendo à sua experiência na corte de Guidobaldo da Montefeltro, em Urbino, no começo do Quinhentos. A centralidade da paciência como qualidade do homem prudente, e como postura social necessária, por sua vez, é o motivo presente em *De la vita de cortigiani, intitolato la patientia*, obra do nicodemita padovano Lucio Paolo Rosello, publicado em Veneza, em 1549.¹⁵⁶ Três livros que

¹⁵⁵ O primeiro foi escrito em 1607 e o segundo em 1608, em Turim.

¹⁵⁶ Rosello plagiava o *De patientia, seu vita aulica commentatio* escrito por Celio Calcagnini em 1544 conforme demonstrou VAGNONI, Debora, "Il plagio del *De patientia* di Celio Calcagnini nel secondo

testemunham a atenção por temas vinculados à vida palaciana, a qual demandava a incorporação de códigos de comportamento cautelosos, calculados, embora a condição especial de Rosello possa sugerir outras matrizes e outros objetivos.¹⁵⁷

A importância do *ethos* dissimulado do homem de corte não escapou ao nosso autor que, da dissimulação, chegou a dar uma definição em seu *Ragion di Stato*: "dissimulazione si chiama un mostrare di non sapere o di non curare quel che tu sai e stimi, come simulazione è un fingere e fare una cosa per un'altra";¹⁵⁸ neste exemplo, o agir dissimulado remete para o tema da prudência e do comportamento virtuoso do príncipe, podendo ser estendido aos homens que gravitam em torno do poder, e conheceu reflexões ulteriores, e de outro teor, em Torquato Accetto.¹⁵⁹ A categoria da prudência é das mais importantes no mundo renascentista, tendo uma semântica rica e nuançada. Quando associada ao príncipe, ela implica uma capacidade de prever e se adaptar às transformações dos eventos com uma escolha fundada no juízo, ou como dizia Castiglione, com o "giudicio d'elegger bene".¹⁶⁰ O tema da prudência no Botero político é central, mas aqui nos interessa a prudência como conduta no sistema das cortes, ligada, portanto, à dissimulação, à *accortezza*, e à gestão das aparências. Na mesma página do livro *Ragion di Stato*, naquela que pode, inclusive, ser considerada uma representação de si, Botero, ao deter-se sobre a política do segredo, observava que

"perché i consiglieri, e gli Ambasciatori, i Secretari, le spie, sogliono essere ministri ordinari de' secreti, debbonsi eleggere a cotali officii persone, e per natura e per industria, cupe e di molta accortezza".¹⁶¹

dei *Due dialoghi* di Lucio Paolo Rosello" in GIGLIUCCI, Roberto, (org), *Furto e plagio nella letteratura del classicismo*, Roma, Bulzoni, 1998. Existe uma versão eletrônica deste texto: http://www.disp.let.uniroma1.it/fileservices/filesDISP/347-355_VAGNONI.pdf consultado no dia 15/05/2012.

¹⁵⁷ Que a paciência seja um tema proposto por um nicodemita, isto é um homem que, por trás de uma adesão conformista à doutrina dominante, guarda um sentimento religioso não aceitado pela hierarquia eclesiástica, é algo que deixa pensar. Além de tudo, Otto Brunfels, um dos primeiros nicodemitas, dedicara à paciência uma seção de suas *pandectae*. Sobre o nicodemismo remetemos para o livro de GINZBURG, Carlo, *Simulazione e dissimulazione religiosa nell'Europa del Cinquecento*, Turim, Einaudi, 1970. Ver também o estudo clássico de CANTIMORI, Delio, *Eretici italiani del Cinquecento*, Turim, Einaudi, 1992.

¹⁵⁸ BOTERO, Giovanni, *La Ragion di Stato*, Roma, Donzelli, 2006, p 46.

¹⁵⁹ ACCETTO, Torquato, *Della dissimulazione onesta*. Sobre este escrito, que na época teve circulação limitada, Rosario Villari escreveu um livro que enxerga na dissimulação honesta uma forma de resistência à política de opressão na Napoli seiscentista. VILLARI, Rosario, *Elogio della dissimulazione*, Bari, Laterza, 1987.

¹⁶⁰ CASTIGLIONE, Baldassar, *Il libro del Cortegiano*, Veneza, Gabriel Giolito de' Ferrari, 1556, p 349.

¹⁶¹ BOTERO, Giovanni, *Ragion di Stato*, op cit, p 46.

Este trecho permite que nos aproximemos do retrato acima com outros olhos, procurando enxergar, ao lado dos traços psicológicos, a condição social de uma pessoa cujo ofício demandava uma atitude compassada.¹⁶² Todos os cargos citados, como veremos, foram recobertos com sucesso pelo piemontês após a saída da Companhia de Jesus.¹⁶³ Ao lado tanto de Carlos quanto de Federico Borromeo, seja na função de secretário, como também naquela de conselheiro, Botero adotará uma postura em prevalência sóbria, e não dará mais aqueles sinais de fúria que mostrara no período jesuítico, enquanto uma certa petulância voltará a se manifestar durante uma longa missão na corte espanhola realizada para Carlos Manuel, duque de Sabóia, no começo do século XVII: em Valladolid, o súdito piemontês se queixava por não ter sido nomeado primeiro secretário, anedota aparentemente fútil mas que revela o anseio pelo reconhecimento social. Para além deste e de outros incidentes ocasionais, qualidades positivas podem e devem ser conferidas a Botero que, nascido em uma família de condições modestas, soube ascender socialmente por mérito próprio no espaço fechado da corte dos Sabóia, onde a maior parte dos principais cargos de corte era coberto por membros de famílias nobres,¹⁶⁴ ou em um ambiente difícil e tenso como era aquele da Cúria romana, caracterizado por intrigas e maquinações.¹⁶⁵ Mas antes de alcançar um certo equilíbrio interior, em um percurso que foi demorado, ele amargará momentos decepcionantes ao longo da fase passada entre os inicianos.

1.4 A formação de um jesuíta errante

Com o desassossego que o caracterizava, durante os anos sessenta e setenta, o então jesuíta migrara de um colégio para outro, como estudante e como jovem professor de

¹⁶² Os tratados sobre o secretário sugeriam a máxima discrição por parte deste funcionário, inclusive na maneira de se vestir e na escolha das cores que deviam privilegiar os tons escuros. NIGRO, Salvatore, "Il segretario", in VILLARI, Rosario, *L'uomo barocco*, Bari, Laterza, 1991, p 96.

¹⁶³ Inclusive aquele de espião e agente dos espanhóis como argumentou Luigi FIRPO em "Boteriana II. Il Botero 'informatore' degli spagnoli", *Studi Piemontesi*, II, 1, 1973.

¹⁶⁴ MERLIN, PierPaolo, "La corte di Carlo Emanuele I" in RICUPERATI, Giuseppe, (org), *Storia di Torino*, vol III, Turim, Einaudi, 1998, p 279. A presença conspícua de nobres entre os cortesãos se explica pelo apoio necessário aos planos de expansão militar e como uma forma de controle sobre a aristocracia local. Para o cargo de secretário ou preceptor, no entanto, fazia-se necessário o recurso a um homem de letras. Além de Botero, o poeta Alessandro Tassoni exerceu a função na corte de Carlos Manuel.

¹⁶⁵ O próprio Botero foi alvo de uma trama orquestrada pelo monsenhor Goffredo Lomellini.

retórica e filosofia: Palermo, Roma, Amélia, Macerata, Milão, Padova, Genova, e, na França, Billom e Paris, foram etapas de estudo e ensino.¹⁶⁶ Um andarilho da Companhia cujas viagens provavelmente descortinaram aquele horizonte amplo que encontraremos nas *Relationi Universali* e que favoreceu um olhar mais abrangente sobre a realidade das coisas. Palermo o acolheu como aluno no primeiro ano de escola; aqui começou a estudar retórica e grego, mas foi no prestigioso Colégio Romano, em 1560/61 e, ali de novo, entre 1563 e 1565, que Botero aprimorou sua formação estudando dialética com Pedro Parra,¹⁶⁷ e, em seguida, filosofia natural com Diego Acosta,¹⁶⁸ e tendo como colega Roberto Bellarmino, futuro homem de ponta da Companhia de Jesus, que se tornaria, inclusive, reitor deste colégio. O modelo de ensino do instituto romano gozava de ótima reputação e formava bons estudantes, não obstante estes fossem ainda os anos iniciais da instrução jesuítica, anos de desafios e de organização que antecedem o programa, então em gestação, da *ratio studiorum*, o qual será codificado a partir dos anos oitenta. Obviamente, isso não quer dizer que, antes da maturação e normatização de um plano de estudos, os colégios vivessem na anarquia didática. As constituições de Polanco, de 1548, e a *ratio* borjana, de 1569, foram as primeiras tentativas de definir um sistema de regras. Como já dissemos, as matérias humanistas eram dominantes nos anos em que Botero estudou nos colégios da Companhia. A matemática, tão importante para a representação do espaço geográfico, não tinha muita visibilidade nos programas e, para que ela ganhasse uma proeminência maior, será necessário esperar as inovações trazidas pelo alemão Christophorus Clavius, jesuíta, professor no Colégio Romano, e cientista cuja competência orientou em modo decisivo a comissão gregoriana chamada a reformar o calendário.¹⁶⁹ Não obstante as tentativas de Nadal e Torres de formularem um programa de estudos científicos,¹⁷⁰ por muito tempo o ensino da matemática foi um "fato ocasional"¹⁷¹ entre os inicianos. É só a partir de Clavius que esta disciplina foi inserida nos programas, a começar dos anos oitenta, e com mais firmeza depois de

¹⁶⁶ Esta lista de cidades seria incompleta sem Pavia, onde, em 1582, Botero completou formalmente os estudos teológicos começados em Padova. Nesta data porém, Botero tinha já deixado a Companhia de Jesus.

¹⁶⁷ Considerado um dos melhores do Colégio Romano. SCADUTO, Mario, *L'opera di Francesco Borgia*, Roma, 1992, p 328.

¹⁶⁸ Sobre Diego Acosta encontramos como testemunho um elogio feito por Juan de Mariana. VILLOSLADA, Riccardo, S.I., *Storia del collegio romano*, Roma, 1954, p 59.

¹⁶⁹ A reforma do calendário gregoriano foi completada por Luigi Lilio, cabendo a Clavius um auxílio técnico fundamental que comportou inclusive a adoção de algumas correções no cálculo das epactas, isto é a diferença no número de dias entre o calendário solar e lunar.

¹⁷⁰ É oportuno lembrar que Nadal foi por algum tempo professor de matemática na Sorbonne, antes de ensiná-la em Messina.

¹⁷¹ GATTO, Romano, "L'insegnamento delle matematiche nella Compagnia di Gesù", op cit, p 439.

1593. A proposta do jesuíta de Bamberg demorou para ser aceita porque encontrou algumas resistências e dúvidas de natureza epistemológica dentro da Companhia; de fato, a batalha acadêmica em torno da disciplina colocava em questão sua cientificidade. Alguns jesuítas, como por exemplo o padre Benito Pereira, se diziam céticos quanto à sua capacidade de explicar as causas dos fenômenos naturais, reconhecendo-lhe apenas um valor descritivo, e preferindo-lhe a física aristotélica; inadequados para o estudo da natureza, os procedimentos matemáticos eram aplicáveis apenas a entes imateriais.¹⁷² De outro lado, Clavius defendia o status científico da matemática e sua força explicativa. O aristotelismo dos primeiros, que apelava ao poder demonstrativo do silogismo, e o platonismo do segundo, que conferia a esta disciplina parte importante no processo gnosiológico, justificava a divergência das posições. De acordo com Romano Gatto, o impasse foi superado quando o alemão conseguiu demonstrar a cientificidade da matemática em termos aristotélicos.¹⁷³ Sem entrarmos nos detalhes técnicos da explicação, este jesuíta argumentava que, partindo de princípios conhecidos, e tendo como objetivo aquele de chegar a conclusões controláveis, demonstradas a cada passagem, a matemática age como uma verdadeira disciplina científica, segundo a definição dada pelo estagirita nos *Segundos analíticos*. Mesmo sem recorrer aos procedimentos silogísticos da lógica aristotélica, a matemática respeita o rigor analítico, sendo sua coerência interna mais consistente que aquela do silogismo. Todavia, ainda que os matemáticos não usassem este procedimento lógico não quer dizer que as proposições não pudessem ser demonstradas silogisticamente. Como exemplo, Clavius provou que os teoremas da geometria de Euclides podiam ser reduzidos a silogismos, estando sujeitos a seu controle científico, e o mesmo podia ser feito com outras proposições matemáticas: "*Non solum Euclidis, verum etiam ceterorum mathematicorum*", confirmava este jesuíta.¹⁷⁴

Com a força da argumentação, Clavius defendeu a matemática também como disciplina fundamental na promoção de um conhecimento amplo, útil, e enraizado na realidade empírica. A grade curricular proposta por este jesuíta contemplava o estudo da matemática pura e das matemáticas aplicadas, ou *mixtae*, isto é, ótica, acústica, mecânica, astronomia. O estudo da geografia se colocava no âmbito destas matérias,

¹⁷² Ib, p 445.

¹⁷³ Ib, p 446.

¹⁷⁴ Ib, p 448.

conforme ele deixou escrito em seu *Ordo servandus in addiscendis disciplinis mathematicis*.

No século XVI, a atualização constante dos dados empíricos da geografia estimulava a rediscussão dos fundamentos teóricos da disciplina alimentando a circulação de manuscritos e publicações. As contribuições editoriais recentes não foram esquecidas por Clavius na hora de escolher a bibliografia para os cursos do Colégio Romano. Entre as cosmografias modernas foram adotados os livros de Pedro Nunes, o grande matemático e astrônomo português que Clavius teve modo de conhecer em Coimbra onde estudara nos anos cinquenta. Não faltaram também os tratados sobre a esfera como aquele de Regiomontanus, ou o *De sphaera* de Sacrobosco com os comentários do próprio Clavius. O compromisso didático deste jesuíta se traduziu na redação de apostilas destinadas aos cursos e, pelas anotações, sabemos que preparou uma cosmografia manuscrita, hoje perdida. O que faltou, e não por um esquecimento, mas por uma exclusão deliberada foi a *Cosmographia Universalis* de Sebastian Munster, cujo conteúdo anticatólico era agravado pelo luteranismo professado pelo seu autor. Apesar de algumas tentativas de expurgar o texto, que resultaram inclusive em uma edição em língua italiana revisada e publicada em Colônia em 1575,¹⁷⁵ o livro acabou sendo barrado pela censura eclesiástica, e a leitura deste como de outros escritos de Munster podia constituir um grande risco a julgar por um processo movido contra o poderoso arcebispo Filippo Mocenigo, denunciado por possuir um *Ptolomeu* com as anotações do geógrafo luterano.¹⁷⁶

Como mostra o caso de Terêncio relatado anteriormente, e agora este de Munster, existia uma forma de controle sobre a circulação de livros dentro da Companhia de Jesus, desde que Santo Inácio alertara para o perigo de certos autores, pedindo que as passagens pouco edificantes fossem cortadas.¹⁷⁷ E fora dos colégios, como vimos no começo do capítulo, a produção do saber passava por uma seleção de textos que estabelecia as leituras mais indicadas para os estudantes e os letrados em geral. Os livros de argumento geográfico escritos em área protestante estavam sujeitos à censura, a qual operava uma linha divisória entre uma visão católica e outra protestante do mundo. O estudo da geografia nos ambientes cristãos, portanto, era orientado não

¹⁷⁵ BESSE, Jean-Marc, "Quelle géographie pour le prince chrétien?", in *Laboratoire italien*, 2008, p. 142.

¹⁷⁶ FRAJESE, op cit, p. 330-331.

¹⁷⁷ BIASIORI, Luca, "Il controllo interno della produzione libraria nella Compagnia di Gesù e la formazione del Collegio dei Revisori generali (1550-1650)", in *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, 2/1, 2010.

apenas por critérios culturais e científicos, como também por preocupações religiosas que atestam uma concorrência entre as duas profissões de fé. A geografia edificante dos católicos teve um papel certamente formativo, e foi instrumento de propaganda e promoção das conquistas espirituais realizadas mundo afora. Botero exaltou a Igreja com a força da narração descritiva de suas *Relationi*, enquanto Possevino forneceu uma justificação teórica através do *Apparato all'Historia di tutte le nationi et il modo di studiare la Geografia*,¹⁷⁸ título, como podemos perceber, que juntava dois escritos; originariamente independentes, estes faziam parte da *Biblioteca Selecta*, sendo que a geografia aparecia na seção reservada à matemática - como queria Clavius. Poucos anos depois, este pequeno texto será editado em italiano junto com a parte sobre a história, uma operação em si significativa, pois, na visão de Possevino, a geografia estreita uma relação com esta disciplina. Voltaremos sobre o assunto no próximo capítulo, por enquanto nos interessa evidenciar que a posição de Possevino reflete uma postura da Igreja, a qual, a partir da segunda metade do século XVI, aumentou seu interesse pela geografia emoldurando a narrativa desta disciplina, e as representações da cartografia, dentro de um quadro espiritual que o sustentasse, que lhe conferisse significado. Um interesse ideológico e pragmático investiu o ecúmeno, cuja incorporação no plano do conhecimento foi realizada no plano de uma narrativa ora apologética dos sucessos cristãos, ora exegética, sendo que Botero se valeu das duas, como veremos.

Vamos deixar os aspectos evangélicos para o próximo capítulo, e vamos determos mais um pouco sobre o estudo da geografia nos colégios dos inacianos e sua utilidade. Com efeito, uma ordem dedicada a divulgar a palavra de Deus mundo afora precisava de noções geográficas; por sua vez, os missionários eram solicitados a darem mais atenção ao território onde atuavam, informando as características da região, seu clima, sua posição geográfica, a cultura de seus habitantes, conforme sabemos por uma carta de Santo Inácio ao padre Manuel da Nóbrega citada por François Dainville.¹⁷⁹ Esta nova atenção para a geografia se encontra também na aplicação do espírito missionário de Matteo Ricci que usava globos e cartas geográficas durante sua estadia chinesa, em função de uma aproximação para com a cultura daquele império.

¹⁷⁸ POSSEVINO, Antonio, *Apparato all'Historia di tutte le nationi et il modo di studiare la Geografia*, Venezia, Gio. Battista Ciotti senese, 1598.

¹⁷⁹ DAINVILLE, *La géographie des humanistes*, Genebra, Slatkine reprints, 1969, p 66.

O saber da geografia era baseado na conjectura, no raciocínio, todavia, a experiência de uma ordem religiosa itinerante como foi aquela dos jesuítas começava a oferecer elementos relevantes para ulteriores ponderações teóricas. Como escreve Dainville, erudição e experiência cooperavam para elaborar as bases da geografia científica,¹⁸⁰ tendo as viagens missionárias um papel significativo no conhecimento do mundo.

O epistolário jesuítico foi um suporte documentário importante na aquisição de informações sobre realidades exóticas e na construção do imaginário geográfico de gerações de leitores, inclusive de Botero que, de fato, recorreu a estas fontes para seus escritos. Como se deu então a formação geográfica do futuro autor das *Relationi Universali*? Botero não pode ser considerado um geógrafo de profissão, mas um homem de Igreja que se serviu desta disciplina. Ele não recebeu um treinamento científico neste sentido, nem ensinou cosmografia. Todavia, além das *Relationi Universali*, Botero escreveu o tratado *Relatione del mare*, que o grande geógrafo italiano Roberto Almagià considerava como o primeiro tratado de oceanografia.¹⁸¹ Esta condição de outsider não caracterizava apenas Botero, e, de fato, a geografia chegou a ser praticada por polímatas. O autor da *Descrittione di tutta Italia*, Leandro Alberti não era um geógrafo e nem podia contar com a preparação que Botero teve no Colégio Romano. Diferentemente de muitos autores, Alberti era um frade e inquisidor¹⁸² cuja cultura mediana se reflete no estilo em que foi redigido seu tratado.¹⁸³ Se a geografia podia ser escrita por não especialistas, não quer dizer que se tratasse de pessoas culturalmente desprovidas. Mesmo que Alberti não fosse um grande pensador, estamos falando, em geral, de humanistas, pessoas cultas, com cognições vastas. Como os grandes eruditos do século XVI, os conhecimentos do nosso autor abraçavam vários domínios do saber. Outros nomes da cosmografia renascentista também contavam com formações e experiências heterogêneas, ou que nos parecem distantes da geografia: Girolamo Fracastoro, Oronce Finé, Giuseppe Rosaccio, Joachim de Watt (Vadiano), Sebastian Munster, tinham todos estudado e praticado a medicina. Este último era, além de tudo,

¹⁸⁰ Ib, p 34.

¹⁸¹ ALMAGIÀ, Roberto, *Scritti geografici*, Roma, Edizioni Cremonese, 1961, p 190.

¹⁸² Em uma carta a Alessandro Farnese, Paolo Giovio deu uma definição de Alberti como "dolce cosmografo e brusco inquisitore, leccardo del arrosto di carne umana", apud DONATTINI, Massimo "Introduzione", in DONATTINI, Massimo, (org), *L'Italia dell'inquisitore. Storia e geografia dell'Italia del Cinquecento nella 'Descrittione' di Leandro Alberti*, Bologna, Bononia University Press, 2007, p xiii.

¹⁸³ "Lo strumento linguistico risente della parlata alla buona di un predicatore bolognese", diz PROSPERI, Adriano, "L'Italia di un inquisitore", in DONATTINI, Massimo, (org), *L'Italia dell'inquisitore*, op cit, p 3.

teólogo e professor de língua hebraica na universidade de Basileia. Não deve causar surpresa esta variedade de disciplinas, e um exame atento mostrará como o percurso que levou estes eruditos a cultivar a cosmografia tinha mais coerência do que podemos imaginar. A medicina galênica, muito influente no século XVI, acreditava na influência dos astros sobre o corpo humano, visto como um microcosmo.¹⁸⁴ Ela pressupunha um elo com a astronomia que por sua vez era necessária para a realização dos cálculos das distâncias geográficas. Nosso olhar tende a separar a geografia dos outros saberes, mas a prática renascentista puxava para uma coabitação de ciências. Isto não quer dizer que o homem renascentista não soubesse distinguir entre antropologia, história e geografia, mas era uma distinção gnosiológica que não tinha a necessidade de operar uma separação no plano da pesquisa. É certamente difícil conferir atestados de cientificidade sem incorrer em algum tipo de anacronismo. É possível delinear as fronteiras da profissão geográfica no século XVI? Quais eram suas bases? E seus métodos? As coisas podem parecer mais complicadas porque já no século III, Ptolomeu tinha dado uma definição objetiva do que era geografia. Para o alexandrino, a geografia consiste no cálculo das coordenadas de um determinado número de lugares. É uma definição extremamente precisa, deixando claro que o geógrafo deve ser versado nos estudos astronômicos e matemáticos, os quais fornecem elementos e técnicas de trabalho. De acordo com Rheticus, apenas os matemáticos que seguem os passos de Ptolomeu podem reformar a geografia. Mas nem todo mundo estava de acordo com ele, ou melhor, seguia seus conselhos: aqueles que escreviam de geografia na Renascença não parecem ter seguido estas recomendações. Um dos primeiros divulgadores de Ptolomeu, Francesco Berlinghieri, ao apresentar a matéria, traía sua concepção geográfica. Na dedicatória das *Sette giornate della geografia*, uma obra em rima que é uma variação sobre o tema da geografia do alexandrino, Berlinghieri afirmava que ia tratar do sítio da Terra e das posições dos lugares, até aqui em conformidade com as recomendações de Ptolomeu; em seguida, porém, se afastava dele e acrescentava que a geografia esclarece a etimologia dos nomes, pesquisa os costumes diferentes dos nossos, narra as ações dos homens famosos. Berlinghieri, considerado por Marica Milanesi como um representante

¹⁸⁴ COSGROVE, Denis, "Images of Renaissance Cosmography, 1450-1650", in WOODWARD, David, (ed), *The History of Cartography. Volume three. Cartography in the European Renaissance*, Part 1, Chicago, University of Chicago Press, 2007, p 60. Na mesma página, este autor observa que os teatros anatômicos em Bologna e Leida reproduziam, em sua arquitetura, um mapa cósmico.

do ficinianismo,¹⁸⁵ ao optar por um tratamento excêntrico deste tipo, introduz outra figura fundamental na história do pensamento geográfico: Estrabão. De fato, Berlinghieri cumpre uma síntese entre Estrabão, Ptolomeu, e os interesses filológicos dos humanistas, síntese que abre a geografia a um uso extremamente variado. Sempre para Milanesi a síntese proposta por este florentino caracterizará a geografia renascentista.¹⁸⁶ Os *Ptolomeus* editados no século XVI realizaram esta integração entre geografia histórica e matemática, uma união entre "as coordenadas e as distâncias de Ptolomeu e as descrições de Estrabão e Plínio".¹⁸⁷ Um corpus contraditório porém unificável, de acordo com esta historiadora.¹⁸⁸ Será necessário esperar o século XVII para que os geógrafos começassem a se diferenciar como comunidade científica. Quem se encarregará de definir objetivos e metodologias será Varenius com sua *Geographia generalis*. Até ele, a disciplina geográfica era algo diferente do que é hoje para nós, uma disciplina que coagulava saberes. História, antropologia, meteorologia, astronomia, astrologia, frequentavam um campo aberto. No século XVII, a consciência de que a geografia é algo autônomo começa a se enraizar, conforme mostra Augustin Lubin em seu *Mercure géographique*, no qual podemos ler que "depuis que l'on a séparé la Géographie de la Cosmographie, on ne trace plus le Zodiaque sur le Planisphères, parce qu'il n'est pas nécessaire pour la description de la Terre".¹⁸⁹ Milanesi chega a dizer que há apenas uma relação de homonímia entre a geografia renascentista e aquela atual.¹⁹⁰ Giorgio Mangani também faz uma distinção clara entre geografia antiga, com sua base retórica e persuasiva, e geografia moderna com uma orientação científica bem delineada.¹⁹¹ No século XVI, ao contrário, não havia um consenso quanto ao status da disciplina.

Voltaremos a tratar do estatuto científico da geografia no quarto capítulo, por enquanto nos interessa ver que as noções geográficas que Botero recebeu no Colégio Romano eram espalhadas em disciplinas heterogêneas: desde as *humaniores litterae* até

¹⁸⁵ MILANESI, Marica, "Geography and Cosmography in Italy from XV to XVII Century", in *Memorie della società astronomica italiana*, LXV, 2, 1994, p 445.

¹⁸⁶ "This attempt at a synthesis and rebirth of lost or deteriorated knowledge is, in my opinion, the new characteristic of what now, at the end of the XV century, is for the first time called geography, and which is first expressed (unsuccessfully, but that is not the point) in the work of Berlinghieri", *Ib*, p 445.

¹⁸⁷ "sembra che per il pubblico dei non specialisti l'ideale sia piuttosto rappresentato da una *Geografia* che unisca le coordinate e le distanze di Tolomeo con le descrizioni di Strabone e di Plinio", MILANESI, Marica, *Tolomeo sostituito*, Milão, Unicopli, 1984, p 12.

¹⁸⁸ *Ib*, p 13.

¹⁸⁹ LUBIN, Augustin, *Mercure géographique ou le guide du curieux des cartes géographiques*, apud BESSE, Jean-Marc, *Les grandeurs de la Terre. Aspects du savoir géographique à la Renaissance*, Lyon, Ens, 2003, p 35.

¹⁹⁰ MILANESI, Marica, "Geography and Cosmography in Italy from XV to XVII Century", *op cit*, p 444.

¹⁹¹ MANGANI, Giorgio, *Cartografia morale. Geografia, persuasione, identità*, Modena, Franco Cosimo Panini, 2006, p 15.

o curso de filosofia natural. No período em que o nosso autor estudou no Colégio Romano, o contato com a geografia se dava marginalmente, sendo realizado prevalentemente dentro do estudo do latim, da retórica e da filosofia natural. Provavelmente, Botero acompanhou as discussões do padre Toledo sobre a *Meteorologia* de Aristóteles. Naqueles anos, o padre Parra dava aulas sobre outra obra de Aristóteles, o *De Caelo*, livro que colocava questões cosmográficas fundamentais, tais como a grandeza e a divisão da terra em áreas habitáveis. Este livro servia também para entender certas questões enfrentadas por geógrafos do mundo antigo como Eratostenes e Ptolomeu. Mas a geografia era apreciada especialmente dentro dos estudos literários. Botero deve ter conhecido uma geografia mais humanista, de matriz estraboniana. Ao estudar os clássicos da literatura latina havia digressões sobre temas geográficos, uma geografia que não era matemática,¹⁹² mas descritiva e auxiliar da filologia. Que a geografia descritiva pudesse ser entendida no campo literário é confirmado pelo padre Polanco que, além do latim e do grego, cita a retórica, a poesia, a história e a cosmografia como partes das humanidades.¹⁹³ Além de autores que apresentavam em sua prosa elementos geográficos, como, por exemplo, Homero, havia obras geográficas usadas para o estudo da retórica: entre elas, o *De Situ orbis* de Pomponio Mela, cujo estilo era admirado particularmente por Petrarca.¹⁹⁴ Este último era apaixonado por geografia e sabemos que colecionava mapas. É oportuno lembrar que, desde o seu primeiro representante, o humanismo italiano manteve sempre uma relação de simpatia com esta disciplina pelo auxílio que ela fornecia à filologia. Já um precursor do humanismo como Boccaccio escrevera o *De montibus*,¹⁹⁵ um dicionário de topônimos do mundo antigo, um repertório de imagens utilizado para memorizar informações literárias.¹⁹⁶ E foi com o mesmo espírito de Boccaccio que os florentinos do Quatrocentos liam Ptolomeu. A geografia do alexandrino, de fato, foi admirada mais pela riqueza de nomes geográficos do que pela sua importância metodológica. Era uma abordagem filológica aquela que aproximou Palla Strozzi, Niccoli e outros humanistas a esta grande obra geográfica, a qual era percebida como um documento de interesse

¹⁹² DAINVILLE, op cit, p 61. Ver também p 76.

¹⁹³ Ib, p 65

¹⁹⁴ Ib, p 66.

¹⁹⁵ O título completo é *De montibus, silvis, fontibus, lacubus, fluminibus, stagnis seu paludibus, et de diversis nominibus maris*, escrito entre 1355 e 1360.

¹⁹⁶ Mangani diz que os lugares de Boccaccio são *loci* retóricos. MANGANI, Giorgio, op cit, p 72.

antiquário.¹⁹⁷ Com ela os florentinos podiam "reconstruir aquele mundo descrito nos textos clássicos que tanto admiravam".¹⁹⁸ Gautier Dalché traz alguns exemplos que mostram como Ptolomeu era associado a Plínio e Pomponio Mela, em questões filológicas e antiquárias, enquanto sua revolução espacial não era ainda advertida nos círculos humanistas da cidade. É preciso ter em mente estes aspectos que podem parecer anedóticos, supérfluos, pouco importantes na evolução do pensamento geográfico. Podemos pensar que o aspecto mais relevante em Ptolomeu seja sua visualização do espaço, seu sistema de projeções, seu cálculo de um ponto no espaço cartográfico. Certamente estas questões técnicas e científicas foram enfrentadas pelos geógrafos renascentistas, mas precisamos acompanhar o ritmo lento da recepção desta obra e todos os seus usos, de acordo com os gostos de então, e não com os nossos, gostos que eram aliás variados. Gautier Dalché observa justamente que inicialmente "Ptolomeu não foi enxergado como um geógrafo que realizou um passo marcante em direção a uma maior objetividade científica".¹⁹⁹

As maneiras como a geografia era apresentada resultava em soluções diferentes de praticá-la. De fato, na geografia empregada por Botero, a retórica prevalecerá sobre o cálculo, a observação sobre a medição. Este tipo de formação geográfica influenciará a abordagem de Botero a esta disciplina e o deixará mais livre dos debates técnicos que interessavam seus adeptos de profissão, aqueles para os quais apelava Reticus.

Há ainda outro aspecto a ser considerado sobre a geografia, e mais especificamente uma visão cristã das coisas terrenas. Trata-se do tema do *Contemptus Mundi*, pelo qual o mundo é objeto de uma visão pessimista que o desvaloriza. Lugar de pecado, mas também de transição para um mundo melhor, o mundo é um palco ambivalente onde atuam as forças contrapostas do demônio e de Deus. Esta doutrina antiga terá uma recepção natural entre a espiritualidade jesuítica com sua ênfase na meditação, e se ligará às reflexões sobre o pecado, a morte e a redenção, conforme observou Agnolin.²⁰⁰ A influência desta concepção, que é mística e estoica, foi grande em Botero,

¹⁹⁷ A recepção de Ptolomeu pelos modernos foi tema de dezenas de pesquisas. A nosso ver, a mais importante é aquela recente de GAUTIER DALCHÉ, Patrick, "The reception of Ptolemy's *Geography* (end of the Fourteenth to beginning of the Sixteenth century)", in WOODWARD, David, (org), *The History of Cartography*, volume three, *Cartography in the European Renaissance*, part 1, Chicago, University of Chicago Press, 2007. A interpretação deste autor, influenciado pelos estudos de Milanesi, problematiza e relativiza a ideia de que Firenze foi uma das capitais do conhecimento geográfico, ideia presente em Almagià e em Numa Broc.

¹⁹⁸ GAUTIER DALCHÉ, Patrick, op cit, p 295.

¹⁹⁹ "Ptolemy the geographer was not seen as marking a step toward greater scientific objectivity", Ib, p 296.

²⁰⁰ AGNOLIN, Adone, op cit, p 208-209.

especialmente em suas primeiras tentativas de escrever sobre temas mundanos. E, de fato, ele publicou uma obra de geografia moral com este título (*Disprezio del mondo*) como veremos no próximo capítulo. Estes três aspectos que isolamos, isto é a cultura científica que está por trás da prática geográfica, o lado religioso, a doutrina do *contemptus mundi* podem ser encontrados na produção de Botero. O último tema é presente na geografia moral do *Disprezio del mondo*, o segundo inspira seu primeiro escrito geográfico sobre a predicação universal, enquanto as *Relationi Universali* revelam uma prática discursiva da geografia influenciada por um tipo de abordagem: a geografia estraboniana e as relações dos embaixadores venezianos. Este último tipo de produção nos alerta para o fato que os conhecimentos geográficos de Botero não foram adquiridos exclusivamente dentro dos colégios. Retomando algumas considerações de Jean-Marc Besse, podemos afirmar que houve vários espaços na formação geográfica de Botero. O espaço da leitura foi um dos mais importantes. A este temos que acrescentar aquele da troca epistolar que também propiciou ao nosso autor informações preciosas. Finalmente, reconhecemos um espaço que Besse, em seu estudo sobre Munster, não podia considerar, e que definimos como o espaço institucional, que de certa forma aproxima o piemontês de Ramusio. Como mostraremos no terceiro capítulo, Botero ocupou cargos de secretário e conselheiro que o colocavam no centro das dinâmicas do poder, garantindo-lhe um contato direto com o mundo.

* * *

O colégio jesuítico providenciou também as primeiras experiências didáticas de Botero, que foram realizadas em instituições periféricas da Companhia, quando ainda não tinha completado sua formação. O ambiente destas escolas devia ser diferente daquele romano. Se o plano de estudos descontava as incertezas dos momentos iniciais, o mesmo se dirá das escolas; nem sempre e nem todas satisfaziam os planos da Ordem. De acordo com John O'Malley, os colégios enfrentavam carência de recursos humanos, uma escassez endêmica²⁰¹ que exigia versatilidade por parte do corpo docente, chamado a praticar uma forma de rodízio, ministrando matérias diversas.²⁰² O próprio Botero, que em Billom deveria ensinar retórica, acabou dando aulas de filosofia por falta de professores e por não ter suficiente domínio do idioma. De fato, enquanto a

²⁰¹ O'MALLEY, John, *The first jesuits*, op cit, p 227.

²⁰² Ib, p 231.

filosofia podia ser ensinada em latim, a retórica demandava o conhecimento do vernáculo. Em Macerata, onde estreou no ensino entre 1562 e 1563, e proferiu um curso sobre a retórica de Aristóteles, o problema manifestou-se no tocante aos alunos, que eram escassos.²⁰³

As transferências a que Botero era submetido tinham fundamentalmente dois objetivos: de um lado, aproveitar as qualidades intelectuais e didáticas que lhe eram atestadas, de outro, em alguns casos pelo menos, usar as mudanças como uma solução para resolver problemas disciplinares e apaziguar as inquietações do espírito. Francisco Borja destinara Botero para Macerata com o objetivo de "torlo dal corso che aveva bisogno di aiuto". Chabod acredita que a ajuda fosse de tipo moral. E que Macerata fosse também uma forma de castigo podemos deduzi-lo de outra passagem da carta de Borja, onde o padre escreve "se non muta modo di procedere può star sicuro che in Roma egli non verrà già a finir i suoi studii".²⁰⁴ Se o envio em 1561 para Amelia, e aquele sucessivo para Macerata, pequenas cidades da Itália central, respondiam a uma tentativa de remover conflitos pouco claros, e eram uma forma de castigo, a volta a Roma se justificava com o fato de os inicianos não quererem perder uma figura que podia dar "ornamento et splendore" à Companhia.²⁰⁵ Em setembro de 1563, o jovem jesuíta retornava, na condição de aluno, para o Colégio Romano, dando assim continuidade ao curso de filosofia natural até o verão de 1565 quando era convocado para sua primeira viagem transalpina, esta sim uma promoção pelos progressos conseguidos.

1.5 A fama e a decepção

Na França, Botero permaneceu ao todo por quatro anos, sendo que os primeiros três foram no colégio de Billom, um antigo centro no Auvergne, no qual deixou boa impressão entre seus superiores.²⁰⁶ Tanto Manareo quanto Guido Roillet, este último reitor do colégio francês, falam de forma positiva sobre o italiano. A partir de 1568, Botero era destinado a um instituto da Companhia em Paris, onde suas aulas de retórica melhoravam na medida em que aumentava sua familiaridade com a língua francesa,

²⁰³ Neste mesmo colégio, em 1561, ingressara Matteo Ricci, mas não é dado saber se foi aluno de Botero.

²⁰⁴ CHABOD, Federico, op cit, p 273.

²⁰⁵ Ib, p 273.

²⁰⁶ Ib, p 274.

contribuindo a reforçar a estima de alunos e colegas por este professor que, segundo um raro elogio de Chabod, era insubstituível.²⁰⁷ Em uma cidade como Paris, culturalmente mais interessante que Billom, o retórico brilhante projetou suas qualidades intelectuais para além da Companhia de Jesus, dando passos importantes em direção a outros segmentos sociais e culturais; aqui começou a ganhar notoriedade graças a seu estro poético apreciado por alguns eruditos. O reconhecimento de sua doutrina agora não se limitava mais a um parecer encomiástico emitido por um padre, mas extrapolava o recinto jesuítico para receber o aval de uma sociedade culta mais ampla. Três poemas escritos em 1566 - portanto quando ainda se encontrava em Billom - para homenagear o médico alemão Johann Post, que mais tarde os publicará nos *Parerga poetica*,²⁰⁸ revelam como seu nome começava a circular pela Europa.

Ao chegar em Paris, o jovem piemontês oferecia seu talento literário para escrever epigramas e proêmios de livros, um ganha-pão bastante comum na cidade francesa,²⁰⁹ e que encontrava os padres da Companhia divididos quanto à sua conveniência. Se Oliviero Manareo estava de acordo com estes compromissos literários, Francisco Borja os julgava pouco oportunos, declarando que "il fare epigrammi maestro Botero quando è ricercato per li principii de li libri che si stampano, deve sparagnarsi quanto si potrà".²¹⁰ Uma diversidade de opiniões que reflete posições divergentes no seio da Companhia quanto aos limites do *excursus* literário e da liberdade da composição. Possevino, por exemplo, tinha aversão à poesia épica por ele considerada um artifício do demônio.²¹¹ Esta consideração de Possevino não deve surpreender. Uma pessoa influente como Giovanni Pico della Mirandola, sobrinho do mais famoso Pico, em seu *De studio divinae et humanae philosophiae*, de 1505, condenava a poesia em geral como hostil ao espírito do cristianismo.²¹² Tanto Manareo quanto Borja mostravam ainda uma preocupação comum com relação ao tipo de livros prefaciados pelo jovem jesuíta, cujas atividades parisienses eram monitoradas atentamente.

²⁰⁷ Ib, p 274. Provavelmente Chabod retoma e amplifica as preocupações de Borja e Manareo quanto à possibilidade de encontrar um substituto depois da saída de Botero do colégio parisiense. Em uma troca de cartas entre os dois jesuítas, Borja escrevia: "da ritrovare chi legga la rhetorica in Parigi acciò il Botero si mandi in Italia, si farà diligenza, ma è molto difficile." carta a Manareo de 14/08/1569 em CHABOD, op cit, p 436.

²⁰⁸ Apud FIRPO, Luigi, "Giovanni Botero", dicionário biográfico on line www.treccani.it. A publicação dos *parerga* se deu em 1580.

²⁰⁹ É quanto afirma Manareo em uma carta a Francisco Borja de 1569. CHABOD, op cit, p 274.

²¹⁰ Ib, p 274.

²¹¹ ANSELMi, Gian Mario, "Per un archeologia della *Ratio*: dalla 'pedagogia' al 'governo'", in BRIZZi, Gian Paolo, (org), *La Ratio Studiorum. Modelli culturali e pratiche educative dei gesuiti in Italia tra Cinque e Seicento*, Roma, Bulzoni, 1981, p 18.

²¹² FRAJESE, Vittorio, op cit, p 33.

Embora nosso autor seja conhecido e estudado como pensador social e político, sua introdução em ambientes sociais importantes antecedeu sua teoria da Razão de Estado - que certamente aumentará e consagrará a fama - e teve princípio com versos poéticos como estes, realizados sob comissão ou por iniciativa própria. Foi a sedução da palavra rimada que abriu as portas para o convívio social de grande alcance. Com estes escritos hoje esquecidos e de qualidade literária banal, tanto perfeitos na construção métrica quanto carentes de "vigor íntimo",²¹³ o jesuíta aumentava sua notoriedade como criador de versos - um "poeta più che mediocre" no julgamento do padre Polanco²¹⁴ - assim como perseguia sua autopromoção social. Podia ser uma composição épica como aquela escrita ainda em Paris para os Guise - partidários dos católicos na luta contra os huguenotes -²¹⁵ a divulgar seu nome na comunidade letrada, ou um panegírico de 1573 que celebrava a coroação de Henrique de Valois como rei da Polônia.²¹⁶ Esta composição solene foi impressa em latim em uma tipografia de Cracóvia com o título *In Henricum Valesium Carmen*, com dedicatória a Piotr Kostka, cujo papel na sua publicação é tema de controvérsias.²¹⁷ Kostka era um jesuíta polonês, estudara em Padova nos anos cinquenta, e esteve em Paris no mesmo período que o piemontês; aqui os dois se frequentaram na onda de interesses eruditos e políticos comuns,²¹⁸ e deram início a uma amizade que provavelmente favoreceu a recepção da obra boteriana na Polônia.²¹⁹ Canônico de Cracóvia e secretário régio, Kostka era membro de uma família importante, aparentada com casas nobres da Alemanha e Transilvânia. Botero manteve contatos duradouros também com os irmãos de Piotr. Paolo Kostka, um deles, é citado no livro *Detti memorabili*, de 1614, como cavalheiro habilidoso que fundou um hospital e dedicou seus últimos anos à assistência dos pobres.²²⁰ E Stanislão, também conhecido em Paris, era governador de Marienburg, cidade alemã no Báltico, quando foi prestigiado por Botero com o tratado *Relatione del mare*, de 1598, a ele dedicado em sinal de reconhecimento pela antiga amizade perpetuada nas correspondências e

²¹³ "La vena poetica del Botero era fievole: non privi di decoro i versi, e talora anche di certa esteriore abilità costruttiva; ma ben privi di qualsiasi vigore intimo", CHABOD, op cit, p 285.

²¹⁴ Carta de Polanco a Manareo de 1565, Ib, p 274.

²¹⁵ Poema que será publicado anos depois como parte de seu *De regia sapientia*.

²¹⁶ Um exemplar raro se encontra na Biblioteca Ambrosiana em Milão.

²¹⁷ Firpo acredita na participação de Kostka na publicação do poema. Tadeusz Glemma, ao contrário, afirma que Mateusz Piskorzewski foi o futor da publicação. Para detalhes ulteriores ver BIELANSKI, Stefan, "La biografia storica in Botero", in BALDINI, Enzo, op cit, p 151.

²¹⁸ Kostka, assim como Botero, foi partidário dos católicos nas guerras de religião e teve parte ativa nelas. BIELANSKI, Stefan, op cit, p 153.

²¹⁹ As *Relationi Universali* conheceram uma edição polonesa, em 1609, na tradução do franciscano Pawel Leczycki.

²²⁰ BOTERO, Giovanni, *Detti memorabili divisi in tre parti*, Turim, 1614, p 365-366.

reforçada pelos presentes enviados.²²¹ É oportuno lembrar que os Kostka não foram os únicos amigos poloneses de Botero. Há ainda o nobre Fabiano Konopacki, sobre o qual quase nada sabemos, a não ser uma referência do nosso autor que italianiza o sobrenome em Conopaschi.²²² Outra personalidade a ele próxima era o cardeal Andrzej Bathory - sobrinho do rei de Polônia Estevão I -²²³ conhecido pessoalmente em Lodi, perto de Milão, em 1584, ano em que lhe dedicou o *Dispregio del mondo*. Bathory foi também o destinatário de uma carta em latim sobre a morte de Carlos Borromeo, que terá grande difusão dentro e fora da Itália. Mas antes, Botero, como secretário de Borromeo e em nome dele, tinha escrito pelo menos três cartas a este prelado.²²⁴ Os exemplos apresentados - e outros serão considerados ao longo do nosso trabalho - revelam a construção de uma rede social cosmopolita que será mantida através da troca epistolar, e manifestam uma aproximação calculada em relação ao poder realizada pelo caminho das letras, uma estratégia que será repetida em outros momentos e sobre a qual voltaremos quando tratarmos da praxe das dedicatórias. Tanto o *carme* sobre Henrique de Valois, quanto o poema para os Guise, são produções literárias pouco importantes mas significativas para nós porque expressam uma atenção precoce de Botero para eventos políticos, ainda que, nesta fase, ele os tratasse com linguagem poética. Em segundo lugar, começamos a dar a devida importância a este circuito erudito europeu, que terá um papel significativo na formação de seu saber geográfico, providenciando dados empíricos que serão aproveitados em seus escritos, especialmente as *Relationi Universali*.

No momento em que Botero começava a ganhar um certo consenso, sua estadia francesa terminava abruptamente no verão de 1569 por causa de algumas imprudências por ele cometidas; em uma rivalidade interna ao colégio entre padres espanhóis e franceses, o piemontês tomara a defesa destes últimos, expondo-se mais do que devia, e exacerbando um clima já desgastado. O episódio fora considerado grave pelo padre escocês Edmundo Hay, reitor do colégio, a ponto de uma punição severa ser cogitada. À beira de ser expulso da Companhia, mais uma vez, o nosso jesuíta experimentava a humilhação do afastamento por razões disciplinares. Chamado de volta à Itália pelo padre Borja, que evitava medidas extremas, era enviado para Milão onde foi ensinar

²²¹ Tratava-se de âmbar, uma resina fóssil da qual o Báltico é particularmente rico. BOTERO, Giovanni, *Relatione del mare*, Roma, 1598.

²²² A referência se encontra na dedicatória do *Relatione del mare* a Kostka.

²²³ Estevão I sucedeu a Henrique de Valois depois de sua renúncia.

²²⁴ As cartas foram publicadas no epistolário de Carlos Borromeo.

retórica no recém criado colégio de Brera, e de lá ia para Padova, cidade em que, entre 1574 e 1577, completou sua formação com o estudo da teologia,²²⁵ mostrando como dentro da Companhia, ainda que com certas ressalvas, se apostava em seus dotes intelectuais.

Nestes anos, uma vez baixada a poeira, sua engenhosidade falando mais alto que suas intemperanças, Botero era promovido na hierarquia jesuítica, sendo considerado apto para celebrar a missa e julgado pronto para comentar a sagrada escritura; faltava-lhe, contudo, o último voto que nunca chegou a professar. Sua erudição, de fato, não era suficiente para vencer uma desconfiança latente que existia dentro da Companhia e que nos momentos determinantes freava suas aspirações, uma desconfiança alimentada pelo histórico de desobediências que mal combinavam com a estrutura vertical da ordem, e que, aos olhos dos inicianos, limitavam as virtudes do piemontês. No final dos anos setenta, a perpetuação de problemas disciplinares, e repetidas decepções, como a negação da profissão dos votos e a recusa de enviá-lo missionário,²²⁶ eclodiram em uma crise pessoal que levou o jesuíta a deixar a Companhia. Em 1579, um último episódio desencadeava a ruptura inevitável e irreparável. Assim como em Paris, Botero esteve no centro de uma disputa maior que ele, e na qual se envolveu subestimando as consequências. Desta vez o teatro dos acontecimentos foi Milão; aqui dominava a figura do cardeal, e futuro santo, Carlos Borromeo, que era também arcebispo da cidade. Se em Paris existia uma divisão interna à Companhia de Jesus, em Milão uma oposição doutrinária, relativa ao poder indireto *in temporalibus* do pontífice, contrapunha o rigoroso São Carlos ao jesuíta Giulio Cesare Mazzarino. Era este tio do mais famoso Giulio Mazzarino, conselheiro de Luís XIV. Giulio Cesare era de Palermo e entrara no colégio da cidade em 1559, no mesmo ano que Botero. Os dois se cruzaram outras vezes: em 1561, no Colégio Romano, nos anos setenta em Genova, e finalmente em Milão.

A teoria da *potestas indirecta* procurava definir as esferas de intervenção do pontífice romano no quadro das relações entre a Igreja e os Estados. Embora a Igreja não tivesse um poder fora de seus domínios, a natureza do poder espiritual justificava a ingerência romana no âmbito de outras nações quando as questões tocassem assuntos de

²²⁵ Em 1577, a universidade de Padova fechou por causa da peste, razão pela qual Botero só formalizará seu doutorado alguns anos mais tarde, em julho de 1582, na universidade de Pavia.

²²⁶ Botero manifestara a intenção de se juntar aos missionários em pelo menos duas ocasiões. A primeira em Padova, quando estava decidido a partir para a Alemanha. A segunda, em Genova, de onde pretendia ir para a América.

fé, sobre os quais o pontífice era árbitro máximo. O poder indireto do papa, avançado pelos inicianos e julgado herético por São Carlos Borromeo²²⁷ - defensor da *plenitudo potestatis* - será um tópico do pensamento jesuítico, encontrando sua formulação mais importante na teologia de Roberto Bellarmino.²²⁸ Ele estará presente também, de passagem e de forma menos articulada, na *Predica del regno di Christo* de Botero, de 1585,²²⁹ e orientará ideologicamente algumas páginas das *Relationi* em que o nosso autor estabeleceu a jurisdição espiritual da Igreja para além de um horizonte geográfico restrito. As aspirações universalistas da Igreja encontrarão, assim, em Bellarmino e Botero, dois porta-vozes engajados em discursos diferentes: teológico o primeiro, geográfico o segundo.²³⁰ Ainda que Botero tivesse deixado a Companhia de Jesus, mantinha uma linha de pensamento em sintonia com aquela do ex colega no colégio romano.

A contraposição entre Borromeo e Mazzarino chegou a um ponto dramático em março de 1579, quando o primeiro denunciou o siciliano ao Santo Ofício, iniciando um processo que se concluiria no mês de outubro do mesmo ano com a absolvição de Mazarino da acusação de heresia, mas com o afastamento da pregação por três anos.²³¹ Neste contexto delicado, em uma data imprecisa, mas que Chabod coloca entre abril e junho daquele ano,²³² se insere o incidente que prejudicou Botero; este, ao ler e comentar o salmo II sobre o reinado de Davi, na presença da hierarquia mais alta da diocese de Milão, negou o poder temporal de Cristo. A gafe, pronunciada no ápice da crise, só fez aumentar a irritação de Borromeo que não perdeu a ocasião para registrar suas queixas junto aos jesuítas. Botero talvez quisesse reforçar as posições doutrinárias de Mazzarino, mas, se este fora o propósito, seus superiores reputaram a tentativa de defesa inoportuna, e, para acalmarem a situação, tomaram a medida de remover o piemontês, causa da confusão, enviando-o para Turim. Aqui, perto de casa, desgastado e

²²⁷ Para Hubert Jedin, a concepção que Borromeo tinha acerca das relações entre o poder laico e eclesiástico era quase medieval. Apud DE CERTEAU, Michel, *Le lieu de l'autre. Histoire religieuse et mystique*, Paris, Gallimard, 2005, p 133.

²²⁸ A teoria da *potestas indirecta* foi apresentada por Roberto Bellarmino em seu *Tractatus de potestate Summi Pontificis in rebus temporalibus*, de 1610.

²²⁹ No qual lemos que "Christo, nel tempo de la sua mortalità, non regnò temporalmente". Esta predica foi publicada como apêndice ao *Dispregio del mondo*.

²³⁰ Para Descendre, Botero efetua uma operação parecida à de Bellarmino só que com uma linguagem diferente. Se Bellarmino enfrenta a questão do lado teológico, Botero usará as ferramentas da geografia. DESCENDRE, Romain, "Géopolitique et théologie. Suprématie pontificale et équilibre des puissances chez Botero", in *Il Pensiero politico*, XXXIII, n 1, Firenze, 2000, p 4.

²³¹ Sobre estes aspectos da vida de Mazzarino consultamos o dicionário biográfico on line www.treccani.it

²³² CHABOD, op cit, p 278.

contrariado pela enésima decepção, Botero passou pouco mais de um ano sobre o qual temos poucas notícias, pelo menos até a primavera de 1580, quando ficamos sabendo que reagiu mal à decisão de ser transferido para a missão de Saluzzo, no marquesado homônimo, e que dentro de poucos anos se encontraria sob o domínio dos Sabóia; esta missão jesuítica tinha sido apenas criada em uma região fronteira onde o credo valdense era bastante difundido. Os padres pensaram de enviar Botero por ele ser "atto quanto nessuno che vi sia per questa missione".²³³ Com efeito, Saluzzo ficava a pouca distância de sua cidade natal, Bene. Além do fato de ser "del Piemonte", Botero "ha prattica di Ugonotti et sa la lingua francese et è pure versato in controversie et è stato in Francia".²³⁴ Botero, porém se recusou e tentou uma apelação a Roma; uma vez frustrada esta possibilidade, em um clima de tensão crescente e com uma cólera que mal conseguia controlar, os padres se viram forçados a isolá-lo na prisão por dois meses, passados os quais o nosso autor pedirá as demissões.²³⁵ A esta altura os inicianos julgavam irrecuperável o homem, cujos maus humores aportavam apenas "gran danno".²³⁶ Assim, em setembro de 1580, depois de servir a Companhia de Jesus por mais de vinte anos, entre altos e baixos, sua experiência com os inicianos chegava a uma conclusão que certamente não foi indolor. As ambições frustradas, no entanto, não o deixaram ressentido, tanto que contatos com ambientes jesuíticos foram mantidos e, no final da vida, parte importante de seus haveres foram destinados a institutos lombardos da Companhia de Jesus através de algumas doações.²³⁷

²³³ Carta do Padre provincial Peruschi a Mercuriano de 30/03/1580. Em CHABOD, op cit, p 280.

²³⁴ *Ib*, p 280

²³⁵ CHABOD traz uma documentação que detalha momentos dramáticos entre Botero e os padres da Companhia. Op cit, p 442-444.

²³⁶ Carta de padre Mercuriano ao padre provincial Petruschi de 11/07/1580, em CHABOD, op cit, p 442.

²³⁷ Botero chegou a acumular um patrimônio digno de consideração. Uma parte foi dividida entre parentes, outra foi cedida aos jesuítas de Milão e de Cremona; Botero financiou também obras de caridade.

Capítulo 2

Geografia moral

Né solo ha questa navigazione confuso molte cose affermate dagli scrittori delle cose terrene, ma dato, oltre a ciò, qualche ansietà agli interpreti della scrittura sacra, soliti a interpretare che quel versicolo del salmo, che contiene in tutta la terra uscì il suono loro e ne' confini del mondo le parole loro, significasse che la fede di Cristo fosse, per bocca degli apostoli, penetrata per tutto il mondo.
(Francesco Guicciardini, 1609)²³⁸

2.1 Retórica e empenho religioso

Terminamos o primeiro capítulo com a ruptura entre o nosso autor e a Companhia de Jesus, evento que fecha uma fase biográfica conturbada, porém importante. De Turim, onde se consumiu o sodalício com uma saída honrosa,²³⁹ Botero mudou-se para Milão em setembro de 1580, na tentativa de se reaproximar de Carlos Borromeo, tentativa que se demonstrou bem sucedida. É pouco claro o motivo que levou São Carlos a ajudar Botero, mais curioso ainda é o fato deste último ter procurado aquela pessoa com a qual se desentendera, desencadeando uma série de eventos que causaram seu afastamento da ordem jesuítica. A escassa documentação não permite avaliar com precisão os fatos, como não deixa enxergar aqueles aspectos humanos de caridade e compaixão que, provavelmente, prevaleceram e foram decisivos na reconstrução da estima e no

²³⁸ GUICCIARDINI, Francesco, *Storia d'Italia*, [1609], Paris, Braudy, 1813, p 319.

²³⁹ Uma carta de Botero datada 30/11/1580 aponta para esta solução. CHABOD, op cit, p 444.

reestabelecimento de uma relação que será julgada como paterna pelo nosso autor.²⁴⁰ Sabemos que várias pessoas influentes tiveram uma parte determinante na reconciliação. Pessoas amigas, tanto de Milão, cidade em que Botero era "conosciutissimo",²⁴¹ quanto de Turim,²⁴² se mobilizaram a favor de um homem provado moral e fisicamente, e que neste momento precisava principalmente de conforto. Um cordão de solidariedade bastante eficaz a julgar pela boa conclusão dos fatos. Podemos acreditar também que não houvesse uma predisposição negativa de Borromeo contra o piemontês, o qual, uma vez deixada a Companhia de Jesus, podia disponibilizar aquelas qualidades oratórias que dominava tão bem para os projetos pastorais da diocese milanesa. Botero capitalizava as duas décadas passadas entre os inicianos com uma bagagem cultural expressiva e uma notoriedade conquistada principalmente por seus méritos retóricos, didáticos e literários. Um talento que, evidentemente, o arcebispo captou e pensou bem em cultivá-lo. A boa consideração, além de tudo, era antiga, como demonstra um parecer que este lhe pedira em 1578 sobre a legitimidade do cardeal Henrique de Portugal de se casar.²⁴³ Lembramos que um episódio de razão de Estado levava Dom Henrique a suceder ao sobrinho Sebastião, no trono português, depois dos fatos trágicos de Alcácer-Quibir que tinham deixado os súditos de Portugal órfãos do jovem rei. O casamento em questão se propunha a garantir um herdeiro à dinastia de Avis, e se esta possibilidade chegou a ser cogitada no país ibérico, ela esbarrou no aviso contrário do pontífice Gregório XIII, o qual não liberou Henrique de seus votos de castidade. Botero respondera com a fórmula latina *vade, age non ut iudex, sed ut episcopus*,²⁴⁴ portanto apontando uma solução que seria minoritária, mas não deixa de ser interessante o fato que São Carlos se dirigisse ao jovem jesuíta para um assunto de Estado tão delicado. Poucos meses depois de receber esta tarefa, ocorreu o incidente da leitura do salmo já relatado, pelo qual Botero caiu em desgraça aos olhos de Borromeo e

²⁴⁰ Na carta sobre a morte do cardeal enviada a Bathory, ele escreve que foi "privato di un tale e tanto padrone, o per dir meglio, padre". São Carlos morrera no dia 3 de novembro de 1584. No dia 10, Botero escrevera a carta em latim. Este trecho se encontra na versão italiana, publicada em Milão no dia 21 de novembro, e foi reproduzido por GIODA, Carlo em *La vita e le opere di Giovanni Botero*, volume I, Milano, Hoepli, 1895, p 100.

²⁴¹ Como ele mesmo afirma em uma carta a Manareo datada 30/11/1580. in CHABOD, op cit, p 445.

²⁴² No mesmo documento citado acima, Botero fala de um "gentilhuomo di non piccolo credito nella corte del Sig Duca di Savoia" que escreveu cartas a favor dele.

²⁴³ GIODA, Carlo, *La vita*, vol 3, p 51.

²⁴⁴ Com estas palavras Probo incitara um titubeante Santo Ambrósio a assumir o episcopado de Milão.

de seus ministros, deixando Milão como *persona non grata*;²⁴⁵ no entanto, à luz dos acontecimentos futuros, o incidente não causou uma ruptura definitiva, quanto uma suspensão da colaboração com o arcebispo, colaboração que agora, livre de outras obrigações, podia ser retomada com uma dedicação mais intensa.

Superadas as incompreensões iniciais, o piemontês voltou a ganhar a confiança de Borromeo, subindo, aos poucos, os degraus sociais da diocese. O ingresso na recém fundada congregação dos oblatos²⁴⁶ selou a repacificação com o arcebispo que soube valer-se das qualidades de Botero, nomeando-o, em 1582, secretário pessoal e inserindo-o entre seus colaboradores mais estreitos.²⁴⁷ Antes, porém, teve que aquietar aquele ânimo aflito e recuperar o sacerdote para o ofício cristão. Por isso, destinara-o a Luino, onde Botero, desde outubro de 1580, recomeçou a servir a Igreja a partir da função humilde de vice pároco, sendo, pouco tempo depois, promovido vigário forâneo, cargo que lhe conferia o monitoramento das atividades da paróquia local.²⁴⁸ No ambiente pacato do pequeno vilarejo no lago Maggiore, o ex jesuíta certamente reencontrou a serenidade perdida há muito tempo, como também pôde meditar sobre seus erros passados e começar a pensar nos planos futuros, que incluíam projetos literários novos e diferentes quando comparados com aqueles de natureza poética que o empenharam até então.

Passaram-se quase dois anos antes que Botero integrasse o grupo seleta do arcebispo, um tempo mais que suficiente para que certas mágoas fossem superadas definitivamente; podemos imaginar que esta demora jogou a favor do amadurecimento do nosso autor, como também de uma reconsideração por parte de Borromeo, o qual se decidiu a recrutar o ex jesuíta para cargos mais importantes depois de ter vencido certas restrições de princípio. Com efeito, São Carlos dizia que os jesuítas egressos da Companhia costumavam fracassar ("*non sogliono ordinariamente fare buona riuscita*"), e ele

²⁴⁵ Uma carta com data 10/09/1579, do visitador Morales a Mercuriano, informa que o cardeal e seus ministros tinham "poco gusto [...] di lui", isto é de Botero. CHABOD, op cit, p 445. Acreditamos tratar-se de uma opinião consequente do momento negativo que veio a criar-se entre Botero e a diocese.

²⁴⁶ A congregação dos "oblato di S. Ambrogio" tinha sido criada por São Carlos Borromeo, em 1578, e se caracterizava por um compromisso apostólico, tendo seu campo de ação concentrado na província eclesiástica da cidade lombarda. A participação de Botero na ordem foi limitada ao período passado ao lado de São Carlos.

²⁴⁷ Entre os mais próximos, lembramos os padres Pietro Galesini, protonotário apostólico e autor de um dicionário de latim. Francesco Adorno, jesuíta e confessor de Borromeo. Ele foi reitor do colégio de Brera, e autor de vários livros. Um deles, o *De ecclesiastica disciplina*, em dois tomos, foi encomendado por São Carlos. Finalmente mencionamos a colaboração de Francesco Panigarola sobre o qual voltaremos em breve.

²⁴⁸ De acordo com Firpo, em maio de 1581, Botero era já vigário, portanto depois de sete meses como vice pároco. FIRPO, Luigi, Giovanni Botero in DBI.

estava decidido a não aceitá-los em sua congregação ("habbiamo anco in questa compagnia degli Oblati disegnatò di non ricevere quelli che sono usciti d'altre religioni dove fossero professi").²⁴⁹ À luz destas palavras, sua atitude com Botero envolveu um trabalho interno e um repensamento de suas regras morais. Provavelmente, o fato de Botero não ser professo na ordem jesuítica atenuou um pouco o dilema do arcebispo, conforme sugere Chabod.²⁵⁰

Uma vez integrado nesse novo contexto, Botero estabeleceu as bases para a retomada de uma vida ativa que o projetaria para uma carreira burocrática e diplomática de alto escalão, inicialmente em Milão, depois em Roma, onde seguiu o primo de São Carlos, Federico Borromeo, e, finalmente, em Turim, na corte de Carlos Manuel. O pensador que deixará seu legado para a posteridade é portanto um homem que renasce para uma segunda vida junto à família Borromeo, cujo sodalício é um divisor de águas, marcando de forma positiva sua biografia.

Destacamos, por enquanto, os anos passados em Milão, mais especificamente o triênio que vai de meados de 1582 ao começo de 1585; estes coincidiram com uma virada literária que deixava em segundo plano a poesia petrarquesca da qual Botero tanto gostava e que imitava grosseiramente, para dar lugar a uma prosa em latim e italiano sobre assuntos que São Carlos julgava dos mais importantes e urgentes. Na *entourage* da diocese desta cidade, o nosso autor ganhou novas motivações e interesses por temas políticos, religiosos, e sociais, que foram enfrentados em escritos ainda hesitantes no plano do conteúdo. Estes temas serão desenvolvidos poucos anos mais tarde, com maior autonomia, em suas obras mais famosas. Os escritos iniciais do período milanês se caracterizam pelo forte comprometimento religioso, revelando aquele que Chabod definiu um "gregário devoto" de Borromeo.²⁵¹ De fato, eles cumpriram uma tarefa intelectual orgânica aos interesses do arcebispo, espelhando sua ortodoxia e seu rigor.

Em sua estadia na cidade lombarda, Botero ficou envolvido nos projetos evangélicos da diocese que incluíam, entre outras coisas, uma atenção focada no ministério da palavra, considerada uma das ferramentas principais da estratégia expansiva da Igreja tridentina. No capítulo anterior falamos da importância da produção da cultura para a transmissão de um saber monitorado pela Igreja, e acenamos à função

²⁴⁹ Carta de 2/11/1579 a Speciano. CHABOD, op cit, p 281.

²⁵⁰ CHABOD, op cit, p 281.

²⁵¹ Ib, p 287.

relevante desempenhada pelos livros e pela editoria, mas a comunicação de mensagens cristãs passaram, sobretudo, pelo circuito da oralidade, muito mais abrangente em uma sociedade prevalentemente iletrada como era aquela do século XVI. Assim, a adesão social em torno de símbolos e valores religiosos se valeu da ação dos predadores, cuja retórica concentrou as atenções de Carlos Borromeo e do próprio Botero. O processo de redefinição da *ars praedicandi* é um exemplo que vai ao encontro do objetivo de "agregar em torno da palavra do predador o favor popular em função de uma exploração de ultiores possibilidades de consenso".²⁵² Os predadores concorreram, junto com uma série de forças, a enraizar a religião no território. Um aparato constituído por missionários, inquisidores, confessores, e outros agentes, foi mobilizado e ficou encarregado de levar adiante o projeto hegemônico de Roma que atendia, grosso modo, a quatro objetivos, espirituais e sociais ao mesmo tempo: recuperar, até onde possível, aqueles que tinham perdido o rumo da fé; consolidar os laços religiosos dos fieis com a Igreja para evitar uma dispersão que colocaria em perigo a sociedade católica; reduzir os hereges à fé católica; e conquistar novos adeptos entre os gentios dos novos mundos. O cumprimento dos primeiros dois objetivos caracterizou o episcopado de Carlos Borromeo, o qual foi um dos homens de Igreja que mais se empenharam para implementar, na sua província, o conjunto de determinações que ele ajudara a criar. Como observa Michel De Certeau, o propósito do arcebispo foi de conceber uma "milícia eclesiástica", e

"transformar o clero em um corpo, articulando entre si uma técnica organizativa e uma ideologia política de mobilização: a primeira constrói uma administração, e a segunda concerne a predicação."²⁵³

Botero teve um papel em ambos, seja como secretário diocesano, seja como autor de sermões. Do convívio com São Carlos em Milão, breve porém intenso, além de numerosas cartas ligadas à função de secretário, surgiram escritos religiosos voltados para o empenho pastoral, tais como o *Prima parte dell'avvento ambrosiano*, com

²⁵² "aggregare, intorno alla parola del predicatore, il favore popolare in funzione di uno sfruttamento di ulteriori possibilità di consenso", Vittorio Coletti, apud GIOMBI, Samuele, "Processi di disciplinamento linguistico nella prima età moderna: teorie sulla retorica sacra fra XVI e XVII secolo", *Quaderni di discipline storiche*, Bologna, Clueb, 1998, p 171

²⁵³ "Son objectif est de transformer le clergé en un corps, en articulant l'une sur l'autre une technique organisationnelle et une idéologie politique mobilisatrice: la première construit une administration, la seconde regarde la prédication", DE CERTEAU, Michel, *Le lieu de l'autre. Histoire religieuse et mystique*, Paris, Seuil, 2005, p 126.

dedicatória ao colega de ofício Agostino Valier, e as *Prediche del regno di Cristo*,²⁵⁴ destinadas à edificação do jovem Federico Borromeo; menção especial merece o *De praedicatore verbi Dei*, não tanto pela qualidade, que era medíocre, quanto porque faz parte daqueles tratados teóricos sobre a retórica cristã que respondiam à solicitação de reforma da oratória sagrada postulada por São Carlos alguns anos antes nas *Instructiones praedicationis verbi Dei*.²⁵⁵ O conjunto destas obras boterianas tem como denominador comum a pregação, a qual foi apresentada a um público de especialistas em dois planos diferentes e sobrepostos: o *De praedicatore verbi Dei* abordava a matéria no plano da metalinguagem, sendo discurso sobre a composição da eloquência sagrada, enquanto os outros dois foram exemplos edificantes destinados para o exercício prático dos predicadores. Se o primeiro cuidava da estrutura, os sermões constituíam a aplicação dos modelos retóricos. O fato que eles fossem publicados sugere uma intenção de levá-los a um conhecimento o mais amplo possível. A impressão de prédicas era algo bastante comum na Europa do século XVI, como mostra o grande número de obras sobre o assunto, tanto em área protestante quanto católica.²⁵⁶ Nesta última, no âmbito da consolidação territorial da Igreja, os autores de sermões identificavam na difusão destes livros um canal de comunicação ulterior a ser aberto com os párocos, e um meio para dotar aqueles mais carentes de cultura teológica com subsídios a serem utilizados nas funções.²⁵⁷

O *De praedicatore verbi Dei* foi publicado nos primeiros meses de 1585, depois de uma redação rápida, realizada no inverno daquele ano, mas sua gestação é anterior. O escrito prestava homenagem à memória do arcebispo, com o qual Botero tivera ocasião de conversar sobre as regras da pregação durante uma viagem a Roma pela via "lauretana".²⁵⁸ Esta contribuição do ex jesuíta foi modesta, mas cumpriu uma função significativa para a progressiva transformação de seu pensamento, que até agora não foi percebida pela crítica, a qual ou tem esquivado esta produção menor, ou a tem tratado separadamente. Apenas Valerio Marchetti tem pensado estes escritos religiosos em um conjunto que inclui o livro sobre o cardeal, mas que deixa de fora o *Ragion di Stato* e as

²⁵⁴ O *Avvento ambrosiano* foi publicado em outubro de 1584. As duas predicas sobre o reino de Cristo apareceram em 1585 como apêndice ao *Dispregio del mondo* do qual falaremos em breve.

²⁵⁵ As *Instructiones* de 1573, são uma coleção de determinações que regem a expressão dos predicadores.

²⁵⁶ MORÁN, Manuel e ANDRÉS-GALLEGO, José, "Il predicatore", in VILLARI, Rosario, (org), *L'uomo barocco*, Bari, Laterza, 1998, p 153.

²⁵⁷ Moran e Gallego narram de um bispo francês que ouviu um sermão de um predicator forasteiro, sermão igual àquele que ele tinha composto e publicado. Op cit, p 154.

²⁵⁸ Os dois fizeram etapa em Loreto, perto de Ancona, como ficamos sabendo pela dedicatória a Vincenzo Lauro. BOTERO, Giovanni, *De praedicatore verbi Dei*, Paris, G. Chaudiere, 1585.

Relationi Universali.²⁵⁹ Como mostraremos a seguir, o livro sobre a predicação nos apresenta um autor tomado por questões religiosas que terão uma sequência com dois escritos onde o elemento geográfico manifesta uma presença conspícua ainda que teoricamente secundária. É verdade que no *De catholicae religionis vestigis* e no *Dispregio del mondo* a geografia é apenas um pano de fundo, um *parergon* que se presta a enquadrar o tratamento de assuntos religiosos, mais precisamente os indícios da predicação universal e a recusa da vida mundana, porém, principalmente no primeiro escrito, o nosso autor começa a se familiarizar com uma bibliografia moderna, atualizada e em sintonia com as descobertas ultramarinas, que será reutilizada, com outros objetivos, nas *Relationi Universali*. A atenção que Botero presta à predicação tem também importância porque esta é considerada um serviço estratégico na difusão do evangelho e no fortalecimento da Igreja; ela será retomada em outros escritos mais maduros como o *Cardinale*, o *Ragion di Stato*, e, obviamente, as *Relationi Universali*. Vamos, portanto, deter-nos um pouco sobre este tema.

Havia por trás da atividade pastoral toda uma antropologia cristã que foi evidenciada no estudo de Agnolin, de acordo com o qual os sermões e catecismos eram um corretivo que ofereciam "uma adequada consciência dos deveres, morais e civis, do (novo) cristão".²⁶⁰ A correção do auditório pressupunha, antes de tudo, uma ação disciplinadora dos divulgadores da palavra de Deus. Em consonância com as indicações do Concílio de Trento, ficava clara, para Carlos Borromeo, a urgência de dotar com uma retórica adequada o clero secular, do qual o arcebispo conhecia todas as limitações e lamentava a falta de preparo; desde os anos sessenta, ele se fizera promotor de iniciativas que repensassem as formas da pregação, estimulando reflexões pontuais sobre a retórica da comunicação sagrada, e abrindo seminários que preparassem um clero capaz, à altura da tarefa. Com efeito, o Concílio de Trento entendera os seminários como os instrumentos mais indicados para formar uma "mentalidade profissional no cumprimento das obrigações pastorais".²⁶¹

No começo, o arcebispo se valeu do auxílio do jesuíta Benedetto Palmio, o qual, em 1566, deixou algumas indicações técnicas manuscritas que foram utilizadas na

²⁵⁹ MARCHETTI, Valerio, "Gli scritti religiosi di Botero" in Enzo Baldini, op cit.

²⁶⁰ AGNOLIN, Adone, *Jesuítas e selvagens*, op cit, p 25.

²⁶¹ MORÁN, Manuel e ANDRÉS-GALLEGO, José, "Il predicatore", op cit, p 152. Estes autores, porém, lembram que, em geral, as diretrizes tridentinas foram implementadas com atraso.

composição das *Instructiones praedicationis verbi Dei*.²⁶² Em seguida, Borromeo convidara os colaboradores mais versados nos estudos clássicos como Francesco Panigarola, Agostino Valier,²⁶³ Botero, e outros, a darem uma contribuição teórica com manuais destinados aos seminários, colocando a perícia retórica destes eruditos a serviço da requalificação dos quadros paroquiais, cuja ignorância não era mais tolerada. A este respeito, Prosperi prefere falar em indisciplina, mais do que em ignorância; esta última é considerada pelo historiador italiano como uma etiqueta ideológica aplicada aos padres das paróquias pelas altas hierarquias do centro romano;²⁶⁴ o estigma linguístico legitimava um projeto hegemônico que buscava estender formas de controle sobre as periferias da cristandade, impondo, ao clero secular, a adesão às diretivas romanas fixadas em Trento, adesão que passava, inclusive, pela redefinição da retórica pastoral. Além de educar os predicadores, houve um aperto sobre aqueles que colocavam em perigo a unidade católica como por exemplo Bernardino Ochino, e outros reformadores italianos, pelos quais remetemos ao estudo clássico de Delio Cantimori.²⁶⁵

A promoção cultural do clero, ou talvez seria melhor dizer sua domesticação, se impunha há algumas décadas, desde pelo menos o quinto Concílio de Latrão, e dentro da Igreja vários homens tinham começado a tomar iniciativas que serão acolhidas e normatizadas em ocasião do outro concílio, aquele de Trento. Para limitarmos a algumas das personalidades principais comprometidas com o tema da predicação, citamos Gian Matteo Giberti, Girolamo Seripando, e Cornelio Musso, este último celebrado por Panigarola como mestre de eloquência sagrada.²⁶⁶ Os três foram autores de sermões e se empenharam ativamente na renovação da retórica eclesiástica, seja com

²⁶² GIOMBI, Samuele, "Sacra eloquenza: percorsi di studio e pratiche di lettura", in BARBIERI, Edoardo e ZARDIN, Danilo, *Libri, biblioteche e cultura nell'Italia del cinque e seicento*, Milano, Vita e Pensiero, 2002, p 139.

²⁶³ Francesco Panigarola (Milano, 1548 - Asti, 1594) foi autor do *Il predicatore*, como também de um *Trattato della memoria locale*, que influenciará o amigo Matteo Ricci. Agostino Valier (Veneza 1531 - Roma 1606) escreveu o *De rhetorica ecclesiastica ad clericos* em 1574. A ele se deve também uma das primeiras biografias de São Carlos Borromeo que, como observa Michel de Certeau, contribuíram a construir a "lenda" deste soldado da Contrarreforma. DE CERTEAU, Michel, *Le lieu de l'autre*, op cit, p 115.

²⁶⁴ PROSPERI, Adriano, *Tribunali delle coscienze*, op cit, p 303, onde podemos ler que "l'accusa di ignoranza fu una delle forme assunte allora dalla lotta per portare fino alle estreme periferie i linguaggi elaborati al centro".

²⁶⁵ CANTIMORI, Delio, *Eretici italiani del Cinquecento*, Turim, Einaudi, 2002.

²⁶⁶ Gian Matteo Giberti (Palermo, 1495 - Verona, 1543); Girolamo Seripando (Troia, 1493 - Trento, 1563); Cornelio Musso (Piacenza, 1511 - 1574).

contribuições de método, seja com uma predicação exemplar,²⁶⁷ além do mais, Seripando e Musso participaram das atividades conciliares em Trento.²⁶⁸ Este da homilética foi um tema discutido desde as primeiras sessões conciliares, que resultaram no decreto *Super lectione et praedicatione* de 1546, e no *Decretum de reformatione* de 1563, inscrevendo a prática no âmbito da cura de almas (*cura animarum*), e sob a supervisão dos bispos.²⁶⁹

Com intuito restaurador, o empenho de São Carlos veio se acrescentar àquele destes religiosos, dando-lhe continuidade, e é particularmente lembrado pela energia e zelo na aplicação.²⁷⁰ De acordo com a postura rigorosa do arcebispo, o predicator devia adotar modos de proceder na vida cotidiana que fossem coerentes com a palavra predicada: a simplicidade da eloquência devia espelhar um comportamento austero, mostrando uma consonância com quanto dizia Seripando.²⁷¹ O próprio Borromeo dava o exemplo com seu estilo de vida extremamente simples. Quanto ao nosso mestre de retórica, ele tinha que deixar de lado a elegância ciceroniana e os formalismos, para dar lugar a um estilo de matriz agostiniana, recuperando, no registro linguístico popular, uma eloquência sagrada livre de adereços, que fosse portanto inteligível e compreendida por todos.²⁷² A finalidade era aquela de aproximar os fieis à mensagem de Cristo, e, para que a operação tivesse êxito, era preciso investir os esforços no *medium* que ligava o predicator à sua audiência, isto é a linguagem. Esta devia ensinar e suscitar emoções, ou, como dizia Botero, "docere et permovere",²⁷³ numa clara alusão a uma normativa antiga de origem grego-romana pela qual o discurso cumpria três finalidades: *docere* ou *probare*, *delectare*, *movere* ou *flectere*. Enquanto arte do *bene dicendi*, um bom discurso procurava proporcionar estes três objetivos, enfatizando ora um ora outro, de acordo com as circunstâncias (o *aptum* dos antigos romanos) e os estilos retóricos

²⁶⁷ Uma preocupação comum incluía uma predicação mais próxima da palavra de Cristo, evitando divagações inúteis e perigosas que poderiam ser mal-entendidas pelo auditório.

²⁶⁸ Sforza Pallavicino, em seu *Istoria del Concilio di Trento*, considerava Seripando como o arquiteto principal do Concílio. CASSESE, Michele, "Girolamo Seripando, il Concilio di Trento, e la Riforma della Chiesa", in CESTARO, Antonio, (org), *Geronimo Seripando e la Chiesa del suo tempo*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1997, p 189.

²⁶⁹ MORÁN, Manuel e ANDRÉS-GALLEGO, José, "Il predicatore", op cit, p 141.

²⁷⁰ DE CERTEAU sintetiza muito bem a figura e o operado de Borromeo com estas palavras: "Peut-être faut-il chercher le génie de Charles Borromée dans la constance avec laquelle il n'a cessé d'assurer pratiquement, jusque dans le moindre détail, l'étroite connexion entre une gestion institutionnelle et une capacité de croire ou de faire croire, entre un 'management' et une rhétorique - mode sur lequel il allie indissolublement une politique et une spiritualité", op cit, p 126.

²⁷¹ Em uma sessão do concílio, Seripando dizia que o discurso público do predicator devia encontrar uma coerência com aquele privado. DE ROSA, Gabriele, "Rileggendo le prediche salernitane di Girolamo Seripando", in CESTARO, Antonio, (org), *Geronimo Seripando e la Chiesa del suo tempo*, op cit, p 16.

²⁷² FUMAROLI, Marc, *L'age de l'eloquence*, Paris, Albin Michel, 1996, p 157.

²⁷³ BOTERO, Giovanni, *De praedicatore*, op cit, p 39v.

escolhidos, que podiam ser de três tipos: sublime, moderado, tênue. Este último, também chamado de *genus humile*, era aquele usado pelos predicadores, e sua função principal era de ensinar (*docere*). Na adaptação cristã, tratava-se de ensinar os preceitos da fé, seguindo o exemplo de São Paulo ou aquele formulado por Santo Agostinho no *De doctrina cristiana*. O predicator, além de *docere*, devia *movere*, penetrando no coração das pessoas com um vernáculo simples, sem artifícios, privilegiando a *perspicuitas*, isto é a clareza. De acordo com Panigarola, a simplicidade recuperava a integridade da mensagem cristã, e, de fato, um discurso simples transmitia intenções puras ("purità d'intenzione") e não rudes ("rozzezza").²⁷⁴ Se a simplicidade devia evitar o registro áulico, devia também recusar gírias dialetais e expressões triviais.

Para que a comunicação unisse emissor e receptor em um terreno de significados compartilhados buscava-se adequar a elocução *pro audientis capacitate*, como dizia Gian Matteo Giberti.²⁷⁵ Era esta uma fórmula do *De Catechizandis rudibus* de Santo Agostinho bastante conhecida aos predicadores mais atentos, os quais não ignoravam a composição social do auditório, que demandava um cuidado particular quanto à comunicação. Já as *artes sermocinandi* medievais tinham proposto sermões *ad status*, isto é indicados para grupos sociais distintos.²⁷⁶ Esta exigência de modular a retórica de acordo com o tipo de ouvintes apelava para a eficácia da penetração social da palavra. Botero retomou a questão da heterogeneidade social do público, fazendo-se necessária uma retórica diferenciada sobre a qual outros teóricos da predicação argumentaram mais detalhadamente, como, por exemplo, o frade Luca Baglioni, ou Agostino Valier,²⁷⁷ enquanto nosso autor optou por uma observação confinada em menos de uma página de seu tratado.

Vinculada às circunstâncias, "ciência das situações", segundo uma definição de Michel de Certeau, a predicação era contratual,²⁷⁸ e tinha por objetivo aquele de produzir uma instituição católica no quadro de uma política da palavra. Para o historiador francês "a

²⁷⁴ PANIGAROLA, op cit, p 31. Para aprofundar estas questões remetemos para o artigo de GIOMBI, Samuele, "processi di disciplinamento linguistico nella prima età moderna: teorie sulla retorica sacra tra il XVI e il XVII secolo", in *Quaderni di discipline storiche*, Bologna, 1998.

²⁷⁵ A sentença se encontra nas constituições de Giberti, e é retomada por DE ROSA, Gabriele em seu *Tempo religioso e tempo storico*, Roma, Edizioni di Storia e letteratura, 1998, p 141. Gabriele Paleotti também usará esta sentença que, de fato remete para uma discussão antiga na arte da predicação.

²⁷⁶ O dominicano Umberto de Romans colecionou várias prédicas *ad status* em seu *De eruditione praedicatorum* escrito entre 1266 e 1273.

²⁷⁷ GIOMBI, Samuele, "processi di disciplinamento linguistico nella prima età moderna: teorie sulla retorica sacra tra il XVI e il XVII secolo", op cit, p

²⁷⁸ "Il s'agit, entre les élites et le peuple lentement séparés depuis deux siècles, de sortir de la spécialisation dialectique pour instaurer de contrats de langage entre 'catholiques'", op cit, p 131.

retórica é institucional e institucionalizante",²⁷⁹ querendo com isso ressaltar o poder fundador da eloquência. Há uma consequência importante, porém, que "transforma a relação com a verdade".²⁸⁰ De acordo com De Certeau, a promoção de laços sociais prevalece sobre o reconhecimento de verdades estabelecidas,²⁸¹ pois seu compromisso principal visava garantir o fortalecimento da sociedade cristã.

Possivelmente, o *De praedicatore verbi Dei* foi o escrito em que Botero entregou inteiramente suas qualidades intelectuais para a causa contrarreformista de Borromeo, "sacrificando no altar da mais rígida ortodoxia toda a sua bagagem erudita".²⁸² Esta é a opinião de Chabod, para o qual a intransigência do piemontês chega a ser desconcertante, no momento em que ele limitava ao essencial o recurso a escritores clássicos, e renunciava àquela combinação de eloquência sagrada e profana que aprendera nos colégios jesuíticos, em prol de uma retórica eclesiástica embasada na Escritura e nos *exempla* hagiográficos.²⁸³

De acordo com as Constituições da Companhia de Jesus, o modo jesuítico de dar aulas sagradas devia ser diferente do estilo escolástico, buscando uma aproximação com os cânones do humanismo. Embora a predicação fosse importante para os jesuítas, O' Malley observa que eles não deixaram manuais teóricos sobre a homilética particularmente significativos.²⁸⁴ Dominicanos e franciscanos lideravam nesta tratadística. O *Tratado breve del modo de predicar el santo Evangelio* de Francisco Borja, e um manuscrito de Juan Ramirez, são duas contribuições jesuíticas à questão da predicação.²⁸⁵ Se o tratado de Borja não oferece indicações retóricas, enaltecendo apenas o ofício da palavra,²⁸⁶ aquele de Ramirez junta elementos da patrística, da escolástica medieval e do humanismo, em um texto que espelha parcialmente os ideais jesuíticos da *ars praedicandi*.²⁸⁷ Estes ideais buscavam um suporte sólido na retórica clássica, a qual ensinava os jovens a falar bem e, sobretudo, suscitar aquelas emoções necessárias para cativar a audiência. A crítica de Nadal ao *modus concionandi* medieval

²⁷⁹ "la rhétorique est institutionnelle et institutionalisante" Ib, p 131.

²⁸⁰ "la prédication transforme le rapport à la vérité", Ib, p 131.

²⁸¹ Ib, p 131.

²⁸² "L'uomo dotto in umanità sacrificava sull'altare della più rigida ortodossia tutto il suo bagaglio erudito", CHABOD, Federico, op cit, p 286-287.

²⁸³ Com efeito, Botero acolhia o conselho de Borromeo de o predicator se livrar de palavras de origem pagã.

²⁸⁴ O'MALLEY, John, *The first jesuits*, op cit, p 91 e ss.

²⁸⁵ O primeiro foi publicado póstumo em 1592. O *Monita pro iis, qui concionandi munus suscipiunt*, de Ramirez circulou a partir de 1563.

²⁸⁶ O'MALLEY, John, op cit, p 99.

²⁸⁷ Ib, p 99.

residia, justamente, em sua especulação árida.²⁸⁸ Para recuperar uma retórica das emoções, o predicator cristão tinha que aprender a técnica a partir de Cícero e da *Institutio oratoria* de Quintiliano. Com efeito, Santo Inácio recomendava o estudo destes gigantes da eloquência, e já apontamos no capítulo anterior a importância das *humaniores litterae* nos colégios da Companhia.

No tratado sobre a predicação de Botero, ao contrário, há uma suspensão daquelas recomendações que aprendera no Colégio Romano, e uma ênfase sobre a eficácia da eloquência que deve ser respeitosa dos princípios de moderação do *decorum*, em detrimento de um *ornatus* requintado, revirando assim o ideal retórico dos jesuítas, os quais não procuravam apenas a utilidade, mas também a beleza do discurso, tendo eleito Cícero como referência de estilo.²⁸⁹ Segundo quanto escreve Marc Fumaroli, porém, a adesão ao modelo agostiniano do *De doctrina christiana* não comportava a abjuração total da tradição clássica pagã, quanto uma sua utilização moderada e renovada em chave cristã. Com efeito, no quinto livro do *Praedicatore*, Cícero é evocado como garante de um *ornatus* equilibrado²⁹⁰ que aconselha o bom predicator a moderar os gestos, a voz, as sentenças, etc.²⁹¹ Mas já antes, no terceiro livro, para dar força à argumentação a favor da eloquência agostiniana, Botero recupera uma passagem do *De oratore*, em que o célebre autor latino criticava a retórica colorida dos sofistas, e mais especificamente de Górgias.²⁹² Ironicamente, a justificação de uma oratória simples e humilde utilizava o mais completo dos retóricos clássicos!²⁹³ Uma operação anticlassicista que foi realizada também por outros tratadistas como Agostino Valier, ou o teólogo espanhol Luís de Granada nos seis livros sobre a retórica eclesiástica.²⁹⁴

²⁸⁸ *Ib.*, p. 100.

²⁸⁹ "Non mira soltanto all'utile, ma è anche protesa verso la bellezza del discorso" diz um trecho do *Ratio atque institutio studiorum* citado por DESCENDRE, Romain, *L'État du monde*, op cit, p. 12. Na mesma página, os redatores da *Ratio* mostram grande consideração pela retórica de Cícero cuja *opera omnia* é recomendada aos estudantes dos colégios jesuítas ("tutte le sue opere sono indicatissime per lo studio dello stile").

²⁹⁰ Retomamos aqui uma frase de Samuele Giombi. Ao deter-se sobre o teórico tardo quinhentista da predicação Ludovico Carbone, Giombi lembra como a sua "continua insistenza nell'attenuare le esasperazioni ciceroniane [...] tende a fare di Cicerone quasi il garante di una giusta misura di *ornatus* che si addice all'espressione cristiana", op cit, p. 180.

²⁹¹ BOTERO, Giovanni, *De praedicatore*, op cit, p. 95v.

²⁹² *Ib.*, p. 41v.

²⁹³ Moran e Andrés-Gallego lembram como o estilo ciceroniano se caracterizava pelas adjetivações e efeitos superficiais diferenciando-se do estilo plano de Sêneca. MORÁN, Manuel e ANDRÉS-GALLEGO, José, "Il predicatore", op cit, p. 142.

²⁹⁴ Luis de Granada, *Ecclesiasticae rethoricae sive de concionandi libri sex*. Livro publicado em 1576 e que conheceu uma edição veneziana em 1578, a primeira de muitas outras. As obras de Granada foram entre as mais traduzidas na Itália do final do Quinhentos. FRAJESE, op cit, p. 359.

Obviamente, não se trata de uma contradição, como diz Fumaroli,²⁹⁵ quanto de uma recuperação redutiva e forçada, em que o orador latino perde suas características para ser *augustinisé*; mas, insiste o historiador francês, "a concordância entre a doutrina oratória de Cícero e aquela de Agostino é a pedra angular da estética oratória cristã".²⁹⁶ Afinal, não deve surpreender esta relação instrumental que o mundo cristão estabeleceu com aquele pagão. Outras vezes a Igreja se serviu de referências clássicas para dar força a seus argumentos, ou encontrou nos protagonistas da cultura grego-romana modelos de conduta positivos, ainda que imperfeitos. Para darmos um exemplo atinente com quanto estamos vendo, lembramos uma carta escrita por Sêneca a Lucílio, em que o estoico romano, ao associar a leitura à viagem, dizia ser importante manter o foco em poucas leituras, assim como é importante manter o rumo sem desviar do caminho. A cultura cristã, da qual Possevino foi um exemplo já citado no capítulo anterior, usará esta passagem para sugerir ao leitor uma seleção cuidadosa de suas leituras, e Botero, embora não cite Sêneca, aconselhará os predicadores a buscar no repertório da literatura cristã, sem divagações desnecessárias.

O escrito de Botero recupera, portanto, a simplicidade da palavra de Cristo,²⁹⁷ nos modos em que ela foi transmitida pelos padres da Igreja primitiva. Ao longo de suas páginas, há inegavelmente, uma acentuação da oratória eclesiástica, ou, como diz Chabod, uma "interpretação rígida da ContraReforma",²⁹⁸ que chega à autocensura e a renegar seu passado recente de verzejador quando considera a poesia uma forma de expressão vazia.²⁹⁹ Uma postura inflexível se comparada com aquela do amigo Panigarola, o qual, na defesa da beleza da língua florentina - evidentemente influenciado por Pietro Bembo e pelo debate quinhentista sobre a língua - tem a coragem de louvar Boccaccio, cujo *Decamerone* fora colocado no índice de livros proibidos pelo papa Paulo IV.³⁰⁰ Uma indicação que não devia agradar Carlos Borromeo.³⁰¹ Há também uma diferença entre os dois no tratamento dado aos autores pagãos sobre os quais Panigarola, na sétima

²⁹⁵ Ainda citando Fumaroli, na página 149: "Il n'y a là nulle contradiction avec le reproche adressé a Cicéron de pécher par excès d'«elegance». L'humanisme, chrétien ou non, ne cesse d'en appeler a Cicéron lui-même contre Cicéron.

²⁹⁶ FUMAROLI, Marc, op cit, p 149.

²⁹⁷ BOTERO, Giovanni, *De praedicatorum*, op cit, p 45-50

²⁹⁸ CHABOD, Federico, op cit, p 286.

²⁹⁹ *Ib*, p 287.

³⁰⁰ *Ib*, p 286. Ao consultar o livro de Panigarola, o leitor pode verificar que Boccaccio e Bembo são citados inúmeras vezes. Panigarola em seu tratado lembra também Botero o qual é chamado de "carissimo familiare" do cardeal de Santa Prassede. p 45.

³⁰¹ O *modus concionandi* de Panigarola deixava insatisfeito São Carlos como sabemos por uma carta deste último a Speciano, datada 12/10/1580 onde afirmava que "il procedere del quale [Panigarola] non mi piace molto, in che però dicono, ch'egli si è moderato un poco" CHABOD, op cit, p 286.

questão eclesiástica de seu *Predicatore*,³⁰² cita São Paulo, Agostinho, e os comentários do padre Pereira, para defender o uso e a leitura dos clássicos do mundo grego e romano,³⁰³ mostrando, de novo, uma abertura maior que Botero.³⁰⁴ Mas o tratado de Panigarola é superior ao de Botero praticamente em tudo, a começar pelas dimensões (mil páginas de um livro *in quarto* contra menos de cem de um livrinho *in ottavo*), e continuando pela profundidade analítica, pelo grande número de temas tratados, sendo aquele sobre o vernáculo particularmente caro aos teóricos da predicação de então. O tratado do nosso autor parece mais uma defesa de ofício da eloquência sagrada do que uma análise séria da retórica a ser adotada pelos predicadores. A parcial justificação de Botero podemos alegar o pouco tempo dedicado à redação, enquanto o livro de Panigarola foi fruto de uma ponderação longa.

Mesmo assim, não obstante os tons extremos, e a superficialidade do tratamento, temos que considerar o *De praedicatorum verbi Dei* um incidente de percurso, um parêntese infeliz, ou algo que dialoga com as outras obras boterianas? Afinal, o comprometimento de Botero com os ideais tridentinos foi autêntico e se prolongou em escritos posteriores. Com efeito, no pequeno tratado sobre a predicação fica um aspecto de fundo importante que voltará com força nas páginas do livro sobre o cardeal e, com menos ênfase, no tratado sobre a razão de Estado: a consciência de que a retórica é um veículo essencial para propagar o evangelho e frear o avanço dos protestantes, uma batalha travada com as mesmas armas dos adversários, os quais exaltavam o ministério da palavra sobre a função sacramental.³⁰⁵

Recentemente, os escritos religiosos de Botero foram objeto de novas reflexões. A Valerio Marchetti creditamos o mérito por ter realizado uma leitura conjunta desta produção considerada menor, em que o problema retórico é comum,³⁰⁶ problema que, no nosso entender, ajudou a despertar os interesses geográficos do pensador contrarreformista, como veremos daqui a pouco. Várias páginas do livro sobre o cardeal

³⁰² PANIGAROLA, Francesco, *Il predicatore*, op cit. A questão eclesiástica tem por título *Se a nostri christiani e religiosi giovani debba permettersi, che d'Etnici autori e Scrittori gentili, si vagliano nell'imparar i precetti dell'Eloquenza*, p 46-48.

³⁰³ Chamado Pererio por Panigarola. Padre Pereira, que já conhecemos no capítulo anterior, foi professor de teologia escolástica e Sagrada Escritura no Colégio Romano. Cf VILLOSTRADA, op cit, p 52.

³⁰⁴ Panigarola conclui a discussão dizendo que "a noi basta, per dar fine hormai a questo quesito, che a nostri pii e Religiosi giovani non deve esser vietato, nè è cosa indecente, che da libri ancora de gentili autori, imparino i precetti dell'Eloquenza". É oportuno lembrar que o livro de Panigarola é apresentado aos leitores como um comentário ao livro sobre a eloquência de Demetrio Falereo, discepolo de Aristóteles.

³⁰⁵ MORÁN e ANDRÉS-GALLEGO, op cit, p 140.

³⁰⁶ MARCHETTI, Valerio, "Gli scritti religiosi di Botero" in Enzo Baldini, op cit, p 146. Chabod também percebeu a ligação entre o *Cardeal* e o *Praedicatorum* sem deter-se na análise. CHABOD, op cit, p 365.

retomam o espírito do *Praedicator verbi Dei*, e mostram a preocupação com a condição do ecúmeno cristão:

"non si meravigli alcuno, che io prema tanto nel buon modo di predicare, perché non è cosa alcuna di più importanza nella Chiesa che la parola di Dio, e la maniera con la quale si porge al popolo. E se alcuno mi domandasse onde sia che l'heresie hanno trovato così facile entrata nell'Alemagna, e in altre provintie, io non gli saprei render ragione maggiore, che la cattiva maniera, che si era tenuta inanzi, nella predicazione dell'evangelio"³⁰⁷

Se a retórica precisa estar ao serviço do ofício apostólico, se é no ministério da palavra que se joga a competição com os protestantes e os infiéis, o mesmo se dirá do saber, como sustentado em outras páginas do *Cardinale*. De fato, estes dois aspectos estavam já bem presentes no Botero do *De praedicator verbi Dei*, onde, perguntando o que caracteriza um predicator ("*qua res concionatorem constituent*") elenca as quatro características necessárias: doutrina, eloquência, espírito e prudência, sendo que as primeiras duas constituem a matéria, enquanto as outras são a forma.³⁰⁸ Nas páginas do *Praedicator*, o poder da palavra aparece central, como deixa entender o próprio autor quando afirma, em uma referência a Santo Agostinho, que a doutrina é muda sem a eloquência, atestando a subordinação da primeira à segunda.³⁰⁹ As qualidades que os pastores da Igreja precisam dominar aparecem também no capítulo "Modi di propagar la religione" do segundo livro do *Ragion di Stato*, em que Botero sugere ao príncipe de favorecer e dilatar a fé católica, tendo a cautela de saber escolher "persone religiose d'eccellente dottrina e virtù". E, pouco depois, continua:

"E perché grandissima parte dell'aiuto spirituale de' popoli dipende da' predicatori, procuri sollecitamente d'averne copia e di mettere in credito non quei che con una certa forma di parlar fiorita e vaga, ma infruttuosa e vana, fanno ufficio di trattenitori anziché di predicatori, ma quelli che, sprezzando cotale maniera di dire pomposa e quasi sfacciata, spirano nella loro predicazione, e quasi infondono negli animi degli uditori, spirito e verità, riprendono i vizi, detestano i peccati, infiammano gl'animi d'amor di Dio, predicano finalmente non se stessi, ma Gesù Cristo *et hunc crucifixum*"³¹⁰

Posição análoga se encontra em uma carta ao rei Estevão Bathory de Polônia, em que o sucesso do domínio sobre o povo é garantido não pelo uso das armas, mas pela propagação do evangelho.³¹¹ Um trecho que mostra continuidade com quanto afirmará

³⁰⁷ BOTERO, Giovanni, *Dell'uffitio del cardinale libri due*, p 40-41.

³⁰⁸ BOTERO, Giovanni, *De praedicator verbi Dei*, op cit, p 2.

³⁰⁹ *Ib*, p 2.

³¹⁰ BOTERO, Giovanni, *La Ragion di Stato*, op cit, p 63.

³¹¹ GIODA, Carlo, op cit p 768. A carta citada por Gioda se encontra no epistolarum de Borromeo p. 8.

no *Praedicator*, e também no *Regia sapientia*, livro que aliava religião e política, e que acordava à palavra uma força igual, ou até superior, àquela das armas. No *Cardinale* comparava a sagrada escritura a uma "spada di Dio con la quale si hanno da tagliar le teste pollulanti all'heresia",³¹² uma contraposição que se encontra também nas *Relationi Universali*, cuja terceira parte é dedicada à difusão das religiões no mundo. A palavra é uma arma mais eficaz do que a espada ou o canhão. Vale a pena reproduzir uma passagem que se encontra na parte sobre a Boemia:

"Come ben diceva Emanuele Filiberto, Duca di Savoia, la fede non si può ripiantare ne' luoghi onde ella è stata svelta se non in quel modo nel quale vi fu primieramente piantata; e le arme debbono in ogni deliberatione essere l'ultime: massime in questa materia perché, come vuoi tu stabilir la pace annontiaci dagli angeli con la guerra; e divulgar l'evangelio co'l tuono delle canonate, e la parola di Dio tutta piena di santità, con le mani empie de' soldati; e la salute con l'estermínio delle genti? Non si mette mano al ferro per guarire una malattia, se non nella desperatione d'ogni altro rimedio. E a tempi nostri si è provato che in Francia, in Fiandra, hanno fatto molto minor effetto a servizio della fede catolica i Capitani che i predicatori: e le arme che la dottrina. Si che non si debbono in questa materia adoperar l'arme se non per aprir la porta alla predicatione della verità"³¹³

Citação importante porque reduz o papel da guerra sem excluí-lo. Ela não é eficaz para propagar o evangelho, mas necessária para abrir as portas para a pregação. O exemplo de quanto ele diz é oferecido pela história do Novo Mundo, no qual as expedições de Colombo, Cortés e Pizarro seriam estéreis sem a continuidade missionária. O sucesso dos conquistadores se deveu ao valor dos soldados e ao favor divino, ou como diz Botero "a Marte e a Christo", uma união que Maquiavel negara, e que lhe custou as críticas do nosso autor, inclusive nestas páginas onde polemiza com aqueles que

"in mezo della Christianità fanno professione di politica empia, e di militia pagana: e tanto per loro di mostrar più bell'ingegno, quanto ne' discorsi loro dimostrano di esser più gentili che Christiani".³¹⁴

Embora o nome de Maquiavel não apareça, temos bons motivos para acreditar que Botero pensasse nele. A polêmica, de fato, era antiga, e no *De regia sapientia*, o florentino era abertamente contestado, como veremos no próximo capítulo.

O escrito continua com um elogio dos três conquistadores e em seguida apresenta os religiosos que mais se empenharam na difusão do verbo divino.

³¹² BOTERO, Giovanni, *Dell'uffitio del cardinale libri due*, p 7.

³¹³ BOTERO, RU, III, p 22-23

³¹⁴ Ib, II, p 38.

Estes trechos pertencem à terceira e quarta parte das *Relationi Universali* que tratam da difusão da religião no mundo e das "superstições" no continente americano. Duas partes que têm portanto um elo com os escritos religiosos, e com aquele sobre a predicação, como confirmam os exemplos acima. Mas estas partes têm também uma abordagem às coisas da religião peculiar e um olhar mais analítico, típico do tratado. A investigação cumprida por Botero é histórica, social, antropológica. A terceira parte é dividida, como as outras que compõem o tratado por regiões. O primeiro país discutido é a Alemanha, centro da reforma protestante onde a presença jesuítica tentava limitar o avanço da heresia. Meticulosamente, Botero mapeia as cidades protestantes e aquelas onde a fé católica é ainda presente.³¹⁵ Botero faz um balanço que obviamente é desfavorável. Interessante é a observação de que os protestantes ganham em número nas cidades maiores, e naquelas comerciais que favorecem a circulação de livros e ideias heréticas, lembrando quanto dizia Possevino em seu *Coltura de gli ingegni* sobre a preocupação da censura de monitorar as cidades comerciais por onde os textos heréticos apareciam.

A *forma mentis* do predicador contrarreformista paira em toda a produção boteriana, e a este respeito Marchetti fala em uma tensão entre a concretude da realidade representada e a abstração do confessionalismo,³¹⁶ uma tensão que já Chabod e Firpo tinham evidenciado, e que em um intelectual contrarreformista, ligado a São Carlos, nos parece inevitável. De fato, o realismo político e geográfico do *Ragion di Stato* e das *Relationi Universali* não comportará uma emancipação da condição de homem religioso. Além de tudo, suas ideias sobre a predicação permanecerão idênticas. Nos *Detti memorabili*, obra escrita em Turim, no começo do século XVII, ele reafirmava a superioridade da eloquência sagrada sobre aquela profana. A primeira conta com um grande número de oradores como Agostinho, Ambrósio, São Paulo, São Basílio, São Crisostomo, Gregório Magno, etc. Por que, pergunta ele, citar autores pagãos quando os exemplos dentro da Igreja são tão numerosos e superiores a estes?³¹⁷ Gostaríamos de sublinhar um aspecto: esta inflexibilidade de Botero se manifesta nos temas da predicação e reflete uma polêmica interna à Igreja, insatisfeita com a pouca familiaridade dos predicadores de então com a literatura cristã. Ao dirigir a eloquência do predicador para o registro eclesiástico, Botero mostra ser um agente perfeito daquela

³¹⁵ BOTERO, *Relationi Universali*, III, livro 1, p 14.

³¹⁶ MARCHETTI, Valerio, op cit, p 129.

³¹⁷ BOTERO, Giovanni, *Detti memorabili*, 1610, p 292.

vontade normatizadora da ContraReforma da qual fala Prosperi. Esta rigidez, porém, vem menos quando ele trata de temas políticos e geográficos. Sempre nos *Detti memorabili* há uma passagem que nos parece indicar o que afirmamos e que por isso vale a pena citá-la:

"Hor perché dunque citar tutto il dì Scrittori profani? Che cosa è questa se non dilettersi più di gentilità, che di Christianità? O che cosa è una predica così fatta ove tu tratti di cose spirituali, e v'intessi autorità profane se non un grembiale, di un pittore? [...] I poeti moderni mancando loro la varietà, e la finezza de i concetti si vagliono delle favole, e de' nomi de' Dei antichi: così questi perché lor manca la dottrina spirituale ricorrono alla secolare: e marginano il Libro di fango abominevole [...] San Paolo, volendo dichiarare la forma della predicazione apostolica dice quelle nobilissime parole, *Spiritualibus spiritualia comparantes*: ciò è che i buoni predicatori trattano le cose spirituali spiritualmente"³¹⁸

Um trecho que, em poucas linhas, evidencia uma crítica dirigida aos predicadores que carecem de doutrina espiritual, e deixa claro, recorrendo ao exemplo de São Paulo, que estes temas precisam de um suporte literário cristão. Em suma, neste livro pertencente à fase tardia, é forte a lembrança dos anos passados ao lado de São Carlos, como também é manifesta toda a sua retórica contrarreformista.

2.2 Geografia moral

Em Borromeo se espelhava o ideal tridentino de sobriedade e compromisso apostólico que se concretizou na renovação moral da diocese milanesa e no contato direto com os fieis, contato instaurado através de repetidas visitas pastorais por todos os cantos da província. As viagens periódicas, algumas delas realizadas com Botero, tinham o objetivo de conhecer em profundidade a realidade social da diocese, verificar eventuais desvios nos comportamentos dos habitantes e, ainda, avaliar o trabalho dos párocos, tudo isso para tornar mais eficiente seu governo espiritual. Tratava-se de um olhar atento e investigativo; a este propósito, Adriano Prosperi fala em uma operação de "sociologia da transgressão"³¹⁹ que era cumprida sistematicamente com a coleta de elencos

³¹⁸ *Ib.*, p. 292-293.

³¹⁹ "La visita pastorale era lo strumento di contatto coi fedeli e di verifica dell'attuazione dei decreti sinodali; una rilevazione attenta dei comportamenti trasgressivi doveva offrire la base per gli interventi repressivi e per le misure di controllo. Furono raccolti elenchi di superstizioni e di cattivi comportamenti

de dados comportamentais, como condutas heterodoxas, falsas crenças, superstições de homens que muitas vezes viviam longe da cristandade. Temos o registro de pelo menos uma destas viagens no livro *Disprezio del mondo*, em que o estado de extrema pobreza das populações da região dos Alpes leva Botero a refletir sobre a condição precária do homem. Ele enfatiza como aquele espetáculo triste despertasse nele reações contrastantes: de um lado a compaixão pelos miseráveis, de outro uma certa inveja pela condição livre daqueles laços que nas grandes cidades prendem as pessoas a questões mundanas. Na dedicatória ao cardeal Andrea Bathory, Botero descreve lugares "di asprezza e sterilità incredibili... continuamente battuti da venti e assediati da freddi inestimabili che non permettono che i frutti della terra arrivino alla loro maturezza",³²⁰ uma trecho realista que poderia pertencer às *Relationi Universali*, mas que não é desenvolvido ao longo do tratado, no qual, aqui e ali, aparecem descrições geográficas e etnográficas sempre coloridas com uma linguagem moral. No entanto, se trata de um sinal que mostra como Botero começava a desenvolver aquele espírito de observação que talvez foi sua melhor qualidade, sinal que Chabod evidenciou oportunamente.³²¹ Este historiador enfatiza o papel de São Carlos no *glissement* literário de Botero que, de compositor de versos, se tornou soldado da ContraReforma,³²² e escritor sempre mais atento à realidade social. E, de fato, foi neste período que o piemontês canalizou sua verve literária para alguns escritos mais prosaicos, de empenho cristão. Além do tratado sobre a predicação, destacamos este *Disprezio del mondo*, de 1584. A obra, em cinco livros, enfrenta os temas da cosmografia que serão retomados em um arranjo diferente nas *Relationi Universali*. Se o realismo geográfico caracterizará as *Relationi*, aquela do *Disprezio del mondo* é uma geografia moral que se insere na vertente do *contemptus mundi*, do qual o título italiano é uma tradução ao pé da letra. A representação do mundo como lugar efêmero, precário, vazio, negativamente adjetivado, tem uma origem remota em que confluem elementos bíblicos e grego-romanos, do platonismo e do estoicismo, recebidos pelos ascetas cristãos e reelaborados pelo pensamento de Santo Agostinho e outros grandes pensadores cristãos, como, por exemplo, Hugo de São Vitor ou Lotário de Segni, futuro papa Inocêncio III. Jean Delumeau, em seu livro sobre o pecado e o

localmente determinati: un'opera di sociologia della trasgressione, finalizzata all'efficacia dell'intervento", PROSPERI, op cit, p 312.

³²⁰ BOTERO, Giovanni, *Disprezio del mondo*,

³²¹ Chabod descreve com estas palavras a aproximação de Botero às coisas mundanas: "qualche cosa di nuovo veniva ora sorgendo in lui, interessi e vaghi bisogni spirituali che non eran più racchiusi nei limiti della pura azione religiosa; e sotto le tendenze negatrici della vita umana e del mondo cominciava a trasparire un crescente desiderio di avvicinare maggiormente le cose terrene", op cit, p 292.

³²² Ib, p 284.

medo, dedica a este assunto o primeiro capítulo, e acena a uma cosmologia que influenciou a doutrina do desprezo do mundo,³²³ na medida em que, no universo, a Terra ocupa a parte inferior, aquela mais próxima do inferno. É oportuno precisar que esta cosmologia é uma reelaboração cristã de uma concepção clássica do mundo. Para sermos mais precisos, a *Imago Mundi* que se afirma na baixa idade média e chega intacta até o século XV, para conhecer uma lenta erosão durante os séculos XVI e XVII, é constituída por um conjunto de conhecimentos heterogêneos que podem ser encontrados na visão de mundo cristã, na astronomia ptolemaica, na filosofia aristotélica, e, finalmente, no saber empírico proporcionado pelas viagens comerciais. Grosso modo são estes os elementos apontados por Angelo Cattaneo quando afirma que a cosmografia era o resultado de uma síntese cultural que unia o saber da cosmologia cristã, a filosofia natural aristotélica de derivação escolástica, a geografia de Estrabão e Ptolomeu, as narrações de viagem de missionários e mercadores.³²⁴ A estes podemos acrescentar Plínio e o estoicismo de Lucrécio e Cícero, cujas obras serão citadas e ornamentarão muitos mapas do século XVI e XVII.

O universo desta cosmologia é dividido em duas partes, uma celeste, incorruptível, e outra elementar, e é concebido como uma esfera estratificada ao centro da qual se encontra a Terra. A região celeste se estende a partir do mundo lunar, que se situa depois do último estrato da região elementar. A Terra, por sua vez, se localiza no centro do mundo sublunar. A figura 2 representa o cosmos aristotélico com a Terra no centro. A partir dela há os outros elementos: água, ar, fogo. Em seguida vêm os círculos planetários: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno. Há ainda o círculo do firmamento e finalmente o *primum mobile*. As representações podiam apresentar variações. Por exemplo, naquela oferecida por Oronce Finé, terra e água se juntam em uma esfera terráquea.³²⁵ Chaussenez propõe uma Terra dividida em zonas e acrescenta um céu cristalino e outro empíreo. Em Ruscelli o número de círculos também aumenta compreendendo em ordem crescente: inferno, purgatório, limbo, seio de Abraão,³²⁶ terra, água, ar, fogo, Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, céu estrelado, céu cristalino, *primum mobile*, empíreo. Esta concepção cosmológica encontra uma

³²³ DELUMEAU, Jean, , *O pecado e o medo. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*, Trad, Bauru, Edusc, 2003, p 20.

³²⁴ CATTANEO, Angelo, "Mappae mundi e carte marine nel Rinascimento: una storia polifonica", in *Il Rinascimento italiano e l'Europa*, vol 5, Treviso, Angelo Colla, 2008, p 552-553.

³²⁵ Cosgrove apresenta uma série de representações diferentes do cosmos. op cit, p 62.

³²⁶ A introdução do seio de Abraão na cosmologia de Ruscelli recupera este lugar de descanso dos justos, colocado em uma região intermédia entre o inferno e o céu.

vulgarização na esfera de Sacrobosco, e desde então será obrigação de todo cosmógrafo uma sua apresentação comentada. Assim encontramos sua análise em todas as cosmografias do século XVI. Ainda no final do século XVI, John Dee dava uma definição de cosmografia embasada na tradição aristotélica e tomista já que esta era "the whole and perfect description of the havenly, and also elementall parte of the world, and their homologall application, and mutual collation necessarie". A cosmografia "matcheth Heaven, and the Earth, in one frame".³²⁷ Para Oronce Fine a cosmografia é a contemplação da esfera, ou máquina do mundo. Definições parecidas podem ser encontradas em tantas outras introduções ao tema, como aquela de Rheticus para o qual existe uma relação entre a Terra em relação ao espaço do céu; ou Peter Apian, que de acordo com Besse oferece a definição mais explícita.³²⁸ Os geógrafos italianos do século XVI ofereciam explicações nos mesmos termos.

figura 2 Esfera de Sacrobosco

Cosgrove observa que esta concepção de mundo alia-se com a ideia de vitalidade cósmica e de uma criação física repleta de forças espirituais que influenciam

³²⁷ COSGROVE, Denis, p 56.

³²⁸ Para uma discussão remetemos ao livro de BESSE, Jean-Marc, *Les grandeurs de la Terre*, op cit.

concepções de vários tipos.³²⁹ Por exemplo, muitas representações da esfera traziam os signos do zodíaco. Embora o autor destaque o aspecto astrológico e mágico, esta arquitetura do mundo tem um fundamento teológico que sustenta concepções religiosas como aquela do *contemptus mundi*. A geografia medieval e renascentista participam de uma investigação do universo mais ampla, em que a religião tem parte preponderante e em que o espaço é vinculado também ao tempo da gênese. É uma abordagem totalizante para usarmos uma expressão de Besse.³³⁰ O espaço geográfico de Munster percorre o tempo bíblico da criação, e o mesmo ocorre com Mercator cujo projeto, observa o historiador francês, concentra a gênese do mundo, astronomia e astrologia, geografia, história, a genealogia dos povos, etc. Besse nos lembra que uma concepção da cosmografia como aquela de Mercator, que escreve na segunda metade do século XVI, é muito próxima da *Imago Mundi* de Honório de Autun. Este último, que pertence ao século XIII, concebeu uma obra tripartida sobre o mundo investigado em seus aspectos espaciais e temporais.³³¹

A reflexão geográfica de Botero portanto se inscreve nesta leitura moralizada do mundo. Não que lhe falte realismo, como já vimos no trecho da dedicatória, mas é um realismo que atende aos objetivos de dramatizar a existência humana. Um paralelo pode ser encontrado em certas paisagens pictóricas que se impõem sobre figuras humanas reduzidas, produzindo sobre o observador um efeito emotivo e cognoscitivo da pequenez do homem. E, de fato, muitas pinturas de paisagem do século XV e XVI tinham uma função devocional.

A relação entre realismo e ascetismo tem sido investigada por Giorgio Mangani, o qual aborda estes temas para mostrar outro vínculo, aquele entre religião e cartografia, evidenciando como a meditação espiritual foi importante para a geografia do século XVI. Para este autor, a paisagem que surgiu nas pinturas, já a partir do século XV, aderia menos a um projeto de objetivação da realidade e mais a uma orientação espiritual, retomando observações de um estudioso original da Renascença como

³²⁹ Nas palavras do autor: "The world machine was readily allied to the idea of cosmic vitality, of a physical creation imbued with spiritual forces passing between spheres, planets, elements, and humans. Speculative aspects of metaphysics - astrological influence, various forms of magic, alchemy, and Neoplatonic contemplation - drift across cosmography", COSGROVE, Denis, "Images of Renaissance Cosmography, 1450-1650", in WOODWARD, David, (ed), *The History of Cartography. Volume three. Cartography in the European Renaissance*, Part 1, Chicago, University of Chicago Press, 2007, p 78.

³³⁰ "approches totalisantes". BESSE, Jean-Marc, op cit, p 35.

³³¹ *Ib*, p 34.

Eugenio Battisti.³³² Nas pinturas deste período, a paisagem era um pano de fundo para cenas de caráter sagrado. Trata-se dos *parerga*. A paisagem ganhou centralidade não tanto como resultado de uma descoberta do mundo, segundo a fórmula de Michelet e Burckardt, mas em função de uma postura meditativa do homem que se resume no topos do *contemptus mundi*. A visão de mundo veiculada a este tema ascético encontra, na Idade Média, um certo sucesso graças ao *De Contemptu mundi sive de miseria humanae conditionis*, de Lotário de Segni.³³³ É nesta perspectiva que se colocam as pinturas de Joachim Patinir (figura 2), analisadas por Mangani, cujas paisagens são imagens devocionais que acompanham o ato do recolhimento espiritual.

Figura 3 Joachim Patinir, Penitência de São Jerônimo (1518 ca)

O autor italiano traz evidências de como a visão de uma paisagem ajudava a contemplação e cita, entre outros, Federico Borromeo que tinha decorado seu estúdio

³³² Eugenio Battisti fala em paradoxo da paisagem, já que “pur trovandosi diametralmente opposto al tipo di arte dedicata al culto religioso, è riuscito in molti casi a rendere, meglio d’ogni altra forma, il sentimento religioso di terrore ed umiltà”. BATTISTI, Eugenio, *Iconologia ed ecologia del giardino e del paesaggio*, Firenze, Leo S. Olschki, 2004, p 51.

³³³ Obra escrita no final do século XII e da qual se guardaram até nossos dias pelo menos 672 manuscritos e 47 edições. DELUMEAU, Jean, op cit, p 43.

com imagens de paisagens utilizadas como suporte para suas meditações. De acordo com Mangani, a paisagem recuperava a força emotiva do ícone medieval. O realismo paisagístico, inicialmente, não era utilizado em uma função documentária, mas para restituir o efeito emotivo do ícone.³³⁴ A geografia pré-iluminista, insiste Mangani, era uma ciência locativa, isto é, com a *enargeia* da imagem de seus lugares ajudava a recuperar as memórias dos acontecimentos; os elementos da natureza tinham uma função moral e uma dimensão emblemática.³³⁵ Mesmo no começo da observação empírica, a descrição da natureza oscilava entre os registros de um repertório emblemático e aquele da iconografia científica. Não obstante a representação iconográfica ficasse sempre mais minuciosa, realista, o olhar que a produzia buscava nela uma dimensão alegórica; este olhar, diz Mangani, utilizava uma linguagem interpretativa de tipo moral.³³⁶ Linguagem que se resume em certa geografia e cartografia de área protestante, como aquela de Ortelius, ou em um livro como o *Disprezio del mondo* de Botero.

Os mapas de Ortelius são outro exemplo da aplicação de temas espirituais à produção de imagens, neste caso cartográficas. O que faz da cartografia um âmbito de pesquisa complexo não é só a linguagem pictórica da representação, mas a maneira como ela se comunica com outros aspectos às vezes negligenciados pelos estudiosos. As legendas, por exemplo, que com frequência encontramos nas margens dos mapas. A edição de 1570 do *Typus Orbis Terrarum* de Ortelius, estudada por Jean-Marc Besse, fornece um caso interessante, cuja compreensão precisa ser buscada além da descrição geográfica que fixa um mundo com feições modernas. Uma análise que queira entender o significado deste artefato tem que levar em conta a composição da imagem e sua relação com elementos aparentemente não cartográficos, elementos que um olhar atual tende a considerar mero enfeite, mas que, ao contrário, concorrem para a produção de uma mensagem precisa. É para um conjunto de detalhes que Besse dirige suas atenções, observando que o ecúmeno representado no mapa é envolto por nuvens. De fato, o cartógrafo flamengo inseriu a imagem na tradição do comentário de Macróbio ao sonho de Cipião, como também da observação do mundo desde um lugar elevado. É um palco do qual somos ao mesmo tempo partícipes e espectadores. Estamos, portanto, no âmbito da tradição clássica do estoicismo que, além do cenário, se manifesta ainda em uma

³³⁴ MANGANI, Giorgio, *Cartografia morale*, Modena, Franco Cosimo, Panini, 2006, p 148.

³³⁵ MANGANI, Giorgio, *Il mondo di Abramo Ortelio*, Modena, Franco Cosimo Panini, 2008, p 174.

³³⁶ *Ib* p 175.

legenda inscrita por Ortelius na parte inferior do mapa.³³⁷ Trata-se de uma citação de Cícero sobre a condição do homem, o qual, frente à dimensão do universo, se descobre diminuto.³³⁸ Besse reconhece três elementos fundamentais para impostar a interpretação: o título do mapa, o desenho geográfico, o epigrama. É no conjunto destes elementos que emerge o significado e reconhecemos o ato cartográfico de Ortelius. “É no sistema de relações que a carta entretém com suas 'margens', nesta profundidade que é própria da imagem, que as intenções verdadeiras de Ortelius podem aparecer”, diz o autor francês.³³⁹

Figura 4. Abraham Ortelius, *Typus Orbis Terrarum*, Antuérpia, 1570.

A leitura de um mapa lembra a solução de um enigma figurado, de um *rebus*;³⁴⁰ e como em um *rebus*, é na relação da imagem com a palavra e com as margens que deparamos com um resultado que, no *Typus Orbis Terrarum*, cria um horizonte moral.³⁴¹ Ortelius

³³⁷ Na edição de 1587 Ortelius inserirá mais duas citações de Cícero.

³³⁸ A citação é tirada das *Tusculanae disputationes*.

³³⁹ "C'est dans le système des relations que la carte entretient avec ses 'seuils', dans cette profondeur propre de l'image, que les véritables intentions d'Ortelius risquent d'apparaître", BESSE, Jean-Marc, *Les grands de la terre*, op cit, p 330.

³⁴⁰ Besse observa que este mapa pode ser considerado um emblema, mais exatamente um *emblema triplex*. Na definição que Furetière deu em 1690, um emblema é “une espèce d'énigme en tableau, qui en représentant quelque histoire connue avec quelques paroles au bas, nous apprend quelque moralité, ou nous donne quelque autre connaissance”, *Ib*, p 330-332.

³⁴¹ *Ib*, p 330.

produziu um artefato denso que orientava os espectadores para uma leitura moralizada, convidando-os a contemplar a *magnitudo* do mundo e refletir sobre o lugar por eles ocupado na vastidão do espaço geográfico. Uma interpretação deste tipo tem o mérito de colocar o mapa no âmbito da história da cultura, de iluminar a prática cartográfica como algo que acolhia em si um conjunto extracientífico de valores, e finalmente de recuperar o sentimento do espaço que existia por trás do teatro orteliano. A metáfora teatral é comum na geografia quinhentista e seiscentista, como se encontra praticamente em muitas outras disciplinas. É esta uma herança estoica que apresenta o mundo como palco da existência humana, ou como um teatro da natureza onde é o homem a ser o espectador. Mas o teatro é também um livro enciclopédico. O *Theatrum* de Ortelius contempla estes significados sendo um teatro moral da vida humana, um teatro da natureza e um teatro dos saberes. Esta ênfase na metáfora teatral leva Besse a caracterizar a geografia do cartógrafo flamengo como meditativa, moralmente orientada. O espetáculo que Ortelius destina a seus leitores é de tipo contemplativo, o olhar é “apolíneo”,³⁴² e o percurso sugerido é aquele de uma pacificação universal. A geografia de Ortelius tem um compromisso cosmopolita. Uma chave de leitura refinada, e uma proposta nova que mostra outra faceta da ciência geográfica da época moderna que não foi só expressão de políticas predatórias, ou uma forma de *écriture conquérante*, para citar De Certeau. Besse esclarece para o leitor o plural presente no título de seu livro *Les grandeurs de la terra*. Ortelius termina seu *Theatrum* afirmando que conhecer o mundo implica conhecer a si mesmo, sugerindo uma continuidade entre dimensão cognitiva e ética. Há uma relação entre duas ordens de grandeza, a do mundo e a do homem: a primeira é de ordem geométrica, a outra de ordem moral.³⁴³ A geografia descobre aqui seu papel mais nobre conduzindo o homem a refletir sobre seu lugar no mundo e propondo o espaço terrestre em uma chave cosmopolita, como horizonte comum da existência humana.

A introdução da geografia no horizonte da religião é algo comum na mentalidade quinhentista e precisamos manter os pés neste território sagrado para entender a produção geográfica, especialmente aquela do nosso autor. Em Botero esta relação se dá de formas diferentes em suas obras. No *Disprezio del mondo*, como já dissemos, ela tem uma componente moral. O livro começa com uma delimitação clara do tema tratado. Mundo, diz Botero, tem quatro sentidos: ele é uma máquina, o lugar em que

³⁴² BESSE, op cit, p 276

³⁴³ É justamente por isso que Besse titula seu livro com o plural de *grandeurs*.

moramos, o conjunto das pessoas, o conjunto das coisas que nele existem. Ele se ocupará da segunda e da quarta. Nos primeiros três livros há uma ênfase sobre a miséria do mundo, e a dimensão efêmera da vida terrena, seu caráter passageiro que faz da Terra um abrigo extemporâneo: "non è patria nostra, ma un ospizio, non è casa ma un albergo momentaneo",³⁴⁴ sendo o homem um peregrino em trânsito, que por isso deve evitar o apego a bens materiais ("a' pellegrini non è spediante mettersi in spalla tutto ciò che ritrovano per istrada, poichè non servirà se non di carico e di impaccio").³⁴⁵ Uma vez terminada a exposição de casos negativos, nos últimos dois livros, o exemplo de Cristo abre para a redenção do homem. Botero segue um esquema clássico dos livros sobre o tema do *Contemptus Mundi*. Não é uma obra original e os textos de referência por ele usados são, principalmente, aqueles da tradição cristã. A própria construção do texto calca aquela de outros livros dedicados a este assunto, e que Delumeau trata muito bem em seu livro sobre o pecado e o medo. No entanto, no livro de Botero, encontramos toda uma série de considerações que reparecerão em outros escritos, inclusive a expressão "ragione di Stato",³⁴⁶ ou a superioridade dos estados médios sobre os grandes, e a polêmica contra os *politiques* franceses. O historiador Michael Heath chega a dizer que o *Dispregio del mondo* "prenuncia o destino literário e científico de Botero".³⁴⁷ É importante observar que na época em que escreveu este tratado, Botero pediu ajuda bibliográfica ao amigo Pinelli, o qual o socorreu com livros de autores modernos que, ao lado dos antigos, concorrem com uma série de exemplos que serão reaproveitados para sua obra geográfica mais importante. Os modernos em questão são João de Barros e Jerónimo Osório que vão acrescentar outras leituras como aquela de Leone Africano, autor já conhecido por Botero, conforme ele próprio reconheceu.³⁴⁸

³⁴⁴ BOTERO, Giovanni, *Dispregio del mondo*, p 85.

³⁴⁵ *Ib.*, p 23.

³⁴⁶ *Ib.*, p 8.

³⁴⁷ HEATH, Michael, "Introduction" a René de Lucinge, *Le premier loisir*, Genebra, Droz, 1999, p 18.

³⁴⁸ Botero escreveu uma carta a Pinelli que Giuseppe Assandria reproduziu em seu estudo. Em um trecho Botero diz: "Hieri per un fastidio che mi sopraprese non potei domandar da V.S. s'ella ha qualche autore che scriva de le cose d'Africa, eccetto G. Leone, latino, o francese, o spagnuolo, o portoghese. Mi basterebbe per hora sapper se ne ha qualcuno: un'altra volta poi ne manderò a ricercare la sua cortesia, perché al presente non potrei servirmente", ASSANDRIA, Giuseppe, , *Giovanni Botero. Note biografiche e bibliografiche*, Bene Vagienna, Vissio, 1928, p 92. A carta não tem data, mas os historiadores concordam que ela foi escrita em 1585.

2.3 Geografia da cristandade

Botero deve ter dado muita consideração a estes livros porque ele voltará a usá-los em ocasião de uma carta dirigida a Antonio Carafa, na qual a geografia é uma base documentária para provar a difusão da fé católica. Esta carta fora publicada em 1586, em Paris, como apêndice ao epistolário de Borromeo, com o título de *De catholicae religionis vestigijs*, e traduzida dois anos depois para o italiano por Angelico Fortunio, o qual fizera muitas intervenções que passaram despercebidas a Luigi Firpo, normalmente um leitor atento, deixando de mencioná-las em seus estudos boterianos. Estas diferenças, porém, não escaparam a Aldo Albónico; este historiador tem o mérito de reproduzir a carta latina e aqueles trechos em italiano que se afastam do original. Se estes não modificam o sentido da carta, devem alertar os pesquisadores para seu uso, distinguindo-se as palavras de Fortunio daquelas de Botero. Curiosamente, as frases do tradutor, em seguida, foram aproveitadas por Botero nas *Relationi Universali*.³⁴⁹ Como já foi evidenciado por Albónico, este escrito é importante por apresentar pela primeira vez uma atenção global ao mundo, destacando-se as terras de missões e, entre estas, o continente americano.³⁵⁰ São páginas interessantes que realizam uma ponte entre predicação e geografia. A passagem dos escritos religiosos para aqueles geográficos foi realizada em torno dos interesses sobre a predicação do evangelho no mundo, um tema então atual e discutido entre os teólogos, interessando particularmente os reis católicos, e que em Botero constitui um desdobramento de seu escrito anterior sobre a predicação. As descobertas das índias ocidentais, e as frequentações sempre mais intensas daquelas orientais colocavam o europeu em contato com populações que deixavam aberta uma questão religiosa da máxima importância. O assunto em questão era aquele da predicação universal que tem uma origem antiga. Se, no começo, a preocupação se colocava no eixo temporal, interessando o homem pré-cristão, agora é o eixo espacial trazido pela nova geografia dos descobrimentos a reanimar a discussão.³⁵¹ Botero portanto se insere em uma discussão que contemplava nomes como aqueles de Acosta, Gomara, Las Casas, os quais apoiavam suas hipóteses no dado empírico e na autoridade

³⁴⁹ Aldo Albónico faz uma ótima análise desta carta por ele reproduzida na versão latina e parcialmente na tradução de Angelico FORTUNIO em que são destacadas as modificações. A carta original foi publicada no epistolarum em Paris, 1586. A tradução de Fortunio foi publicada em Roma por Giovanni Martinelli em 1588. Há uma terceira edição, em italiano, publicada em Roma em 1615 pelo editor Giacomo Mascardi. Nossas citações provêm do epistolarum e da edição de 1615.

³⁵⁰ ALBÓNICO, Aldo, *Il mondo americano di Giovanni Botero*, op cit.p 70

³⁵¹ *Ib*, p 70

de Santo Agostinho e São Tomás. Botero oferece uma síntese favorável à presença de uma predicação antiga. Os dados que ele apresenta são de outros autores ou de testemunhos. O assunto é enfrentado com brevidade pelo nosso autor, o qual procura responder à questão se lusitanos e castelhanos em suas navegações tiveram notícia da presença do evangelho. A tradução de Fortunio altera a parte inicial em que reconhece às navegações uma dimensão histórica e geográfica que outros devem narrar.³⁵² O que interessa (tanto a Botero quanto a Fortunio) é celebrar os monarcas ibéricos graças aos quais podemos apreciar a predicação apostólica e obviamente Cristóvão Colombo. Pouco depois, Botero não perde a ocasião para polemizar com os protestantes, "homens ímpios"³⁵³ que Fortunio alfineta com estas palavras: "assai gran segno della verità della nostra santa fede si è che nelle sudette imprese, per divina provvidenza, non habbia havuto parte nessun Re, il cui regno sia macchiato d'heresia".³⁵⁴ O escrito tem portanto dois objetivos: ele é investigativo e apologético. De acordo com o primeiro, a geografia é o espaço em que se desenrola a narração sagrada. Quanto ao segundo, a conquista deste espaço pelos reis ibéricos é um sinal providencial que enaltece a fé católica. Em ambos os casos, nos deparamos com uma geografia moral, a serviço de um discurso que é religioso. A apresentação das regiões terrestres obedece à procura dos vestígios cristãos. Os primeiros lugares a serem examinados são aqueles frequentados por portugueses. A Etiópia, da qual é lembrado Matteo Armeno, embaixador do rei Davi, que levou um pedaço da cruz ao rei Manoel. Na seção da carta voltada para a análise dos vestígios, a tradução de Fortunio mostra ainda aqui e ali algumas intervenções e, justamente, na parte etiópica uma que compensa um descuido que para Albónico é clamoroso: a falta de referências ao preste João.³⁵⁵ Sempre da Etiópia há uma descrição dos costumes coptas. A região seguinte é a ilha de Socotorá, no mar vermelho, que Tristão da Cunha livrou dos saracenos em

³⁵² BOTERO, Giovanni, *Discorso de vestigii et argomenti della fede catholica ritrovati nell'India da' portoghesi, e nel Mondo Nuovo da' castigliani*, Roma, Giacomo Mascardi, 1615, p 3-4. Fortunio escreve que "in queste imprese molte cose si sono viste, molte prodezze fatte degne d'esser consacrate all'immortalità. Ma lasciando la cura ad altri di scriver le navigationi immense, i naufragii horribili, i mostri spaventosi del mare, i costumi strani de i popoli, la grandezza delle città prese, o difese, e altre simil cose, degne d'esser sapute da gl'ingegni nobili, io mi contenterò di commemorar qui i vestigii e gli argomenti della nostra santa fede".

³⁵³ A frase inteira diz: "Non est autem credibile, neque divinae misericordiae, providentiaeque consentaneum, ut tam egregium facinus aggredi vellet homines impios" p 123v

³⁵⁴ *Ib.*, p 2

³⁵⁵ Descuido que ALBÓNICO assinalou. Na página 125, diz BOTERO: "Principis huius imperium est in ipsius Africae pene umbilico" e FORTUNIO, na página 5: "Il Re degli Etiopi, chiamato da noi falsamente il Pretegianni, ha un grandissimo imperio quasi nell'ombilico dell'Africa"

1507. A população local³⁵⁶ mostra sinais que atestam uma antiga predicação. São Tomé, por sua vez, deixou rastros na Índia, mais precisamente em Cranganor, na região de Malabar, e em Malipur, onde se encontram seus restos. Ele cita também uma placa de bronze com letras antiquíssimas que foi encontrada nos anos em que João III reinava em Portugal. Martim Afonso de Souza encomendou a tradução para um judeu que afirmou tratar-se da doação de um sítio para que Tomé edificasse uma igreja. Da Índia, Botero lista ainda, de passagem, a ilha de Anchediva e Goa, onde foram encontrados restos da cruz. A China ocupa pouco espaço. Seus habitantes devem ter conhecido a predicação em outros tempos, mas incursões de povos bárbaros e idólatras deixaram poucos vestígios como, por exemplo, a crença em um Deus criador do céu e da terra e da Virgem Maria, que eles chamam de Nama. Estes exemplos são suficientes para que Botero possa a este ponto tirar as primeiras conclusões, isto é que os apóstolos Mateus e Tomé levaram o verbo para estas regiões do mundo, convertendo seus habitantes à fé cristã. Daqui em diante, o nosso autor passa a analisar o *Novus orbis*, isto é o continente americano. Este último oferece três elementos para o debate da predicação: os vestígios do cristianismo, as predições indígenas, os efeitos produzidos pela cruz.³⁵⁷ Os primeiros incluem toda uma série de crenças tais como a imortalidade da alma; a noção de inferno, purgatório e paraíso; a ressurreição da alma; o dilúvio universal. Há em seguida o relato de duas predições, uma do cacique Guarionex de Santo Domingo e outra de Origuara do rio da Plata: o primeiro previu a chegada do homem branco e o segundo da religião. O último elemento é a presença de cruzes e outros objetos. Todas estas informações são coletadas através da leitura de vários autores citados na última página do original em latim. São eles, respeitando a ordem do autor: Pietro Martire d'Anghiera, Gonzalo Fernandez Oviedo, Ramusio, Francisco Lopez de Gomara, João de Barros, Fernão Lopes, Jerónimo Osório, Francisco Alvarez, e finalmente as cartas da Companhia de Jesus.

A carta em questão apresenta uma diferença fundamental com o *Disprezio del mondo*. Embora os dois escritos tenham uma preocupação religiosa comum, no *De catholicae religionis vestigiis*, a geografia está a serviço de uma genealogia cristã do mundo. Uma posição que reflete a postura de outro homem de Igreja que já

³⁵⁶ O confronto entre o original latim e a tradução italiana revela ainda uma intervenção de Fortunio interessante. Ele diz que "i suoi popoli sono molto rozi; e tra l'altre cose non han pratica nissuna de la navigatione; cosa meravigliosa in gente che è d'ogni intorno cinta dall'oceano". Em Botero se reduz a um "navigare nesciunt".

³⁵⁷ Ib, p 84. Esta é a ordem de Botero, Fortunio muda a ordem colocando em primeiro lugar as predições seguidas pelos vestígios, como notado por Albonico.

conhecemos: Antonio Possevino. Em seu *Apparato all'Historia di tutte le nationi et il modo di studiare la geografia* que já apresentamos no primeiro capítulo, o espaço geográfico também é pensado em conexão com uma história sagrada. O *Apparato* tinha sido redigido para afirmar a maneira correta, isto é católica, de ler e estudar a história, um contraponto positivo aos livros produzidos em área protestante, ou ao *Methodus ad facilem historiarum cognitionem* de Jean Bodin³⁵⁸ que, com seu catálogo de livros heréticos, dava publicidade a autores considerados perigosos.³⁵⁹ Além disso, no entender de Possevino, Bodin cometia muitos erros interpretativos e fatuais, encobertos por uma prosa persuasiva que "alletta de maniera i lettori che può ingannare coloro che vi procedono incautamente".³⁶⁰ O jesuíta se empenhou em uma correção pontual cuja finalidade era o reestabelecimento da verdade da qual o erudito francês se afastara. Ele acusava Bodin de ter negado o livre arbítrio, depreciado a autoridade espiritual, confundido a relação da matéria com o espírito, atribuído à astrologia um poder que não lhe compete, mal compreendido o papel do cristianismo no surgimento dos reinos, só para elencar algumas das "falhas" presentes no *Methodus*. Uma vez terminada esta *digressio* sobre o francês, colocada de forma estratégica na primeira parte, o campo é livre para introduzir o leitor à história, tendo a cautela de separar as coisas erradas daquelas que "assaisimo giovano". Possevino começa pelos historiadores gregos (segunda parte) continua pelos romanos e outros historiadores antigos (terceira parte), até chegar aos mais recentes (quarta parte). Na sequência, o tratamento envereda por uma geografia dos eventos históricos que, em sua divisão, lembra um atlas. A quinta, sexta e sétima parte apresentam os historiadores que trataram da Europa, Ásia, África e do Novo Mundo, com o qual se conclui o tratado histórico. A este, como dissemos, foi acrescentado um pequeno tratado de metodologia do ensino da geografia, cuja integração na maneira como o *Apparato* foi estruturado parece óbvia; de fato, acompanhando o escrito de Possevino percebemos como geografia e história se complementam. A argumentação geográfica do jesuíta é desenvolvida ao longo de três pequenos capítulos: o primeiro fornece uma definição da cosmografia e da geografia. O segundo discute sobre a utilidade da geografia, e o terceiro traz uma lista de geógrafos antigos e modernos. Objeto da cosmografia é a esfera celeste, os quatro elementos, os meridianos, os paralelos, a elevação do polo, e outras coisas que remetem às demonstrações

³⁵⁸ BODIN, Jean, *Methodus ad facilem historiarum cognitionem*, Paris, 1566.

³⁵⁹ "per mezo di quel Catalogo, come per una mano, l'huomo è guidato a leggere tutti i libri de gli heretici", *Ib*, p 15.

³⁶⁰ *Ib*, p 14

matemáticas; estudo que, Possevino se apressa a dizer, manifesta a grandiosidade de Deus,³⁶¹ deixando claro que a geografia se inscreve em uma “perspectiva religiosa”,³⁶² perspectiva reforçada por um "avertimento", uma citação de Plínio que introduz a matéria, lembrando que a terra é um pequeno ponto na vastidão do universo. A diferença de proporções joga uma sombra sobre as glórias humanas que, por quanto possam ser grandes, não são nada em relação à grandeza do universo, como diz o trecho final:

"colui il quale havrà steso i suoi terreni quanto più largamente havrà potuto e havrà discacciato gli abitanti oltre i confini, quanta parte di terra possederà egli poi? e se bene havrà allargato le sue terre secondo la misura della sua avaritia, morto poi qual parte di terra conseguirà?"

Nestas palavras reconhecemos uma fórmula do estoicismo romano, parecida com aquela de Cícero usada por Ortelius, que influenciará o topos do *contemptus mundi*. Besse lembra como esta mesma passagem da *Historia Naturalis* de Plínio se encontra na *Cosmographia Universalis* de Munster e no *Épitome du theatre de l'Univers d'Abraham Ortelius* de Michel Coignet publicado em Antuérpia em 1602.³⁶³ O aviso de Possevino coloca aqueles que "contemplano la terra e attendono a studi di geografia" em um âmbito de ordem moral, ou como diz Besse "a perspectiva dentro da qual Possevino considera a geografia é espiritual ao mesmo tempo que científica e pedagógica".³⁶⁴ A maneira de apresentar a geografia remete para um sentido outro, que é religioso.

A geografia pertence à cosmografia, sua tarefa é aquela de “descrivere il mondo e porlo inanti a gli occhi”,³⁶⁵ como também dizia Ortelius. Até aqui o discurso de Possevino é calcado naquele de outros cosmógrafos. Mas depois desta apresentação convencional, uma mudança vem reforçar o viés religioso. De acordo com Possevino, o primeiro geógrafo da antiguidade não foi nem Ptolomeu nem Eratostenes, nem Homero, mas Moises. Ao propor esta figura bíblica entre os geógrafos, Possevino está conotando de forma explicita como deve proceder o professor no tratamento da disciplina, ao qual o jesuíta se dirige várias vezes. Com Moises entendemos a “vera origine della geografia”, cuja questão não é aquela de dividir o mundo em zonas habitáveis - uma discussão central, que empenhara os geógrafos desde a antiguidade até a Renascença - mas de buscar a

³⁶¹ POSSEVINO, Antonio, *Apparato all'Historia di tutte le nationi. Et il modo di studiare la geographia*, Veneza, 1598, p 235v

³⁶² BESSE, Jean-Marc, "Quelle géographie pour le prince chrétien?", in *Laboratoire italien*, 2008, p 136.

³⁶³ Ib, p 134.

³⁶⁴ "la perspective dans laquelle Possevino considère la géographie est spirituelle, autant que scientifique et pédagogique", Ib, p 134.

³⁶⁵ POSSEVINO, p 236.

origem do povoamento do mundo. As divisões da Terra precisam ser entendidas em função do movimento migratório dos povos, um objetivo, como observa Besse, que desloca a geografia para a história e mais especificamente a história sagrada.³⁶⁶ Possevino escreve que:

“avanti tutte l’altre cose si ha a fare una divisione più generale di quella che per la divisione delle zone fu fatta da geografi, oltre ciò si dee del passaggio delle nationi e della loro dimora in varie parti del mondo e onde quelle stesse province ricevertero i loro nomi”.³⁶⁷

O primeiro a descrever e nomear estes povos e estes lugares foi Moises. Depois dele

“seguirono tutti i profeti e gli historici sacri i quali doppo lui vissero e la conservarono sana e intiera di modo che benché essi doppo molti secoli habbino trovato cangiati i nomi de’ paesi e habitatori hanno però usato de tutti i nomi antichissimi”.³⁶⁸

O professor precisa recuperar este tipo de narração para entender a geografia cristã, e essencial será o suporte bibliográfico oferecido pelo *Phaleg, sive de gentium sedibus primis, orbisque terrae situ* de Benito Arias Montano e a *Chronographia* de Gilbert Genebrard. A geografia de Possevino propõe um topos clássico e comum à geografia renascentista: ela é um poderoso instrumento de visualização das ações humanas. No caso específico, como diz Besse, as ações a serem visualizadas são aquelas da bíblia: "A geografia serve a ler a Bíblia: ela permite visualizar os lugares onde a história sagrada se desenvolveu, e assim lhe confere uma verdade mais profunda aos olhos dos leitores",³⁶⁹ uma verdade, acrescentamos nós, que é garantida pelo poder retórico da imagem, por sua força persuasiva, força que faz da geografia um suporte importante para o estabelecimento da verdade.

Ou como diz Besse,

"o que está em jogo[...] é a fabricação ideológica e espiritual da imagem geográfica do mundo. Um problema de 'geopolítica espiritual' ou de controle simbólico das representações do espaço"³⁷⁰

Ainda este autor pode concluir que para Possevino a geografia

³⁶⁶ BESSE, Jean-Marc, op cit, p 137. Sobre a geografia sagrada ver também DAINVILLE, op cit, p 57.

³⁶⁷ POSSEVINO, op cit, p 236

³⁶⁸ Ib p 236

³⁶⁹ "La géographie sert également à lire la Bible: elle permet de visualiser les lieux où l'histoire sacrée s'est déroulée, et ainsi lui confère une plus profonde vérité aux yeux des lecteurs", Ib, p 240

³⁷⁰ "L'enjeu [...] c'est aussi celui de la fabrication idéologique et spirituelle de l'image géographique du monde. Un problème de 'géopolitique spirituelle' ou de contrôle symbolique des représentations de l'espace", BESSE, op cit, p 125.

"é uma grande narração interpretativa. É em função de uma etiologia moral e religiosa, cuja fonte se encontra nos livros sagrados que a leitura da história política da humanidade deve ser efetuado"³⁷¹

* * *

Vamos agora determos na dimensão institucional da produção boteriana.

Depois da morte do arcebispo, em novembro de 1584, e de um breve, mas importante, parêntese francês como agente diplomático da casa de Sabóia, Botero voltava para a cidade lombarda, desta vez para acompanhar a carreira de outro Borromeo, o jovem Federico, que era primo de São Carlos. Desde o final de 1585, e por mais de dez anos, Botero foi seu preceptor em Roma, cargo que voltará a exercer, no final do século, quando se ocupará da educação dos três filhos do duque de Sabóia Carlos Manuel I, ficando perto deste último por mais de um lustro.

³⁷¹ "l'utilité décisive de la géographie est qu'elle fournit quelque chose comme un grand récit interprétatif... Là encore, c'est en fonction d'une étiologie morale et religieuse, dont la source se trouve dans les Livres saints, que la lecture de l'histoire politique de l'humanité doit être effectuée." Ib, p 141.

Capítulo 3

Os compromissos de um homem de corte

Prende in privata, e solitaria parte
Col gran Botero a divisar talvolta,
E dell'antiche e ben vergate carte
Le chiare historie attentamente ascolta,
E quanto scrisse il Vecchio di Stagira
Da sì faconda lingua esposto ammira.
(Giambattista Marino, *Il ritratto del Serenissimo Don Carlo Emanuele*,
Duca di Savoia, 1609)

3.1 Em Roma

Acabamos o capítulo anterior relatando uma sucessão rápida de fatos pelos quais, desde os anos 80, o nosso autor se insere organicamente no meio da hierarquia eclesiástica e política italiana a partir de uma função privilegiada, como era aquela do homem de corte, que lhe dava a possibilidade de circular com desenvoltura pelos ambientes palacianos. A diocese de Milão, a Cúria romana, a corte dos Sabóia, três espaços de poder diferentes em que, durante mais de trinta anos, exerceu funções que cobrem um espectro amplo da administração: secretário, conselheiro, preceptor, diplomata, cargos de responsabilidade aos quais temos que acrescentar aquele de consultor na Congregação do Índice.

O contexto histórico em que se enquadra sua produção política e geográfica é, na esfera eclesiástica, aquele da reorganização da Igreja, uma reorganização que não foi

apenas doutrinária como também institucional, de consolidação da forma estatal através de soluções inovadoras que interessaram aparatos de governo e complexos normativos. É o que aponta, por exemplo, a bula *Immensa aeterni Dei* de 1588, com a qual Sisto V aumentava as congregações cardinalícias e reformava aquelas existentes, fixadas agora no número de quinze, criando verdadeiros pilares da estrutura política pontifícia.³⁷² As congregações redefiniam a participação dos cardeais no sistema de poder no sentido de limitarem suas ações a aspectos específicos, e davam continuidade àquela operação - começada grosso modo com Pio II - de esvaziamento do poder do consistório, considerado, em outros tempos, *pars corporis papae*, já que com o pontífice partilhava as responsabilidades de governo.³⁷³ A criação das congregações atendia a dois objetivos: de um lado, estas ofereciam uma solução para o controle administrativo do Estado, de outro, fragmentando o poder dos cardeais, reforçavam a figura monárquica do papa.³⁷⁴ Nos últimos trinta anos, a historiografia tem focado suas atenções nos processos de transformação burocrática da Igreja e da consolidação daquela forma original do poder pontifício que Paolo Prodi, interpretando uma observação de Paolo Paruta,³⁷⁵ definiu como um corpo com duas almas, uma temporal e outra espiritual. De fato, as reflexões de Prodi, como também de Robert Bireley, entre outros,³⁷⁶ jogaram luzes sobre a modernização da Igreja que seguia a dos Estados seculares, quando não assumia a dianteira,³⁷⁷ embora tivesse peculiaridades próprias que Bireley resume em dois pontos: a estatização da Igreja procurava reestabelecer equilíbrios políticos internos à península, e permitia regular os canais financeiros depois da interrupção do fluxo de dinheiro dos países protestantes. Prodi também enxerga a estatização da Igreja dentro de uma estratégia que visava garantir sua independência no quadro geopolítico que se configura no século XV e, com mais força, no XVI. Estes dois historiadores têm o mérito de tirar a modernização da Igreja das periodizações clássicas da Reforma e Contrarreforma para entender este movimento de renovação dentro de outras dinâmicas

³⁷² A política externa da Igreja também foi importante. Além da missão, é oportuno lembrar a redefinição do papel dos núncios com as instruções de Clemente VIII e Paulo V. Para uma discussão ver CARTA, Paolo, "I cartografi della cristianità. Geografia e politica nelle nunziature apostoliche", in *Laboratoire italien*, 8, 2008.

³⁷³ PRODI, Paolo, *The papal prince. One body and two souls: the papal monarchy in early modern Europe*, trad, Cambridge, Cambridge University Press, 1987, p 82.

³⁷⁴ Algumas congregações de fato eram prepostas a assuntos temporais como aquela da frota, das ruas, da universidade, etc.

³⁷⁵ Embaixador veneziano que deixou uma relação sobre o estado pontifício.

³⁷⁶ Para uma síntese ver o artigo de BIZZOCCHI, Roberto, "Chiesa, religione, Stato agli inizi dell'età moderna", in CHITTOLINI, Giorgio, MOLHO, Anthony, SCHIERA, Pierangelo, (org) *Origini dello Stato*, Bologna, Il Mulino, 1994.

³⁷⁷ BIRELEY, Robert, op cit, p 71.

históricas. Enquanto Bireley vê esse processo como uma série de acomodações a fatores externos, Prodi enfatiza mais o papel positivo de promover mudanças.

Da máquina estatal pontifícia, Botero tomou parte como consultor da Congregação do Índice, na qual ele entrou durante sua estadia romana a serviço de Federico Borromeo. A proximidade com o nobre milanês, nomeado cardeal em 1587, deve ter facilitado a promoção de Botero ao cargo em julho de 1587.³⁷⁸ Uma data importante, conforme observou Descendre, constituindo um salto de qualidade para Botero que, de secretário de uma pessoa, passa a serviço de uma administração.³⁷⁹ A presença de Botero nesta instituição é ainda nebulosa, e os historiadores tomaram conhecimento apenas nos últimos anos; por muito tempo o acesso aos arquivos da Congregação ou foi negado aos pesquisadores, ou foi limitado a poucas pessoas, de modo que os principais estudiosos do piemontês ignoravam a sua participação como consultor, isto é alguém que era empenhado na censura dos livros. E se tratava de um aparato institucional estratégico para o nosso intelectual contrarreformista. Criada em 1571 pelo papa Pio V, a congregação, como vimos no primeiro capítulo, tinha a tarefa de vigiar os livros publicados com o objetivo de evitar que ideias heréticas pudessem circular e corromper os valores cristãos, colocando em perigo os pilares da fé. Uma primeira lista de livros proibidos tinha sido feita sob o papa Paolo IV em 1559, ano em que a Congregação do Santo Ofício era o órgão preposto ao controle das publicações. A seleção dos livros era feita de acordo com um método preciso, conforme sabemos pelas disposições gerais. Eram proibidas as obras escritas ou traduzidas por hereges; todas as obras sem nome do autor, ou sem data, ou em que faltasse o lugar de publicação; todos os livros astrológicos e de ciências ocultas. Finalmente era preciso ter uma autorização para poder ler uma bíblia em vernáculo desde que seu autor não fosse um herege.³⁸⁰ O rigor do Papa, e ex inquisidor, Carafa condenou os escritos de assuntos religiosos com suspeita de heresia, como também não poupou autores e livros famosos: Maquiavel, Rabelais, o *De monarquia* de Dante e o *Decamerone* de Boccaccio, entre outros. Em 1564, no âmbito do Concílio de Trento, foi elaborado um segundo índice, menos intolerante. Com a criação de uma congregação indicada a tutelar os leitores cristãos, um conflito jurisdicional ocorreu, e, de fato, houve alguns desentendimentos entre as

³⁷⁸ Borromeo também entrará na congregação como membro pouco menos de um ano depois, em junho de 1588.

³⁷⁹ DESCENDRE, Romain, *L'État du monde*, op cit. p 35.

³⁸⁰ SANTORO, Marco, "La prassi bibliografica degli inquisitori romani di ancien régime: l'index librorum prohibitorum nel XVI secolo", *Italica*, vol 82, n 3/4, 2005, p 417.

duas instituições em virtude de caber ao Santo Ofício vigiar a heresia.³⁸¹ Botero entrou na congregação um ano antes da reforma de Sixto V e deve ter participado da preparação do *index* de 1596, realizado sob o papa Clemente VIII. Seus colegas eram Silvio Antoniano, Roberto Bellarmino, Alfonso Chacon, Francisco Peña, Pierre Morin, Lelio Pellegrino, Francisco Toledo. Cabia a eles a análise das publicações. Uma obra era submetida a um colégio de consultores, os quais enviavam a análise a um cardeal membro da congregação, para que emitisse o parecer final.

Botero passou a parte mais importante de sua vida nestes âmbitos institucionais de alto nível, os quais, depois dos colégios jesuíticos e da universidade, constituíram uma segunda escola para sua formação intelectual, e ainda um campo de aplicação dos preceitos adquiridos anteriormente. O que mais interessa ao nosso estudo, é o fato de terem sido eles centros de decisões cruciais, dentro dos quais vivenciou a dinâmica do poder, e ainda setores nevrálgicos da sociedade onde todo tipo de informação transitava. Foram eles, ao mesmo tempo, laboratórios e observatórios privilegiados. Dois aspectos que são duas chaves iniciais de leitura para entender a *Ragion di Stato* e as *Relationi Universali*. Botero, já no período passado ao lado de São Carlos, não foi secretário passivo, mas soube aproveitar os estímulos ambientais canalizando-os, aos poucos, em suas reflexões. É significativo que mais de um livro do nosso autor, quando não era encomendado, encontrasse sua justificação a partir de fatores externos, ocasiões que instigavam-no a entrar no debate público, no calor da discussão com sua contribuição. Assim foi para o *Disprezio del mondo*, que surgiu depois de uma visita pastoral nas montanhas lombardas realizada ao lado de São Carlos, ou o *Ragion di Stato*, cuja dedicatória começa com estas palavras:

"Questi anni adietro, per diverse occorrenze, parte mie, parte degli amici e de' padroni, mi è convenuto far viaggi e praticare, più di quello che io avrei voluto, nelle corti di Re e Principi grandi, or di qua, or di là da' monti, dove, tra l'altre cose da me osservate, mi ha recato somma meraviglia il sentire tutto il dì mentovare ragione di Stato"³⁸²

Neste trecho percebemos a atenção que Botero prestava às discussões em ato nos círculos eruditos, que o levaram a tomar a iniciativa de publicar seu pensamento, como

³⁸¹ A abertura recente dos arquivos vaticanos está permitindo um estudo mais aprofundado da congregação do índice. É uma história que está sendo escrita e que no futuro deverá melhorar nosso entendimento. Atualmente, entre as pesquisas mais interessantes sobre o tema, assinalamos FRAGNITO, Gigliola, *La bibbia al rogo. La censura ecclesiastica e i volgarizzamenti della Scrittura (1471-1605)*, Bologna, Il Mulino, 1997, e FRAJESE, Vittorio, *Nascita dell'indice. La censura ecclesiastica dal Rinascimento alla Controriforma*, Brescia, Morcelliana 2006.

³⁸² BOTERO, Giovanni, *La ragion di Stato*, op cit, p 3.

ele mesmo diz poucas linhas depois: "mi parve poi cosa degna (già ch'io mi trovavo bene spesso tra gente che di sì fatte cose ragionava) ch'io ne sapessi anco render qualche conto".³⁸³ A dedicatória do *Regia sapientia* também alude a estes círculos onde se discute de política e Maquiavel. Não é apenas um artifício retórico, mas um ato que apresenta estas obras em contextos eruditos, políticos, religiosos precisos. Com efeito, a teoria da razão de Estado nasceu como uma resposta a Maquiavel e a Bodin, resposta que estava em gestação na cúria romana. Enzo Baldini e Romain Descendre trouxeram evidências relativas à discussão entre alguns prelados sobre a necessidade de contratacar Maquiavel, e principalmente Bodin, um ataque que não fosse apenas repressivo, ou seja que não se limitasse a censurar suas obras, mas que oferecesse uma contraproposta teórica. Mais precisamente estes assuntos estavam sendo discutidos entre Antonio Possevino e os cardeais Giovanni Antonio Facchinetti, futuro papa Inocêncio IX, e Minuccio Minucci. Uma carta deste último publicada por Baldini atesta claramente esta vontade; vamos reproduzir a parte final dela:

"Io ho perciò desiderato più volte non di vedere purgati quell'autori che neanco vorrei sentir far loro tanto honore [...] ma bene che qualc'huomo dotto et pio satiasse queste comuni voglie della gente con qualche bevanda christiana et giovevole, la quale insieme con le ragioni politiche, o ragioni di Stato, infondesse ad altri il gusto soavissimo della legge di Christo, et della fede cattolica"³⁸⁴

O homem "dotto e pio" que se encarregará desta operação era justamente Botero, o qual de política já tinha escrito algo que se aproximava do tratado sobre a razão de Estado. De fato, se o *Disprezio del mondo* e o *Discorso de vestigii* antecipam as *Relationi Universali*, o *De regia sapientia*, outro livro do período milanês, aparece ligado ao *Ragion di Stato*.

Escrito em 1582, e publicado em 1583, trata-se de uma primeira reflexão política em que, interpretando os sentimentos de São Carlos,³⁸⁵ Botero afirma o princípio religioso do poder. Entre as *sententiae insignes* colocadas no prólogo, lembramos a "religio est omnis principatus fundamentum",³⁸⁶ em torno da qual o texto é construído. Em sua

³⁸³ Ib, p 3.

³⁸⁴ Carta de Minuccio Minucci em BALDINI, Enzo, "Primi attacchi romani alla *République* di Bodin sul finire del 1588. I testi di Minuccio Minucci e di Filippo Sega", *Il pensiero politico*, 2001, 1, p 32.

³⁸⁵ BALDINI, Enzo, "Le *De Regia sapientia* de Botero et *De la naissance, durée et chute des Etats* de Lucinge", *Asterion*, 2, 2004, revista on line: <http://asterion.revue.org/92>

³⁸⁶ BOTERO, Giovanni, *De Regia sapientia*, Milano, 1583, p 4.

estrutura lembra os *specula principum*,³⁸⁷ de origem medieval, e, pela primeira vez, testemunha publicamente uma proposta antimaquiaveliana que será desenvolvida, com outro teor, no *Ragion di Stato*.³⁸⁸ O escrito tem por objetivo demonstrar que a manutenção de um Estado - em que se manifesta a *regia sapientia* - e suas conquistas, dependem de Deus, enquanto que sua ruína é causada pelo afastamento dos homens de governo de Deus.³⁸⁹ Estes argumentos são desenvolvidos ao longo de três partes. A primeira demonstra que as vitórias dos príncipes têm em Deus o inspirador; a segunda analisa as causas da grandeza de um Estado; a terceira, o declínio.³⁹⁰ A primeira e a terceira parte são particularmente interessantes porque vinculam os sucessos ou as derrotas nas batalhas a Deus. Longe de ser caridoso, o Deus apresentado por Botero é um guia militar, e em sua figura "emerge uma concepção de clara ascendência bíblica".³⁹¹ Tanto belicismo precisa ser entendido à luz de dois fatores presentes na dedicatória a Carlos Manuel, em que ficamos sabendo que o livro surgiu a partir de uma conversação com nobres milaneses sobre os eventos de Flandres (*de rebus belgicis*), conversação que, depois do evento particular, tocava aspectos mais gerais relativos ao Maquiavel crítico com o príncipe cristão, uma posição que encontrava o favor dos interlocutores de Botero. Em poucas linhas o autor coloca um aspecto histórico e outro ideológico. Mais especificamente, as guerras de Flandres, como também a experiência francesa com suas lutas de religião, levam Botero a uma reflexão sobre o lado guerreiro do cristianismo. Esta análise é um contraponto à ideia de Maquiavel pela qual o cristianismo enfraquece o vigor bélico dos homens, quando, ao contrário, os exemplos apresentados mostram reis inspirados por Deus, determinados e vitoriosos. Como observa Vasoli a crítica boteriana a Maquiavel passa por uma recusa da imagem pacifista de Deus, proposta pela tradição humanista e evangélica, e por uma sua leitura veterotestamentária.³⁹² A análise desenvolvida por Botero é também um contraponto mais geral à teoria do florentino, que separa a técnica de governo da profissão de fé, separação que foi alvo de críticas realizadas pelos pensadores católicos da segunda metade do século XVI, preocupados

³⁸⁷ Para uma sua análise remetemos ao artigo de VASOLI, Cesare, "A proposito della 'Digressio in Nicolaum Machiavellum': la religione come 'forza' politica nel pensiero del Botero", in BALDINI, Enzo (org), *Botero e la ragion di Stato*, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.

³⁸⁸ O capítulo sete do primeiro livro é titulado *In Nicolaum Machiavellum digressio*.

³⁸⁹ Outra sentença presente no terceiro livro lembra que *Omnis miseriae causa est peccatum*.

³⁹⁰ Ou com as palavras de Botero: "Nel 1o dimostro i principati e le vittorie dipendere da Iddio; nel 2o le cagioni degli accrescimenti degli Stati; nel 3o le cagioni delle rovine" Carta a Carlos Borromeo, 4/07/1582, em ASSANDRIA, Giuseppe, *Giovanni Botero. Note biografiche e bibliografiche*, Bene Vagienna, Vissio, 1928, p 94.

³⁹¹ VASOLI, Cesare, op cit, p 48.

³⁹² VASOLI, op cit, p 43.

em resgatar o papel da Igreja e, ao mesmo tempo, formular uma racionalidade política que reintegrasse a ética religiosa e superasse a crise de valores que atravessava a sociedade europeia do Quinhentos. Esta racionalidade desembocará na teoria de uma razão de Estado católica que já aparece *in nuce* neste escrito de Botero. Esta, pelo menos é a opinião de Treves, autor do *Il gesuitismo politico di Giovanni Botero*. Chabod, ao contrário, tem outra visão: ainda que seja um escrito político, para ele o *Regia sapientia* nada mais é que uma *tabula exemplorum*, isto é uma série de exemplificações com poucas ideias, enquanto a *Ragion di stato* é fruto do raciocínio.³⁹³ Cesare Vasoli também enfatiza o contexto histórico das guerras de religião na composição do *Regia sapientia* que, no entanto, retomando uma observação de Firpo, apresenta os limites de um "antimaquiavelismo moralista",³⁹⁴ enquanto o *Ragion di Stato* se caracterizará pelo realismo político.³⁹⁵ De acordo com Baldini, a continuidade entre a *Regia sapientia* e o *Ragion di Stato* se dá mais nos objetivos, e menos no conteúdo.³⁹⁶ Se no primeiro é suficiente recorrer a exemplos tirados do Velho Testamento, o contato sucessivo com a obra de Bodin deixará claro que é preciso levar o ataque no plano de uma linguagem mais sofisticada. De qualquer forma, é claro que o que motiva Botero a escrever é, antes de tudo, um compromisso de natureza religiosa.

A experiência de Botero na Congregação do Índice chamou a atenção para a importância do livro tipográfico como veículo de saber. Se no *Praedicatorum verbi Dei* o acento era sobre a eloquência, nos anos romanos se desloca para o papel do conhecimento. O livro sobre o cardeal incorpora estas preocupações. Aqui ele aponta como missão mais importante de um cardeal a propagação da religião. No capítulo anterior acenamos a um projeto hegemônico da Igreja que resumimos em quatro pontos. Botero, entre outros, formulou este projeto em três pontos que coincidem com os alvos. Em primeiro lugar, a religião precisa ser ampliada entre os fieis, "perché se non si edificano prima quelli di casa come si potranno edificare gli stranieri?";³⁹⁷ em seguida tem que ser restaurada entre os hereges; e finalmente, introduzida entre os infiéis. O aspecto interessante é quanto ao modo em que esta operação deve ser conduzida. Já vimos a importância da predicação, mas agora Botero introduz outro aspecto que faz do livro tipográfico um instrumento crucial na difusão da religião. Em uma passagem podemos ler que:

³⁹³ CHABOD, op cit, p 290.

³⁹⁴ VASOLI, op cit, p 41.

³⁹⁵ Ib, p 45.

³⁹⁶ BALDINI, op cit, p 269.

³⁹⁷ BOTERO, Giovanni, *Del Cardinale libri due*, 1598, p 6.

"Io non posso finir di meravigliarmi della sollecitudine inestimabile che i capi de gli heretici usano continuamente in iscrivere, e in istampare opere immense a favor della loro empietà nelle quali spendono denari infiniti, anzi tesori: né però si è mai inteso che essi lasciassino o di scrivere per difetto di soccorso, o di stampare per eccesso di spesa. Anzi quelli che tra loro hanno qualche talento d'ingegno, o di dottrina, o qualche gratia di discorrere, o facoltà di ragionare, o di scrivere, sono e con istanza ricercati, e con grandissimi premii invitati a impiegar la lingua e la penna per la causa loro."³⁹⁸

É um ato de reconhecimento da capacidade dos protestantes que se valeram da imprensa para conquistar espaços sempre maiores. Possevino dizia que um dos meios usados pelos protestantes para turbar o mundo católico era a disseminação de livros manchados de ateísmo.³⁹⁹ Um capítulo do seu *Coltura de gl'ingegni* se detém na "disseminatione de' buoni libri" que mostra a competição entre protestantes e católicos a partir da circulação do livro impresso. As heresias dos calvinistas se propagaram através de livros que os mercadores levavam para Itália. O dano provocado foi grande como revela outro exemplo, aquele dos huguenotes, que no Brasil ("l'Indie del mezo di") levaram livros "pestilentissimi... per infettarne que' paesi".⁴⁰⁰ A solução católica consiste na promoção planejada do bom livro. Ele precisa ser distribuído através de alguns canais que Possevino encontra nas feiras periódicas, nas cidades comerciais, especialmente aquelas marítimas e fluviais, e nas viagens diplomáticas.⁴⁰¹ A resposta católica deve portanto percorrer dois caminhos: da censura e da propaganda.

Uma vez atestada esta superioridade dos protestantes é preciso contratacar no mesmo plano, isto é da "difusão do saber",⁴⁰² com a divulgação da sagrada escritura: "mira di un cardinale deve essere, quanto alle lettere, la sacra scrittura", compreendida por todos.⁴⁰³ Botero cita dois autores que fizeram um trabalho fundamental, Cesare Baronio e Roberto Bellarmino. Nesta mesma lógica se inscrevem os principais escritos de Botero e seu compromisso intelectual. Mais especificamente, a geografia se encontra no centro desta competição. A galeria vaticana das cartas geográficas é um exemplo do interesse crescente pela matéria geográfica em que, ao acolher a representação do mundo em seu espaço, pretende-se controlá-lo, pelo menos simbolicamente. Há de fato uma

³⁹⁸ Ib, p 10.

³⁹⁹ POSSEVINO, Antonio, *Coltura de gli ingegni*, op cit, p 94.

⁴⁰⁰ Op cit, p 111.

⁴⁰¹ Ib, p 111. Descendre encontra nesta estratégia não apenas uma "réforme du savoir", mas principalmente uma "conquête par le savoir". Op cit, p 308.

⁴⁰² DESCENDRE, Romain, *L'État du monde*, op cit. p 258.

⁴⁰³ E por isso cita como exemplo a Bíblia complutense.

concorrência no campo geográfico com o mundo protestante que tanto Possevino quanto Botero entendem muito bem. Mangani escreve que

“no século XVII ficava evidente para as classes dirigentes romanas que grande parte do mercado de atlas e mapas estivesse em mãos holandesas e, o que é pior, de fé protestante. Por este motivo foram frequentes as tentativas de ambientes católico de competir com os flamengos desenvolvendo uma editoria geográfica considerada de certa forma estratégica para a formação dos missionários”⁴⁰⁴

Aquela de Botero é um tipo de geografia edificante formulada, porém, com uma linguagem mais realista. Podemos assumir a hipótese de que Botero foi intérprete de uma modernidade que fundava seus pressupostos em uma renovada relação do homem com o espaço, um espaço vastíssimo que relativizava os localismos.⁴⁰⁵ O próprio objetivo declarado da pesquisa boteriana – avaliar a difusão do cristianismo no mundo – manifesta a consciência espacial de seu autor, sua tentativa de englobar a universalidade terrestre dentro de um contexto religioso que a justificasse. De fato, a única instituição humana que desafiava a vastidão do horizonte geográfico era a Igreja católica, cuja jurisdição não tem fronteiras. No segundo livro das *Relationi Universali*, Botero escreve que

“Il pontefice romano ha da Christo Signor nostro autorità di suo vicario universale: la quale autorità non può esser né limitata da monti, né terminata da mari; ma s’allarga senza fine, e si estende senza orizzonte”⁴⁰⁶

Temos aqui um elemento de ponderação do autor das *Relationi*, pelo qual podemos contextualizar a obra no registro da enunciação religiosa. O elemento religioso, porém, não deve ser procurado nos temas da meditação cartográfica ou do *contemptus mundi* – ao qual aderira anos antes – mas na afirmação propositiva da igreja, na defesa desta instituição contra as heresias. Em mais de uma página podemos detectar uma “preocupação com a situação contemporânea”,⁴⁰⁷ que é de redefinição da Igreja frente à perda da integridade doutrinária e aos perigos de dispersão do rebanho católico, uma

⁴⁰⁴ "Nel secolo XVII era tuttavia evidente alle classi dirigenti romane come la gran parte del mercato degli atlanti e delle mappe fosse in mano degli olandesi e, quel che è peggio, di fede protestante... Per questo motivo furono frequenti i tentativi di ambiente cattolico di competere con i fiamminghi sviluppando una editoria geografica considerata in un certo senso strategica per la formazione dei missionari", MANGANI, Giorgio, “introduzione”, in *Teatro del mondo di Abramo Ortelio*, Firenze, 2007, p 5.

⁴⁰⁵ Esta relativização se manifesta na escala geográfica do mundo, e aparece, no texto, em mais de uma passagem. Na dedicatória presente na edição de 1591, Botero considera “fanciulli coloro che non sanno se non i luoghi ove sono nati”.

⁴⁰⁶ BOTERO, Giovanni, *Relationi Universali*, III, p 172.

⁴⁰⁷ SOUZA, Laura de Mello e, op cit, p 60.

preocupação viva em Botero quando escreve do “danno che la Chiesa doveva patire per l’heresia in Alemagna e in tutto il settentrione”.⁴⁰⁸ As *Relationi* adquirem um significado especial à luz deste momento de restauração e de rivalidade com a Reforma, sendo possível reconhecer em seu saber um instrumento de propaganda católica.⁴⁰⁹ Descendre escreve que as *Relationi*

“transmitem um saber sistemático e enciclopédico no quadro de uma estratégia política que faz da difusão dos saberes uma das armas da ContraReforma”.⁴¹⁰

A geografia é um argumento favorável para a Igreja de Roma, e tem na descoberta americana pelos reis católicos um sinal providencial. Talvez seja o caso de entender em que medida a geografia se aproximava da religião e porque ela servia aos interesses da Igreja.⁴¹¹ Um grande leitor de Botero como Chabod intuiu muito bem que a atenção espiritual não se manifesta apenas nas duas últimas partes das *Relationi*, consagradas às crenças no mundo, mas permeia a obra em sua integridade. A religião aparece, de fato, em várias passagens, como, por exemplo, aquelas que celebram as aventuras ultramarinas ibéricas por terem ampliado o reino da fé católica.⁴¹² A ofensiva contra a reforma é detectável também em um plano mais pontual, conforme mostrou Mello e Souza, quando Botero relativiza a crueldade dos carijós ao compará-la com a violência dos luteranos, ou quando a narração de um episódio americano termina em uma polémica contra os hereges europeus.⁴¹³ Dois momentos que teatralizam uma luta de religião que se manifesta no contexto das viagens de descoberta. Se a narração geográfica recupera o espaço da memória ela anuncia também ações futuras como mostra aquela dilatação sem fim da citação anterior. Como diz Descendre:

“é preciso mostrar o teatro no qual as conquistas evangelizadoras puderam ser encenadas como vitórias sobre a heresia. Conhecer o mundo, quer dizer reconhecer a universalidade da soberania espiritual da Igreja”⁴¹⁴

⁴⁰⁸ BOTERO, Giovanni, op cit, p 354.

⁴⁰⁹ Para uma discussão remetemos ao trabalho clássico de TREVOR-ROPER *Religião, reforma e transformação social*, Lisboa, 1972.

⁴¹⁰ DESCENDRE, Romain, “Une géopolitique pour la Contre-Réforme: les Relazioni Universali de Giovanni Botero (1544-1617)”, op cit, p 49.

⁴¹¹ DESCENDRE, Romain, na comunicação acima citada, é um dos poucos intérpretes de Botero a ressaltar os aspectos religiosos da obra. Outro trabalho que discute o papel do conhecimento geográfico é aquele de Headley, embora este autor dê muita ênfase aos aspectos do domínio político.

⁴¹² CHABOD, Op cit, 1990, p 296.

⁴¹³ SOUZA, Laura de Mello e, op cit, p 62-64.

⁴¹⁴ DESCENDRE, Romain, *L’Etat Du monde*, op cit, p 261.

A geografia se torna, então, para o mundo eclesiástico romano, parte de uma estratégia que explora o poder persuasivo de seu discurso, como também da imagem cartográfica, para exercer uma influência moral sobre o ecúmeno terrestre.

O compromisso em questão precisa ser enquadrado no mais amplo projeto cultural levado adiante pela Igreja tridentina a partir da segunda metade do século XVI, cujo objetivo era a consolidação do controle espiritual, e sua afirmação sobre a sociedade, conforme mostrou Adriano Prosperi em seu clássico *Tribunali delle coscienze*. Neste livro importante, o historiador italiano avalia a construção da hegemonia católica, na Itália do Quinhentos, a partir de três mecanismos fundamentais: a Inquisição, a confissão, a pregação missionária.⁴¹⁵ Os aparatos indicados para o seu funcionamento, isto é, os tribunais do Santo Ofício e as missões, foram concebidos segundo regras, modos, tempos, nos quais reverberavam todas as controvérsias de um momento histórico profundamente conturbado como foi o século XVI. Não podemos esquecer que este foi um período rico de eventos significativos no plano religioso, e se alguns deles foram vividos pelos cristãos com esperança escatológica - pensamos na vitória da Liga Santa sobre o turco, na batalha naval de Lepanto, em 1571 - outros deixaram parte do mundo europeu apreensivo: a referência aqui é às guerras de religião que, no início de 1562, e por mais de trinta anos, assolaram a França. O perigo turco, temporariamente afastado em Lepanto, pairava como um fantasma na Europa de então, e, um século depois, se materializaria na batalha de Viena,⁴¹⁶ enquanto divergências religiosas, internas ao continente, jogavam lenha na fogueira do dissenso, inflamando revoltas sangrentas. Um panorama ameaçador como este colocava em alerta os católicos mais escrupulosos, muitos dos quais interpretaram o ministério eclesiástico com um espírito combatente, passando à contraofensiva. Os católicos eram chamados à unidade e à proteção de uma espiritualidade ameaçada por inimigos tanto externos (os infiéis), quanto internos (os hereges).⁴¹⁷ É o próprio Possevino a encontrar nos eventos tensos da ruptura religiosa o estopim para o surgimento de uma reflexão e renovação no seio da Igreja católica. Apesar de tudo, as guerras e as heresias foram ocasião

⁴¹⁵ PROSPERI, Adriano, *Tribunali delle coscienze*, op cit. Outro trabalho que investiga a reestruturação da Igreja na época moderna é aquele de BIRELEY, Robert, *The Refashioning of Catholicism, 1450-1700*, Washington D.C., Catholic University of America Press, 1999. No capítulo sobre a educação, à página 121, Bireley escreve que "schooling was to become an essential part of the process of confessionalism".

⁴¹⁶ Nos referimos à batalha de 1683. A vitória de Lepanto exorcizou o cerco pelas tropas otomanas de Solimão, o Magnífico, que Viena sofreu em 1529.

⁴¹⁷ Obviamente de uma perspectiva romana.

"di eccellentissimi martirii, di dottissimi scritti, di Padri e di Canonici emendati, di un complitissimo Generale Concilio di Trento, oltre il Lateranense, di Riforme, di Seminarij, di Collegij, di nuovi ordini di Religiosi [...] Queste e altre cose (dico) sono state lettioni di una viva Teologia, onde ha potuto imparare e apprendere ogni di ciascuno abundantissimamente".⁴¹⁸

As tensões confessionais, no entanto, podiam também enveredar pelo caminho discreto e camaleônico do nicodemismo, com sua dissimulação ideológica que preservava uma religiosidade reformada e independente. A presença da heresia na Itália - da qual temos hoje um bom conhecimento, graças às pesquisas cruciais de Delio Cantimori, Carlo Ginzburg, e Adriano Prosperi, entre outros⁴¹⁹ - e seu enraizamento nos demais países europeus, era considerado um mal que precisava ser extirpado. A estratégia comportava uma ação concertada entre vários atores, e era monitorada, em Roma, pelas congregações cardinalícias, sendo aquela do Santo Ofício particularmente incisiva. A Igreja comprometeu-se em vigiar as consciências, instaurando com os Estados seculares um vínculo que encontrava sua justificação no alcance de um interesse comum: a restauração da autoridade religiosa, sem a qual a ordem social e política estaria em perigo. Um encontro do qual muitos governantes entenderam as vantagens, mas também as desvantagens potenciais; de fato, esta colaboração nem sempre foi livre de problemas. Dos três meios de controle apontados por Prosperi, os tribunais do Santo Ofício receberam muitas oposições e restrições na hora de suas implementações. No terceiro capítulo de *Tribunali della coscienza*, o historiador relata a lentidão com a qual a Inquisição foi estabelecida em algumas cidades italianas, ou, ainda, os numerosos casos de autoridades locais que descumpriam as indicações de Roma, evidenciando neste tipo de conduta, mais do que uma atitude laxista, a vontade de preservar espaços internos de poder que uma instituição invasiva e vinda de fora como a Inquisição não respeitava, e cujas dinâmicas não entendia.⁴²⁰ Saindo por um momento da Itália, e jogando um olhar sobre a missão - outra instituição preposta à instauração de um espaço social cristão - os exemplos americanos mostram os obstáculos enfrentados pelo projeto

⁴¹⁸ POSSEVINO, Antonio, op cit, p 10.

⁴¹⁹ CANTIMORI, Delio, *Eretici italiani del Cinquecento*, Turim, Einaudi, 1992; GINZBURG, Carlo, *Simulazione e dissimulazione religiosa nell'Europa del Cinquecento*, Turim, Einaudi, 1970. De PROSPERI, Adriano, além do livro já citado, lembramos a monografia *L'eresia del Libro Grande*, Milano, Feltrinelli, 2000.

⁴²⁰ A este propósito lemos o que Prosperi fala da cidade de Lucca: "a Lucca si individuò nell'Inquisizione romana una minaccia di poteri esterni, centralizzati, refrattari al sistema di composizione interna degli interessi guidata dalle classi dirigenti locali. La questione non riguardava la presunta severità dell'Inquisizione come tribunale, ma proprio il suo carattere esterno, non componibile con la dinamica degli interessi e dei poteri locali", PROSPERI, Adriano, op cit, p 81.

hegemônico romano,⁴²¹ mas as "nossas índias" também comportavam desafios. Coube à prática da confissão instaurar um diálogo aparentemente menos tenso com o âmbito secular. Aparentemente, porque se de um lado a confissão foi uma válvula para a canalização da culpa, de outro foi a grande aliada da Inquisição, mecanismo a ela complementar que cuidava do foro interno, enquanto a primeira era ligada ao foro externo.⁴²² O controle das condutas individuais sempre mais agressivo realizado pela Igreja terá como efeito aquele de suscitar reações, mecanismos de defesa que tentavam manter certas margens de liberdade através da dissimulação, da qual o nicodemismo é um exemplo. Mas esta duplicidade acaba investindo outros setores da sociedade, e, o que é mais interessante, orientará a teoria política. É uma sociedade na defensiva que põe uma máscara à proteção de um espaço de liberdade. A confissão se torna portanto uma arma fundamental para penetrar esta máscara. Um círculo vicioso em que o medo instaurado pela Inquisição e a luta contra o dissenso religioso favorece uma separação entre o comportamento exterior e interior. Este último pode ser penetrado apenas através de técnicas mais sofisticadas como aquelas da confissão.

As guerras de religião não influenciaram apenas questões espirituais, mas tiveram um papel importante na definição do Estado moderno. Botero não ignorava as crises sociais e religiosas que abalavam a Europa cristã, como também era sensível à questão das populações extraeuropeias cuja conversão ao credo católico se fazia urgente, e julgava útil e necessária a colaboração entre os aparatos eclesiásticos e aqueles seculares. A formalização do paradigma conservativo realizado pelo nosso autor tem como pano de fundo a "lenta e contínua erosão de normas, hábitos e modelos de conduta",⁴²³ sintomas de uma deterioração da existência civil para a qual a *ratio status* foi antídoto político que pressupunha a reformulação do poder do Estado no reconhecimento da esfera religiosa como instância legitimadora. Dito de outra forma, a razão de Estado de Botero submetia o poder político à religião, num reencontro imprescindível com a ética cristã. A solução moralista de Botero tem deixado os intelectuais modernos perplexos e prontos a críticas severas,⁴²⁴ especialmente quando pensarmos que, no mesmo período, Jean Bodin colocava o estudo da política na corrente nova do legalismo, a qual tentava

⁴²¹ As colônias do Maranhão e do Brasil oferecem mais de um episódio da convivência difícil entre missionários e moradores.

⁴²² A este respeito, ver o capítulo XXIII do livro de PROSPERI. A relação entre a confissão e a Inquisição foi, no entanto, bastante controversa e chamava em causa o aspecto do sigilo.

⁴²³ BORRELLI, Gianfranco, *Ragion di Stato e Leviatano. Conservazione e scambio alle origini della modernità*, Bologna, Il Mulino, 1993, p. 64.

⁴²⁴ Benedetto CROCE e MEINECKE julgaram negativamente a obra de Botero.

entender as formações estatais em seus princípios jurídicos. Aquele de Botero foi um retrocesso, certamente, também se comparado com Maquiavel, o qual emancipara a ação do homem de governo da ética. Mas, como observa Chiara Continisio, a compreensão do tratado boteriano precisa ser realizada segundo *juxta propria principia*.⁴²⁵ E neste sentido, Botero é um pensador em sintonia com os objetivos restauradores da Igreja tridentina. Sua reflexão política vai ao encontro desta defesa religiosa e da demanda pela manutenção do *status quo* a partir de conceitos-chaves como a prudência, cujo papel conservador foi destacado por Maurizio Viroli, o qual mostra a mudança radical de sentido deste como de outros conceitos entre o período republicano das cidades italianas e o século do absolutismo, por ele sintetizado na passagem da política para a razão de Estado. Se a prudência no paradigma político é *recta ratio in agibilibus*, inseparável da justiça, no paradigma da razão de Estado se torna capacidade de decidir o que é mais conveniente para manter o Estado. Recentemente Gianfranco Borrelli retomou o uso da prudência. Segundo ele, Botero "contribuiu historicamente para a afirmação de um tipo particular de conservação política", mais precisamente uma conservação catolicamente enviesada.⁴²⁶ Esta obra é das mais densas entre aquelas escritas por nosso autor. No momento em que Botero titula seu livro como *Ragion di Stato* está cumprindo uma pequena revolução na linguagem política. A expressão não era nova conforme sugere o próprio autor quando, nas primeiras páginas, lamenta o fato de ouvir o tempo inteiro pessoas conversarem sobre razão de Estado sem que elas entendam bem do que se trata. Anos mais tarde quando os tratados sobre razão de Estado se multiplicarão aumentará ainda mais seu uso e abuso, inclusive chegando a ser assunto discutido nos pequenos comércios das cidades italianas.⁴²⁷ Uma arqueologia da razão de Estado nos leva até Guicciardini, provavelmente o primeiro a usá-la em seus *ricordi*. Há um registro também em um escrito de Della Casa. Botero portanto não inventou o conceito mas, ao dar-lhe centralidade em seu tratado, contribuiu para uma expansão de seu sentido como também promoveu-o no léxico político. De fato, Botero recupera a terminologia política dos autores florentinos dando-lhe novos sentidos. Esta operação pode ser entendida se recuperarmos os instrumentos conceituais de Skinner e Pocock. Uma das preocupações destes historiadores é resgatar as questões que os autores estudados colocavam, bem como o vocabulário político da época. Ambos

⁴²⁵ CONTINISIO, Chiara, "introduzione", in BOTERO, Giovanni, op cit, p XVII.

⁴²⁶ BORRELLI, Gianfranco, op cit, p 65-67.

⁴²⁷ BENZONI, Gino, *Gli affanni della cultura. Intelletuali e potere nell'Italia della Controriforma e barocca*, Milano, Feltrinelli, 1978, p 105.

recuperam o conceito de contexto, que é de natureza linguística, e propõem uma análise que enfatiza o momento político, a gênese da obra, o espaço linguístico de sua formulação, as motivações do autor, a interação comunicativa, os atos de fala e finalmente as intenções do autor. Intenções que não se encontram no texto, mas no contexto de uma trama polêmica. As formulações teóricas e seus significados precisam ser recuperados a partir de um debate político entre interlocutores partidários de opiniões conflitantes. O Botero da *Ragion di Stato* não pode ser entendido sem Maquiavel, Bodin e a renovação da linguagem política da qual o autor piemontês foi um dos formuladores. É conhecida a relação complexa entre Maquiavel e Botero, feita de aproximações – quando se trata de entender o sentido da política – e distanciamentos, quanto à relação desta com a religião. É famosa a sua crítica nas páginas iniciais do *Ragion di Stato*, em que atacava a irracionalidade e a impiedade do secretário florentino culpado de ter separado a arte do governo e as leis de Deus, de ter dissociado a moral da política, deixando uma questão espinhosa para a consciência política da ContraReforma. Mas grande importância teve também Jean Bodin, e, de fato, a França exerceu uma influência constante no pensamento de Botero que, naquele país, transcorreu vários anos no período de sua formação intelectual.

Em primeiro lugar temos o aspecto das linguagens políticas, para usar uma expressão de Pocock, isto é, da autorepresentação política, no qual Botero se insere, como já dissemos, reformulando e atualizando para os interesses da Igreja o pensamento dos florentinos. A Itália do século XVI vivia um processo de transformação política que, na maioria dos casos, levava à perda das liberdades republicanas. A experiência da decadência é presente tanto em um autor como Donato Giannotti quanto em Botero, dois interpretes lúcidos deste momento tenso. Os dois, todavia, buscaram caminhos opostos. Giannotti apostou na recuperação do governo republicano, enquanto Botero colocou o problema da conservação do *status quo*. É verdade que quase cinquenta anos separam os escritos de Giannotti daqueles de Botero,⁴²⁸ o qual mostra uma linguagem política consoante às novas afirmações de poder.⁴²⁹ Com efeito, o fim da experiência republicana teve como contraponto o “processo de consolidação das grandes monarquias

⁴²⁸ É oportuno lembrar que Giannotti escreveu no momento em que Florença tentava restaurar a República.

⁴²⁹ Sobre a correspondência entre linguagem política e formas de governo ver VIROLI, Maurizio, *Dalla politica alla ragion di Stato*, Roma, 1994.

territoriais”,⁴³⁰ nas quais o nosso autor achava uma solução de governo forte e estável. Na busca dos fatores estabilizantes há, entre estes autores, certa concordância. Para Botero, a manutenção se consegue na conduta prudente e no ideal da *mediocrità*.⁴³¹

Deixamos de lado as questões teóricas relativas à razão de Estado sobre a qual há uma amplíssima literatura, e vamos abordar as questões através de alguns aspectos pontuais, mais precisamente aqueles sobre as formas em que a religião pode se tornar útil ao governante. No livro segundo de sua *Ragion di Stato*, ao discutir as maneiras de propagar a religião ("modi di propagar la religione"), Botero escrevia o seguinte:

"Ma, tra tutte le leggi, non ve n'è alcuna più favorevole a' Principi che la cristiana, perché questa sottomette loro non solamente i corpi e le facoltà de' sudditi, dove conviene, ma gli animi ancora e le coscienze, e lega non solamente le mani, ma gli affetti ancora e i pensieri"⁴³²

E terminava poucas páginas depois assim:

"lasci liberalmente a' Prelati il giudicio della dottrina e l'indirizzo de' costumi e tutta quella giurisdizione che 'l buon governo dell'anime ricerca, e i canoni e le leggi loro concedono, e ne promuova egli per ogni via l'esecuzione, or con l'autorità, or con la potestà, or col denaro, or con l'opera, perché, quanto i sudditi saranno più costumati e più ferventi nella via di Dio, tanto si mostreranno più trattabili e ubbidienti al suo Principe"⁴³³

Estes dois trechos são importantes porque, com sua clareza, sancionam uma aliança entre o príncipe e a religião cristã em virtude da capacidade que esta última tinha de controlar não apenas os corpos, como também as mentes dos súditos. Mesmo que ele não explicita uma comparação, percebemos, de fato, como a penetração social da religião fosse mais eficaz do que aquela do Estado, o qual devia limitar seu papel à promoção financeira e ao suporte prático do serviço disciplinador efetuado pelos agentes eclesiásticos. A este propósito, Wolfgang Reinhard observa que, nos séculos XVI e XVII, a Igreja preencheu

"um hiato [entre a necessidade de disciplinamento e a ausência de instituições estatais apropriadas]. Ela providenciou seu próprio aparato e tornou possível o consenso daqueles

⁴³⁰ DESCENDRE, Romain, "Géopolitique et théologie. Suprématie pontificale et équilibre des puissances chez Botero" in *Il pensiero politico*, XXXIII, n 1, Firenze, Olschki, 2000, p 4.

⁴³¹ Mediocridade deve ser entendida aqui como moderação, isto é a *aurea mediocritas* de Horácio. Ver a respeito o prêmio de CALDERINI, Apollinare, *Discorsi sopra la ragion di Stato del Sig Giovanni Botero*, Milano, 1597.

⁴³² BOTERO, Giovanni, *La Ragion di Stato*, p 61.

⁴³³ *Ib*, p 64.

afetados pelas medidas. Dessa forma, então, a 'confessionalização' tornou-se a primeira fase do disciplinamento social".⁴³⁴

Ao comentar esta última afirmação, Rui Rodrigues evidencia como no pensamento do historiador alemão

"as confissões religiosas da cristandade ocidental, nos inícios da época moderna, produziram efeitos para além de suas finalidades doutrinárias originais: tornaram-se elementos aglutinadores da vida social, na medida em que esta passou a ser organizada e regulada em torno de princípios confessionais".⁴³⁵

Um dos instrumentos de controle mais importantes neste sentido, embora não o único, era fornecido justamente pela ação pedagógica das escolas, sobre as quais nos detemos no primeiro capítulo. No quinto livro de seu tratado, Botero confere à escola aquela capacidade edificante que já Bonifácio, Ribadeneira e Possevino lhe reconheciam. De forma interessante a discussão do nosso autor não é realizada na parte sobre a conservação do Estado, mas naquela de sua expansão. Falando da maneira sobre como "conquistar" os hereges, mas também os povos pagãos, que ele juntava com os primeiros na categoria de "sudditi d'acquisto", diz ele que

"giovano più di quel che si può dire le scuole e 'l mantenere maestri dell'arti liberali e d'ogni onesto esercizio e trattenimento per li figlioli d'essi infedeli, perché per questa via si guadagnano e i parenti e i figliuoli: i parenti per la creanza e per l'indirizzo che si dà a' figliuoli [...]; i figliuoli poi si guadagnano perché con l'occasione delle scuole, imbevono anco facilmente e la fede e le virtù cristiane".⁴³⁶

E oferece o exemplo do rei João III de Portugal o qual mandou fundar escolas e seminários da Companhia de Jesus frequentados por jovens de todas as nações. Os inacianos, continua,

"anche in Allemagna e nel Mondo Nuovo hanno fatto con questo mezzo frutto meraviglioso, perché in Allemagna le città nelle quali essi stanno si sono mantenute nella fede cattolica e si aiutano le già infette d'eresie, e nel Brasile non si può stimare quanta moltitudine di quei popoli si sia convertita e quanto frutto si faccia ne' già convertiti della Nuova Spagna e del Perù, perché quelle genti, che nel principio furono da quei primi religiosi senza molta istruzione

⁴³⁴ REINHARD, Wolfgang, apud RODRIGUES, Rui Luís, *Entre o dito e o maldito: humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente, 1530-1685*, Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 2012, p 409.

⁴³⁵ *Ib*, p 411. Rodrigues faz uma análise pormenorizada das teorias da 'confessionalização' ao longo do quarto capítulo de sua tese.

⁴³⁶ *Ib*, p 88.

battezzate, ora con le scuole e con l'ammaestramento de' fanciulli si rinovellano quasi nella fede e si riformano nella pietà."⁴³⁷

Que fé e piedade estivessem associadas à educação é algo que vai ao encontro da concepção jesuítica, e cristã em geral, das finalidades do ensino, como já vimos analisando o *Coltura de gli ingegni* e o *Apparato* de Possevino. É interessante ressaltar a confiança do nosso autor para com o poder edificante da pedagogia jesuítica que ele mesmo experimentou.

3.2 Em Turim

O âmbito secular também ofereceu ao piemontês uma experiência administrativa em sua terra natal. Aqui, registra-se a busca, pelos duques de Sabóia, de uma autonomia política que foi entremeada de fracassos e sucessos. A paz de Cateau-Cambrésis de 1559, que sancionava o domínio espanhol na península, deixava um pequeno mas importante nicho no noroeste para a casa de Sabóia que, neste período, começava a desvincular-se do jogo francês, afirmando-se como um novo sujeito no panorama político europeu. Emanuel Filiberto, duque de Sabóia e príncipe de Piemonte, foi o protagonista deste sucesso. Sua vitória na batalha de São Quintino em 1557, ao lado dos espanhóis e contra os franceses, permitiu que ele sentasse na mesa das negociações entre os vencedores, garantindo ao pequeno Estado ganhos territoriais na região alpina. Anos depois, dono de uma visão estratégica e de uma capacidade de negociação invejável, este governante expandiu as fronteiras dos piemonteses na parte litorânea, com a anexação do porto de Oneglia, na Liguria. Emanuele Filiberto foi saudado por Botero como "perfetto capitano" que "come eccellentissimo guerriero seppe vincere; e come accorto vincitore seppe frutti amplissimi della vittoria ricogliere".⁴³⁸ O nobre piemontês é tido pela historiografia como um grande nome da dinastia dos Sabóia por ter transformado este pequeno enclave alpino em um Estado que, se ainda continuava tendo pequeno porte, podia agora contar com uma estrutura forte, realizada em poucos anos através de uma série de medidas radicais tais como a reforma dos estatutos municipais, a concentração do poder na sua corte, a formação de um exército permanente, a centralização das finanças, e, ainda, a mudança, em 1563, da

⁴³⁷ Ib, p 88-89.

⁴³⁸ BOTERO, Giovanni, *I capitani*, Turim, 1607, p 218.

capital de Chambéry para Turim - cidade em que foi também inaugurada uma universidade. Emanuel Filiberto investiu grandes esforços no campo da cultura. Embora não tivesse uma grande erudição e provavelmente não soubesse o latim, amava a história e a matemática e gostava de ter ao seu redor homens letrados. Para a universidade de Turim ele chamou intelectuais de toda a Itália, e há numerosos reconhecimentos de estima por parte do mundo culto italiano, entre eles lembramos Andrea Palladio que dizia chamar Emanuel Filiberto "vera calamita de gli ingegni".⁴³⁹ Outra medida significativa foi aquela de tornar o italiano língua oficial, alinhando, com uma escolha política precisa, o enclave fronteiriço com os estados cisalpinos.

Seu sucessor, Carlos Manuel - ao lado do qual esteve Botero - embora não estivesse à altura do pai, governou por cinquenta anos, de 1580 a 1630, durante os quais deu continuidade às obras de reforma, consolidando o caráter absolutista do Estado e exercendo uma política externa oscilante entre a França e a Espanha, nem sempre bem sucedida. Como exemplo disso, a anexação, em 1601, do marquesado de Saluzzo comportou a perda de terras férteis como Bresse, Bugey e Gex, a favor dos franceses que, no final de seu governo, chegaram a invadir o Piemonte.⁴⁴⁰ A pena amiga de Marino, no entanto, elogiava Carlos Manuel como exemplo de equilíbrio. Em outra stanza do panegírico da nossa epígrafe podemos ler:

E 'nsieme formidabile si rende
Et amabile al franco et a l'hispano,
Sì che l'un gli è congiunto, e l'altro amico
il gran Filippo e 'l valoroso Henrico

Felipe II era sogro de Carlos Manuel e, em 1584, o duque se casara com a infanta Catarina Micaela aproximando o Piemonte da corte espanhola e afastando-o dos franceses. A promoção do Estado passou ainda por um sistema de alianças matrimoniais com as casas mais importantes da Europa. O embaixador Angelo Contarini observava que a casa de Sabóia "presuma con queste parentele con re grandi di cavarli fuori della serie dei duchi e

⁴³⁹ Andrea Palladio, apud DOGLIO, Maria Luisa, "Intellettuali e cultura letteraria (1562-1630)", in RICUPERATI, Giuseppe, (org), *Storia di Torino*, Tomo 3, Turim, Einaudi, 1998, p 608.

⁴⁴⁰ Em 1628 franceses e piemonteses lutaram naquela que ficou conhecida como segunda guerra de Monferrato. Cessadas as hostilidades, em 1631, o tratado de Cherasco, assinado pelo filho de Carlos Manuel, Vittorio Amedeo I, agravava as perdas territoriais dos anos anteriores com a passagem de Pinerolo e Casal Monferrato aos franceses.

di meritare perciò straordinarie e insolite dimostrazioni di onore".⁴⁴¹ De fato, Carlos Manuel perseguiu uma política de prestígio tentando ganhar o título de rei, competindo com os Medici; o próprio Botero, em uma carta de Valladolid, aconselhava Carlos Manuel a exigir este título.⁴⁴² O objetivo era aquele da autopromoção,⁴⁴³ e a corte dos Sabóia foi organizada como se fosse uma grande corte real, tendo a espanhola particular ascendência sobre esta, embora o modelo francês de Borgonha continuasse sendo uma referência.⁴⁴⁴

A primeira colaboração de Botero com os Sabóia remonta ao ano de 1585, quando foi chamado para acompanhar René de Lucinge em uma missão em Paris. Nos anos anteriores, enquanto trabalhava para Carlos Borromeo, Botero deve ter tecido uma rede de conexões com a corte piemontesa. Há vários indícios em favor desta suposição, como, por exemplo, algumas viagens que ele fez a Turim, e outras realizadas por São Carlos, mas há testemunhos mais precisos: uma declaração de Lucinge que, em 1585, diz conhecer Botero há muito tempo,⁴⁴⁵ e ainda a dedicatória do *Regia Sapientia*, de 1583, a Carlos Manuel, que sela uma aproximação.⁴⁴⁶

Depois da experiência francesa nos anos sessenta com a Companhia de Jesus, Botero voltava para aquele país para ficar nove meses, entre fevereiro e novembro. A França tinha uma importância óbvia para a política do pequeno estado alpino e a missão da qual Lucinge foi incumbido acontecia no momento em que, quebrando as incertezas, Carlos Manuel optava pelo casamento com a filha de Felipe II. Dentro da corte em Turim existia uma facção que era favorável ao casamento com Cristina de Lorena. Provavelmente esta missão queria reequilibrar as relações com a França.⁴⁴⁷ Mas se a presença de Lucinge pode ser interpretada nestes termos, menos clara é a missão de Botero, e há especulações de que ele tinha que fazer contato com expoentes da Liga

⁴⁴¹ FIRPO, Luigi, (org) *Relazioni di ambasciatori veneti*, VI, p 680, apud MERLIN, Pierpaolo, "La corte da Emanuele Filiberto a Carlo Emanuele I", in Giuseppe Ricuperati, *Storia di Torino*, tomo III, Turim, Einaudi, 1998, p 243.

⁴⁴² Carta de 3/1604 em DANNA, Casimiro, *Lettere inedite di Giovanni Botero*, Turim, De Rossi, 1880, p 62.

⁴⁴³ Sobre esta política do prestígio ver o artigo de MERLIN.

⁴⁴⁴ Catarina, com sua corte pessoal composta de espanhóis, deve ter influenciado os rituais de corte e o marido que vestia à moda espanhola. A oscilação política entre Espanha e França se refletiu também nos costumes, conforme observou Pompeo Scarlatti em 1667, embora o modelo francês prevalecesse.

⁴⁴⁵ Carta de Lucinge ao marquês d'Este de 6/12/1585. Em 1583, Lucinge ficou hospedado na casa de Carlos Borromeo.

⁴⁴⁶ No subcapítulo 2.5 mostraremos como o contato entre o escritor e o destinatário da dedicatória devia respeitar um código de comportamento preciso, sendo que um desconhecido não podia se aproximar de uma personalidade importante.

⁴⁴⁷ Esta é a opinião de BALDINI, Enzo, "Botero e la Francia", in Baldini, *Botero e la ragion di stato*, Firenze, 1992, p 337.

católica. Infelizmente não há documentos que comprovem esta hipótese. A experiência francesa foi uma antecipação de outras colaborações mais duradouras. De fato, a partir de 1599, Botero voltará para junto de Carlos Manuel com outras incumbências que tornarão o nosso autor um efetivo da corte piemontesa. Inicialmente foi nomeado preceptor dos três filhos de Carlos Manuel: o primogênito Felipe Manuel, Vitório Amadeu, e Emanuel Filiberto. Com os três jovens passará três anos na corte espanhola, entre junho 1603 e agosto 1606. Em seguida, Botero ficará em Turim na corte de Carlos Manuel, com o qual manterá uma relação que nossa epígrafe sintetiza muito bem.

A dimensão cortesã pode ser apreciada na produção destes anos, que desemboca nos *Prencipi christiani*, no *Detti memorabili* e nos *Capitani*, todos eles ricos de exemplos edificantes de homens virtuosos destinados aos filhos de Carlos Manuel. Nestas obras tratou de temas enfrentados em escritos anteriores, como, por exemplo, o *Regia sapientia*, onde vimos a importância do poder inspirador de Deus na conduta do príncipe cristão, e no próprio *Ragion di Stato*.

3.3 As faces de Jano

No processo de construção das grandes instituições estatais - construção da qual o pequeno principado piemontês participou - e cujo viés absolutista determinou uma organização hierárquica do poder, ia tomando feição um aparato burocrático moderno, mais articulado, que precisava formular e delimitar as competências de seu organograma, visando profissionalizar as funções. Botero cobriu vários cargos na estrutura administrativa dos Sabóia, sendo diplomata, preceptor e secretário, perfis intelectuais que, observa Descendré, desempenharam um papel de primeiro plano na história da cultura política e erudita dos séculos XVI e XVII.⁴⁴⁸ Como veremos através de alguns exemplos, grande foi o número de poetas funcionários nas residências principescas e cardinalícias italianas. Entre as figuras institucionais emergentes, aquela do secretário foi objeto, desde a segunda metade do Quinhentos, de um número consistente de tratados que atestam uma percepção nova deste empregado de corte, ou, melhor dizendo, autopercepção, já que muitos dos tratadistas eram secretários: Angelo

⁴⁴⁸ DESCENDRE, Romain, *L'État du monde*, op cit, p 31.

Ingegneri o foi do cardeal Cinzio Aldobrandini, Vincenzo Gramigna do cardeal Scipione Cobelluzzi, Tommaso Costo e Giulio Cesare Capaccio foram secretários do reino de Nápoles, e lembramos ainda Battista Guarini, poeta e funcionário na corte de Alfonso II d'Este, e Michele Benvenga, o último tratadista em ordem de tempo, que atendeu às ordens do cardeal Negrone até 1713, para depois passar ao serviço do cardeal Acciaiuoli.⁴⁴⁹ Uma das poucas exceções à regra, Francesco Sansovino,⁴⁵⁰ polígrafo romano radicado em Veneza, foi o primeiro a definir os papéis do secretário com um livro inteiramente dedicado a ele,⁴⁵¹ ou, como dizia Capaccio, "cominciò a ridurre al nostro idioma la maniera dello scrivere".⁴⁵² A figura do secretário, até então, tinha sido tratada de passagem, dentro de considerações mais amplas sobre o príncipe ou o mundo da corte, como parte acessória de um órgão mais importante. Embora sua posição na pirâmide do poder não fosse ínfima, a descrição de seu cargo, que o tornava sombra do patrão, ou peça da engrenagem administrativa, justificava uma atenção limitada a poucas páginas. Agora, porém, de repente, ganhava um status literário autônomo, dando título a numerosos livros.

A operação editorial de Sansovino foi uma inovação que, em boa parte, plagiava *Il Principe* de Giovanni Battista Nicolucci, conhecido como Pigna.⁴⁵³ Humanista na corte de Alfonso II, em Ferrara, Pigna foi autor deste livro de conselhos dedicado a Emanuel Filiberto, duque de Sabóia, em que o saber do cortesão concorre a educar o governante no exercício do poder. Se *Il principe* encerrava um ciclo literário - ciclo que contou com autores do porte de um Pontano, Erasmo, Maquiavel⁴⁵⁴ - *Il segretario* abria outro, sendo livro de grande novidade, em que Sansovino utilizou a seção sobre os ministros, existente no tratado de Pigna, e, modificando e reordenando algumas partes, com um

⁴⁴⁹ Angelo Ingegneri, (Veneza, 1550-1613), poeta e amigo de Torquato Tasso, escreveu *Del buon segretario libri tre* em Roma, em 1594. Vincenzo Gramigna, (Riccia, 1580- Roma, 1627) publicou *Il Segretario* em Firenze, em 1620. Tommaso Costo, (Napoli, ca 1545-1613), foi secretário de várias famílias napolitanas até ser chamado pelo almirante Matteo di Capua como secretário régio. Escreveu em Napoli o tratado *Del Segretario* em 1604. Giulio Cesare Capaccio, (Campagna d'Eboli, 1552 - Napoli, 1634), letrado que recobriu o cargo de secretário da cidade de Napoli a partir de 1607. Em 1589 tinha escrito *Il Segretario*, publicado em Roma. Giovanni Battista Guarini (Ferrara, 1538-Veneza 1612), poeta de certa importância; seu *Il Segretario* saiu em Veneza em 1594. Finalmente Michele Benvenga (Ascoli Piceno, segunda metade do século XVII) tratadista tardio, autor de poemas épicos, relações de viagem e do *Proteo segretario* escrito em 1689.

⁴⁵⁰ A não ser uma breve experiência na corte do Papa Júlio III, Sansovino não cobriu cargos burocráticos.

⁴⁵¹ SANSOVINO, Francesco, *Del Segretario*, Venezia, 1564.

⁴⁵² CAPACCIO, Giulio Cesare, *Il segretario*, Venezia, 1597.

⁴⁵³ PIGNA, Giovan Battista, *Il Principe, nel quale si discrive come debba essere il principe heroico, sotto il cui governo un felice popolo possa tranquilla e beatamente vivere*, Veneza, Sansovino, 1561.

⁴⁵⁴ As obras são o *De principe* de Pontano, escrito em 1468; o *Institutio principis christiani* de Erasmo, de 1516 e obviamente *Il principe* de Maquiavel, de 1513 e publicado em 1532. Cada obra tem uma complexidade e densidade que garantem uma fisionomia própria.

esforço que parece mínimo, contribuiu a criar a série de tratados sobre o secretário. Um tipo de operação bastante usual entre os escritores do século XVI, inclusive Botero, que mostra o poder criativo da montagem literária, ainda mal estudada pela historiografia renascentista, e objeto de preconceitos anacrônicos.⁴⁵⁵ O livro do polígrafo veneziano, e outros que discorrem sobre este funcionário, apresentavam-se como manuais com um fim didático e formativo do *perfetto segretario*, para usar uma expressão da época, e anexavam um corpus epistolar variado, juntando, em alguns casos, apêndices com normas gramaticais e ortográficas que pudessem auxiliar os iniciantes na profissão. Mas os tratados não foram apenas compilações úteis de cartas e noções, eles constituíram uma reflexão pontual sobre um sujeito que, embora existisse de longa data,⁴⁵⁶ era chamado agora a pensar os limites de suas ações e obrigações; uma alteração que é testemunha das transformações em ato nas burocracias italianas e europeias em geral, transformações que não interessam apenas a arquitetura do Estado, investindo também os quadros humanos.

Alguns destes escritos, como aqueles de Giovanni Battista Guarini e de Vincenzo Gramigna, eram publicados sob a forma de diálogo, um tipo de exposição que, no mundo antigo, pertencia ao domínio da filosofia com sua procura da verdade, e que chegou a ter, no Renascimento, um sucesso acrescido pelo valor dado à civil conversação. Muitos escritores se cimentaram neste formato, desde Poggio Bracciolini, no século XV, até Galileo Galilei, quase duzentos anos depois. Botero, no entanto, não aderiu a esta moda que tinha adeptos também na Companhia de Jesus, como mostra o *Diálogo sobre a conversão do Gentio* do padre Manuel da Nóbrega. Aquela de Guarini e Gramigna foi uma escolha que colocava um tema específico ao alcance de um público letrado variado, espelhando o gosto quinhentista por uma prática mundana dada a abordar as questões a partir de um confronto de posições. Ao reproduzir a vivacidade das reuniões entre interlocutores que muitas vezes alternavam registros formais com outros mais descontraídos, o diálogo renascentista atingia os objetivos de *docere* e *delectare*, ganhando assim a adesão entusiasta dos leitores. A pluralidade das vozes e a diversidade das opiniões configuravam uma forma literária "aberta",⁴⁵⁷ em que o leitor se identificava com uma parte ou outra. O diálogo podia alcançar também um teor

⁴⁵⁵ As considerações de Walter Benjamin sobre a montagem poderiam inspirar uma leitura positiva desta praxe renascentista.

⁴⁵⁶ Inesquecíveis certos secretários: Maquiavel e Salutati para dar apenas dois exemplos.

⁴⁵⁷ BURKE, Peter, *As fortunas d'O Cortesão*, trad. São Paulo, Unesp, 1997, p 31 e ss em que Burke traz umas reflexões sobre o gênero literário do diálogo escolhido por Castiglione.

analítico elevado, proporcionando um conhecimento que se formava no itinerário maiêutico do questionamento, e este foi o caso do livro de Guarini, no qual a figura do secretário era jogada na arena de um debate envolvente, abrangendo questões filosóficas, morais, políticas.⁴⁵⁸ O título completo deste tratado é significativo: *Il segretario. Dialogo di Battista Guarini nel quale non sol si tratta dell'ufficio del Segretario, et del modo del compor Lettere, ma sono sparsi molti concetti alla Retorica, Logica, Morale & Politica pertinenti*. O resultado foi um livro denso, que representa um momento de alto nível literário e teórico dentro deste tipo de produção; e o mesmo se pode dizer das reflexões sobre o tema feitas pelo grande poeta e homem de corte Torquato Tasso, cujo pai, Bernardo, é bom lembrar, fora secretário de Renata de Valois.⁴⁵⁹

Antes de se colocar a serviço de Carlos Manuel, foi como secretário de São Carlos Borromeo que Botero estreou em um papel novo para ele, mas que tinha continuidade com sua atividade anterior de professor de retórica. Contíguo das elites, o piemontês vivia com elas em uma intimidade que Guarini descreve com linguagem figurada em seu livro sobre o secretário onde, na dedicatória ao cardeal Ascanio Colonna, podemos ler que “può ben dirsi che del padrone tutti gli altri ministri governino la corteccia, e 'l segretario penetri nel midollo”.⁴⁶⁰ Como Guarini, Sansovino captava bem a participação íntima, e expressava um conceito análogo, ao comparar este funcionário a um anjo, ao lado do príncipe “ne serviti non del corpo, o delle facoltà, ma dello spirito”;⁴⁶¹ uma associação, esta angelical, bastante comum no século XVI, e que mostra a irrupção do léxico teológico no campo da administração do Estado com implicações profundas nas concepções do poder.⁴⁶² Pela precisão, temos que dar a autoria desta metáfora a Pigna. Sansovino, temos que lembrar, foi um compilador e raramente um autor. Suas ideias se encontram principalmente nos proêmios de seus numerosos livros e, obviamente, naquela operação de disposição criativa de textos alheios que foi a compilação.

Esta relação muito próxima com a hierarquia política permitia ao secretário penetrar os *arcana* dos palácios, interpretar as ambições do poder, e disponibilizar suas

⁴⁵⁸ De acordo com uma estudiosa, Guarini “veut que ses idées sur la figure du secrétaire et sur la façon d'écrire des lettres soient présentées comme le résultat de questions maïeutiques qui poussent le lecteur à raisonner”. CAVALLINI, Concetta, “L'art du secrétaire dans l'oeuvre de Battista Guarini”, in GORRIS CAMOS, Rosanna, *Il segretario è come un angelo*, Fasano, 2008, p 95.

⁴⁵⁹ Tasso escreveu *Il segretario* logo depois ter deixado Sant'Anna onde ficara confinado por sete anos.

⁴⁶⁰ GUARINI, Giovanni Battista, *Il segretario*, Venezia, 1594.

⁴⁶¹ SANSOVINO, Francesco, *Del segretario*, Venezia, 1596, p 1.

⁴⁶² Para uma discussão remetemos ao belo ensaio de COURCELLES, Dominique de, “Les enjeux politiques de l'angélologie à la Renaissance”, in GORRIS CAMOS, Rosanna, op cit.

habilidades a serviço das exigências do senhor, habilidades que, em primeiro lugar, eram retóricas. De fato, o que caracteriza esta figura burocrática é sua função de escritor, de “dicator di penna”,⁴⁶³ que se manifesta principalmente na arte de redigir cartas oficiais. E este é o primeiro aspecto importante que concorre a desenhar suas competências, e aquele que com o tempo vai ser prevalente. É no exercício desta atividade que o imaginário quinhentista visualiza o secretário. As poucas pinturas de secretários guiam o olhar para o palácio em que este funcionário se coloca profissionalmente, próximo do proprietário que ele serve. Grandes artistas como Tiziano Vecellio e Sebastiano del Piombo (fig 5) retrataram-no pena na mão e olhar dirigido para o seu senhor, pronto para receber as instruções e colocá-las, com diligência, no papel.⁴⁶⁴ Não se trata contudo de mera transcrição, pelo menos para Guarini que, em seu diálogo, diferencia o secretário do chanceler na medida em que o segundo copia enquanto o primeiro forma o conceito. É portanto uma pena criadora aquela que formula de modo adequado as instâncias do senhor:

"i concetti che sono la materia del segretario son di due sorte. L'una vien dal padrone, e l'altra da lui. Le conclusioni, le deliberazioni, le massime tutte vengono dal padrone. I mezzi, i modi, gli argomenti, le persuasioni, le amplificazioni, le insinuazioni e tutte l'altre che servono a spiegar e espimere que' pensieri e que' fini vengono da lui solo".⁴⁶⁵

Esta é a opinião de Jacopo Contarini, que no diálogo tem um peso maior que os outros participantes, e no qual os estudiosos reconhecem a voz de Guarini. A opinião do patrício veneziano nos apresenta um cultor da palavra escrita, que precisa conhecer todas as técnicas da *ars scribendi* para realizar esta operação de filtragem e transcrição dos conceitos. De fato, “la retorica è la sua vera filosofia” asseverava Guarini.⁴⁶⁶ Da mesma forma, Gabriele Zinano escrevia que “il segretario tratta le cose del suo signore col mezzo delle lettere eleganti; e l’eleganza loro non è altro che usar con accordata armonia e la grammatica e la retorica”.⁴⁶⁷ A dosagem harmônica das palavras revela o escritor que domina a técnica, a falta dela caracteriza o secretário improvisado. E é justamente na forma de escrever uma carta que dois teóricos desta função, Tommaso Costo e Andrea Romanazzo, polemizam no

⁴⁶³ É esta uma expressão usada por Gramigna e Ingegneri e citada por NIGRO, Salvatore, “Il segretario”, in VILLARI, Rosario, (org), *L'uomo barocco*, Bari, p 86.

⁴⁶⁴ O quadro de Tiziano em questão é o retrato de Georges d'Armagnac e seu secretário. Douglas Biow faz uma análise interessante destes dois quadros em seu *Doctors, ambassadors, secretaries*, Chicago, 2002, p 156 e ss.

⁴⁶⁵ GUARINI, Giovanni Battista, op cit, p 57.

⁴⁶⁶ GUARINI, op cit, p 71.

⁴⁶⁷ ZINANO, Gabriele, *Della ragione degli Stati libri XII*, Venezia, 1626, p 38.

começo do século XVII.⁴⁶⁸ Com tom didático, Costo repreende o colega por ele não obedecer às regras básicas da formulação, que exigem a variedade da *elocutio* e da *dispositio*, em razão do tema e das pessoas envolvidas na troca epistolar.

Fig 5 Sebastiano del Piombo, Retrato de Ferry Carondelet com seus secretários

O secretário, portanto, deve ser cuidadoso no reconhecimento das hierarquias sociais para colocar a comunicação no canal mais adequado, ajustando tom e estilo do conteúdo de acordo com o status do remetente e do destinatário. Ele é um "perito em retórica aplicada à correspondência epistolar",⁴⁶⁹ ou, nas palavras de Panfilo Persico, "uomo civile perito dello scrivere".⁴⁷⁰

Pelo que foi dito até aqui, a retórica é o *fil rouge* da discussão da maior parte dos tratadistas.⁴⁷¹ No campo retórico, Botero era mestre reconhecido. A permanência entre os jesuítas fora bastante longa para deixar rastros em sua educação. Ainda jovem, era

⁴⁶⁸ Salvatore Nigro descreve a polêmica em seu ensaio.

⁴⁶⁹ NIGRO, op cit, p 85.

⁴⁷⁰ PERSICO, Panfilo, *Del Segretario libri quattro*, Venetia, 1620, p 12.

⁴⁷¹ CAVALLINI, Concetta, op cit, p 96.

considerado “dotto in humanità et poeta naturale” pelo padre Francisco Borja.⁴⁷² Anos depois, uma nota informativa da Companhia de Jesus sentenciava que era “buon poeta et ha buon ingegno”.⁴⁷³ Sua formação humanista e o domínio de vários idiomas, aliados a um certo dote literário, garantiam-lhe a fama de exímio retórico, sendo por isso convidado, em várias ocasiões, a escrever cartas, epigramas, e outras composições encomiásticas. Os inicianos várias vezes se valeram de sua pena para a redação epistolar, já que, como declarava Padre Mercuriano, “a mestre Botero è assai facile la compositione”.⁴⁷⁴ De Paris ele escrevera uma carta ânua, enquanto duas cartas quadrimestrais foram escritas de Macerata, quando tinha apenas 19 anos de idade. No primeiro capítulo, vimos como Botero era requisitado para prefaciар livros durante os anos passados na França. Finalmente, como já acenamos, de retórica Botero tinha sido professor em mais de um colégio, inclusive naquele de Milão. São Carlos Borromeo deve ter levado em consideração este currículo quando chamou o oblato para um ofício que, no seio da administração eclesiástica, era de grande importância. Adriano Prosperi afirma que no período de São Carlos, a correspondência epistolar chegou a ter uma “intensidade excepcional” porque se tratava de um instrumento fundamental de governo a distância. Nas palavras de Prosperi,

“se a visita pastoral continuava sendo um instrumento essencial para garantir a eficácia do governo episcopal, tratava-se, ainda assim, de algo que garantia apenas uma presença de tipo excepcional. Ao contrário, a função ordinária de governo do território era assegurada pelo instrumento da comunicação epistolar”.⁴⁷⁵

Para o arcebispo, o ex jesuíta colocará à disposição estas habilidades com a palavra e, na veste de secretário, escreverá dezenas de cartas, que, retomando a observação de Prosperi, foram fundamentais para tecer redes conectivas que sustentavam a unidade da província diocesana. O epistolário, no entanto, era variado, e muitas cartas eram destinadas a prelados de toda Europa. Uma seleção destas cartas em latim foi reunida em um livro publicado em 1586. Botero não escreveu tratados sobre o secretário, mas provavelmente publicou o epistolário com o objetivo de oferecer um modelo retórico

⁴⁷² Carta de padre Borja a Manareo, 3/X/1562, apud CHABOD, op cit, p 272.

⁴⁷³ *Informatione delli padri della Compagnia di Gesù che si trovano nella provincia di Lombardia l'anno 1573, fatta nel mese di marzo*, apud CHABOD, op cit, p 438. Já vimos também a opinião do padre Polanco. Cf nota .

⁴⁷⁴ *Ib*, p 439.

⁴⁷⁵ “Se la visita pastorale restava uno strumento essenziale per garantire l'efficacia del governo episcopale, si trattava pur sempre di qualcosa che garantiva soltanto una presenza di tipo eccezionale. Invece, la funzione ordinaria di governo del territorio era assicurata dallo strumento della comunicazione epistolare”, PROSPERI, Adriano, *Tribunali delle coscienze*, op cit, p 313.

para os adeptos desta profissão.⁴⁷⁶ Podemos também pensar que o conteúdo das cartas, a figura do Santo, e o lugar da publicação (Paris) obedecessem a preocupações religiosas. A sufragar esta hipótese, Enzo Baldini chama a atenção para três *Epistolae theologicae* dedicadas a René de Lucinge que pretendiam esclarecer os "erros doutrinários dos calvinistas".⁴⁷⁷ E estas não foram as únicas publicações de Botero em Paris. Em poucos meses saiu a tradução francesa do *Disprezio del mondo*, realizada por Lucinge,⁴⁷⁸ e uma edição do *Predicatore verbi dei*. Esta interpretação restitui um intelectual que entende sua função com mais ambições, indo além dos objetivos estritos do ofício. Seja como for, as competências de Botero não eram apenas retóricas. De fato, Borromeo deve ter detectado outras qualidades intelectuais, pois era uma "inteligência auxiliar"⁴⁷⁹ aquela que o secretário oferecia através de seus serviços. Nesta veste precisava ter uma bagagem cultural ampla, ou, como dizia Angelo Ingegneri, uma cultura universal que incluísse retórica, moral, filosofia natural, cosmografia, história, lembrando nisso tudo quanto escrevia Pigna a respeito do conselheiro do príncipe.⁴⁸⁰ Ingegneri, no prólogo ao seu tratado, polemizava com aqueles que tinham reduzido o secretário a redator de cartas e procurava dar maior luminosidade a esta figura, cujo modelo ideal, para alguns, era Pietro Bembo.⁴⁸¹ A mesma estatura elevada se encontra em Torquato Tasso, para o qual o secretário deve ser não apenas retórico como também filósofo. É evidente que o secretário proposto por Ingegneri e Tasso é figura bem mais completa, e nela reconhecemos o perfil e a dignidade do homem erudito renascentista. Estas qualidades aumentam seu prestígio, mas, ao mesmo tempo, atestam uma falta de consenso quanto ao papel por ele cumprido na corte.

Há uma ambiguidade semântica, como diz Tobia Zanon, pela qual o secretário transita de figura proeminente a mero funcionário que cuida do epistolário.⁴⁸² De fato

⁴⁷⁶ Hipótese esta formulada por FIRPO, Luigi, *Gli scritti giovanili di Giovanni Botero*, Firenze, 1960, p. 79-80. O epistolário *Joann. Boteri Benensis Epistolarium Illustrissimi ac Reverendissimi D.D. Caroli Cardinalis Borromaei nomine scriptarum*, Paris, 1586, conheceu uma certa fortuna, e algumas partes foram traduzidas para o italiano e publicadas no final do século XVI.

⁴⁷⁷ BALDINI, Enzo, "Botero e la Francia", in BALDINI, Enzo, *Botero e la Ragion di Stato*, op cit, p. 340.

⁴⁷⁸ LUCINGE, René de, *Le première loysir de René de Lusynge, sieur des Alymes, etc, contenant la traduction françoise du Mespris du monde, de l'italien, du docteur J. Botere piedmontois*, Paris, Thomam Perier, 1585.

⁴⁷⁹ NIGRO, Salvatore, op cit, p. 84.

⁴⁸⁰ INGEGNERI, Angelo, *Del buon segretario*, Veneza, 1594, p. 6. De acordo com Pigna o conselheiro deve ser "buon historico nelle cose antiche e nelle moderne", apud MOZZARELLI, Cesare, "Familia" del principe e famiglia aristocratica, Roma, Bulzoni, 1988, p. 40.

⁴⁸¹ O cardeal e humanista veneziano fora secretário de Papa Leone X, e pela dedicação ao ofício foi elogiado por Tasso e Guarini.

⁴⁸² ZANON, Tobia, "Campi semantici e usi letterari del termine segretario: dalle origini al primo barocco", in GORRIS CAMOS, Rosanna, op cit, p. 38.

existiram vários tipos de secretário: o *secretarius intimus*, confidente, e o *domesticus*, que se ocupava das cartas, o secretário do príncipe e da República.

Se a retórica é a bagagem principal do secretário, o resto é deixado ao arbítrio dos tratadistas que carregam sua função com adereços mais ou menos significativos. Alguns reconheciam-lhe responsabilidades importantes, inserindo-o nas esferas mais altas da administração. Era este um cargo honroso nas palavras de Sansovino, para o qual o secretário ocupava um lugar respeitável entre os outros funcionários,⁴⁸³ que em uma corte como aquela de Alfonso II d'Este, para dar um exemplo, contava com cerca de 350 pessoas.⁴⁸⁴ A corte dos Sabóia também contava com centenas de pessoas.⁴⁸⁵ De acordo com Tasso era ele mais importante que o embaixador; este último, de fato, recebia as instruções do príncipe por mão do secretário.⁴⁸⁶ Ramusio, que por sua vez era secretário da República veneziana, também classificava-o, na estrutura de corte, à frente do embaixador.⁴⁸⁷ Esta prioridade era também reconhecida por Michele Benvenga.⁴⁸⁸ Atravessando os confins italianos, na Espanha, outro país que produziu reflexões pontuais sobre os funcionários de corte, Saavedra Fajardo colocava-o em segundo lugar, abaixo do capelão.⁴⁸⁹ Mas, a julgar pelas remunerações de Botero, o cargo era tão importante quanto este.⁴⁹⁰ Bernardino Baldoni enxergava no secretário “il timone nel mare di tutti gli affari pubblici”,⁴⁹¹ no entanto, era este um intérprete da razão alheia,⁴⁹² e ainda que segurasse o leme, cumpria as ordens de um superior.⁴⁹³ Qual é então a verdadeira colocação do secretário? Uma figura, esta, que não se deixa enquadrar em um perfil claro e que precisa ser entendida a partir do contexto institucional de consolidação do Estado. No entanto, sua inserção nos quadros da administração vai se delineando aos

⁴⁸³ SANSOVINO, op cit p 1.

⁴⁸⁴ BENZONI, Gino, *gli affanni della cultura*, Milano, 1978, p 96. Para um elenco dos ofícios de corte Michele TIMOTELI apresenta uma nomenclatura tanto rica quanto interessante em seu *Il cortegiano nel quale si tratta di tutti li offitii della corte*, Roma, 1614.

⁴⁸⁵ O pessoal da corte de Turim era dividido à maneira espanhola em três categorias. A duquesa Catarina tinha sua corte pessoal que contava mais de oitenta pessoas, predominantemente espanholas.

⁴⁸⁶ TASSO, Torquato, *Il Segretario*, p 267.

⁴⁸⁷ RAMUSIO, Giovan Battista, *Navigazioni e viaggi*, Tomo I, Torino, p 209.

⁴⁸⁸ MAGALHÃES, Anderson, "Uno scrittore di cose segrete", in GORRIS CAMOS, Rosanna, op cit, p 129.

⁴⁸⁹ Apud MISSIO, Edmir, *Acerca do conceito de dissimulação honesta em Torquato Accetto*, Tese de Doutorado, Unicamp, 2004, p 19.

⁴⁹⁰ René de Lucinge em uma carta fala de Botero como "primo segretario" de Carlo Borromeo com um salário de 600 scudi, a mesma quantia ganha por um capelão de corte. FIRPO, Luigi, *Gente di Piemonte*, Milano, 1983, p 89.

⁴⁹¹ BALDONI, Bernardino, *Il segretario*, Veneza, Giovanni Guerigli, 1628.

⁴⁹² NIGRO, Salvatore, op cit, p 93.

⁴⁹³ A metáfora náutica era inclusive usada por Botero que comparava o mando de Carlos Manuel com aquele de um “nocchiero all’indirizzo della nave”. BOTERO, Giovanni, *La prima parte de’ Prencipi Christiani*, Torino, 1601, p 2.

poucos, sem obedecer a um esquema coerente e refletindo todas as incertezas que normalmente afloram nas fases de transição, transição esta que, em primeiro lugar, afeta a natureza dos Estados. Os tratados, pela variedade das ideias defendidas, fornecem retratos que não coincidem. Assim, se para Mario Equicola era ele um conselheiro que devia guiar o príncipe, para outros era apenas uma pessoa encarregada de certas redações, aspecto que limita seu campo de ação e que rebaixa seu status, se concordarmos com aquilo que observa Edmir Missio:

"tomada ao modo de composição retórica, pode-se dizer que na arte de governar prevê-se ao príncipe e aos seus conselheiros a parte da *inventio*, enquanto que ao secretário competem a *dispositio* e a *elocutio*".⁴⁹⁴

Uma atividade que se resume portanto a um exercício mutilado da retórica, privada da *inventio*, isto é, aquela parte que procura os argumentos do discurso. É esta uma crise da qual Alessandro Tassoni (por sua vez secretário de Ascanio Colonna e, a partir de 1618, de Carlos Manuel) é testemunha quando, em seus comentários sobre Petrarca, assim escrevia:

"i secretari moderni non sono più da i segreti, ma dallo scrivere, così chiamati: di maniera che chiunque scrive oggidì per altri, in cambio di scrivano, o di scrittore, o di cacalettere, per segretario fa nominarsi".⁴⁹⁵

Esta posição subalterna configura uma relação problemática entre este letrado e o poder, com vários desdobramentos, que, em primeiro lugar, são humanos. Vale a pena por um momento voltar a falar da personalidade de Botero, retratada por seus críticos sempre de forma negativa, interesseira: uma "persona che si accomoda più presto per prudenza umana che divina".⁴⁹⁶ Botero participa de um modo de ser típico do secretário, que leva a *sprezzatura* do cortesão para abraçar o comportamento dissimulado e calculista. Uma atenção ao Botero enquanto homem de corte evidencia aquela duplicidade da qual nos falam os vários tratados sobre o secretário, visto como polvo, Jano, Proteu, ou camaleão. Assim, no julgamento negativo de Firpo, que vê em Botero uma pessoa sempre pronta a mudar conforme o patrão que vai servir, ecoam palavras de outro teor, proferidas séculos antes por Baltasar Gracian, o qual aconselhava o discreto Proteu a

⁴⁹⁴ MISSIO, Edmir, *Acerca do conceito de dissimulação honesta em Torquato Accetto*, Tese de Doutorado, Unicamp, 2004, p. 20.

⁴⁹⁵ TASSONI, Alessandro, *Considerazioni sopra le rime di Petrarca*, apud ZANON, Tobia, op cit, p 44.

⁴⁹⁶ Este foi um parecer do visitador Morales. CHABOD, p 280.

"saber hazerse a todos".⁴⁹⁷ Era esta uma atitude comum a homens que achavam um ganha-pão na corte, e, em certos casos, uma forma de ascender socialmente - ascensão social que o próprio Botero experimentou. A moderação do secretário, sua capacidade de transitar de uma corte para outra é, então, um comportamento estudado, mais do que um estado do espírito. Uma máscara que ele usa, embaixo da qual, todavia, aparecem todos os conflitos de um status espinhoso. Conflitos que pouco aparecem nos tratados, mas que encontramos em cartas pessoais, utilizadas como forma de desabafo. A própria melancolia, que às vezes toma conta de Botero, é um sentimento encontrado em outros secretários que, como Corbinelli, por exemplo, lamentam o pouco tempo disponível para se dedicarem à poesia. Esta atividade pressupõe a execução de tarefas que vão além da redação epistolar, e das quais mais de um secretário se queixa. Alguns secretários lamentam o pouco tempo que sobra para os estudos, e Joachim du Bellay chega a escrever um soneto sobre esta condição de inferioridade.⁴⁹⁸ Botero também se ocupou de tarefas pouco lisonjeiras. Em 1594, quando estava a serviço de Federico Borromeo, foi incumbido de uma missão: recuperar um casal de namorados que tinham fugido, um caso delicado que talvez envolvesse um jovem da família Altemps.⁴⁹⁹ A busca levará Botero de Roma até Siena, onde, uma vez resolvida a questão, escreverá uma carta que mostra, entre as linhas, uma vontade dissimulada de tirar alguns dias de descanso. No dia 14 de agosto, em pleno verão, escreve a Federico Borromeo que pensava como voltar para Roma ("vo pensando come possa accostarmi e venir a Roma"⁵⁰⁰), e acrescentava que o calor excessivo o deixava desanimado. Em outra carta de 24 de agosto avisa estar em Montefiascone, lugar ideal para fugir do calor e domar a sede "perché l'acque e i vini e l'aere vi è di gran longa e piú fresca e migliore".⁵⁰¹ Pequenas estratégias que garantem a conservação de um espaço de autonomia, uma necessidade de se afastar momentaneamente do ambiente palaciano, que deixava mais de um secretário insatisfeito.

⁴⁹⁷ GRACIAN, Baltasar, *Oraculo manual y arte de prudencia*, Amsterdã, Ivan Blaeu, 1659 p 57.

⁴⁹⁸ O soneto *Marcher d'un grave pas et d'un grave souci* é citado por GORRIS CAMOS, Rosanna, op cit, p 18-19.

⁴⁹⁹ É esta uma hipótese de FIRPO, Luigi, *Boteriana III*, p 37

⁵⁰⁰ Carta de 14/8/1594 em FIRPO, Luigi, op cit, p 42. Interessante o uso do presente progressivo. Guevara em sua denúncia da vida de corte dizia como o tempo preferido pelos cortesãos era o futuro e não o presente.

⁵⁰¹ Carta de 24/8/1594, ib, p 42.

Guarini comparava a corte a uma prisão à qual o secretário se achava ligado por uma corrente indissolúvel.⁵⁰² Outros enxergavam neste ambiente uma "officina".⁵⁰³ Podemos acrescentar que este ambiente sempre fora um viveiro de rivalidades. Ainda em pleno humanismo, Silvio Piccolomini na carta *De curialium miseriis*, de 1444, condenava a vida de corte na qual reinava o pecado e a ignorância. Porém foi Pietro Aretino o crítico mais impiedoso da corte, definida por ele em termos que retomam e amplificam o juízo de Piccolomini:

"La corte è spedale delle speranze, sepoltura delle vite, baila degli odii, razza de l'invidie, mantice de l'ambizioni, mercato de le menzogne, serraglio dei sospetti, carcere delle concordie, scola de le fraudi, patria de l'adulazione, paradiso de i vizii, inferno de le virtù, purgatorio de le bontà e limbo delle allegrezze"⁵⁰⁴

Este comentário era um cliché usado com outros intentos pelos predicadores mais zelosos, inclusive por Botero que, em uma de suas prédicas, dizia serem os palácios e as cortes lugares onde triunfa o demônio e não se ouve a palavra de Deus.⁵⁰⁵ Um espaço de competição no qual Botero viveu por quase 30 anos, e no qual conseguiu se manter sem grandes problemas, contrariamente ao ocorrido entre os jesuítas. Um sinal de amadurecimento que a historiografia recente negou ao nosso autor e que seria o caso de creditar-lhe.

Uma consideração ulterior sobre o secretário nos permitirá entender sua importância. O secretário vivia à sombra do poder e ao senhor devia obediência, já que "fine de' secretari non è la gloria ma la grazia dei padroni",⁵⁰⁶ sem a qual não ganhará aquela confiança que permite ao príncipe confiar seus segredos. Chegamos assim a um tópico fundamental na definição do secretário que é inclusive presente em sua etimologia. *Secretarius* é palavra latina do mundo tardo antigo e designa a pessoa que cuida do

⁵⁰² Em uma carta enviada no dia 7 de janeiro de 1586 a Eugenio Visdomini, Guarini se queixava de ter pouco tempo para se dedicar à poesia e continuava: "ma noi una perpetua indissolubile catena dal mattino alla sera ci tien legati, che l'hore della vita & delle necessità naturali appena ci lascian libere, in modo che 'nquanto à questo, & forse anche al rimanente io fo pochissima differenza dalla segreteria alla galera", apud GORRIS CAMOS, Rosanna, "Dall'angelo alla colomba: il volo del segretario", in GORRIS CAMOS, Rosanna, op cit, p 13.

⁵⁰³ O ambiente de corte foi considerado de várias formas. A ideia de oficina, isto é um lugar que forja a pessoa é presente em Pallavicino, o qual tem uma passagem interessante: "dall'haver usato lungamente in corte haveva imparato a discernere i mini de gli artifizii dal sincero della verità per esser la corte un officina in cui quelle grane artifiziose si come perfettamente si lavorano, così sottilmente si scuoprono" querendo com isso dizer que a corte aguça o engenho. PALLAVICINO, Nicolo Maria, *Difesa del pontificato e della chiesa cattolica*, Tomo I, Roma, Nicolò Angelo Tinassi, 1687, p 747.

⁵⁰⁴ Pietro Aretino, *Ragionamento delle corti*, apud GAETA, Franco Gaeta, "Dal comune alla corte rinascimentale", in *Letteratura italiana*, vol 1, Turim, Einaudi, 1982, p 251.

⁵⁰⁵ BOTERO, Giovanni, *Prediche sopra li evangelii dominicali*, Milão, 1586, p 92

⁵⁰⁶ TASSO, op cit, p 268.

secretarium, ambiente separado de um edifício, espécie de arquivo secreto. De acordo com Tasso, a arte da secretaria nada mais é "una scienza delle cose che devono essere tenute segrete e rivelate ed il segretario sarà scrittore di cose segrete [...] conservator de' secreti del principe".⁵⁰⁷ O secretário goza de um privilégio: aquele de guardar o secreto. Voltaremos sobre este aspecto no próximo capítulo.

O cargo de secretário, finalmente, tinha também vantagens: favorecia a promoção social e permitia o estabelecimento de contatos nas esferas mais altas da sociedade de corte, e, de fato, Botero era pessoa bem relacionada e inserida em círculos letrados, em boa parte graças a esta função. Como homem próximo de uma pessoa importante como podia ser Carlos ou Federico Borromeo e ainda Carlos Manuel, não apenas tinha oportunidades de contatar pessoas, mas era procurado por pessoas que quisessem ganhar certos favores. O sodalício com Federico Borromeo, por exemplo, nascera quando trabalhava para são Carlos, o qual indicou o seu secretário para ajudar o primo na academia dos *accurati*. Mas já durante os anos com os jesuítas, Botero tinha viajado muito pela Itália tecendo amizades que se manterão no hábito da troca epistolar. Uma estadia importante fora aquela realizada em Padova onde, a partir de 1573, ficou quatro anos estudando teologia no ambiente estimulante da cidade veneta, centro universitário que então atraía estudantes de vários países europeus. Aqui, Botero conheceu Gian Vincenzo Pinelli, com o qual estabeleceu amizade duradoura, e que prestigiará com um poema no *De Regia Sapientia*. Napolitano, genovês de origem, e radicado em Padova, Pinelli era personagem interessante que, ao longo de uma vida dedicada aos livros, montou uma das maiores bibliotecas da Europa.⁵⁰⁸ Pinelli se encontrava ao centro de uma rede epistolar crucial⁵⁰⁹ para a circulação dos saberes e, em sua residência, recebia homens de grande cultura como Tasso, Sarpi, Possevino, Galilei, Justus Lipsius. Este erudito, apaixonado por ótica e geografia, colocou generosamente seus livros à disposição de Galileu, e, como vimos no capítulo anterior, socorreu Botero na construção da bibliografia para o *Disprezio del mondo*.⁵¹⁰

⁵⁰⁷ TASSO, op cit, p 260, 261.

⁵⁰⁸ Uma parte da coleção de Pinelli, formada por milhares de livros e centenas de manuscritos, foi adquirida, depois de sua morte, por Federico Borromeo e engrossa hoje uma seção da biblioteca Ambrosiana. Um numero considerável de manuscritos era de cunho geográfico.

⁵⁰⁹ Fulvio Orsini, Clusius, Zwinger, Ferrante Imperato, Claude Dupuy foram alguns doutos em contato epistolar com Pinelli.

⁵¹⁰ Sobre a amizade entre Pinelli e Galilei ver BUCCIANI, Massimo, *Galileo e Keplero. Filosofia, cosmologia e teologia nell'Età della Controriforma*, Turim, Einaudi, 2003. Um artigo recente que trata dos interesses geográficos de Pinelli é aquele de BRAGAGNOLO, Manuela, "Geografia e política nel Cinquecento. La descrizione di città nelle carte di Gian Vincenzo Pinelli", in *Laboratoire italien*, n° 8, Lyon, 2008.

Outro momento determinante na vida social do nosso autor foi como conselheiro de Federico Borromeo, pessoa que gostava de se cercar de pensadores ilustres e de entrelaçar com aqueles mais distantes uma troca epistolar.⁵¹¹ Botero viajou com ele pela Itália e se estabeleceu em Roma, em uma nova etapa que corresponde àquela mais prolífica e de qualidade do ponto de vista literário. Para acompanhar a eleição do jovem milanês a cardeal, em 1587, tinha fixado residência na cidade pontifícia onde permaneceu por boa parte do período em que escreveu as *Relationi*. Aqui, Botero reencontrou o clima culto de Padova e, se na cidade veneta frequentou a casa de Pinelli, em Roma as residências mais ilustradas eram aquelas dos Farnese e Aldobrandini. Padova era cidade cosmopolita, mas Roma era “teatro universale” para onde convergiam “gli huomini virtuosi d’ogni natione”.⁵¹² As *Relationi* surgiram no ambiente do palácio e da conversação culta, dois ambientes que configuram dois tipos de espaço: do poder e da erudição.

3.4 Um intelectual de corte

O homem letrado apresentado nas páginas anteriores vive nas cortes uma redefinição de sua função que espelha a transformação mais ampla sofrida pelos estados italianos depois da paz de Cateau-Cambresis. Nossa atenção concentrou-se sobre o secretário, figura emergente e paradigmática do papel social desempenhado pelos eruditos do final de quinhentos. Ele opera dentro do aparato administrativo com um perfil discreto, conforme vimos rapidamente nos tratados a ele dedicados. Podemos, grosso modo, dividir estes tratados em dois grupos: de um lado temos aqueles que veem o secretário como um compilador de cartas. É assim que pensam Giulio Cesare Capaccio e Tommaso Costo. De outro, temos os tratados que enxergam no secretário uma figura mais completa, ainda de um humanista. É esta a posição defendida por Torquato Tasso e Angelo Ingegneri. Temos ainda o importante tratado de Battista Guarini que, em virtude de seu formato dialógico e polifônico, se coloca entre os dois, mais do lado dos

⁵¹¹ “Ricercatore instancabile di uomini dotti”, assim Attilio BARERA define Federico Borromeo em seu estudo monográfico. BARERA, Attilio, *L’opera scientifico letteraria del Card. Federico Borromeo*, Milano, 1931, p. 77. Borromeo trocou cartas com Justus Lipsius, Galilei, Scipione Ammirato, entre outros.

⁵¹² BOTERO, *Dell’Uffizio del cardinale*, p. 75.

primeiros no momento em que reconhece na retórica a principal filosofia do secretário e desmonta o ideal heroico de homem virtuoso de Tasso e Ingegneri. Estes últimos, de fato, idealizam a figura deste burocrata; é um secretário neoplatônico, para retomar uma expressão de Lina Bolzoni.⁵¹³ O perfil aristotélico de Costo e Capaccio, que delimita as competências do secretário à redação epistolar, de fato, vai prevalecer sancionando a crise do humanista poliédrico. Percebemos, a partir da leitura dos tratados, que há uma perda com relação ao cortesão, um papel bem mais digno defendido por Castiglione, e que ainda resiste em Tasso e Ingegneri. A função de secretário pode ser vista como uma transformação burocrática do cortesão que vai ao encontro da racionalidade do Estado moderno.⁵¹⁴ Uma transformação que era de fato percebida pelos homens de letras da época, que por isso sentem a necessidade de escrever tratados sobre este burocrata para definir suas competências e delimitar seu campo de ação. É uma figura em construção, mas não é uma figura que surge do nada. Ela tem um elo com o cortesão. É uma passagem que comporta uma mudança de códigos sociais e uma transformação que antes de ser profissional é antropológica. A eloquência de um Castiglione ou Guazzo é substituída com o silêncio ou com o uso compassado das palavras que devem ser poucas.⁵¹⁵ A importância do silêncio aparece na definição de dissimulação de Torquato Accetto pelo qual "non si tratta di dire quello che non è, ma di tacere quello che è".⁵¹⁶ Não é mais voz e sim *mão* do senhor. Nigro, em seu artigo sobre o secretário, apresenta dele uma anatomia que é significativa: ele é costela do príncipe, mão do anjo, dedo de Arpócrata.⁵¹⁷ Uma anatomia que ressalta sua dependência e servidão. Isto pressupõe a experiência da perda, o sentimento de queda e da crise de um paradigma que teve no livro de Castiglione seu exemplo mais alto.⁵¹⁸

Uma consideração parecida abrange o letrado italiano em geral, conforme mostra Gino Benzoni em seu belo ensaio sobre o intelectual do Seiscentos, com um título emblemático (*Gli affanni della cultura*) que resume muito bem o declínio social do homem culto. O panorama italiano ainda consegue exprimir um Giordano Bruno, um

⁵¹³ BOLZONI, Lina, "Il segretario neoplatonico", in PROSPERI, Adriano, *La corte e il cortigiano*, Roma, 1980.

⁵¹⁴ Transformação apontada por MARAVAL em seu livro *Estado moderno y mentalidad social*, e mais recentemente por Descendre. Para uma leitura desta transformação ver OSSOLA, Carlo, *Dal cortegiano all'uomo di mondo*, Turim, 1988.

⁵¹⁵ Homem de poucas palavras dirá Capaccio.

⁵¹⁶ ACCETTO, Torquato, *Della dissimulazione onesta*, Turim, Einaudi, 1997, p 15.

⁵¹⁷ Arpócrata era o Deus do silêncio e era representado com um dedo próximo da boca, em sinal de silêncio.

⁵¹⁸ ver BENZONI, *Gli affanni della cultura*, Feltrinelli, 1979.

Tommaso Campanella, um Galileo Galilei. Mas eles são vozes autônomas e renegadas, não apenas pelo poder como também pela cultura palaciana.⁵¹⁹ O intelectual investigado por Benzoni, e que tende a desaparecer, é o humanista engajado que aspira a ser interlocutor do príncipe, modelo para a arte de governo, que a partir da segunda metade do século XVI perde confiança em seu projeto civil e vive uma crise de identidade, crise que será contida através de uma nova colocação que prevê o afastamento do ambiente de corte e a retirada para o âmbito da academia ou da casa de campo, da *villa*, lugar de contemplação; uma mudança que, ao mesmo tempo, assinala a decadência da corte como centro de produção cultural inovador e antes disso como entidade política estável.⁵²⁰ O utopismo de muitos autores do século XVI, ainda que responda a várias instâncias, foi também uma resposta à crise institucional que perpassava a Itália. Quando não é uma sociedade ideal, a ser pensada como modelo político é Veneza, ultimo bastião da liberdade republicana, cidade que era estudada e admirada pelos espíritos livres. Entre os observadores extasiados, lembramos Guillaume Postel, que elogiou o caráter providencial da cidade considerando-a como uma nova Jerusalém.⁵²¹ Ou Etienne de la Boétie que aponta para a vida em liberdade de seus habitantes.⁵²² E de fato muitos intelectuais a adotaram como cidade a partir de Pietro Aretino e Francesco Sansovino. Pelo fato de ser o principal centro tipográfico europeu havia uma concentração de homens de cultura ligados a este mercado. Entre os estudiosos, lembramos o florentino Donato Giannotti que, com a *Repubblica de veneziani*,⁵²³ redigiu um livro sobre a Sereníssima entre 1526 e 1530, após uma estadia *in loco* feita para pesquisar e coletar dados sobre aquele governo e entender o funcionamento da administração veneziana e, principalmente, o segredo de sua estabilidade, encontrado por Giannotti na composição das forças políticas segundo justa proporção,⁵²⁴ e ainda no sistema eletivo que, na célebre expressão de Pocock, tinha “mecanizado a virtude”.⁵²⁵ Era este um período tumultuado na história de Florença, e Veneza aparecia a muitos florentinos como um modelo paradigmático a ser estudado e, eventualmente, imitado.

⁵¹⁹ súdito herético era chamado Campanella, enquanto o poeta Giovan Francesco Busenello considerava Galilei louco pela insistente defesa de suas ideias.

⁵²⁰ Sobre a contraposição corte villa, lembramos o *Disprezio della corte e lode della villa*, de Antonio de Guevara. Outro livro importante é o villa de Bartolomeo Taegio.

⁵²¹ KUNTZ, Marion Leathers, “Guillaume Postel e l’idea di Venezia come la magistratura più perfetta”, in *Postello, Venezia e il suo mondo*, Firenze, Leo S. Olschki, 1988, p 167.

⁵²² BENZONI, p 28.

⁵²³ O livro foi publicado em 1540.

⁵²⁴ Proporção remete para o equilíbrio polibiano. Obviamente não podemos esquecer que Aristóteles e Políbio constituem uma referência teórica fundamental para estes estudiosos.

⁵²⁵ POCOCK, John, op cit, p 284.

Algo parecido estava interessando a península inteira, sempre mais dependente de forças estrangeiras, com algumas exceções. O interesse dos toscanos pelo modelo político veneziano era antigo e remontava ao final do século XV, quando o 'mito' da Sereníssima começou a surgir como alternativo àquele da antiga Roma. Foi um tema bastante discutido, inclusive em Guicciardini e Maquiavel, e respondia à questão da instabilidade política. Com efeito, a cidade veneta gozava de um equilíbrio político invejável e era vista como um modelo de defesa das liberdades. A cidade veneta foi ainda por um bom tempo depositária dos valores da renascença.⁵²⁶ A Itália do século XVI, ao contrário de Veneza, vivia um processo de transformação política que, na maioria dos casos, levou à perda das liberdades republicanas como também viu desaparecer do horizonte político a figura do humanista. Para ser mais preciso, é a colocação institucional do homem letrado que está em crise, o hiato sempre mais amplo com o poder, que para Benzoni afasta sempre mais "o equilibrio entre literatura e vida civil" e perde força a ideia de a literatura ser "depositária de um projeto grandioso de construção".⁵²⁷ A presença do homem letrado dentro da corte se dá a caro preço, isto é abrindo mão da liberdade para se colocar a serviço. Claro, há exceções. Até que ponto Botero encarna o secretário assombrado, reflexo pálido da grandeza do senhor que é chamado a servir, mero executor e redator de cartas que abdica a uma autonomia intelectual? De acordo com Mario Rosa, o nosso autor, junto com Scipione Ammirato, é um dos poucos que herdaram a função declinante de guia e conselheiro.⁵²⁸ As funções desempenhadas por Botero são as de um colaborador que se aproxima à imagem apresentada por Tasso e Ingegneri que, longe de ser reduzido à dimensão retórica da confecção de cartas, é figura mais completa e propositiva.⁵²⁹ Foi fundamentalmente um intelectual que não renunciou à *inventio*, contrariamente ao que acontece com o secretário típico, e que construiu um discurso importante no limite de suas possibilidades. Com isso não queremos construir uma figura heroica e sim enfatizar a influência e o intuito que ele teve através de suas duas obras principais: a *Ragion di Stato* onde se abre uma discussão

⁵²⁶ BENZONI, op cit, p 33.

⁵²⁷ BENZONI, p 7 e 8. Sempre este autor escreve que "nello smottamento degli umanistici orgogli, è franata la pretesa delle lettere di fornire un messaggio di salvezza al mondo. Prevale l'adattamento in questo, così com'è". p 144.

⁵²⁸ ROSA, Mario, "La Chiesa e gli stati regionali nell'età dell'assolutismo" in Letteratura italiana, vol 1, p 307.

⁵²⁹ Daniela Costa em um belo ensaio que põe em relação o tratado de Tasso com o cortegiano de Castiglione, escreve que "il segretario tassiano non si annulla quindi nel suo compito retorico, non è un mero compilator di missive; ma è al contempo politico, storico, interprete e intermediario del potere, unendo il profilo dell'oratore a quello del filosofo e consigliere del principe". COSTA, Daniela, "Dall'ideale cortigiano alla figura del segretario", in GORRIS CAMOS, Rosanna, op cit, p 264.

que nas décadas seguintes será prolífica, sendo um paradigma que interpreta a nova ordem política; e as *Relationi Universali*, que descrevem a nova geografia do mundo e entendem muito bem as mudanças dos organismos estatais. Duas obras que o olhar contemporâneo dificilmente vai digerir por estilo e conteúdo, mas ultimamente estudiosos como Baldini, Continisio, Viroli, Descendre, deixaram de lado preconceitos anacrônicos para entender a obra boteriana em seu contexto político e cultural. É inegável que a razão de estado foi um paradigma político na Itália contrarreformista. Nas palavras de Viroli foi ele o escritor político italiano de maior autoridade.⁵³⁰ A autonomia intelectual de Botero não foi obviamente estranha ao contexto social. Botero não viveu em Veneza, mas em outra cidade em que se encaixa perfeitamente seu papel de intelectual contrarreformista. Como observa Benzoni, Roma se coloca em um âmbito diferente de Veneza já que os intelectuais que ali operam "se encaixam em um horizonte católico ecumênico que canaliza seu cosmopolitismo".⁵³¹

Inevitável que esta educação, e o ambiente em que trabalhava, influenciassem de alguma forma o *modus scribendi* de Botero. É na corte e no palácio que os trabalhos deste autor foram pensados e produzidos, sendo o príncipe e o cardeal seus destinatários mais importantes. Mas em que medida esta posição social específica se manifestava na sua atividade de escritor? Ela penetrava no âmago da argumentação? Ou limitava-se a orientar a formulação das questões? Ou, ainda, ficava apenas no plano formal das dedicatórias de praxe? Podemos responder positivamente a estas perguntas, já que é possível reconhecer em Botero posturas diferentes diante de seus escritos que se encaixam coerentemente nas etapas de sua carreira. É sempre um sujeito situado em um contexto institucional aquele que forja páginas destinadas a alcançarem objetivos determinados mais do que procurarem a satisfação de um deleite intelectual livre de compromissos. Os argumentos tratados por Botero têm densidade política, profundidade moral, e quando ele toca, por um momento, em assuntos aparentemente efêmeros, logo depois deve se justificar explicando os motivos do desvio. Assim, no *Disprezio del mondo* podemos detectar certo embaraço nas palavras que introduzem o segundo livro:

“saranno in questo libro alcuni discorsi appartenenti alla cosmografia, alla politica e alle historie humane; i quali, se ben son curiosi, si toccheranno con quella maggior brevità che sia

⁵³⁰ VIROLI, Maurizio, *Machiavelli's God*, Princeton, Princeton University Press, 2010, p 232.

⁵³¹ BENZONI, op cit, p 31.

possibile, acciocché ogn'un vegga, che si abbracciano per necessità di dottrina, non per ostentazione d'ingegno".⁵³²

Mesmo que os argumentos possam parecer fúteis, eles adquirem dignidade à luz da doutrina. É ela que orienta a escrita e que confere significado à matéria tratada.

3.5 A praxe das dedicatórias

Giovanni Botero escreveu seus livros no ambiente de corte. E como homem que pertencia aos quadros da corte dos Sabóia ou do ambiente dos Borromeo, sua produção literária adquire uma conotação palaciana que se manifesta tanto no conteúdo quanto na prática mais ampla que faz do livro o fruto de um serviço prestado, uma resposta a uma demanda precisa. A dimensão cortesã merece atenção por ela vincular o livro a demandas, expectativas. Não que ele seja apenas um produto deste ambiente, se pensarmos dessa forma seria impossível detectar aquelas particularidades que tornam um texto expressão de um determinado pensador. A dedicatória presente nos livros é um campo de pesquisa interessante pois joga uma luz sobre os dois aspectos do livro: aquele cortesão e aquele das ideias. Ela tem consequências importantes que tocam aspectos tais como a história do livro, as relações de *patronage*, o contexto social da obra. Como podemos ler na dedicatória dos *Capitani* onde escreve que

“ma non contenta V.A. Serenissima di operar valorosamente, si prende anche gusto meraviglioso in commemorar l'altrui virtù, & in esaltarla (...) Né di ciò soddisfatta, procura anche, che la memoria delle prodezze loro sia col mezzo della penna alla posterità commendata. Onde se bene io sono a una tanta impresa poco, e d'inventione, e di stilo fornito, è però più d'una volta restata servita di comandarmi (...) che io le vite de i moderni capitani scrivessi.”⁵³³

Aqui, evidente é a posição subalterna, de mero executor do gosto alheio. Há uma contraposição entre Carlos Manoel, que aparece como idealizador do livro, e Botero, que cumpre um dever apenas manual, de transcrição, como se fosse um secretário empenhado em escrever uma carta. A exaltação do destinatário, homem que domina a

⁵³² BOTERO, Giovanni, *Dispregio del mondo*, Milano, 1584, p 31. Esta passagem é também citada por Chabod, o qual procurava mostrar como, nesta obra, Botero começasse a dirigir seu olhar para o mundo exterior.

⁵³³ BOTERO, Giovanni, *I capitani*, Torino, 1607, p 2v.

espada e a pena, resoluto na batalha e generoso na vontade de comemorar personagens ilustres eclipsa a função quase mecânica em que se autoconfina Botero. Em outra dedicatória a Carlos Manuel, porém, aquela do *Prencipi christiani*, Botero se qualifica diferentemente, com estas palavras:

“un huomo privato non può l’opera, e il saper suo meglio impiegare, che in servire o di consiglio, o di aiuto quegli, a cui Dio ha la cura de popoli e l’amministrazione delle città fidate. Il che io conoscendo, se ben non ho parte in me, con la quale possa o le deliberationi delli Re dirizzare, o le resolutioni promuovere, ho però sempre di recar loro servitio almeno con la penna.”⁵³⁴

O escrito é apresentado como a execução de uma tarefa realizada por um sábio que usa seus conhecimentos para auxiliar o príncipe na administração do Estado. De secretário passa a ser conselheiro. Sempre na dedicatória, Botero lembra como, alguns anos antes, escrevera a *Ragion di Stato*, onde tratara as principais formas do bom governo e agora, com este livro, ele traz alguns exemplos de governantes virtuosos "ove nelle attioni di ottimi e valorosissimi Re la pratica e l'uso di essa Ragione di Stato, quasi pittura al suo lume, si scorge".⁵³⁵ O *Prencipi* portanto se coloca para o autor em uma sequência lógica com a Razão de Estado, oferece modelos para a ação, sendo destinado à educação moral do homem de poder. É esta de conselheiro uma ulterior faceta do nosso autor, que o coloca em uma posição mais propositiva. Estas duas dedicatórias resumem duas formas de se colocar perante o poder. Certamente, estas eram fórmulas retóricas que tinham o objetivo de manter clara a relação entre o escritor e seu patrocinador, de justificar o trabalho realizado, como também eram maneiras para conquistar a benevolência de pessoas influentes. Mas as diferenças entre as duas dedicatórias mostram como existia uma variedade na formulação. Há um princípio de reciprocidade no sistema das dedicatórias, como deixa claro o poeta Giovan Battista Marino ao dirigir, em 1623, o *Adone* a Luís XIII e a Maria de Medici: os destinatários ganham a imortalidade, e em troca garantem ao poeta a "quiete degli studi".⁵³⁶ A dedicatória, portanto, comporta uma relação de troca entre escritor e mecenas na qual a construção da glória precisa de uma recompensa material; louros em troca de ouro. Para Marino a glória do príncipe precisa da ajuda do escritor, sem o qual cai no esquecimento. Assim, escritor e destinatário são unidos em um interesse recíproco e entre eles é realizada uma "santa amicitia" como dizia Ludovico

⁵³⁴ BOTERO, Giovanni, *La prima parte de Prencipi Christiani*, op cit, p 2.

⁵³⁵ *Ib*, p 2v.

⁵³⁶ PAOLI, Marco, *Ad Ercole Musagete. Il sistema delle dediche nell'editoria italiana di Antico Regime*, p 149.

Domenichi.⁵³⁷ Giovanni Battista Giraldi Cinzio, dedicando o seu *Ecatommiti* a Emanuel Filiberto, celebrava sua procura por

"vivaci e begli ingegni che colle scritture loro consecreranno i gloriosi e magnanimi fatti, così di guerra come di pace, all'immortalità. Perché non i tesori, non le torri, non le statue, non le altre opere di incude, o di martello, o di altra manuale arte, fanno immortali i magnifici fatti de grandi, e valorosi principi ma gli studi e gli inchiostri de gli huomini scientiati contra la forza de quali non può lunghezza di Tempo, né impeto di Fortuna".⁵³⁸

Mas este equilíbrio pode faltar em alguns momentos, como vimos nas duas dedicatórias de Botero, ou em outros escritores que não tenham a espessura de Marino, sendo sintoma de uma assimetria. Para Marco Paoli, a relação autor/senhor rompe o equilíbrio a favor do segundo no século XVII, quando a condição do letrado é rebaixada para aquela de servidor. De acordo com Giovanni Brevio há vários tipos de dedicatórias: amigáveis, como penhor de amizade; cortesãs, como ato de servidão; de proteção, como forma de proteger o escrito; venais, para obter um favor ou prêmio.⁵³⁹

O conteúdo da dedicatória repete o esquema retórico da *laudatio*.⁵⁴⁰ A dedicatória é uma praxe antiga que remonta ao mundo romano e surge portanto no contexto do manuscrito. No contexto tipográfico, a reprodução mecânica do livro em centenas de exemplares confere à dedicatória uma publicidade que antes lhe faltava. A relação entre escritor e mecenas é sob os olhos de todos os leitores. De acordo com Paoli este alcance de um público maior torna a glorificação do destinatário mais "eficaz", como também dizia Fratta em seu escrito,⁵⁴¹ e a remuneração mais alta. O livro é um dom que se insere em uma relação de clientela, e a dedicatória é parte fundamental. No entanto o controle sobre o livro não é limitado ao seu autor. A passagem do manuscrito para a produção do livro impresso e, sucessivamente, sua circulação é uma operação complexa na qual intervêm outras pessoas. O editor também usa e abusa desta prática para financiar sua atividade. De fato, as dedicatórias de livros constituem um leque muito grande, como podemos perceber pela leitura do livro de Giovanni Fratta, que já em 1590 mostrava entender muito bem as lógicas editoriais de seu tempo.⁵⁴² Este letrado de Verona, autor

⁵³⁷ Lodovico Domenichi (1553) em PAOLI, Marco, op cit p 150.

⁵³⁸ CINZIO, Giovanni Battista Giraldi, *De gli Hecatommithi*, Veneza, Girolamo Scotto, 1566.

⁵³⁹ BREVIO, Giovanni, *Rime et prose volgari*, Roma, 1545, apud Paoli, p 156.

⁵⁴⁰ PAOLI, Marco, p 153.

⁵⁴¹ "si posson ben donare historie, e poesie a persone particolari, e con la facilità delle stampe far ch'ogn'uno ne partecipi a suo talento" Ib, p 155

⁵⁴² Giovanni Fratta é um autor ainda hoje pouco conhecido e no entanto de extrema importância para compreender o papel do livro no século XVI. SANTORO, Marco, "Contro l'abuso delle dediche. Della dedicazione de libri di Giovanni Fratta", in *Paratesto*, 1, 2004 p 112.

da *Malteide*, um poema épico influenciado por Tasso, escreveu o pequeno *Della dedicatione de' libri*, ainda hoje pouco conhecido pela historiografia, e que no entanto é de grande importância no estudo da história do livro.⁵⁴³ Para este livro Fratta escolheu o formato do diálogo entre o anfitrião Aurelio Prandini, nomeado Critone, Nicolò Marogna, com o nome de Eugênio, e Francesco Porta. O diálogo é dividido em duas partes: na primeira, os três interlocutores traçam uma história das dedicatórias, na segunda definem um campo de regras a serem adotadas nas dedicatórias, cientes de que os livros então publicados abusavam deste recurso. Os interlocutores enfrentam vários aspectos, como por exemplo quem pode fazer a dedicatória (o autor ou o editor), quem pode ser alvo de uma dedicatória, quantas vezes o mesmo livro pode ser dedicado a mais de uma pessoa, todos aspectos que remetem ao livro como um bem de troca. Critone é contrário a ligar o livro a uma atividade comercial e considera a divulgação do conhecimento uma prática gratuita. Outro interlocutor, Eugenio, se contrapõe a esta visão aristocrática e entende que uma pessoa sem capital para pagar os custos da impressão tem o direito de recorrer a um mecenas. As dedicatórias fornecem ainda uma prova da perda de liberdade do intelectual italiano já que, em alguns casos, nada mais é do que um atestado de servidão voluntária. Antonfrancesco Doni chega a dedicar *La libraia* a 21 pessoas diferentes. Este autor, aliás, recomendava que um escritor mudasse o destinatário da obra caso não recebesse remuneração pelo trabalho: um atestado da mercantilização do sistema das dedicatórias. A dedicatória é de fato um instrumento de suporte econômico ao trabalho de escritores e editores. A produção do livro como negócio é um perigo atestado por alguns como Ortensio Lando ou o próprio Fratta.

Botero fechava a dedicatória dos *Capitani* na esperança que se perpetuasse “la continuazione della gratia e del favor suo”.⁵⁴⁴ O livro era um bem que se inseria no sistema da dádiva e dos privilégios.⁵⁴⁵ A dedicatória dos *Prencipi* terminava com um agradecimento pela generosidade real do qual o objeto livro era uma contrapartida, um “piccol segno della mia devotione, argomento della servitù, frutto della commodità prestatami dalla sua Real beneficenza”.⁵⁴⁶ Carlos Manuel concedera muitos benefícios ao seu secretário pelos serviços prestados e, em troca, o duque foi o destinatário mais prestigiado por Botero.

⁵⁴³ Uma edição anastática foi realizada por SANTORO, Marco, *Uso e abuso delle dediche. A proposito della "Dedicatione de libri" di Giovanni Fratta*, Roma, 2006.

⁵⁴⁴ *I capitani*, p 3v.

⁵⁴⁵ Ultimamente, Ronald Raminelli publicou um estudo que concebe a prática da escrita realizada por autores, que eram em primeiro lugar funcionários do império português, como meio para conseguir mercês e privilégios. RAMINELLI, Ronald, *Viagens ultramarinas*, São Paulo, 2008, especialmente o primeiro capítulo.

⁵⁴⁶ BOTERO, Giovanni, *La prima parte dei prencipi christiani*, op cit, p 3v.

Além de uma paga generosa, Botero ganhou a abadia de São Miguel em Chiusa, perto de Novara. Mas uma dedicatória podia servir também como meio para se aproximar de uma personalidade importante, para instaurar um contato inicial. É neste sentido que foi formulada a primeira dedicatória ao jovem Carlos Manuel, presente no *De regia sapientia*. A dedicatória a um nome importante ainda dava ao livro uma autoridade maior.⁵⁴⁷ O *Ragion di Stato* também prestigiou mais de um notável. A primeira edição foi destinada a Wolf Dietrich, que aparece italianizado em Volfango Teodorico, arcebispo e príncipe de Salzburg. Mas outras edições tiveram outros destinatários: Felipe Manuel, príncipe de Piemonte ou Federico Quinzio. A dedicatória ao arcebispo austriaco é a mais comum. Aqui também se repete o obsequio que minimiza o valor do livro, contrapondo-o à magnanimidade do "Príncipe grande". Uma fórmula parecida se repete no livro sobre a república veneta dedicado ao doge Marino Grimani, que poucos meses depois morreu. Na dedicatória, a contraposição é entre a obra e a cidade da qual Botero diz que é impossível, por sua grandeza, fazer um retrato, oferecendo com seu escrito uma miniatura.

Mas a dedicatória não diz respeito exclusivamente ao papel social de escritor ou ao livro como negócio. Mais que isso, ela é uma chave preliminar para a compreensão da exposição que segue, já que há nela uma estratégia do texto. Muitas obras de compilação da Renascença adquirem sentido quando lidas a partir de todos aqueles recursos paratextuais como introduções, dedicatórias, comentários que emolduram o conteúdo. As obras de Ramusio, Purchas, Belleforest são exemplos clássicos.

⁵⁴⁷ RICHARDSON, Brian, *Printing, writers and readers in Renaissance*, p 54.

Capítulo 4

A unificação do espaço geográfico

"et a questo io mi sono mosso,
perché tu che ti diletta sommamente delle historie,
havessi dove ritrovare facilmente, ogni volta,
che ti occorresse il bisogno, tutte le cose insieme"
Giovanni Boemo⁵⁴⁸

4.1 A arquitetura de uma obra aberta

Romain Descendre caracteriza a produção literária de Botero de acordo com os interesses de seus mecenas: de tipo pastoral aquela desenvolvida com são Carlos Borromeo, política com Federico, didática com os filhos de Carlos Manuel,⁵⁴⁹ acolhendo implicitamente aquela observação de Firpo sobre a ductilidade de Botero⁵⁵⁰ e evidenciando a função do secretário como executor de programas pensados por outros. Uma classificação esta que, apesar de válida, podendo ser comprovada nas idiossincrasias das personagens pelas quais Botero escreve, não esgota as interpretações; um olhar mais detalhado descortinará outros cenários. A produção dos escritos não se resume a uma relação do funcionário com o seu senhor, embora esta possa justificá-la. Se nos escritos do período passado ao lado de são Carlos Borromeo a função autor se eclipsa atrás da personalidade dominante do arcebispo, mais variada foi a relação com o cardeal Federico e com Carlos Manuel, resultando em uma reflexão onde Botero, em mais de uma ocasião, pode expressar maior autonomia, sempre dentro de uma lógica contrarreformista, pois é necessário ter em mente que estamos falando de um religioso que se identificava com os interesses da igreja. Nos anos em que trabalhou

⁵⁴⁸ *Gli costumi, le leggi et l'usanze di tutte le genti raccolte qui insieme da molti illustri scrittori per Giovanni Boemo Aubano Alemanno*, Veneza, Francesco Lorenzini, 1560.

⁵⁴⁹ DESCENDRE, Romain, op cit, p 11. Caracterizar como política a fase ao lado do cardeal Federico, em que produziu suas obras mais famosas é, no nosso entender, um pouco redutivo.

⁵⁵⁰ FIRPO, Luigi, "Giovanni Botero", in *Dizionario Biografico degli italiani*, www.treccani.it

para Federico Borromeo, publicou o *Ragion di Stato*, o *Cause della grandezza delle città*, e escreveu as *Relationi Universali*, obras que perpassam o campo político e manifestam interesses sociais amplos, interesses que combinavam com aqueles cultivados pelo polímata Federico.

Botero interpretou sua função para além de uma posição subordinada, como muitas vezes podia ser aquela do secretário. O status de secretário apenas em parte ajuda a traçar o perfil de nosso autor que, por sua personalidade irrequieta, se afastava do caráter esquivo desta figura burocrática que vivia à sombra do seu senhor e que nele se identificava. O papel do secretário, porém, pode ajudar a entender a prática da escrita. Ramusio, ao apresentar sua obra, afirmava que pertence aos príncipes

"il saper i secreti e particolarità della detta parte del mondo e tutti i siti delle regioni, provincie e città di quella, e le dipendenze che hanno l'uno dall'altro i signori e popoli che vi abitano".⁵⁵¹

Como secretário da Sereníssima, Ramusio era o guardião dos segredos e daquelas notícias que chegavam na cidade veneta através de vários canais. Retomando uma frase de Pietro Aretino, podemos dizer que Ramusio era "Secretario del mondo".⁵⁵² Ao selecionar as fontes para sua obra, este autor tornava público o segredo e, de fato, ele cuidou bem de manter sigilosos os documentos da chancelaria veneta. Botero também foi secretário particular, e ainda homem de uma administração como a Congregação do Índice que vigiava a palavra escrita, e portanto teve um contato privilegiado, de primeira mão com a circulação da informação. Já vimos como sua atividade editorial pode ser lida em função de uma pedagogia católica.

Depois dos anos passados com são Carlos, do qual Botero experimentou a índole rigorosa, seguindo ao pé da letra as disposições, passava a trabalhar para Federico Borromeo, cujos interesses amplos e os modos pacatos⁵⁵³ deixavam o piemontês mais livre de se mover no âmbito dos estudos eruditos. Se as *Relationi Universali* surgiram de uma demanda do cardeal Federico, o resultado foi aquele de um homem que sabia preservar certa autonomia. E se a obra era destinada a ficar naquele ambiente em que Botero vivia, não quer dizer que ela não saísse das salas do palácio para dialogar com a

⁵⁵¹ Ramusio, *Navigazioni e viaggi*, op cit, p

⁵⁵² Pietro Aretino dizia que "mi par essere diventato l'oracolo della verità, da che ognuno mi viene a contare il torto fattogli da tal principe e da cotal prelato; onde io sono il Secretario del mondo". Apud CAVALLINI, Concetta, op cit, p 94.

⁵⁵³ Um retrato interessante da figura humana de Federico Borromeo se encontra no capítulo XXII do *Promessi Sposi* de Alessandro Manzoni.

cultura geográfica da época, polemizar com outros escritos políticos, tocar com a mão as tendências econômicas, ou questionar certas organizações sociais. Era mais de um secretário aquele que escreveu as *Relationi Universali*; era um homem movido pela curiosidade intelectual. De fato, os estudiosos de Botero têm sempre ressaltado esta incongruência entre a solicitação inicial – conhecer o estado da religião cristã no mundo – e o aspecto volumoso das *Relationi*,⁵⁵⁴ que, com suas múltiplas temáticas, constituem uma verdadeira fuga. A posição de Botero como escritor cobre várias possibilidades, sendo que, no caso das *Relationi*, ele recebeu um estímulo para depois tomar a iniciativa e cumprir um programa do qual ele parece segurar a direção. Um programa começado, poucos anos antes, com o *Ragion di Stato* e com o *Cause della grandezza delle città*, livros que, junto às *Relationi*, constituem um tríplice que guarda, se não certa unidade, pelo menos uma atenção para com temas comuns, como, por exemplo, a relação das comunidades humanas com o território, atenção que, observa Descendre, é desenvolvida em três escalas diferentes: da cidade, do estado, do mundo.⁵⁵⁵

Suma geográfica daquele tempo, as *Relationi* foram publicadas pela primeira vez em 1591, e, até a edição de 1596, considerada aquela definitiva pela crítica,⁵⁵⁶ sofreram intervenções significativas do autor, especialmente no que diz respeito à parte americana. Botero começara a redigir o tratado em 1589 e, ao longo de mais de vinte anos, operou modificações e atualizações. Sucessivas edições, embora não alterassem o conteúdo das partes originais, acrescentavam outras relações e, também, novas ilustrações. A obra demandou um trabalho de correção e edição por si significativo e teve um percurso diferente daquele do *Ragion di Stato*, ou do *Cause della grandezza delle città*, cuja elaboração comportou um tempo breve.

O estudo das *Relationi Universali* coloca desde o começo um problema relativo à obra enquanto fonte. A gestação complexa levanta questões não apenas filológicas, mas também de interesse historiográfico, como, por exemplo, as dedicatórias que fazem do livro um meio para prestigiar pessoas determinadas, inscrevendo-o na economia do dom. A própria história editorial precisa ser problematizada e entendida ora dentro do contexto palaciano – já que o objeto livro estabelecia um elo com os homens de poder – ora como operação comercial.

⁵⁵⁴ Chabod interpreta de forma positiva a excursão de Botero, op cit, p 327. Albonico julga a operação com menos simpatia enfatizando a incapacidade de tratar coerentemente suas convicções. Op cit, p 44.

⁵⁵⁵ DESCENDRE, Romain, op cit, p 8.

⁵⁵⁶ ALBÓNICO, Aldo, *Il mondo americano di Giovanni Botero*, Roma, Bulzoni, 1992, p 34.

A primeira parte da obra, para o cardeal Carlo de Lorena, é de 1591. A segunda, de 1592, foi dedicada a Felipe de Espanha. Dois anos depois, Botero completava a terceira parte sobre as religiões do mundo, destinando-a a Federico Borromeo. A quarta e última, sobre os índios americanos, é de 1596, e foi dedicada ao governador de Milão, Juan Fernandes de Velasco. No mesmo ano, em homenagem a Carlos Manuel de Sabóia, apareceu a primeira edição com os quatro livros, reunidos sem o corte daquelas repetições que teriam deixado a obra mais elegante.

Em sua estrutura, na versão completa, as *Relationi* aparecem divididas em quatro partes independentes com um objeto comum: a Terra em sua totalidade. A primeira joga um olhar sobre o mundo em sua dimensão geográfica. Aqui a demarcação é por continentes, sendo as ilhas tratadas em uma seção separada, o *Isolario*, de acordo com um esquema comum à geografia renascentista. É nesta parte que Botero segue com linguagem atualizada as diretrizes estrabonianas, isto é narrar o teatro geográfico das ações humanas. Ao começar o tratado com a Espanha, o piemontês não pretendeu tanto valorizar o país ibérico, quanto imitar o itinerário do geógrafo grego, que começava pela região mais ocidental do continente.

A segunda parte, em quatro livros, volta a olhar o mundo, desta vez sob o aspecto político. Os estados da Europa, Ásia, África são descritos nos primeiros três livros. O quarto é dedicado às monarquias universais: a espanhola, a otomana, a romana. A terceira parte analisa as religiões e as crenças no mundo, à exceção daquelas americanas, para as quais é reservada a quarta parte. Finalmente, Botero trabalhou em um suplemento, uma quinta parte que atualiza o material compilado anteriormente e acrescenta uma estatística sobre a população cristã no mundo, atendendo a um pedido do duque de Sessa. Terminado por volta de 1611, o suplemento ficou inédito até o final do século XIX, quando Carlo Gioda o publicou junto a um estudo crítico.

A estrutura da obra revela sua complexidade: descrição geográfica, análise política, investigação religiosa, observação cultural constituem os registros de enunciação que multiplicam os planos compositivos, mostrando-nos um Botero ora geógrafo, ora político, ora protoantropólogo. A leitura das *Relationi* nos devolve uma obra de difícil catalogação se vista de acordo com nossos gostos. Esta, contudo, não era uma aberração editorial. Outros escritos foram organizados como aquele de Botero, resultando em operações parecidas.

A arquitetura das *Relationi*, com suas ampliações, coloca o leitor diante de uma obra que não para de aumentar. É uma arquitetura em construção e, mesmo quando

concluído, o edifício precisa de reformas, conforme mostra a quinta parte inédita. Uma edição de 1618, publicada em Veneza, aparece dividida em sete partes. Além das quatro originais, esta versão adiciona as relações de Espanha, do Estado da Igreja, de Sabóia, e, em apêndice, a obra *I Capitani*. Há ainda uma atualização de tábuas etnográficas realizadas a partir daquelas de Hans Burgkmair, e editadas por Alessandro de Vecchi.⁵⁵⁷ É possível encontrar um motivo que explique estas intervenções? Elas refletem uma obra que carece de equilíbrio? Temos que interpretá-las nos termos de hesitações do autor, aceitando o julgamento de Chabod, e aquele mais recente de Albonico?⁵⁵⁸ A arquitetura instável da obra trai falhas teóricas que comprometem sua composição? A estrutura móvel das *Relationi* talvez possa ser entendida em um plano positivo, um plano que partilha com as cosmografias renascentistas. Em primeiro lugar, o livro é um objeto que, como vimos no exemplo da edição veneziana, foge ao controle de seu autor. Os editores, mesmo que não interferissem no conteúdo, efetuavam modificações que pudessem encontrar o gosto do leitor. A maneira como veio ao público, as revisões de Botero, as operações editoriais, qualificam este livro como uma obra aberta, um suporte sobre o qual inscrever novas informações. O que permite esta abertura é a organização dos argumentos tratados de acordo com uma divisão por temas. Recentemente, Jean-Marc Besse tem refletido sobre a organização retórica do saber geográfico e, na análise da *Cosmographia Universalis* de Munster, tenta compreender esta obra questionando sua elaboração. Para Besse, os livros cosmográficos deste período são uma “*totalité ouverte*”.⁵⁵⁹ A obra de Munster é, em grande parte, uma compilação de textos. Besse, aqui, oferece páginas de grande lucidez na análise de um *modus scribendi* abstruso para o leitor de hoje e destaca os aspectos positivos do ato de compilação no momento em que caracteriza a obra como um depósito de outros saberes que concorrem para a construção de uma verdadeira biblioteca, ou de uma enciclopédia cuja organização não é alfabética, mas geográfica. As fontes utilizadas podem ser agrupadas em três tipos: as viagens efetuadas por Munster; os livros antigos e modernos; as correspondências de amigos. Para Besse, estas fontes configuram três espaços diferentes: o espaço da experiência, ou da autopsia, em que Munster se coloca como testemunha influente na descrição; o espaço da erudição, que confirma a importância da imprensa na difusão e

⁵⁵⁷ *Le Relationi Universali di Giovanni Botero benese divise in sette parti*, Veneza, 1618. Esta edição, por sua beleza, é a mais cobiçada entre os colecionadores de livros antigos.

⁵⁵⁸ CHABOD, Federico Chabod, op cit, p 429; ALBÓNICO, Aldo, op cit, p 44.

⁵⁵⁹ BESSE, Jean-Marc, *Les grandeurs de la terre*, op cit, p 154. Itálico do autor.

construção do saber; e o espaço da “sociabilidade *savante*”⁵⁶⁰ que mostra o impacto das redes epistolares na construção do saber científico. Neles podemos reconhecer um autor, um escritor, um comentador, um compilador. Se o primeiro colocava sua pessoa como responsável da escrita, os outros três lidavam diferentemente com textos alheios, reproduzindo, comentando, compilando passagens mais ou menos extensas de outros livros. São estas as estratégias possíveis para a composição de um livro, conforme estabelecido, ainda na Idade Média, por São Boaventura.⁵⁶¹ Em certas obras deparamos com um escritor e um comentador. É o caso das *Navigazioni* de Ramusio. Em outras, como nas *Relationi* de Botero, ou na *Cosmographia* de Munster, todas as posturas podem estar presentes ao longo do livro. Neste sentido, a função autor é nuançada e as responsabilidades são distribuídas. Segundo uma nossa opinião, a crítica realizada por Chabod e Albonico não levou em conta esta prática de escrita que não era exclusiva de Botero, como não se limitava apenas à geografia, conforme vimos, no capítulo anterior, com o *Secretario* de Sansovino. Mas poderíamos citar dezenas ou centenas de obras deste período. Ao insistir demais sobre a função autor, perde-se de vista um tipo de organização e transmissão do conhecimento radicado nos livros do Renascimento. A compilação não é uma reprodução, mas é uma operação de montagem, e como tal é um ato intelectual, um método que, ao selecionar trechos considerados significativos, manifesta certas intenções que existem por trás deste gesto. O uso e a reelaboração de escritos pertencente a outros é algo diferente do plágio, cuja associação ao furto literário é do século XVIII. No mundo renascentista, como observa Roberto Gigliucci “prevalece o prazer da repetição e da semelhança, reina um autêntico hedonismo do reuso”⁵⁶².

A utilização, e portanto a repetição de outros escritos, tem também um aspecto positivo no momento em que mostra uma adesão a um saber consolidado, portanto a uma tradição cujo afastamento seria problemático. A originalidade hoje em dia tão valorizada tem sua origem no romantismo do século XIX, mas em uma sociedade que pregava o conformismo não era uma atitude bem vista, e uma civilização literária como foi aquela do Quinhentos considerava a imitação dos modelos como uma praxe necessária e positiva. Para Amedeo Quondam o classicismo de Antigo regime - um arco temporal que vai de Petrarca até Leopardi -

⁵⁶⁰ Ib, p 191

⁵⁶¹ Ib, p 155.

⁵⁶² “prevale il piacere della ripetizione e della somiglianza, [e] regna un autentico edonismo del riuso”, GIGLIUCCI, Roberto, “premissa”, in GIGLIUCCI, Roberto, (org), *Furto e plagio nella letteratura del classicismo*, Roma, Bulzoni, 1998.

"sempre considerou a imitação como o seu próprio princípio produtivo [...], um sistema fundado sobre o princípio de autoridade e tradição, e portanto na função positiva de sua reutilização; um sistema que não acha escandaloso de se constituir sobre o princípio de 'não originalidade' como autentico valor forte e positivamente produtivo".⁵⁶³

É útil referir também a opinião de Paolo Carta, o qual escreve nestes termos:

"pouco serve liquidar estes escritos unicamente como coleções mais ou menos raffazzonate de materiais alheios, reelaborados ao limite do plágio. Não se trata de colher a originalidade do conteúdo com relação às fontes, mas de compreender a novidade de sua arquitetura".⁵⁶⁴

A compilação permite ainda a atualização da informação. Por exemplo, as modificações aportadas por Botero após ter consultado Acosta não devem ser interpretadas como indício de escassa autonomia intelectual, como pretende Chabod, mas como aquele de uma obra aberta às correções internas.

4.2 A nova escala do mundo

Trabalho de compilação, mas também de investigação sobre o mundo e o homem no mundo, caracterizado por uma estrutura ampla que informava e confrontava o leitor com realidades de outros continentes, as *Relationi Universali* foram escritas no momento em que os conhecimentos geográficos demandavam uma atualização e uma sistematização ponderadas. Como outras obras publicadas a partir da segunda metade do século XVI, as *Relationi* respondiam a dois objetivos: de ordenação da informação e de renovação do saber geográfico. O primeiro, de ordem metodológica, selecionava as fontes segundo um determinado critério. A heterogeneidade das fontes segue o princípio estético da *docta varietas*, sendo a variedade um princípio ordenador da cultura humanista.⁵⁶⁵ O segundo objetivo, gnosiológico, confere um estatuto à pesquisa

⁵⁶³ O classicismo de Antigo regime "ha sempre considerato l'imitazione come il suo stesso principio produttivo [...] un sistema tutto fondato sul principio di autorità e di tradizione, e quindi sulla funzione positiva del loro riuso; un sistema che non si scandalizza di costituirsi sul principio di 'non originalità' come autentico valore forte e positivamente produttivo", QUONDAM, Amedeo, "Note su imitazione, furto e plagio nel classicismo", in GIGLIUCCI, Roberto, op cit, p 374.

⁵⁶⁴ "Serve a poco liquidare tali scritti unicamente come centoni e raccolte più meno raffazzonate di materiali altrui, rielaborati al limite del plagio. Non si tratta insomma di coglierne l'originalità dei contenuti rispetto alle fonti, quanto piuttosto di comprendere la novità della loro architettura" CARTA, Paolo, op cit, p 100.

⁵⁶⁵ COURCELLES, Dominique de, (org), *La Varietas à la Renaissance*, Paris, 2001, p 3.

geográfica que, na segunda metade do século XVI, passava por um período crucial de redefinição conceitual. As descobertas ultramarinas demandavam a incorporação das novas terras no novo atlas do mundo. Esta operação era mais difícil do que podemos imaginar porque não se tratava de completar um *puzzle*, isto é um quebra-cabeça, com as peças que estavam faltando.⁵⁶⁶ O *puzzle* é uma composição que responde a uma lógica interna baseada na correspondência das peças. Supõe a pré-existência da imagem que vai ser composta. Na Renascença, a imagem da terra é sujeita a mudanças radicais como podemos observar pelos mapas daquele período, que muitas vezes refletem um ato intelectual consciente de seus limites. A consciência das transformações que estavam interessando o mundo se manifestava no trabalho dos cosmógrafos, colocando à prova o modelo ptolomaico. Como foi observado por Besse, estes pensadores foram os primeiros a lidar, no plano intelectual, com a novidade das descobertas,⁵⁶⁷ a investir criatividade e imaginação em um esforço que restituísse um significado espacial, e que traduzisse, no mapa, os dados coletados pelas viagens. A dilatação de um horizonte geográfico a ser conhecido se espelhou nas áreas brancas dos mapas e nas terras incógnitas que visualizavam os limites do saber geográfico, dilatação que, ainda, comportou a perda do sentido de escala cartográfica. As incertezas dos cosmógrafos não eram apenas o resultado de uma exploração incompleta do mundo, mas encontravam sua razão mais profunda no fato de que um novo critério de verdade se afirmava aos poucos, em competição com o saber de *cabinet*: a experiência empírica. Existiu uma tensão entre duas maneiras de pensar o espaço: uma que remete a uma dinâmica interna – usando uma expressão de Broc⁵⁶⁸ – e que, mais especificamente, repousava na tradição aristotélica e na síntese bíblica. Outra que se fundava na prática das viagens, naquela experiência que para Duarte Pacheco Pereira “é madre das cousas, nos desengana e de toda duvida nos tira”.⁵⁶⁹ Carla Lois lembra como a experiência sensível de um mundo conhecido pessoalmente era presente em muitos mapas renascentistas, coisa que não acontecia nos mapas medievais do tipo *t/o*, os quais não retratavam uma prática do espaço.⁵⁷⁰

⁵⁶⁶ O *puzzle* por sinal foi inventado por um cartógrafo inglês na segunda metade do século XVIII. De fato os primeiros *puzzles* foram mapas do mundo.

⁵⁶⁷ BESSE, op cit, p 381.

⁵⁶⁸ BROCC, Numa, op cit,

⁵⁶⁹ PACHECO PEREIRA, Duarte, *De Esmeraldo Situ Orbis*, apud CORTESÃO, Armando, *Cartografia e cartógrafos portugueses do século XV e XVI*, Lisboa, 1935

⁵⁷⁰ LOIS, Carla, *Non plus ultra*, Tese de doutorado, Buenos Aires, 2007.

A experiência conquistou visibilidade de forma paulatina, inaugurando um embate gnosiológico com as teorias antigas. A evidência geográfica não foi capaz de substituir esquemas conceituais radicados em tradições fortes, mas foi suficiente para questioná-los. Se a geografia clássica era contestada no plano dos conhecimentos, uma aproximação era ainda possível no plano metodológico onde a força do modelo ptolomaico residia em seu potencial de autocorreção.

Figura 6 Martin Waldseemüller, *Tabula Terre Nove*, Estrasburgo, 1513

É este um fato que explica, por exemplo, a maneira como se deu a incorporação do hemisfério sul nos mapas renascentistas. Ela ocorreu tanto em função das explorações, quanto em função de um rearranjo da geografia clássica que comportava uma discussão da ideia ptolomaica da distribuição das massas continentais e das águas, distribuição que era harmoniosa. Na dedicatória de Jacopo Angelo ao papa, em ocasião da primeira tradução do *Geographiké Hyphégésis*, o autor alexandrino era elogiado justamente por ter oferecido uma relação proporcionada das terras e das águas. As viagens de descoberta, no entanto, abalaram esta imagem clássica do mundo. Os mapas produzidos entre o final do século XV e o começo do XVI, como aqueles de Henricus Martellus ou de Martin Waldseemüller, testemunham uma ruptura e uma dificuldade na leitura de um

espaço que antes de ser representado precisava ser repensado. A crise e a reorganização da representação cartográfica atravessaram o século XVI, e foi só nas últimas décadas que Ortelius e Mercator restituíram ao mundo uma nova legibilidade.

A partir de meados do século XVI, no plano narrativo e descritivo, outros escritos, como aqueles de Fracanzio da Montalboddo, Giovanni Battista Ramusio ou de Sebastian Munster, mas também as *Relationi Universali*, obedeceram a uma tentativa de sistematização parecida, a uma ordenação da informação e a uma renovação do saber geográfico.

Os projetos editoriais de grandes sínteses geográficas como aquelas de Montalboddo e Ramusio testemunham a irrupção de uma proposta literária nova nas bibliotecas europeias do século XVI, aquela das realidades geográficas extraeuropeias, exóticas. Podemos pensar que as cosmografias desta época ofereciam um tipo de educação espacial que comportava a irrupção do longínquo no horizonte da existência, formando uma nova consciência no homem moderno.⁵⁷¹ No ato de montagem, realizam a primeira tentativa de leitura de um mundo unificado. Este revela, em primeiro lugar, um objetivo intelectual, que traça um perfil do mundo, e compõe o mosaico geográfico da terra. Montalboddo e Ramusio podem ser considerados talvez os primeiros autores a tentar esta síntese. De fato é a partir da segunda metade do século que noções da conformação do mundo começam a ser mais seguras. A historiografia justamente tende a falar em novos mundos, no plural. Não é apenas a América, cuja imagem continental começa a se definir na segunda metade do século XVI, mas também a Ásia, objeto de uma nova descoberta.

O novo espaço geográfico se constitui no plano literário da discursividade, de escritos variamente orientados e heterogêneos por conteúdo. A circulação destes escritos e, sucessivamente, sua montagem nas obras dos compiladores, restitui ao leitor um mapeamento do mundo ou, como diz Milanesi na introdução a Ramusio, eles “são o projeto para a unificação do mundo”.⁵⁷² De fato, cada viagem de descoberta trazia pedaços do mundo. Os relatos de viagem e os livros geográficos recompõem estes pedaços na representação do mundo. É uma consciência espacial nova, que vai se moldando na segunda metade do século XVI quando Louis Le Roy pode afirmar que o mundo agora

⁵⁷¹ BESSE, Jean-Marc, *Les grandeurs de la terre*, op cit, p 312. Antes de Besse, Dupront, em um ensaio longo e brilhante, tinha enfrentado este tema. DUPRONT, Alphonse, *Spazio e umanesimo*, Venezia, 1993.

⁵⁷² MILANESI, Marica, introduzione a Ramusio, Torino, Einaudi, 1978, p XXXV

era “entièrement manifesté”,⁵⁷³ embora o espírito agudo de Luis Vives reconhecia já em 1531 que a humanidade viu a terra revelada em sua totalidade.⁵⁷⁴

A consciência europeia dos Novos Mundos é um assunto bastante estudado pela historiografia contemporânea, principalmente através da leitura crítica de documentos escritos. As fontes visuais, no entanto, e entre estas a cartografia, continuam sendo exploradas enquanto fontes secundárias e complementares. Como observa Peter Burke, raramente os historiadores recorrem às imagens para buscar respostas ou, a partir destas, levantar questões.⁵⁷⁵ Injustamente, acrescentamos nós, já que as imagens, na cultura renascentista, representavam um papel central. Giovanni Battista Ramusio começou sua compilação de textos geográficos a partir de um questionamento dos mapas ptolomaicos. Na carta dedicatória a Fracastoro que abre o primeiro livro das *Navigazioni e viaggi* podemos ler:

“La cagione che mi fece affaticar volentieri in questa opera fu che, vedendo e considerando le tavole della *Geographia* di Tolomeo, dove si descrive l’Africa e la India, esser molto imperfette rispetto alla gran cognizione che si ha oggi di quelle regioni, ho stimato dover esser caro e forse non poco utile al mondo il metter insieme le narrazioni degli scrittori de’ nostri tempi che sono stati nelle sopradette parti del mondo e di quelle han parlato minutamente”⁵⁷⁶

Discurso típico de um humanista da Renascença tardia que dialoga criticamente com a tradição clássica e que propõe a experiência como critério de verdade. Mas queremos chamar a atenção para outro aspecto deste trecho, isto é o impacto que as imagens geográficas podiam ter no século XVI. Ramusio contesta a ordem cartográfica e pretende consertar os erros ptolomaicos, e, o que é significativo, ele não faz isso recorrendo exclusivamente a mapas - desenhados pelo amigo Gastaldi - mas a narrações. O que parece estranho, já que passa do plano da imagem para aquele da palavra. Com efeito, o mapeamento do mundo não ocorre apenas através da imagem cartográfica, como também por meio de uma retórica locativa como aquela que encontramos nos textos de Ramusio, Leandro Alberti, Botero e outros escritores. Uma retórica que se organiza diferentemente: em Ramusio conhecemos o mundo a partir do

⁵⁷³ Louis Le Roy, apud BESSE, op cit, p 317.

⁵⁷⁴ Na dedicatória ao rei João III de seu livro *De disciplinis libri*, Luis Vives escrevia que “Plane generi humano suus orbis patefactus”. Apud W. RANDLES, “L’Atlantico nella cartografia e nella cultura europea dal medioevo al rinascimento”, in *Cristoforo Colombo e l’apertura degli spazi*, vol 1, Roma, 1992, p 448.

⁵⁷⁵ BURKE, Peter, *Testemunha ocular*, Bauru, 2004, p 12.

⁵⁷⁶ RAMUSIO, Giovanni Battista, *Navigazioni e Viaggi*, Torino, p 4.

oceano, replicando as viagens comerciais, em Alberti é o passo lento que conduz o leitor através das regiões italianas, em Botero a viagem recupera o modelo clássico de Estrabão e a este acrescenta o olhar interessado do embaixador e aquele missionário do católico.

4.3 As grandezas da Terra

Em 1513 Martin Waldseemuller publicava uma edição da *Geografia* de Ptolomeu com uma *Tabula Terre Nove* (fig 6), na qual o continente americano era exibido em grande evidência, ocupando, com sua porção meridional, boa parte do plano cartográfico e causando no observador certo desconforto cognitivo. Nesta carta, o Novo Mundo aparece fora de escala, contradizendo os ideais de composição renascentistas baseados em proporções harmoniosas e simétricas, e infringindo a distribuição equilibrada das terras que o sistema ptolomaico propiciava. De fato, o reconhecimento das descobertas ultramarinas não aconteceu de forma simples, e a operação com que Waldseemuller as representou é reveladora de uma dificuldade de pensar o objeto geográfico e de inseri-lo adequadamente no espaço da representação. O Novo Mundo é, no mapa do geógrafo alemão, um elemento cartográfico perturbador. Ele está aí não apenas como dado positivo, mera transposição gráfica de notícias coletadas por navegadores ibéricos, mas em função de um ato intelectual consciente de seus limites, de um questionamento do saber geográfico que é levado a refletir sobre seu status epistemológico.

A crise e a reorganização do saber geográfico no período da Renascença, amplificadas pela abertura dos espaços e pela revelação do mundo em sua totalidade, são os temas estudados no livro de Jean-Marc Besse, *Les grandeurs de la Terre. Aspects du savoir géographique à la Renaissance*, e, assim como *Ver a Terra*, outro livro sobre o qual voltaremos no próximo capítulo, nos apresenta um filósofo que se interessa por assuntos geográficos e históricos, assuntos que Besse domina com grande competência e originalidade.

Se a carta de Waldseemuller, ao mesmo tempo em que revela a quarta parte do mundo, atesta um momento de impasse, ou, como diz nosso autor, ela é “a expressão formal de uma *crise* na definição e compreensão do que é o mundo terrestre”,⁵⁷⁷ as cartas do atlas de Mercator, de 1595, (fig 7) e o *Typus Orbis Terrarum* de Ortelius, (fig 4, capítulo 2) se

⁵⁷⁷ "elle est l'expression formelle d'une *crise* dans la définition et dans la compréhension de ce qu'est le monde terrestre" BESSE, Jean-Marc, *Les grandeurs de la terre*, op cit, p 105.

colocam na outra ponta, isto é no âmbito de uma solução cartográfica plausível que devolve um mundo ordenado e legível. Besse começa seu estudo com a análise destes dois mapas, exemplos cartográficos modernos porque incorporam dados geográficos atualizados de um mundo em expansão, e denunciam os limites empíricos dos geógrafos antigos, uma crítica que tanto Mercator quanto Ortelius endossavam abertamente com suas operações de filologia cartográfica.

Embora o período estudado por Besse seja aquele interessado pelas grandes descobertas marítimas, em que a experiência se colocou como uma nova forma de legitimação do saber e de denúncia daquele antigo, ele está longe de propor uma interpretação segundo a qual a geografia e sua dimensão cartográfica foram uma projeção da observação empírica ou um apêndice da ciência náutica. Ao recusar este materialismo implícito, Besse elucida como a reflexão da geografia renascentista sobre o mundo teve uma base intelectual preponderante, ainda que lhe faltasse sistematicidade.

Figura 7 Mercator Atlas 1595

Esta base se firmava principalmente na cosmografia de Ptolomeu, na física de Aristóteles, na visão de mundo cristã, na tradição bíblica da criação. A terra, antes de ser um dado, era um objeto que aos poucos foi sendo construído dentro de um exercício especulativo variamente orientado. Por outro lado, a importância das descobertas residiu na atualização de um debate que se perpetuava há séculos, na afirmação do testemunho ocular como critério probatório, e na formulação do problema geográfico sob uma perspectiva empírica. As descobertas revelaram também, para o homem do Quinhentos, a Terra em uma nova escala, um ecúmeno alargado que teve consequências no plano moral.

Besse divide seu trabalho em três partes desenvolvendo o enredo a partir de três figuras centrais para a compreensão da geografia renascentista: Claudio Ptolomeu, Sebastian Munster, Abraham Ortelius. O primeiro pertenceu ao mundo antigo, mas sua obra geográfica voltou a vigorar depois da tradução de Jacopo Angelo realizada no século XV. Munster escreveu a *Cosmographia Universalis* em meados do Quinhentos, e Ortelius começou sua atividade de cartógrafo na segunda metade daquele século, atividade que se realizou plenamente no *Theatrum Orbis terrarum*. Pelo fato de estabelecer uma base conceitual e metodológica, Ptolomeu é justamente objeto de estudo da primeira parte do livro. A superioridade dos modernos sobre os antigos, que encontrou na geografia uma série de argumentos decisivos, não levou à rejeição total de um saber consolidado e de tradições intelectuais que eram radicadas no homem renascentista. A crítica de Mercator e Ortelius foi um ato de emancipação gnosiológica que, no entanto, se colocava no plano de uma continuidade metodológica. De fato, estes geógrafos não deixaram de utilizar a ferramenta ptolomaica no ato de suas construções cartográficas. Temos aqui um exemplo da relação complexa que a Renascença estabeleceu – neste como em outros campos do saber – com a antiguidade, relação que, para que perca certa ambiguidade, precisa ser analisada sutilmente, como faz o autor francês. O geógrafo renascentista pode ser considerado ptolomaico não porque “ele repercute o conteúdo positivo da cartografia ptolomaica, mas porque trabalha, desenha e pensa, dentro de um esquema conceptual e técnico unificado que lhe permite de construir imagens coerentes da Terra”.⁵⁷⁸ O sucesso de Ptolomeu no século XVI foi garantido pelo fato de servir como guia para a organização espacial dos dados geográficos. O método ptolomaico continuava atual

⁵⁷⁸ "le géographe des XVe et XVIe siècles peut être dit 'ptoléméenne' non parce qu'il répercuterait le contenu positif de la cartographie ptoléméenne, mais parce qu'il travaille, dessine et pense, à l'intérieur d'un schéma conceptuel et technique unifié lui permettant de construire des images cohérentes de la Terre". Ib, p 30

porque possibilitava a correção de seus erros internos e a superação de seus limites. Besse resume a importância que o alexandrino teve para a cartografia renascentista lembrando quatro contribuições. Em primeiro lugar, Ptolomeu ofereceu uma toponímia; em segundo, uma nomenclatura, definindo o que é cosmografia, geografia e corografia; em terceiro lugar, aprimorou um método de projeção; e, finalmente, estabeleceu um sistema de coordenadas.

Se estes quatro pontos foram acolhidos pela geografia renascentista, outros, pertencentes ao pensamento clássico, foram rejeitados, perderam consistência ou foram reelaborados em uma nova linguagem. Não obstante as viagens ultramarinas fossem decisivas, os questionamentos eram, em certos casos, desdobramentos de reflexões anteriores à evidência empírica trazida pelas descobertas. Um dos mais importantes foi aquele da extensão do *orbis habitabilis*. Besse mostra como este assunto foi constantemente presente no pensamento geográfico clássico e medieval que, com as noções de zonas, limitava a possibilidade de vida humana a poucas regiões do mundo terrestre. A partir de d'Ailly houve uma ruptura em favor de um espaço habitável que abrangia uma porção da Terra maior que aquela admitida até então. Outro tema relevante foi a relação e distribuição da terra e da água, discutido desde Aristóteles. Quanto ao elemento aquático, Toscanelli teve um papel fundamental no sentido de repensar o oceano em uma dimensão positiva da experiência geográfica, como “espaço de circulação”.⁵⁷⁹ A hipótese de Toscanelli tinha uma base empírica e outra teórica: de um lado havia as navegações pioneiras dos portugueses, de outro a redescoberta de Estrabão que, ao contrário de Ptolomeu, acreditava em um oceano índico aberto, em comunicação com outros mares.

Estes e outros aspectos são discutidos por Besse nos primeiros três capítulos do livro. A cosmografia se revela aqui em seu aspecto quantitativo, geométrico, já que contempla as massas continentais de acordo com sua forma, posição e extensão. Na segunda e terceira parte do livro, ao se deter sobre Munster e Ortelius, há uma mudança de temas que reflete o *glissement* semântico que a cosmografia sofreu a partir de meados do Quinhentos, quando, com Munster, outro esquema de organizar os dados geográficos veio integrar aquele ptolomaico. Esta composição da Terra não é mais aquela geométrica, e à representação gráfica se sobrepõe a palavra escrita. Trata-se da cosmografia descritiva de Sebastian Munster que favorece uma aproximação com

⁵⁷⁹ *Ib*, p 98.

outros domínios discursivos, como, por exemplo, aqueles da história e da teologia. O modelo clássico é representado por Estrabão, e, de fato, Munster era chamado de Estrabão alemão. Embora o geógrafo grego não ganhe o mesmo tratamento reservado a Ptolomeu, sua figura é ressaltada pelo autor francês em várias páginas. Estrabão, que tinha sido redescoberto pelos florentinos e proposto como modelo de descrição geográfica por Enea Silvio Piccolomini, cuja obra repercutiu em área alemã, alarga as possibilidades da cosmografia no sentido de ir além do modelo matemático de Ptolomeu. Com ele a geografia se tornou um ato de representação escrita cujo objetivo era o estudo das relações humanas com o território.

O autor francês desenvolve uma leitura brilhante da *Cosmografia* de Munster, evidenciando as matrizes intelectuais presentes em sua composição. A teologia cristã teve papel crucial e guiou o cosmógrafo a inventariar tudo o que era notável e que refletia a grandiosidade de Deus. A *Cosmographia* de Munster, sugere Besse, é uma exaltação da providência divina e mostra a riqueza da criação.

Les Grandeurs de la Terre se coloca no âmbito dos estudos do pensamento geográfico como um trabalho original, ousado no plano interpretativo e rigoroso na articulação das ideias. Reconhecemos ao autor francês os méritos de restituir a complexidade e diversidade lexical da geografia renascentista, de descortinar paradigmas e regimes de saber conflitantes, de penetrar na lógica da composição do livro geográfico, de concatenar dados em um texto cuja arquitetura é exemplar. É um livro que exige um leitor familiarizado com Munster, Ortelius e os outros protagonistas da ciência geográfica; apesar disso, pelas questões que levanta, o historiador da época moderna e o filósofo da ciência podem encontrar neste livro observações e *insights* instigantes, e de fato é com estes últimos que Besse dialoga nas páginas conclusivas. A geografia renascentista por ele analisada contraria a ideia das rupturas paradigmáticas e mostra uma “diversificação das ontologias científicas”⁵⁸⁰ que às vezes coexistem no mesmo autor. Esta pluralidade precisa ser entendida recorrendo ao conceito epistemológico de *problema*, a partir do qual a ciência constrói modelos e percursos interpretativos. O *problema* da geografia é a Terra que, no século XVI, é um patrimônio pertencente a tradições heterogêneas que se reflete em objetivações diferentes, mas não totalmente separadas.

⁵⁸⁰ Ib, p 379

4.4 A natureza das fontes geográficas

A Itália do século XVI, diante da mudança atlântica das rotas comerciais que colocava Portugal e Espanha na ponta da exploração de novas fronteiras, manteve um papel influente na elaboração e transmissão de conhecimentos geográficos inéditos, divulgando relatos de viagens transoceânicas e participando das atualizações da cosmografia e da geografia,⁵⁸¹ duas disciplinas que eram levadas constantemente a se defrontarem com a expansão do ecúmeno e com a tarefa laboriosa de assimilar a América, cuja dimensão continental tardou a ser reconhecida.

Mesmo não sendo envolvidos diretamente na conquista americana ou na Carreira da Índia, os homens de letras italianos atuaram intensamente na comunicação de fatos e dados extraeuropeus que circulavam seja em forma manuscrita, seja através de publicações impressas. Em muitos casos, os leitores da península contavam entre os primeiros a terem conhecimentos das expedições ibéricas, partilhando o privilégio desta experiência com os leitores alemães, eles também muito bem informados sobre as coisas americanas e asiáticas. Além das cartas de Michele da Cuneo, Giovanni da Empoli, Amerigo Vespucci, podemos assinalar eventos fundamentais como a viagem de Vasco da Gama, tornada pública pelo testemunho do mercador florentino Girolamo Sernigi, ou a circunavegação de Fernão de Magalhães, que foi conhecida através da epístola *De Moluccis insulis*, publicada em Roma e em Colônia em 1523;⁵⁸² lembramos ainda o descobrimento do Brasil, depositado em um diário anônimo, vertido para a língua italiana, e sucessivamente incluído nas obras de Montalboddo e Ramusio. Reconhecemos nestes poucos exemplos uma tipologia da divulgação que remete ao testemunho relatado por cartas, e ao testemunho reunido nas obras de compilação, cujo exemplo pioneiro é, justamente, o *Mondo Novo e Paesi novamente ritrovati* de Fracanzano da Montalboddo, impresso em Vicenza em 1507. A esta dimensão verbal temos que acrescentar a produção iconográfica, e particularmente aquela cartográfica, um tipo de documento que veicula uma ideia do território e cuja eloquência pictórica

⁵⁸¹ Entendemos aqui cosmografia e geografia no sentido que os homens do Quinhentos lhes davam. A primeira é o estudo da esfera terrestre como um todo e de seu lugar no Cosmos, ou, como dizia John Dee, “Cosmography matcheth Heaven, and the Earth, in one Frame”. A segunda estuda a configuração do globo terrestre e de sua superfície. Em uma escala menor, a corografia descreve porções limitadas de territórios. Para uma discussão ver CORMACK, Lesley B. “Good Fences make Good Neighbors. Geography as Self-Definition in Early Modern England”, *Isis*, 1991, 82, p 641.

⁵⁸² Uma fonte de pouco posterior mas de grande fortuna foi o “giornale” de Antonio Pigafetta, homem erudito que fizera parte da expedição de Magalhães.

remete a um modo de “pensar por imagens”⁵⁸³ que facilita a apreensão do lugar distante, dando sentido ao estranho e tornando familiar o exótico.

Seria interessante poder avaliar também a transmissão oral das descobertas, um âmbito dificilmente inteligível para o historiador da era moderna. Sabemos que os florentinos receberam notícias da empresa colombiana vinte dias depois dos espanhóis – um lapso de tempo brevíssimo para a época – e bem antes que a carta a Santangel fosse publicada em Roma, indício de que os caminhos da divulgação eram variegados. E em mais um exemplo, foi durante uma aula datada 18 março 1523, que Pietro Pomponazzi narrou a seus alunos a viagem de Fernão de Magalhães usando o evento para tecer considerações críticas sobre Aristóteles.

Vários elementos explicam a proeminência da Itália nesta obra de divulgação: a presença de agentes de casas bancárias e comerciais – principalmente florentinas – nas cidades ibéricas; a participação de navegadores italianos nas frotas oceânicas;⁵⁸⁴ a redação de despachos diplomáticos – sendo relevantes aqueles dos embaixadores venezianos que tinham o dever de escrever relatos pormenorizados sobre as atividades dos Estados europeus;⁵⁸⁵ o interesse da Igreja em acompanhar as repercussões humanas do encontro asiático ou da colonização americana. E, dentro do mundo eclesiástico, não podemos deixar de mencionar a correspondência epistolar dos padres jesuítas que tinham seu quartel-general em Roma. A partir da segunda metade do século XVI, estas cartas geraram reflexões de nível elevado sobre os Novos Mundos. Reunidas na forma de *Avvisi*, tiveram larga difusão entre o público culto.

É este um elenco que dá conta de um movimento da informação que, da península ibérica (ou diretamente do mundo americano), alcançava as cidades italianas. Há outro movimento, que das cidades italianas se espalhava pela Europa, no qual a tecnologia da imprensa jogou um papel considerável. Uma característica importante, que aproximava Florença, ou Veneza, a Colônia, ou Tubingen, era a existência de uma cultura tipográfica.⁵⁸⁶ A julgar pelo número de publicações, o discurso sobre o oriente e o

⁵⁸³ TUCCI, Ugo, “Atlas”, *Enciclopédia Einaudi*, Turim, 1977, p 145.

⁵⁸⁴ Além do artigo de Andréa Doré, acima mencionado, ver, para uma visão mais geral, o livro de RADULET, Carmen, *Os descobrimentos portugueses e a Itália : ensaios filológico-literários e historiográficos*, Lisboa, Veja, 1991.

⁵⁸⁵ Uma lei da Sereníssima, de 1524, obrigava os embaixadores a redigir uma memória uma vez terminado o ofício em terra estrangeira. Sobre a importância de Veneza na formação da diplomacia moderna, ver VENTURA, Ângelo, *Relazioni degli ambasciatori veneti al Senato*, 2 vols, Bari, Laterza, 1980.

⁵⁸⁶ Uso aqui uma expressão de EISENSTEIN, Elizabeth, *The Printing Revolution in Early Modern Europe*, Cambridge University Press, 1983. Sobre a recepção alemã das descobertas ver os ensaios presentes em Prosperi e Reinhardt e para os quais remetemos na nossa bibliografia.

mundo otomano interessava mais do que a geografia americana, no entanto a produção relativa a esta última área não era desprezível. Pelo levantamento que Massimo Donattini fez das obras relativas ao mundo americano, publicadas entre 1493 e 1560, sabemos de 87 publicações, muito mais do que as 33 levantadas para a França do mesmo período por Geoffroy Atkinson.⁵⁸⁷ Outra pesquisa realizada por Federica Ambrosini sobre inventários de bibliotecas venezianas mostra como, a partir da segunda metade do século XVI, os livros sobre a América, ou que tinham referências ao Novo Mundo, rivalizavam em quantidade com aqueles sobre o oriente.⁵⁸⁸

Há uma coincidência entre divulgação geográfica e cultura tipográfica. Era a partir de cidades como Veneza, Antuérpia, Basileia que a nova geografia do mundo era desenhada. Mesmo às margens das aventuras ultramarinas estas cidades tiveram um papel crucial na transmissão do conhecimento. Veneza era considerada por um estudante alemão como a capital europeia da informação.⁵⁸⁹ Entre as razões que levaram a esta centralidade há o fato de a Itália fazer parte de uma rede epistolar intensa e diferenciada pela qual transitava a informação. A existência desta rede devia-se à capacidade dos italianos de estarem inseridos em pontos-chaves da sociedade ibérica do século XV e XVI, períodos em que Portugal e Espanha dominavam os mares. Como primeiro exemplo, lembramos a presença de agentes de casas bancárias e comerciais – principalmente florentinas – em Lisboa e Sevilha, mas também em Córdoba, Cadiz, Valencia. Era este um laço antigo que acompanha o desenvolvimento da conquista desde seu começo. Em Portugal homens de comércio italianos se instalaram no final do século XIII. Os primeiros foram os genoveses e, em seguida, chegaram os florentinos cuja organização era mais complexa. Enquanto os primeiros eram pequenos grupos familiares, os segundos mais capitalizados, mostravam uma divisão do trabalho mais articulada, um senso de empresa que deu lugar a casas comerciais importantes e que contemplava a manutenção de um epistolário entre os agentes e as matrizes em Firenze.⁵⁹⁰ Estes homens não eram apenas simples mercadores, mas muitas vezes eruditos, membros da elite florentina, dotados de uma cultura humanista de alto nível

⁵⁸⁷ Ibidem, p. 88. ATKINSON, G. *Les nouveaux horizons de la Renaissance française*, Genève, 1935. Neuheuer conta 125 obras, colocando a Itália como o segundo maior centro de observação do mundo americano depois da área alemã. “Il primo viaggio di Colombo e la sua tradizione narrativa in Germania fino al 1600”, in PROSPERI e REINHARDT, op. cit. p. 156.

⁵⁸⁸ AMBROSINI, Federica, op. cit. p. 29

⁵⁸⁹ STAGL, Justin, “The methodising of travel”, in PAGDEN, Anthony, *Facing each other*, Aldershot, Ashgate, 2000.

⁵⁹⁰ D'ARIENZO, Luisa, “La presenza italiana in Portogallo e nella Spagna meridionale all'epoca di Cristoforo Colombo”, in *Cristoforo Colombo e l'apertura degli spazi*, Roma, 1992, p. 536.

como Filippo Sassetti, comerciante e homem de letras que escreveu sobre Aristóteles, Dante, Ariosto, mas é lembrado principalmente por suas cartas indianas. Lembramos também Amerigo Vespucci, Bartolomeo di Domenico Marchionni, Luca Giraldi, Lorenzo Berardi, Girolamo Sernigi, Andrea Corsali. Alguns deles deixaram um epistolário riquíssimo não apenas sobre operações comerciais, mas também de *ricordanze*, isto é de memórias pessoais ligadas ao país onde viviam. Marchionni teve também uma responsabilidade direta no estabelecimento de um contato entre Toscanelli e a corte portuguesa, e em geral estes mercadores eram mediadores culturais, importando livros luxuosos, mapas, como formas de presentear altos dignitários e homens de Igreja.

Entre os italianos presentes na sociedade ibérica distinguimos aqueles que ficavam na península ibérica e aqueles que se aventuravam pelo oceano. Estes últimos ofereceram relatos de grande interesse por serem de primeira mão, fruto da observação direta, daquela autopsia sobre a qual se fundava a experiência geográfica dos gregos. Ao testemunho ocular era dado de fato grande valor. Os interesses e as posições diversas ditavam o conteúdo das cartas. Aquelas de Corsali, por exemplo, mostravam intentos científicos, sendo ele um cosmógrafo.

Outro grupo de escritos é aquele oferecido pelos jesuítas através de suas cartas que eram divulgadas pela editoria europeia. O conteúdo geográfico destes escritos se devia a uma determinação do próprio Inácio que, como já vimos no primeiro capítulo, pedia aos missionários mais detalhes sobre os aspectos climáticos, naturais, dados que constituíam a “inteligência prática” para a missão.⁵⁹¹

As cidades italianas funcionavam, portanto, como centro de coleta e triagem de uma rede de informações global. Papel parecido foi exercido no mesmo período por algumas cidades alemãs que, assim como aquelas italianas, ficaram à margem da aventura ultramarina. Adriano Prosperi sugere como a posição periférica, tanto política quanto econômica, e o menor envolvimento dos estados italianos e alemães na expansão transoceânica, influíram na reflexão, relativamente livre dos condicionamentos políticos.⁵⁹² Acrescentamos nós que a variedade das fontes acima mencionadas foi outro fator no sentido de enriquecer os pontos de vista sobre as conquistas, ou, dito de outra forma, às vezes é possível reconhecer no *modus scribendi* de um autor a influência de um modelo, ou formas de expressões e acentos vindos de determinadas esferas da

⁵⁹¹ DAINVILLE, François, *La géographie des humanistes*, Genebra, Slatkine reprints, 1969, p 113.

⁵⁹² PROSPERI, Adriano e REINHARDT, Wolfgang, op cit, p 404.

sociedade que mostram como a imagem dos novos mundos se fragmenta e se recompõe nos textos produzidos pelos eruditos.

Não é a toa que nestas páginas enfatizamos o papel das redes epistolares na transmissão primária de conhecimentos geográficos. Elas foram também um método de trabalho de Botero cujo conhecimento fundava-se entre outros, no contato epistolar com outros eruditos. Se a geografia vai recebendo uma grande contribuição no plano dos dados coletados, os canais diferentes pelos quais passava a informação influenciava a exposição científica? A importância dos contatos epistolares na formação de uma cultura científica tem sido explorada em vários estudos.⁵⁹³ Recentemente Plínio Freire Gomes deu grande ênfase a estas redes na formação do saber geográfico renascentista. Os fatores exógenos analisados por este autor todavia não eram os únicos. Em primeiro lugar é oportuno lembrar que o que circulava nas cartas muitas vezes era informação que sucessivamente era elaborada em conhecimento. As informações relativas às viagens de descoberta, conforme vimos, convergiam para a península italiana, onde, uma vez chegadas ao conhecimento dos humanistas, passavam por uma reelaboração que transformava seus intentos originários para adquirir um novo status intelectual. A matéria bruta se transformava em conhecimento, diz Peter Burke.⁵⁹⁴ Ou, como observou Gliozzi, aquilo que em uma correspondência era uma simples curiosidade se tornava, na migração para outro texto, elemento de debate teórico, e instrumento para legitimar posições intelectuais ou políticas.⁵⁹⁵ O livro não reproduzia de forma passiva as notícias que chegavam através da epístola do mercador ou do despacho diplomático, ou ainda do diário de bordo, mas se colocava como momento de invenção de grande importância. Além da simples compilação havia o que Burke chama de um processamento dos dados empíricos, uma elaboração complexa “que incluía compilar, checar, editar, traduzir, comentar, criticar, sintetizar, ou como se dizia na época ‘resumir e metodizar’”.⁵⁹⁶ Em segundo lugar o fluxo da informação não era unicamente na direção cidades ibéricas - Europa central, de uma informação que iria forjar a geografia, de uma praxe que ia ao encontro da teoria. Acontecia também o contrario. A reflexão baseada na leitura, e, porque não, na intuição reveladora, ia de Firenze para Lisboa. Em terceiro lugar, e decisivo, mesmo os contatos epistolares mais eruditos que formam aquela que Jean-Marc Besse chama de *sociabilité*

⁵⁹³ Entre outros, FINDLEN, Paula, *Possessing nature*, Los Angeles, University of California Press, 1994; OGILVIE, Brian, *The Science of describing*, Chicago, University of Chicago Press, 2006.

⁵⁹⁴ BURKE, Peter. *Uma História Social do conhecimento. De Gutenberg a Diderot*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p 72.

⁵⁹⁵ GLIOZZI, Giuliano, op cit, p 95.

⁵⁹⁶ BURKE, Peter, op cit, p 72.

savante são uma parte do processo de gestação da reflexão geográfica. Há ainda o confronto com as tradições clássicas, em campo geográfico aquelas de Estrabão e Ptolomeu, mas também de Aristóteles, e a tradição bíblica de grande peso na cartografia como mostrado nos trabalhos de Milanesi e Besse. E finalmente há o papel da autopsia. Acreditamos que o esquema oferecido por Broc de uma dinâmica externa, e uma interna, continue válido para pensar a geografia renascentista.

Capítulo 5

O olhar do longínquo

Ma che alto pensiero può germogliare nell'animo di quel principe
il cui sapere non si stende fuori di casa sua?
Che non ha altro conoscimento d'altra parte del mondo
che del suo contado?
Giovanni Botero⁵⁹⁷

5.1 O olhar itinerante

A geografia se afirma na concepção do Estado tardo quinhentista como ferramenta para o conhecimento e a correta ação do homem de governo. Os quadros da administração, formados por ministros e conselheiros que orientam os monarcas europeus, devem adquirir certas noções geográficas para avaliar os pontos fortes e aqueles vulneráveis dos outros países, e, no contexto do imperialismo europeu, precisam ainda atualizar estas informações adequando-as ao ritmo dos descobrimentos ultramarinos. A defesa de um aparato burocrático culto, atento às mudanças que ocorrem longe da corte, é atestada por vários livros de geografia, mas se encontra também em alguns tratados sobre conselheiros e secretários, pelo menos naqueles tratadistas que têm uma consideração alta por este funcionário. Esta é a posição, por exemplo, de Angelo Ingegneri, sobre o qual voltamos a falar, já que o perfil do secretário por ele traçado acolhe as instâncias dos geógrafos do Quinhentos. As qualidades que Ingegneri confere ao secretário podem ser resumidas em três pontos: "ingegno, lettere, giudicio".⁵⁹⁸ A primeira qualidade é um dom natural que precisa ser exercitado através de conversações doutas, a segunda é obtida com o estudo, a terceira é filha da experiência e pressupõe uma capacidade de

⁵⁹⁷ BOTERO, Giovanni, *Relationi Universali*, dedicatória ao cardeal de Terranova.

⁵⁹⁸ INGEGNERI, Angelo, op cit, p 5.

observação atenta. Estas qualidades concorrem a formar o perfeito secretário que assim chega a dominar todos os campos do conhecimento. Em seu tratado, Ingegneri dá espaço à geografia, dedicando a esta disciplina o sétimo capítulo do primeiro livro. Mas qual é a importância da geografia para o secretário? O nosso letrado responde propondo uma comparação: se a história fornece o exemplo, diz ele, a geografia, que é uma história dos tempos presentes, é testemunha da verdade:

"la notizia cotidiana de gli ordinari avisi del mondo non gli sarà punto men profittevole; perché questi sono un'historia presente et viva; la quale insegna non pure coll'esempio, come fanno le andate, ma colla verità"⁵⁹⁹

O exemplo histórico confere autoridade a uma carta,⁶⁰⁰ a verdade da geografia "affina il giudizio" dando ao secretário a possibilidade de aconselhar o príncipe da melhor forma. História e geografia intervêm em dois momentos distintos: a primeira na redação epistolar, a segunda na formação da opinião mais razoável. No trecho acima, Ingegneri usa a expressão "avisi del mondo" que é aquele conjunto de notícias que formam a base da matéria geográfica. Ele especifica mais claramente pouco depois, quando escreve que o secretário deve ter

"piena informatione de gl'interessi e delle voglie di tutti i Principi viventi e così delle forze loro, delle qualità de' paesi, de i costumi delle nationi e di quanto in somma può migliorare l'intelligenza delle cose"⁶⁰¹

Quem fornece este tipo de informação, diz Ingegneri, são os embaixadores e os nuncios com suas relações, assim como a cosmografia.⁶⁰² Ele não cita Botero e não sabemos se os dois se conheciam mas há uma coincidência com o perfil do secretário de Federico Borromeo que, nos anos em que Ingegneri escrevia estas páginas, publicava suas *Relationi Universali*.

O valor instrumental da geografia é atestado neste período por vários autores, e também por um editor como Pedrezano que, em 1548, dizia ser a geografia útil não apenas aos intelectuais, como também aos políticos e aos militares.⁶⁰³ Giovanni Antonio Magini, em seu tratado de Geografia, elenca todos os benefícios que o conhecimento de coisas geográficas proporciona. Duas vezes apela para o homem de governo: quando se

⁵⁹⁹ Ib, p 22.

⁶⁰⁰ Ib, p 22.

⁶⁰¹ Ib, p 23.

⁶⁰² Ib, p 23.

⁶⁰³ Apud AMBROSINI, Federica, *Paesi e mari ignoti*, Venezia, 1982, p 3.

refere ao auxílio que esta disciplina oferece à “scienza legale”, e quando reconhece a importância do patrocínio.⁶⁰⁴ A geografia era parte fundamental na educação da elite. De acordo com Henry Peacham um cavalheiro deveria aprender geografia e corografia, e para Elyot a geografia e as tábuas de Ptolomeu eram necessárias para a formação de um homem.⁶⁰⁵ É esta uma posição que encontramos também naqueles livros sobre a educação do cardeal, embora a ênfase seja outra. Paolo Cortesi sugeria que nos apartamentos de verão houvesse cartas geográficas para estimular a observação e o intelecto contemplativo.⁶⁰⁶ E, de fato, um cardeal como Federico Borromeo gostava das pinturas de paisagem e dos mapas geográficos porque ajudavam na meditação.

Ter em casa objetos geográficos propiciava, além do conhecimento e da meditação, um grande prazer.⁶⁰⁷ Quando se fala da geografia da Renascença duas coisas recorrem: sua utilidade e seu prazer pelas coisas curiosas. A curiosidade se evidenciava no consumo de livros geográficos como também na organização de coleções de objetos raros e insólitos, acumulados nas *wunderkammern*. De fato, existiu uma continuidade entre livro geográfico e coleção como demonstra, inclusive, a biografia de alguns eruditos: o *Theatrum* de Ortelio foi um desdobramento de sua atividade de colecionador de mapas. A conexão entre coleção e geografia resultava em uma atração comum para com o desconhecido e em uma teatralização do mundo. Tanto as *wunderkammern* quanto os livros de geografia, especialmente os atlas, eram dispositivos visuais⁶⁰⁸ que permitiam uma aproximação cômoda às regiões longínquas, sem sair de casa. Ambos agradavam o olhar. Esta função lúdica provavelmente dá conta do consumo amplo do livro geográfico. Mas esta postura intelectual, desejosa de penetrar os segredos da natureza, de se apossar simbolicamente das novas realidades, seria apenas expressão de uma evasão mental? A geografia da Renascença tinha o objetivo de confortar o seu leitor? Botero, no prólogo a uma edição das *Relationi*, cita a curiosidade de seus

⁶⁰⁴ “La geografia è sommamente utile alla scienza legale che il luogo delle nostre attioni è la terra e il mare dove noi habitiamo. Adunque se la geografia non distinguesse i continenti, i mari, gli Stati e le regioni (...) notando i loro confini, tutte le cose si confonderebbero, né gli stessi Principi potrebbero sapere fin dove si estendessero i loro domini” e pouco depois termina dizendo que “questa facoltà geografica è a principi necessaria perché essi medesimi la fondano, mandando per tutto il mondo huomini eruditi a spiar la varietà delle regioni e de’ luoghi”. MAGINI, Giovanni Antonio, *Geografia*, p 3.

⁶⁰⁵ PEACHAM, Henry, *The Compleat gentleman: Fashioning him absolute in the most necessary & commendable qualities concerning minde or bodie that may be required in a noble gentleman*, Londres, 1622, apud CORMACK, Lesley, “Maps as educational tools in the Renaissance”, in *The History of Cartography*, vol 3, part 1, 2007, p 625.

⁶⁰⁶ CORTESI, Paolo, de cardinalatu, Roma, 1510, Apud QUAINI, Massimo, “L’età dell’evidenza cartografica. Una nuova visione del mondo fra Cinquecento e Seicento”, in *Cristoforo Colombo e l’apertura degli spazi*, Roma, 1992, p 793.

⁶⁰⁷ ELYOT, Thomas, *Boke named the Governor*, apud CORMACK, op cit, p 626.

⁶⁰⁸ Retomo aqui a expressão dispositif visuel de Jean-Marc Besse.

leitores e diz que se serviu desta para “indurli a leggere qualche esempio di virtù evangelica o qualche passo di perfettione christiana”.⁶⁰⁹ A curiosidade era usada por Botero para favorecer a leitura. Botero atribuía ao saber geográfico uma dimensão política e educativa e destinava a obra à formação do homem de poder que precisava atualizar suas cognições sobre o mundo para a ação política conveniente. Mais que o estudo dos fatos antigos é a experiência das coisas modernas que promove a conduta prudente. Na dedicatória da quinta parte das *Relationi Universali* a Carlos Manuel escreve que “la prudenza molto più con la esperienza delle cose moderne che con quelle delle antiche si affina”.⁶¹⁰ O conhecimento dos países e de seus habitantes convém a um príncipe, e ainda mais a um cardeal cujo ofício é promover a conversão e reduzir o número de hereges, diz Botero.

Este tipo de conhecimento demandava uma postura nova em relação ao espaço, uma postura que prevê o movimento. Francesco Sansovino, ao se dirigir aos leitores, na primeira edição do *Del governo de i regni et delle repubbliche*, indicava como modelo a ser imitado Ulysses,⁶¹¹ isto é um viajante que, como nota Viroli, conhecera muitos povos.⁶¹² A figura de Ulysses foi sujeita no tempo a diversas interpretações. Aquela apresentada por Sansovino remete ao homem virtuoso da tradição cínica e estoica, mediada pela leitura feita por Cícero no *De finibus* que faz do herói homérico um sábio em busca do conhecimento.⁶¹³ Acreditamos que a adoção deste modelo heroico pressupõe um ponto de vista novo, atento às especificidades locais, e que saiba lidar com a variedade das sociedades humanas, um ponto de vista móvel, que faz da experiência em um mundo que está se abrindo pela primeira vez em sua totalidade, e da capacidade de observação, uma estratégia de conduta. O leitor ao qual Sansovino se dirigia era o homem de Estado. A viagem era, portanto, considerada uma forma para aumentar o conhecimento. Neste aspecto, a geografia, por sua capacidade de representação, se insere com uma função específica. Gabriel Chappuys, na dedicatória à Enrique III, dizia que no momento em que o príncipe não podia viajar o mundo inteiro

⁶⁰⁹ BOTERO, Giovanni, Prefácio ao segundo livro do *Detti memorabili*, Turim, 1614.

⁶¹⁰ GIODA, Carlo, op cit, p 36.

⁶¹¹ SANSOVINO, Francesco, *Del governo de i regni et delle repubbliche così antiche come moderne libri XVIII*, Venezia, 1561.

⁶¹² VIROLI, Maurizio, op cit, p 159. A frase é mutuada de um verso da *Ars Poetica* de Horácio.

⁶¹³ TUCKER, George Hugo, *Homo Viator: Itineraries of exile, displacement and writing in Renaissance Europe*, Genebra, Droz, 2003, p 57 e ss. Sobre a fortuna literaria de Ulysses na Renascença ver o estudo de D'AMICO, Silvia, *Heureux qui comme Ulysse. Ulysse nella poesia francese e neolatina del XVI secolo*, Milano, Led, 2002.

tinha que se tornar geógrafo.⁶¹⁴ O que podia oferecer a geografia daquele tempo a um homem de decisão se não um olhar panorâmico sobre o mundo? A viagem geográfica era uma experiência que exaltava este sentido.

Sansovino escolhia um viajante como Ulysses porque a leitura de seu livro podia ser comparada a uma periegesis. A viagem podia ser real como virtual, ela se efetivava nas expedições coloniais e comerciais ou acontecia mais comodamente em casa, folheando as cosmografias de Munster, Belleforeste, Thevet, Ortelius, ou os livros de Sansovino e Botero. Contarini com seu mapa-múndi convidava a uma viagem imóvel.⁶¹⁵ Anos depois Joan Blaeu elogiava a possibilidade oferecida pela geografia de viajar sem esforço, por lugares inacessíveis, que o nosso espírito pode conhecer de norte a sul e de leste a oeste. É esta uma maneira comum de apresentar a geografia, e que encontramos nos prefácios de vários atlas ou livros geográficos. No final do século XVI, o médico e cosmógrafo florentino Giuseppe Rosaccio, no proêmio de seu *Il mondo e le sue parti*, dizia que

“con il studio di questa può con l’animo vagare per tutta l’ampia terra, e spatioso mare: standosene in casa senza scorrere i gran pericoli delle procellose onde dell’oceano, ne men i passaggi dei folti boschi, e tortuose vie degli alti mondi, et inticate selve”.⁶¹⁶

Parafraseando John Dee, os leitores usavam estes livros para que realizassem suas viagens, ou para que entendessem aquelas efetuadas por outros.⁶¹⁷ Os mapas e os livros de geografia eram um itinerário, e, nas intenções de seus autores, substituíam as viagens verdadeiras. Uma vez completado seu *Theatrum*, Ortelius dizia que agora não era mais preciso viajar.

Junto com as cosmografias surgem os primeiros guias de viagens, como o *de peregrinatione* de Hieronimus Turler (1574), o *Methodus apodemica* de Theodor Zwinger (1576), o *de arte apodemica* de Hilarius Pyrkmaier (1577), *A direction for travellers* de John Stradling (1592), o *Itinerary* de Fynes Morison (1617), para citar

⁶¹⁴ CHAPPUYS, Gabriel, *L'estat, description ey gouvernement des royaumes et republicques du monde*, Paris, 1585, apud RUBIÉS, Joan-Pau, “New worlds and Renaissance ethnology”, *History and Anthropology*, 6(2), 1993, p 177.

⁶¹⁵ QUAINI Massimo, “L'età dell'evidenza cartografica. Una nuova visione del mondo tra Cinquecento e Seicento” in *Cristoforo Colombo e l'apertura degli spazi*, Roma, 1992, p 795.

⁶¹⁶ ROSACCIO, Giuseppe, *Il mondo e le sue parti cioe Europa, Africa, Asia et America, nel quale, oltre alle tavole in disegno, si discorre delle sue province, regni, regioni, città, castelli, ville, monti, fiumi, laghi, mari, porti, golfi, isole, populationi, leggi, riti, e costumi*, Verona, 1596. Rosaccio usou nesta obra as *Relationi Universali* de Botero do qual reproduziu trechos sobre a descrição da Europa.

⁶¹⁷ DEE, John, *The Mathematicall preface to the elements of Geometry of Euclid of Megara*, Londres, 1570, apud BESSE, Jean-Marc, *Face au monde. Atlas, jardins, georamas*, Paris, 2003, p 32.

alguns entre as dezenas de tratados destinados aos viajantes.⁶¹⁸ Trata-se de um gênero ou, como diz Justin Stagl, uma doutrina, a *ars apodemica* ou *prudentia peregrinandi*, que ensinava o viajante a saber olhar na justa direção, a tirar proveito de uma viagem. A viagem tem um fim pedagógico e para isso ela deve ser estruturada de acordo com um método. A viagem, no entanto, não indica uma única maneira de olhar. Já Antoni Maczak, de uma perspectiva diferente daquela de Stagl, mostrava a variedade das viagens do século XVI, e se não devemos esquecer que esta era uma época em que pouco se viajava, o mérito de Maczak é aquele de trazer a tona uma prática que, embora fosse muito exclusiva, era diferenciada. A realidade pode se apresentar ao viajante em suas singularidades, de acordo com a lógica dos *mirabilia*, ou ela pode ser organizada em tipos, anunciando uma classificação que se afirmará em outro século. Assim, a viagem de Turler não é a mesma da viagem de Montaigne, como o mundo de Belleforest não é o mesmo de Botero. O próprio Botero em uma dedicatória a Carlos Manuel apresenta as *Relationi* como resultado de uma peregrinação de muitos anos:

“Or havendo io finito una peregrinatione di tanti anni nella quale io ho girato l’uno & l’altro emisfero; ricercato i siti de paesi, e costumi de popoli, e le forze delli re e (quel che m’havea mosso all’impresa) lo stato della Religione Christiana per il mondo (...), vengo ad offerirle un Sommario di tutti i miei viaggi e di tutto ciò che io ho in essi appreso”.⁶¹⁹

Publicadas quase cem anos depois de Cristóvão Colombo ter aberto novos caminhos que levavam à descoberta de terras sensacionais, as *Relationi* compendiam o saber geográfico daquela época em uma linguagem em que o maravilhoso deixava de ter aquele papel paradigmático que lhe reconhece Greenblatt, e que caracterizou o “primeiro encontro” com culturas outras, para ser gradualmente substituído por uma análise mais desencantada. O maravilhoso, o fantástico, continua presente na obra boteriana, mas perde centralidade. Ele é um vestígio das velhas cosmografias com as quais as *Relationi* tem algo em comum, mas também muitas diferenças. O olhar de Botero concede poucas páginas ao maravilhoso.

⁶¹⁸ STAGL, Justin, “The methodising of Sixteenth century travel”, op cit, p 316. Este autor avalia em mais de 300 os tratados de viagem da época moderna. Um outro livro de grande interesse sobre as viagens modernas é aquele de MACZAK, Antoni, *Viaggi e viaggiatori nell’Europa moderna*, Bari, Laterza, 2002.

⁶¹⁹ BOTERO, Giovanni, *Relationi Universali*, dedicatória

5.2 A objetivação da realidade

Os Ulysses do Quinhentos deviam saber observar, e neste período há uma ênfase sobre a educação do olhar. É dentro de uma cultura visual como aquela do século XVI que nos colocamos, cultura que se distânciava, aos poucos, do mundo oral da Idade Média. Leonardo da Vinci, com sua exaltação da vista, é talvez o homem que encarna melhor esta ruptura paradigmática. Nos mesmos anos, Luca Pacioli, em seu tratado *De Divina Proportione* afirmava que “a ragione anche il popolo ritiene che l’occhio sia la prima porta attraverso la quale lo spirito conosce le cose e ne gioisce”.⁶²⁰ Esta contraposição entre o visual e o oral é presente de forma consciente nos geógrafos: Georg Braun e Apiano, entre outros, recuperando o valor da autopsia dos antigos gregos, afirmavam que a vista era o sentido principal. Os cosmógrafos ressaltavam a capacidade dos mapas e dos livros de geografia de devolver uma imagem do mundo clara. Giuseppe Rosaccio definia a geografia como “imitatione o pittura di tutta la terra, e di tutte quelle cose che in essa si contengono”.⁶²¹ O valor mimético ao qual se refere Rosaccio aparece em muitos livros de cosmografia. Ele estava também presente na geografia clássica desde pelo menos Ptolomeu, cujo tratado geográfico, na versão latina, começava com a famosa sentença “Geographia imitatio est picturae totius partis terrae cognitae”.

Não foi apenas a geografia a mostrar este interesse por uma representação real, e seria interessante fazer uma comparação com o que acontecia em outros âmbitos intelectuais. O naturalista Ulisse Aldrovandi lembrava a utilidade da pintura para o conhecimento da flora e fauna exóticas, dizendo que deve ser “vera imitatione delle cose di natura”.⁶²² A pintura era útil também porque, como escrevia em uma carta ao cardeal Paleotti, poderia corrigir uma descrição que se escrevera erradamente.⁶²³ É o triunfo da imagem sobre a letra, do olhar sobre o ouvir. No campo político, é interessante a convergência entre observação científica e análise da ação de governo oferecida pelo humanista Venceslao Meroschwa que, em uma carta a um amigo alemão, celebra a nova metodologia astronômica que com o telescópio descobriu novas estrelas; a ciência política dizia ele deve ter suas lentes e sua ótica.⁶²⁴ Há uma mudança cognitiva de uma cultura oral para outra em que a visão desempenha papel fundamental. A *Accademia dei*

⁶²⁰ Apud QUAINI, Massimo, op cit, p 802.

⁶²¹ ROSACCIO, Giuseppe, op cit.

⁶²² Apud OLMÍ, Giuseppe, *L’inventario del mondo*, Bologna, 1992, p 25.

⁶²³ Ibidem, p 24.

⁶²⁴ Apud VILLARI, Rosario, *Elogio della dissimulazione*, Bari, p 20.

lincei, criada em Roma em 1603, é outro exemplo em que a visão do lince é a chave de acesso à realidade a ser pesquisada.

Houve uma convergência entre cultura tipográfica⁶²⁵ e cultura visual. Como escreve Mangani

“com a tipografia surgiu uma perspectiva visual que se contrapunha à prevalência do ouvido... na nova sociedade da imprensa a visão adquire, um papel determinante favorecendo o sucesso do livro ilustrado, a codificação de um papel novo das imagens na persuasão científica”.⁶²⁶

Os livros geográficos com suas ilustrações encontravam grande sucesso. De fato, o próprio discurso geográfico se abre ao visual. Ortelio, o cartógrafo e colecionador flamengo, afirmava que sua atividade era complementar àquela do historiador e sua obra se propunha ser o “olho da história”.⁶²⁷ Se a história narra, a geografia mostra. Finalidade da geografia era aquela de restituir ao leitor/espectador uma representação de um determinado espaço, físico e humano, como se este estivesse lá, quando, ao contrário, estava comodamente sentado. Anos depois, o jesuíta Daniello Bartoli diria que a história sem a geografia é cega, “quanto all’historia, ella, senza la geografia é come orba... Cieca, dunque è l’Historia, se a veder la terra le manca il lume della Geografia”.⁶²⁸ Por sua vez a geografia é “mutola”,⁶²⁹ afirmando com isso a complementaridade de geografia e história, e o caráter visual desta última.

Este modo de se aproximar da realidade teve função gnosiológica fundamental. Sua recuperação foi uma operação revolucionária que redefiniu as relações do homem com a natureza e respondeu à necessidade de apropriação do dado empírico. A paisagem deixou de ser simbolista e *naïf*, como na Idade Média, para se tornar realista.

Nos países de área latina, o termo paisagem surgiu no século XVI. Na França existia como *paysage* já no final do século XV; logo depois, o *paesaggio* fez uma aparição rápida na Itália, nas *Vite de più eccellenti pittori, scultori e architetti italiani* de

⁶²⁵ Usamos aqui uma expressão de EISENSTEIN, Elizabeth, *The Printing Revolution in Early Modern Europe*, Cambridge, 1983.

⁶²⁶ "Era nata, con la tipografia, una prospettiva 'visiva' che si contrapponeva alla prevalenza dell'udito [...] Nella nuova società della stampa la visione acquisisce, quindi, un ruolo determinante favorendo il successo del libro illustrato, il codificarsi di un ruolo nuovo delle immagini nella persuasione scientifica", MANGANI, Giorgio, *Il Mondo di Abramo Ortelio*, Modena, 2006, p 184.

⁶²⁷ GOFFART, Walter, *Historical Atlases: the first Three Hundred Years, 1570-1870*, Chicago, University of Chicago Press, 2003, p 1.

⁶²⁸ BARTOLI, Daniele, *Della geografia trasportata al morale*, Milano, 1664, p 7 e 8.

⁶²⁹ Ibidem, p 8.

Vasari.⁶³⁰ É um neologismo que não tem equivalência na língua grega ou latina. Em 1549, o dicionário de Robert Estienne define *paysage* como termo comum entre os pintores.⁶³¹ De fato, a palavra se aplica tanto às imagens pictóricas quanto à visão panorâmica de um território, demonstrando a importância que a representação da natureza adquire a partir da época moderna, ao ponto de se emancipar como espaço autônomo e como algo fora de nós. Separada do homem, a reaproximação se dá pela ação contemplativa do olhar. É assim que surge a paisagem, na relação entre um sujeito significante e uma natureza objetivada, no âmbito de uma percepção e seleção culturalmente orientadas. O ato de olhar carrega a paisagem de valores culturais que conferem sentido ao espaço geográfico; por sua vez, a paisagem comporta no sujeito que a admira uma remodelação que investe seus sentimentos, reavivando emoções e memórias. Em outras palavras, o surgimento da paisagem objetiva a natureza e, ao mesmo tempo, prenuncia a emergência daquele sujeito moderno que encontrará na filosofia de Descartes sua legitimação ontológica.

Na Europa moderna há uma modificação na percepção do meio ambiente da qual Petrarca, com a famosa ascensão ao monte Ventoux, na França, é considerado, desde Burckhardt, modelo de uma nova atitude.⁶³² A modernidade do ato petrarquesco reside em sua curiosidade secularizada, no valor positivo da observação, na transgressão da tradição simbolizada pelo pastor que desaconselha Petrarca a escalar a montanha.⁶³³ Embora outros autores tenham matizado a modernidade do ato de Petrarca interpretando-o dentro de um registro filosófico convencional,⁶³⁴ resta o fato que, a partir do final do século XIV, a natureza foi percebida com outros olhos. Em um contexto de retomada do comércio e das viagens, a natureza foi apaziguada.⁶³⁵

A paisagem como resultado de uma experiência sensível do homem frente ao ambiente circunstante leva a um desenvolvimento desta relação no plano das artes

⁶³⁰ JAKOB, Michael, *Il paesaggio*, Bologna, 2009, p 30.

⁶³¹ DESAN, Philippe, “Montaigne paysagiste”, in COURCELLES, Dominique de, (org), *Nature & paysages. L'émergence d'une nouvelle subjectivité à la Renaissance*, 2006, p 40.

⁶³² Burckhardt lembra que a sensibilidade de Petrarca frente à paisagem se manifestou também em outros momentos, como na descrição do porto de La Spezia, no canto sexto do poema épico *África*. BURKHARDT, Jacob, *A cultura do Renascimento na Itália*, trad. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p 221.

⁶³³ Estamos sintetizando aqui algumas observações que BESSE, Jean-Marc fez sobre Petrarca em *Ver a terra*, São Paulo, 2006, p 2.

⁶³⁴ Joachim Ritter reconduz o feito de Petrarca à tradição da *Theoria tou Kosmou*, isto é “a contemplação da ordem divina do mundo a partir de um ponto elevado”. Jean-Marc Besse, por outro lado, mostra como a experiência paisagística tem o poder de mobilizar temas existenciais desestruturando o eu petrarquesco. BESSE, Jean-Marc, op cit, p 2 e ss.

⁶³⁵ ELIAS, Norbert, *O processo civilizador*, trad. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993, p 246.

visuais. A natureza entrou na pintura pela porta dos livros de horas, no século XV, e, aos poucos, foi conquistando proeminência até que, no século XVII, se tornou objeto de consumo visual, e, enquanto paisagem, um gênero pictórico autônomo. O livro de horas do Duque de Berry, realizado entre 1380 e 1416, é particularmente famoso por apresentar uma natureza retratada de forma realista. Ele reflete uma nova sensibilidade que vai se afirmando e que, no âmbito devocional em que se inserem as imagens, pode traduzir com linguagem artística a visão de mundo da ordem franciscana, mundo que espelha a grandiosidade de Deus. Outras leituras põem ênfase no nominalismo de Ockam, com seu convite a olhar para a realidade em seus aspectos mais particulares, favorecendo uma nova atenção para com o meio ambiente.⁶³⁶ De fato, retomando uma observação de David Buisseret, tanto na interpretação religiosa, quanto naquela mais filosófica, deparamos com uma nova função do olhar que, no outono da idade média, se tornou o sentido mais importante.⁶³⁷

Alguns autores tendem a relativizar o valor espiritual e estético da paisagem, deslocando este último da primeira modernidade para o século XVII quando se afirma o gênero pictórico do paisagismo. O estudo de Piero Camporesi oferece uma alternativa radical que tira a paisagem da perspectiva de um olhar contemplativo inscrevendo-a em uma relação materialista onde não é mais o sentido da vista a organizar a experiência, mas aquele do tato e do gosto. De acordo com Camporesi, a paisagem interessava seus observadores do Quinhentos por seus recursos naturais ou por motivos eminentemente práticos.⁶³⁸ Ela não era evocada, mas explorada. A esta vivência do meio ambiente – a “inteligência cotidiana do mundo” para usar uma expressão de Besse –⁶³⁹ corresponde uma leitura *de cabinet* pela qual, como observa Ugo Tucci, a geografia foi, até o século XVIII, geografia humana em que os “fatores físicos importavam sobretudo se fossem determinantes para a vida do homem”.⁶⁴⁰ É uma visão utilitarista, que o estudo de Camporesi fundamenta com uma rica documentação, mas está longe de esgotar a relação homem-natureza na Renascença. Os jardins renascentistas, e a meditação cartográfica sugerem outras leituras que se inserem em registros ora mais amenos, ora mais espirituais.

⁶³⁶ É esta a posição de Panofsky. Apud BUISSERET, David, *The Mapmaker's quest*, Chicago, 1996, p 32.

⁶³⁷ *Ib.*, p 32, onde retoma certas considerações de Huizinga.

⁶³⁸ CAMPORESI, Piero, *Le belle contrade. Nascita del paesaggio italiano*, apud Besse, op cit, p 11.

⁶³⁹ BESSE, Jean-Marc, *Face au monde*, Paris, 2003, p 8. Com esta expressão o autor francês entende uma prática do espaço ou, como ele diz na mesma página, “une manière d’être dans l’espace et une façon de le penser” que gera um tipo de conhecimento mais íntimo, mais participado, que aquele da ciência geográfica.

⁶⁴⁰ TUCCI, Ugo, “Atlas”, Turim, Einaudi, 1977, p 142.

De fato, outro aspecto importante foi aquele da intervenção paisagística, isto é da transformação de porções de território com finalidades pragmáticas, estéticas, recreativas, contemplativas: referimo-nos aos jardins renascentistas. Eles eram uma “terceira natureza”, nas palavras de Bartolomeo Taegio e Jacopo Bonfadio, resultado do encontro da natureza com a arte humana, ou com a indústria do jardineiro e do *paesano*, para citarmos nossos autores. Taegio escreveu o livro *La Villa* em 1559, em forma de diálogo entre Vitauro e Partenio; o primeiro elogiava a vida do campo, enquanto o segundo defendia o viver urbano.⁶⁴¹ Bonfadio, por outro lado, descrevendo de forma panorâmica o lago de Garda, em uma carta dirigida a um amigo em 1540,⁶⁴² falava dos jardins cultivados em suas margens, e utilizava a ideia de terceira natureza que anos depois aparecerá no livro de Taegio.⁶⁴³ De acordo com Hunt, terceira natureza remete a uma leitura da *alteram naturam* de Cícero.⁶⁴⁴ Este falava da selva como uma primeira natureza, e do campo cultivado como uma segunda. O jardim seria então uma forma mais sofisticada de intervenção sobre o ambiente, que desenha um espaço domesticado no qual se afirma a criatividade do homem através do projeto arquitetônico e da técnica, neste caso a *ars topiaria*. A citação de Cícero atesta a importância do mundo clássico e dos *scriptores rei rusticae* na relação do homem renascentista com a natureza.⁶⁴⁵ A carta de Bonfadio cita Catulo e o “buon padre Virgilio”,⁶⁴⁶ mas a referência principal, segundo Hunt, é uma carta de Plínio que o humanista estaria imitando.

No jardim renascentista, muitas vezes, eram aplicados conceitos neo-platônicos, e do mundo clássico em geral, que idealizavam sua estrutura e fruição. Ele era usado para os momentos de evasão e meditação, uma proposta que recuperava o jardim como espaço de introspecção, mas também de formação do saber através daquela *ambulatio*

⁶⁴¹ Existe uma literatura interessante sobre a contraposição entre o mundo urbano e rural neste período. Federico Borromeo também escreveu um tratado sobre o assunto, assim como Anton Francesco Doni, Agostino Gallo e outros.

⁶⁴² BONFADIO, Jacopo, *Lettere famigliari*, Brescia, 1746, p 17. Esta carta, por seu valor literário, foi divulgada em mais de uma antologia e foi publicada também por Giacomo Leopardi em sua *Crestomazia italiana*.

⁶⁴³ Não é claro se Taegio estava citando Bonfadio; talvez se trate de uma invenção independente ou então esta expressão circulava entre alguns humanistas. Ainda pouco se sabe sobre seu percurso.

⁶⁴⁴ HUNT, John Dixon, (org) *Greater perfections. The practice of Garden theory*, Philadelphia, 2000, p 32.

⁶⁴⁵ Sobre a relação com o mundo clássico ver TONGIORGI TOMASI, Lucia, “Giardini e tradizione clássica: due casi esemplari” in MARQUES, Luiz, (org), *A constituição da tradição clássica*, São Paulo, 2004.

⁶⁴⁶ BONFADIO, Jacopo, op cit, p 16.

que, no mundo antigo, empenhava educador e alunos em seus ambientes.⁶⁴⁷ À tradição clássica temos que acrescentar o modelo cristão, e que se realizou no *hortus conclusus* onde a disposição e o uso de plantas remetem a um universo simbólico religioso.

Além das pinturas e da arte dos jardins, o tema da natureza encontrou na literatura uma presença riquíssima que é impossível explorar em poucas páginas. Lembramos apenas o poema *Coltivazione* de Luigi Alemanni, *Il potere* de Luigi Tansillo, *Della coltura degli orti e dei giardini* de Giovanvettorio Soderini, e o *Hypnerotomachia Poliphili* de Francesco Colonna, obras cujo valor extrapola o âmbito da literatura no momento em que podem ser lidas também como tratados de jardinagem. Finalmente, apreciamos uma sensibilidade poética frente à natureza na *Arcadia* de Jacopo Sannazaro, no *Orti delle Esperidi* de Giovanni Pontano e, obviamente, em Torquato Tasso.⁶⁴⁸

Em anos recentes uma reflexão original que abrange o jardim, a paisagem e a cartografia foi proposta por Jean-Marc Besse e Giorgio Mangani, cujos livros oferecem análises instigantes para o estudo da geografia renascentista.⁶⁴⁹ O primeiro relativiza a postura de Burckhardt, e observa que nos países de área germânica existia a palavra *landschap* (ou *landschaft*) que apenas em parte corresponde à ideia de paisagem apresentada até agora, já que pode significar também o espaço onde se manifesta a presença do homem.⁶⁵⁰ Besse, diferentemente de Camporesi, não pretende investigar a *landschap* como base material da existência e desenvolve um raciocínio singular que liga paisagem, corografia e paisagismo. Com efeito, em uma nota de rodapé, podemos ler que “esta compreensão da paisagem não se opõe à representação artística”.⁶⁵¹ Ao analisar um escrito de Peter Albinus, Besse constata que “a *Landschaft* se define também por um conjunto de propriedades, naturais e humanas, cujo inventário constitui sua *qualidade* ou sua *natureza* próprias”.⁶⁵² O

⁶⁴⁷ MANGANI, Giorgio, *Cartografia morale*, op cit, p 58. Este autor lembra como o jardim ofereceu em época medieval um repertório de imagens retóricas para guardar o saber: *florilegi*, *margarita*, *viridarium*, *apiarium*.

⁶⁴⁸ O tema da natureza na literatura italiana é vastíssimo e temos que lembrar também Boccaccio e Petrarca. Torquato Tasso foi objeto de uma anedota que envolve Botero, os jardins e a questão da primazia inglesa ou italiana do jardim irregular. Por algum tempo circulou uma carta de Tasso ao Botero, divulgada por Ippolito Pindemonte, em que o primeiro lembrava dos jardins de Turim que teriam inspirado seus jardins de Armida. Tratava-se, porém, de uma falsificação realizada no final do século XVIII, obra de um certo professor Malacarne que queria com isso provar como a composição de Tasso se apoiava em um jardim verdadeiro cujas características eram uma invenção italiana e não inglesa.

⁶⁴⁹ BESSE, Jean-Marc, *Ver a terra*, op cit. MANGANI, Giorgio, *Cartografia morale*, Modena, 2007.

⁶⁵⁰ Inicialmente *landschap* designa um país, uma região ou um território. BESSE, Jean-Marc Besse, op cit, p 20-1.

⁶⁵¹ Ib, p 20.

⁶⁵² Ib, p 21.

inventário minucioso das propriedades naturais e humanas é uma operação que caracteriza também a corografia. É neste ponto, continua o autor,

“nesta aproximação detalhada, às vezes dispersa, do mundo terrestre em que consiste a corografia, que confluem em grande parte as perspectivas e as convenções iconográficas da representação paisagística da natureza”.⁶⁵³

Pintura de paisagem e cartografia, especialmente a corografia, compartilhavam o mesmo objeto, isto é uma porção de território cujos elementos eram inventariados no espaço da representação. Pintor e geógrafo “participam de uma mesma atitude cognitiva e de uma mesma competência visual”.⁶⁵⁴ Houve uma convergência interessante entre pintura e cartografia neste período. Por muito tempo, pelo menos até o final do século XVII, a cartografia europeia, impressa e manuscrita, conviveu estreitamente com as artes gráficas e pictóricas, notadamente as iluminuras e o paisagismo, ao ponto de existir, em certos momentos, uma sobreposição de registros compositivos. Geografia e arte tinham raízes comuns, como escreveu Ronald Rees,⁶⁵⁵ e se hoje nós conseguimos reconhecer os dois âmbitos e separar o que é cientificamente relevante do esteticamente agradável, não podemos projetar nosso esquema dicotômico para o homem renascentista que mal distinguia entre cartografia e arte. Uma pintura era também uma descrição geográfica, de acordo com a tradução latina da *Geografia* de Ptolomeu.⁶⁵⁶ Faltava uma separação terminológica clara e estável entre mapas e pinturas,⁶⁵⁷ como houve também uma sobreposição das profissões, sendo comum que os artistas exercitassem o ofício de cartógrafo. A cartografia da Renascença pode ser considerada como uma forma de arte gráfica por ela ter se desenvolvido nos ateliês de artistas e por ter sido orientada por preocupações estéticas.⁶⁵⁸ Ela era o produto de mãos habilidosas nas técnicas gráficas,

⁶⁵³ Ib, p 22.

⁶⁵⁴ Ib p 18-19.

⁶⁵⁵ REES, Ronald, “Historical Links between Cartography and Art”, *Geographical Review*, 70, 1980, p 61.

⁶⁵⁶ Para uma discussão ver ALPERS, Svetlana, *A arte de descrever*, trad. São Paulo, Edusp, 1999, p 263 ss.

⁶⁵⁷ Em um inventário dos Medici de 1512, globos e mapas são chamados de pinturas. Assim nas salas de casa Medici sabemos de um “quadro dipintovi una Italia. Uno quadro di legno dipintovi la Spagna. Uno tondo grande dipintovi uno universale”. O inventário cita ainda muitas outras pinturas geográficas. Apud WOODWARD, David, *Maps as Prints in the Italian Renaissance. Makers, Distributors & Consumers*, Londres, 1995 p 120.

⁶⁵⁸ Nos últimos anos os estudos que abordam a cartografia como uma forma de arte tem aumentado de maneira considerável. Para uma leitura pioneira ver REES, Ronald, “Historical Links between Cartography and Art”, *Geographical Review*, 70, 1980. Considerações interessantes podem ser encontradas em BROCC, Numa, *La geografia del Rinascimento*, Modena, 1989 e em BUISSERET, David, *The Mapmakers' Quest*, Oxford, 2003. Finalmente lembramos, David Woodward, *Maps as Prints in the Italian Renaissance. Makers, Distributors & Consumers*, Londres, 1995.

quando não do gênio artístico, e seu projeto, desenho e criação, concentravam-se, frequentemente, na mesma pessoa. Jan Van Eyck, Leonardo da Vinci, Albrecht Durer, Hans Holbein desenharam mapas, construíram globos, interessaram-se pela geografia. Mas grandes cartógrafos foram também artistas, ainda que pouco conhecidos na história da arte: Cristoforo Sorte, Pietro Del Massaio, Battista Agnese, Giovanni Andrea Vavassore, Francesco Rosselli, Benedetto Bordone, entre muitos outros, concebiam a representação geográfica dentro do mundo das artes visuais. A atividade cartográfica deste último, realizada em Veneza no começo do século XVI, se constituía como desdobramento daquela de miniaturista e gravurista, conforme demonstrou Lilian Armstrong em um artigo ricamente documentado.⁶⁵⁹ O florentino Francesco Rosselli também era gravurista e conheceu pessoalmente Bordone durante sua estadia em Veneza, influenciando seu percurso artístico. Falta ainda um estudo biográfico detalhado sobre Rosselli, mas sabemos que seu primeiro contato com a geografia aconteceu justamente como miniaturista de dois Ptolomeus, em 1472.⁶⁶⁰ Bordone e Rosselli publicaram, em suas respectivas cidades, obras belíssimas, testando novas técnicas pictóricas e gráficas, e o florentino explorou pelo menos três projeções inovadoras para seus planisférios – a cônica, a oval e a esférica, a primeira destas realizada com a colaboração do veneziano Giovanni Matteo Contarini. O percurso dos dois artistas-cartógrafos Bordone e Rosselli acima mencionados é comum no século XVI e XVII, e não é apenas um caso limitado aos italianos. Johannes Ruisch também iluminava livros. Ortelius colecionava-os. Lafrery comerciava-os. A edição de livros com ilustrações geográficas era uma atividade artística comercialmente viável. Numa Broc diz que artistas famosos como Holbein encontravam na ilustração geográfica uma maneira de suprir a suas necessidades econômicas quando faltavam encomendas mais importantes.⁶⁶¹ Esta deve ter sido também uma razão que levou Bordone a publicar seu isolario.⁶⁶² A história da cartografia recente tem prestado atenção especial para o suporte dos mapas, e sua circulação, dois pontos de partidas que conduziram a entender melhor o uso dos mapas e as finalidades da geografia. Um dos suportes mais comuns foi

⁶⁵⁹ ARMSTRONG, Lilian, “Benedetto Bordon, *Miniator*, and Cartography in Early Sixteenth-Century Venice”, *Imago Mundi*, 48, 1996. Miniator, isto é miniaturista, era a profissão exercida por Bordon como consta nos documentos da época.

⁶⁶⁰ Ibidem, p 74. Ver também GENTILE, Sebastiano, *Firenze e La scoperta dell’America. Umanesimo e geografia nel ‘400 fiorentino*, Firenze, Leo S Olschki, 1992, p 226.

⁶⁶¹ BROU, Numa, op cit, p 187.

⁶⁶² *Libro di Benedetto Bordone nel quale si ragiona di tutte Le isole Del mondo...* publicado em 1528

o livro, e a cartografia se vincula fortemente ao surgimento da imprensa e do mercado livreiro.

Svetlana Alpers sugeriu que, na Holanda do século XVII, a cartografia foi um instrumento de visualização tão poderoso que resultou em uma nova maneira de produzir imagens pictóricas da realidade: é o que a autora chama de impulso cartográfico, testemunhado pelas telas de Vermeer e outros. Embora Besse não use a expressão da historiadora holandesa, ele desenvolve uma leitura que explora as relações entre a maneira pictórica e a cartográfica de figurar a realidade. Em um ensaio que aproxima Brueghel e Ortelius para além do sodalício de dois amigos que apreciavam a arte, Besse mostra como estes dois flamengos usavam o “mesmo vocabulário e as mesmas intenções”.⁶⁶³ O critério que organizava a composição pictórica e a corográfica era o mesmo. A corografia era aquela parte da geografia que proporcionava uma descrição de um território com suas características “particulares e mínimas”,⁶⁶⁴ isto é portos, penínsulas, golfos, baixios, rios, e outras “minutezze”.⁶⁶⁵ A corografia era também aquela parte da geografia livre de qualquer compromisso com a geometrização do espaço. O espaço que ela representava era aquele da memória do lugar, da observação direta. O autor francês, porém, vai além e sugere que a pintura de paisagem não se comunicava com a cosmografia apenas no plano corográfico, como também naquele geográfico, de escala menor. Esta relação é visível em numerosos planisférios e atlas onde os componentes físicos e humanos de um país ou de um continente eram dispostos na superfície cartográfica, determinando efeitos cenográficos deslumbrantes. O que permitiu este salto de escala? Para Besse, a resposta se encontra na ideia de teatro, pelo qual o espaço terrestre se tornou um espetáculo e o leitor um espectador que contemplava a “paisagem do mundo”⁶⁶⁶ e a grandiosidade da Terra Universal. É um momento importante no desenvolvimento da ciência geográfica já que “a paisagem traduz visual e imaginariamente a promoção da geografia como discurso específico, distinto da cosmografia”.⁶⁶⁷ Besse, recorrendo ao *album amicorum* de Ortelius, nos convence de como a leitura do *Theatrum Orbis Terrarum* acontecia na perspectiva da paisagem, isto é do inventário dos acidentes geográficos, da enumeração daqueles objetos corográficos dos quais nos falam Ruscelli e Rosaccio, mas também Albinus, citado por Besse, e muitos outros. Na incorporação

⁶⁶³ BESSE, Jean-Marc, op cit, p 23 e ss.

⁶⁶⁴ RUSCELLI, Girolamo, *La geografia di Tolomeo*, Veneza, 1564, p 5.

⁶⁶⁵ ROSACCIO, Giuseppe, *Mondo elementare et celeste*, Treviso, 1604, p 14.

⁶⁶⁶ BESSE, op cit, p 23.

⁶⁶⁷ Ib, p 23.

do registro paisagístico pela geografia, Ortelius cumpriu o programa dos pensadores clássicos que se manifestava na contemplação do mundo, no vôo da alma. O homem nasceu para contemplar o mundo, escrevia o cartógrafo flamengo nas margens de um mapa, citando Cícero.⁶⁶⁸ Esta meditação se realizou na construção cognitiva da paisagem, no consumo visual das cartas geográficas e na fruição do jardim renascentista. As relações entre estes contextos são fortalecidas por uma circularidade de *tópoi*, como evidenciado por Besse. A paisagem recuperava o horizonte longínquo da geografia nos fundos dos quadros, e a descrição da *villegiatura* feita por Taegio replicava aquela de uma viagem geográfica, ao ponto que Besse fala em um “dispositivo geral de percepção e de pensamento” comum,⁶⁶⁹ cujo modelo era, justamente, o teatro. Mas o teatro, como Besse mostrou em outro livro,⁶⁷⁰ não era apenas uma fórmula meditativa e moralizadora. Foi também um dispositivo visual que descortinou horizontes longínquos, restituindo ao homem do Quinhentos um mundo em contínua expansão. Em uma bela análise das telas de Brueghel e das vinhetas de Hoefnagel (figura 8), Besse observa como elas não exibiam somente uma paisagem fixada pelo ato contemplativo de um olhar estrangeiro,⁶⁷¹ como também articulavam um mundo em movimento, sugerindo como este se tornara espaço de viagem, de circulação. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma concepção e de uma prática do espaço: são elas a contemplação da ordem terrestre e aquela experiência que estava se realizando nas viagens de descoberta. Besse afirma:

“A paisagem é assim, e insistamos neste ponto, não apenas o prolongamento do vocabulário antigo da ‘teoria’ filosófica, mas também a ilustração visual da nova experiência geográfica do mundo”.⁶⁷²

Isto não quer dizer que a formulação da experiência fosse “livre de condições e tributos”.⁶⁷³ Na composição destas paisagens, a presença de símbolos cristãos leva o autor a terminar o artigo com alguns interrogativos sobre temas morais e espirituais, temas que nos introduzem para o livro de Mangani. Este autor lembra que tanto na geografia quanto nas ciências experimentais “il nuovo paradigma galileiano fu validato per molto tempo attraverso i sistemi di persuasione del vecchio modello che andava a morire”.⁶⁷⁴ Já Juerghen Schulz, em ensaios

⁶⁶⁸ Ib, p 28.

⁶⁶⁹ Ib, p 29.

⁶⁷⁰ Sobre o teatro geográfico ver BESSE, Jean-Marc, *Les grandeurs de la Terre*, op cit. e MANGANI, Giorgio, *Il mondo di Abraham Ortelio*, Modena, 2006.

⁶⁷¹ Olhar que é representado pelos comerciantes e viajantes que se encontram nestas pinturas.

⁶⁷² Ib, p 41.

⁶⁷³ Ib, p 42.

⁶⁷⁴ MANGANI, Giorgio, *Cartografia morale*, p 15.

pioneiros escritos nos anos setenta, lembrava que estas representações corográficas não tinham tanto a função de fornecer precisas noções geográficas, quanto aquela de ilustrar mistérios religiosos ou acontecimentos históricos. Schulz pensava aqui na cartografia medieval, mas, poucas páginas depois, afirmava como este modelo se perpetuou na Renascença.⁶⁷⁵

Em que medida podemos falar de paisagem em Botero? Nos parece que a proposta de Besse se adéqua muito bem à maneira como Botero descreve o mundo. Sua geografia recupera, através da descrição, aquela atenção minuciosa para o detalhe que é própria da corografia. Nas *Relationi Universali* o nosso autor mostra interesse para com a natureza, mas falta-lhe a estetização da paisagem que, em sua prosa, resume aquelas características lembradas por Camporesi. A natureza é sempre avaliada como lugar de produção, ou de defesa.

Figura 8 Georg Joris Hoefnagel, vista de Velletri, em G. Braun e F. Hogenberg, *Civitates Orbis Terrarum*, vol 3, Colônia, 1583, Bibliothèque Nationale de France, Paris.

⁶⁷⁵ SCHULZ, Juergen, *La cartografia tra scienza e arte*, Modena, 2006, p 29.

Em uma passagem das *Relationi* encontramos Botero nos Alpes dirigindo seu olhar para o vale. É um olhar calculador, econômico aquele que enxerga o gado pastando, o qual fornece boa carne, leite, queijo. Em outra *relazione*, aquela de Veneza, ele elogia a fertilidade da província de Brescia e do Garda onde “veggonsi per tutto o colline ricche di viti generose o valli di mórbida verzura tappezzate”,⁶⁷⁶ e conclui que a natureza “con tanta larghezza ha provvisto queste genti di vettovaglie”.⁶⁷⁷ Mas há um aspecto mostrado por Besse que é evidente em Botero. É o tema da viagem, do mundo natural como espaço dinâmico – particularmente aquele fluvial, e marítimo em geral – sobre o qual as *Relationi del mare* oferecem páginas interessantes. Publicado em Roma em 1598, este pequeno livro é considerado pelo geógrafo italiano Roberto Almagià como o primeiro tratado de oceanografia. Alguns trechos têm relevância para a geografia humana. Em uma página, Botero reflete sobre qual possa ser a utilidade do oceano para o homem e oferece duas respostas. Em primeiro lugar, o oceano é necessário à beleza do mundo e à disposição proporcionada dos elementos, consideração em que ecoam tanto a tradição geográfica quanto aquela estética do mundo clássico que prezavam a disposição simétrica das coisas da natureza. Com a segunda resposta prevalece o Botero pensador social, já que justifica a existência do oceano com o benefício que este traz para o homem, porque transforma o mundo em um ambiente familiar e, através de sua navegação, facilita a comunicação entre os continentes, comunicação que se fosse realizada por via terrestre comportaria um custo muito grande.

5.3 O olhar do longínquo

O espaço é uma categoria que, ao lado daquela temporal, foi central na definição da cultura europeia do século XVI. A conexão entre história e geografia, o cruzamento entre tempo e espaço, é um tema da Renascença que foi estudado por vários historiadores. Prosperi sugere como geografia e história, espaço e tempo são inseparáveis no pensamento renascentista.⁶⁷⁸ De passagem, são também inseparáveis em

⁶⁷⁶ BOTERO, Giovanni, *Relazione della repubblica veneziana*, Veneza, 1605, p 14.

⁶⁷⁷ *Ib.*, p 15.

⁶⁷⁸ PROSPERI, Adriano, “Conclusioni: la coscienza europea davanti alle scoperte geografiche del ‘500”, in PROSPERI, Adriano Prosperi e REINHARD, Wolfgang, (org), *Il Nuovo Mondo nella conoscenza italiana e tedesca del Cinquecento*, Bologna, Il Mulino, 1992, p 415.

Botero, chamado de cosmógrafo-historiador por Mello e Souza.⁶⁷⁹ Burkhardt apontava como característica do Renascimento a descoberta do mundo exterior,⁶⁸⁰ que pressupõe uma tomada de consciência do espaço vivido e tem como consequência uma convergência entre geografia e história em um saber unitário, definido por Corrado Vivanti como geografia humana.⁶⁸¹ Tempo e espaço concorrem também na formação da cultura renascentista. De acordo com Agnolin, o Renascimento se configurou em um movimento no tempo pelo qual, recuperando a antiguidade clássica, afirmava sua modernidade, e em outro movimento no espaço, que, na oposição com o mundo americano, estabelecia sua identidade cultural em termos de civilização.⁶⁸² Neste sentido, a América, mas também a Ásia, se colocaram como uma nova dimensão da alteridade ao lado do mundo antigo.⁶⁸³ Em certa medida, era através da viagem imaginária proporcionada pelos livros de geografia que o homem europeu moldava sua identidade, visualizando os confins culturais de realidades dispares, e mapeando estas diferenças. Se, de um lado, esta viagem coincidiu com as expedições de colonização e conquista, de outro, existiram possibilidades mais pacíficas, que tinham sua matriz no reaparecimento do cosmopolitismo clássico, e que permitiram pensar as alteridades dentro de um discurso protoetnográfico.⁶⁸⁴ Garin aponta três leituras sobre o índio americano realizadas por aqueles europeus que inauguraram o confronto com o novo mundo:

“uma, a idade do ouro, mais estritamente ligada à renascença humanista; a segunda, uma espécie de paraíso terrestre, com evidentes acentos cristãos; uma terceira, variamente motivada, que, na substância, apoia e justifica a conquista e a rapina”⁶⁸⁵

⁶⁷⁹ SOUZA, Laura de Mello e, op cit, p 65.

⁶⁸⁰ O autor suíço intitula a quarta parte da Cultura do renascimento na Itália de “Descobrimento do mundo e do homem”.

⁶⁸¹ VIVANTI, Corrado, “Gli umanisti e le scoperte geografiche”, in PROSPERI, Adriano e REINHARD, Wolfgang, op cit, p 328.

⁶⁸² AGNOLIN, Adone, *Jesuítas e selvagens. A negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (sec XVI-XVII)*, São Paulo, Humanitas, 2007, p 23.

⁶⁸³ Para uma reflexão que compara a percepção das alteridades americanas e asiáticas ver GARIN, Eugenio, *Rinascite e rivoluzioni*, Bari, 1975, mais especificamente o último capítulo em que o autor mostra a variedade de discursos relativos aos dois mundos. O papel das descobertas e redescobertas geográficas sobre a formação de uma consciência européia é também investigado por CHABOD, Federico em *Storia dell'idea di Europa*, Bari, 1974. A geografia foi também um meio para instaurar um diálogo com homens de outras culturas. Particularmente famoso é o uso de mapas por Matteo Ricci na China.

⁶⁸⁴ O cosmopolitismo foi pensado com base na leitura de SCUCCIMARRA, Luca, *I confini del mondo. Storia del cosmopolitismo dall'Antichità al Settecento*, Bologna, Il Mulino, 2006.

⁶⁸⁵ “Tre dunque, e nitide, le direzioni interpretative degli Indiani d'America: l'una, dell'età dell'oro, più strettamente saldata alla rinascita umanistica; la seconda, di una sorta di paradiso terrestre, con accenti

Os humanistas, a partir do conceito helenístico de *areté* e aquele ciceroniano de *humanitas*, redescobriram o cosmopolitismo, e reviraram o plano vertical da *reductio ad unum* medieval em favor de um plano horizontal que ligava todos os povos em uma noção ampla de humanidade.⁶⁸⁶ A descoberta do mundo resultou na certeza de uma humanidade comum, escrevia Dupront.⁶⁸⁷ A reflexão geográfica não deve ser vista apenas como expressão do domínio colonial, como pretende John Headley,⁶⁸⁸ mas abre possibilidades mais positivas que vão na direção da “construção de uma igualdade”,⁶⁸⁹ de uma base ontológica comum que aproxima as sociedades no plano da comparação, reconhecendo uma pluralidade de percursos históricos e restituindo ao homem uma diversidade na forma de viver. Montaigne foi o intérprete mais autêntico desta postura relativista que em outros autores aparece somente *in nuce* – inclusive em Botero – e nos quais uma adesão a valores eurocêntricos, ou a objetivos de vária natureza, encobre o desenvolvimento de uma pesquisa antropológica bem definida.⁶⁹⁰ Resta o fato, porém, que a nova escala terrestre que se projetava comportava o enquadramento de novos problemas. Implícita, na obra de difusão de saberes geográficos, foi a reflexão e a busca por uma redefinição “física e moral do mundo”,⁶⁹¹ e por uma sistematização dos dados empíricos dentro de um paradigma que pudesse representar os novos horizontes geográficos e explicar a alteridade humana que, no continente americano, se apresentava inquietante. Ao mesmo tempo em que se tentava entender o outro, mudava a imagem de si, isto é, a América funcionava como espelho da Europa. Esta reflexão sobre a “civilização” e seu contraponto – a barbárie – está presente em Botero e é uma das passagens mais interessantes das *Relationi*. O próprio Aldo Albonico, o crítico mais

spiccatamente cristiani; una terza, variamente motivata, che, in sostanza, appoggia e giustifica la conquista e la rapina". GARIN, Eugenio, op cit, p 343. Citamos aqui a edição de 2007.

⁶⁸⁶ É esta uma idéia discutida em FERRETTI, Giuliano, “Sull’idea di civiltà in Botero”, in BALDINI, Enzo (org), *Botero e la ‘Ragion di Stato’*, Atti del convegno in memoria di Luigi Firpo, Firenze, 1992, p 231.

⁶⁸⁷ DUPRONT, Alphonse, op cit, p 60.

⁶⁸⁸ HEADLEY, John, “Geography and Empire in the Late Renaissance. Botero’s Assignment, Western Universalism, and the Civilizing Process”, *Renaissance Quarterly*, vol 53, n 4, 2000.

⁶⁸⁹ AGNOLIN, Adone, op cit, p 23.

⁶⁹⁰ Todorov, como é sabido, se detém longamente sobre a incapacidade do europeu de entender o outro como sujeito. TODOROV, Tzvetanv, *La conquista dell’America*, Torino, 1990. O estudo de Todorov tem sido criticado duramente por Gliozzi pela incapacidade deste autor de historicizar certos conceitos, incorrendo no anacronismo. GLIOZZI, Giuliano, op cit, p 173 e ss.

⁶⁹¹ ROMEO, Rosario, *Le scoperte americane nella coscienza italiana del Cinquecento*, Milano, 1954, p 13.

impiedoso de Botero, reconhece nestas páginas o valor mais alto do tratado,⁶⁹² parecer, aliás, partilhado por Federico Chabod e Rosario Romeo.⁶⁹³

Bárbaros, para Botero, são aqueles “le cui maniere e costumi si dilungano straordinariamente dalla dritta ragione, il che avviene o per furezza d’animo, o per ignoranza, o rozzezza di costumi”.⁶⁹⁴ Em seguida, Botero reconhece que “la furezza” possui cinco aspectos. O primeiro diz respeito à religião, o segundo à alimentação, o terceiro ao vestuário, o quarto à moradia, o quinto à forma de governo. Dentro de cada aspecto reconhece graus diferenciados. Por exemplo, em relação à religião há aqueles que não acreditam em nada, como os chichimecas e os brasis, que possuem um grau de barbárie maior dos habitantes de “Spagnola”, que têm uma forma mínima de religião, para chegarmos ao exemplo dos cuzcanos, que acreditam em um ser supremo. Ao lado desta análise da condição humana há a idéia desenvolvida pouco depois de que todos os povos passam por estádios parecidos, assim

“nel Mondo nuovo i suoi primi abitanti siano da principio stati senza governo: ma che a poco a poco alcuni huomini di maggior capacita e discorso habbiano persuaso a questi e a quelli lor stare insieme... dal vivere poi insieme, e dalla mutua communicatione nacquero le leggi e le arti, adornatrici della vita humana”⁶⁹⁵

Discurso interessante não apenas porque restitui ao homem uma diversidade na forma de viver, mas também porque reconhece um percurso histórico que se desenvolve dentro de um esquema que, em uma outra época, será chamado de evolutivo, mas que em Botero, apurado seu caráter pré-científico, aproxima as sociedades em uma “noção ampla de civilização”.⁶⁹⁶

Como escreve Giuliano Ferretti,

“Botero se esforça de restituir à consciência ocidental a complexa alteridade das sociedades precolombianas... Ele manifesta uma espécie de *glissement* semântico em direção de novos conceitos que se configuram como uma resposta racionalizadora à irrupção dos novos mundos na consciência europeia”.⁶⁹⁷

⁶⁹² ALBONICO, Aldo, *Il mondo americano di Giovanni Botero*, op cit, p 180.

⁶⁹³ CHABOD, Federico, op cit, Torino, 1967, p 288; Rosario Romeo, op cit, p 104.

⁶⁹⁴ BOTERO, Giovanni, Op cit, Parte IV, L 3, p 231

⁶⁹⁵ BOTERO, Giovanni,

⁶⁹⁶ “Botero si sforza di restituire alla coscienza occidentale la complessa alterità delle società precolombiane [...] egli manifesta una sorta di *glissement* semantico in direzione di nuovi concetti che si configura come una risposta razionalizante all’irruzione dei nuovi mondi nella coscienza europea”. Retomo esta idéia de FERRETTI, Giuliano “Sull’idea di civiltà in Botero”, in BALDINI, Enzo, (org), *Botero e la ‘Ragion di Stato’*, Atti del convegno in memoria di Luigi Firpo, Firenze, Leo S. Olschki, 1992, p 231

⁶⁹⁷ FERRETTI, Giuliano, p 230-232.

Preso ao detalhe e à “praxe empírica”,⁶⁹⁸ pouco elaborado, fragmentado, é este um dos raros momentos em que o discurso de Botero adquire consistência especulativa, especialmente quando lido junto a outro escrito seu, o *Cause della grandezza delle città*, em que a cidade se coloca como o momento mais alto da convivência humana. A cidade é o centro dinâmico que se contrapõe ao mundo rural, conforme mostra uma série de livros escritos neste período. Botero elege a cidade como lugar em que o homem alcança o nível mais alto da vida civil. A cidade é também o lugar que cria as condições para a formação da riqueza e para o crescimento da população, sendo aquele demográfico um fator importante na afirmação do poder de uma nação. O discurso de Botero sobre o espaço urbano tem que ser avaliado em relação à tradição laudatória da cidade italiana, como também em relação à realidade política do surgimento do Estado moderno no qual a cidade se inscreve, e que constitui um segundo nível na conceituação do espaço. Ao vincular a cidade ao Estado, há em Botero uma superação das análises medievais da sociedade urbana, que demonstra uma observação atenta à dinâmica do século XVI.

⁶⁹⁸ Uso aqui uma expressão de FIRPO. Op cit, p 18.

CONCLUSÃO

A geografia do século XVI foi uma disciplina aberta, que acolheu discursos que hoje pouco ou nada influenciam sua escrita e sua pesquisa. No ato de representar o mundo como teatro da vida humana, a geografia quinhentista fixava um espaço em que a ação do homem se manifestava seja em termos de memória, seja como projeto. Neste segundo aspecto, no discurso geográfico afluíam as aspirações universalistas da Igreja que encontravam em Botero um de seus porta-vozes mais dedicados. O espaço é elaborado na reflexão deste pensador radicado em Roma, e engajado na defesa do mundo católico, para visualizar o campo de ação espiritual. Fazia isso, pelo menos, em dois modos: interpretando a descoberta colombiana em termos providenciais, e estabelecendo a jurisdição espiritual da Igreja para além de um horizonte geográfico restrito.

A caracterização religiosa do espaço investe os geógrafos e cartógrafos do século XVI. Marica Milanesi e Giuliano Gliozzi, de posições diferentes,⁶⁹⁹ observaram como as discussões em torno do continente americano respondiam a preocupações religiosas. Milanesi em seu artigo mostra como a construção cartográfica do continente americano se apoiava em hipóteses que não eram somente geográficas.⁷⁰⁰ Os mapas interpretavam ideias que eram também políticas e religiosas, algo visível tanto na nomenclatura utilizada pelos cartógrafos, quanto no desenho do elemento físico. A continuidade territorial entre América e Ásia, representada em numerosos mapas daquela época, pode ser entendida como a perpetuação de uma visão triádica do ecúmeno,⁷⁰¹ circundado pelo oceano; ou, então, a partir do problema que a natureza do homem americano comportava para a visão monogenista da antropologia cristã. Esta comunicação entre os continentes teria salvaguardado a validade da narração bíblica.⁷⁰² O artigo de Milanesi, ainda, chama a atenção para tradições culturais diferentes que

⁶⁹⁹ MILANESI, Marica, "Arsarot o Anian? Identità e separazione tra Asia e Nuovo Mondo nella cartografia del Cinquecento (1500-1570)", in PROSPERI, Adriano, e REINHARDT, Wolfgang, (org), op cit. GLIOZZI, Giuliano, *Adamo e il Nuovo Mondo*, op cit.

⁷⁰⁰ MILANESI, op cit, p 28

⁷⁰¹ Para uma discussão ver o livro de RANDLES, *Geography, cartography, and nautical science in the Renaissance*, especialmente o ensaio "Le Nouveau Monde, l'autre monde et la pluralité des mondes" por considerar o Novo Mundo dentro de uma reflexão global que interessa o ecúmeno todo e não apenas o continente americano, e por mostrar as raízes clássicas desta discussão.

⁷⁰² A respeito ver o livro de GLIOZZI acima citado.

tiveram um peso considerável nas ponderações que os cosmógrafos realizaram sobre o mundo. Botero entrou nessas discussões de uma posição de *outsider*, no sentido que ele não era um geógrafo ptolomaico, nem professava seu ensino. Paradoxalmente, esta marginalidade, ou como dizia Chabod, o fato de faltar-lhe um foco, deu às *Relationi Universali* uma feição diferente. Enquanto os cosmógrafos eram empenhados em discussões sobre a validade da teoria geográfica de Ptolomeu, Botero enveredou por outro caminho metodológico ao privilegiar as fontes modernas e, entre estas, as relações dos embaixadores. As cosmografias dos primeiros, como diz Magnaghi,⁷⁰³ eram dirigidas aos humanistas e não aos homens de Estado. Isto configura dois tipos de discursos: aquele dos humanistas é baseado na citação erudita e no diálogo com o mundo clássico, principalmente com a geografia de Ptolomeu, enquanto o discurso dos embaixadores tem um senso prático. A originalidade de Botero, segundo Magnaghi, repousa em seu distanciamento das cosmografias dos humanistas e na filiação ao filão das *Relationi* dos embaixadores venezianos, dos quais recupera a objetividade da descrição. Acreditamos que estas considerações de Magnaghi sejam úteis, recusamos no entanto suas argumentações sobre a modernidade de Botero. Este autor foi homem de século XVI, de um período contrarreformista e a objetivação da realidade respondia a questões que eram religiosas e políticas, como tentamos mostrar ao longo do nosso trabalho.

⁷⁰³ MAGNAGHI, Alberto, *Le "Relationi Universali" di Giovanni Botero e le origini della Statistica e dell'Antropogeografia*, Lausen, Torino, 1906, p 33.

Fontes

ACCETTO, Torquato, *Della dissimulazione onesta*, Turim, Einaudi, 1997

ACOSTA, José de, *De Procuranda Indorum Salute*, [1588], Madri, Atlas Ediciones, 1954.

_, *História Natural y Moral de las Índias*, [1590], E. O'Gorman (org), México, Fondo de Cultura Economico, 1962.

ANANIA, Giovanni Lorenzo d', *L'Universale Fabrica del Mondo*, Venezia, Iacomo Vidali, 1576.

D'AVITY, Pierre, *Les Etats, Empires, et principautez du monde*, Paris, 1616

BALDONI, Bernardino, *Il secretario*, Veneza, Giovanni Guerigli, 1628.

BARTOLI, Daniello, *Della Geografia trasportata al morale*, Veneza, Nicolò Pezzana, 1664.

BENVENGA, Michele, *Proteo segretario di lettere moderne a tutti i Principi dell'Europa ed altri qualificati soggetti*, Venezia, Monti, 1689.

BENZONI, Girolamo, *La Historia del Mondo Muovo*, [1572], Milano, Giordano, 1965.

BONFADIO, Jacopo, *Lettere famigliari*, Brescia, 1746.

BOTERO, Giovanni, *De regia sapientia*, Milano, 1583.

_, *Prediche sopra li evangelii dominicali*, Milão, 1586

_, *De praedicatore verbi Dei*, Paris, 1585

_, *Dispregio del mondo*, Milano, 1584.

_, *De Catholicae religionis vestigijs*, Roma, Giovanni Martinelli, 1588.

_, *Relationi Universali divise in quattro parti*, Brescia, Compagnia Bresciana, 1599.

_, *Relationi Universali divise in sette parti*, Venezia, Alessandro de Vecchi, 1618

_, *Relationi Universali divise in quattro parti*, Venezia, Giunti, 1650

_, *Della ragion di stato con tre libri delle Cause della grandezza, delle città, due aggiunte e un discorso sulla popolazione di Roma*, a cura di Luigi Firpo, Torino, Einaudi, 1948.

_, *Dell'uffitio del cardinale*, Roma, Vincenzo Pelagallo, 1599.

_, *I capitani*, Turim,

_, *La prima parte de Principi Christiani*, Turim

BORDONE, Benedetto, *Libro nel qual si ragiona di tutte l'isole del mondo*, Venezia, 1528.

BORROMEO, Federico, *Miscellanea adnotationum variarum*, Milano, Gruppo Editoriale Zaccaria, Biblioteca Comunale, 1985.

_, *Paraella cosmographica de sede et appartitionibus daemonum. Liber unus*, Roma, Bulzoni, 2006.

BRUSONI, Girolamo, *Varie osservationi sopra le Relationi Universali di Giovanni Botero*, Bertani, 1659.

CALDERINI, Apollinare, *Discorsi sopra la ragion di Stato del Sig Giovanni Botero*, Milano, Pietro Martire Locarno, 1597.

CAPACCIO, Giulio Cesare. *Il segretario*, Roma, Accolti, 1589.

CINZIO, Giovanni Battista Giraldi, *De gli Hecatommithi*, Veneza, Girolamo Scotto, 1566.

DANNA, Casimiro, *Lettere inedite di Giovanni Botero*, Turim, De Rossi, 1880.

FIORAVANTI, Leonardo, *Dello specchio di scientia universale*, Venezia, Vincenzo Valgrisi, 1564.

GARZONI, Tommaso, *Il theatro de' vari e diversi cervelli mondani*, Venezia, Giovanni Battista Somasco, 1585.

GASTALDI, Giacomo, *La geografia di Claudio Ptolomeo alessandrino*, Venezia, Gioan Batista Pedrezano, 1548.

_, *La universale descrittione del mondo*, Venezia, 1562.

GIGLIO, Girolamo, *Gli costumi et le usanze dell'Indie occidentali, ovvero Mondo Nuovo*, Venezia, Francesco Lorenzini, 1560.

GRACIAN, Baltasar, *Oracolo manuale y arte de prudencia*, Amsterdã, Ivan Blaeu, 1659

GUARINI, Giovanni Battista, *Il segretario*, Veneza, Ruberto Megietti, 1600.

GUAZZO, Stefano, *La civil conversatione*, Venezia, Percachino, 1581.

INGEGNERI, Angelo, *Del buon segretario libri tre*, Roma, G. Faciotto, 1594.

LERY, Jean de, *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil*, Genève, Libraire Droz, 1975.

LOPEZ de GOMARA, Francisco, *Historia general de las Indias y Vida de Hernán Cortés*, Jorge Gurria Lacroix (org), Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1991.

LUCINGE, René de, *Le première loysir de René de Lusynge, sieur des Alymes, etc, contenant la traduction françoise du Mespris du monde, de l'italien, du docteur J. Botere piedmontois*, Paris, Thomam Perier, 1585.

LUNARDI, Ernesto, (org), *La scoperta del Nuovo Mondo negli scritti di Pietro Martire d'Anghiera*, Roma, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1988.

MAFFEI, Giovanni Pietro, *Le Histórie delle Indie Orientali*, Venezia, Damiano Zenaro, 1585.

MAGINI, G. A., *Geografia cioè descrizione universale della Terra partita in due volumi*, Venezia, Fratelli Calignani, 1598.

OVIEDO, Gonzalo Fernandez de, *História general y natural de las Índias*, Asuncion, 1944.

PALLAVICINO, Nicolo Maria, *Difesa del pontificato e della chiesa cattolica*, Tomo I, Roma, Nicolò Angelo Tinassi, 1687

PERSICO, Panfilo, *Del segretario libri quattro*, Venetia, Damian Zenaro, 1620

PIGNA, Giovan Battista, *Il Principe, nel quale si descrive come debba essere il principe heroico, sotto il cui governo un felice popolo possa tranquilla e beatamente vivere*, Veneza, Sansovino, 1561.

PORCACCHI, T, *Delle isole più famose del mondo*, Venezia, Simon Calignani & Girolamo Porro, 1572.

POSSEVINO, Antonio, *Apparato all'Historia di tutte le nationi et il modo di studiare la geografia*, Veneza, Gio Battista Ciotti senese, 1598.

_, *Coltura de gl'ingegni*, Vicenza, Giorgio Greco, 1598.

RAMUSIO, Giovanni Battista, *Navigazioni et viaggi*, 6 vol, [1556], Torino, Einaudi, 1978-1985.

ROSACCIO, *Geografia di Claudio Tolomeo alessandrino*, Venezia, appresso gli heredi di Melchior Sessa, 1598.

ROSELLO, Lucio Paolo, *Due dialoghi de la vita de cortigiani, intitolato la patientia*, Venezia, Comin da Trino, 1549.

RUSCELLI, Girolamo, *La Geografia di Tolomeo*, Venezia, 1561.

SANSOVINO, Francesco, *Del Governo et Administratione di diversi Regni et Repubbliche*, Venezia, 1562.

_, *Del segretario, Veneza, Il segretario*, Veneza, 1575.

TASSO, Torquato, *Il segretario*, Ferrara, 1587.

THEVET, André, *Les singularités de la France Antarctique*, édition intégrale établi, présentée et annoté par Frank Lestringant, Paris, Editions Chandeigne, 1997.

ZINANO, Gabriele, *Della ragione degli Stati libri XII*, Veneza, Guerigli, 1626.

Bibliografia

- AGNOLIN, Adone, *O apetite da Antropologia. O sabor antropofágico do saber antropológico*, São Paulo, Humanitas, 2005.
- _, *Jesuítas e selvagens. A negociação da Fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séc XVI-XVII)*, São Paulo, Humanitas, 2007.
- ALBÓNICO, Aldo, *Il cardinal Federico "americanista"*, Roma, Bulzoni, 1990.
- _, *Il mondo americano di Giovanni Botero*, Roma, Bulzoni, 1990.
- ALMAGIÀ, Roberto, *Scritti geografici*, Roma, Edizioni Cremonese, 1961.
- ALPERS, Svetlana, *A arte de descrever*, trad, São Paulo, Edusp, 1999.
- AMBROSINI, Federica, *Paesi e mari ignoti. America e colonialismo europeo nella cultura veneziana (secoli XVI-XVII)*, Venezia, Deputazione, 1982.
- ANSELMINI, Gian Mario, "Per un archeologia della *ratio*: dalla 'pedagogia' al 'governo'", in BRIZZI, GianPaolo, *La ratio studiorum. Modelli culturali e pratiche educative dei gesuiti in Italia tra Cinque e Seicento*, Roma, Bulzoni, 1981.
- ARMSTRONG, Lilian, "Benedetto Bordon, miniator, and cartography in early Sixteenth-century Venice", *Imago Mundi*, XLVIII, 1996.
- ASSANDRIA, Giuseppe, *Giovanni Botero. Note biografiche e bibliografiche*, Bene Vagienna, Vissio, 1928
- ATKINSON, G. *Les nouveaux horizons de la Renaissance française*, Genève, 1935
- BALDINI, Enzo (org), *Botero e la 'Ragion di Stato'*, Atti del convegno in memoria di Luigi Firpo, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.
- _, "Botero e la Francia", in Baldini, *Botero e la ragion di stato*, Firenze, 1992.
- _, "Le *De Regia sapientia* de Botero et *De la naissance, durée et chute des Etats* de Lucinge", *Asterion*, 2, 2004, rivista on line: <http://asterion.revue.org/92>
- _, "Primi attacchi romani alla *République* di Bodin sul finire del 1588. I testi di Minuccio Minucci e di Filippo Segà", *Il pensiero politico*, 2001, 1.
- BALSAMO, Luigi, *Antonio Possevino S.I. bibliografo della controriforma*, Firenze, Leo S. Olschki, 2006.
- BARERA, Attilio, *L'opera scientifico-letteraria del Card Federico Borromeo*, Milano, Vita e Pensiero, 1931.
- BATTISTI, Eugenio, *Iconologia e ecologia del giardino e del paesaggio*, Firenze, Leo S. Olschki, 2004.
- BENEDICT, Barbara, *Curiosity. A cultural history of early modern inquiry*, Chicago, University of Chicago Press, 2001.

BENZONI, Gino, *Gli affanni della cultura. Intellettuali e potere nell'Italia della controriforma e barocca*, Milano, Feltrinelli, 1978.

BESSE, Jean-Marc, *Les grandeurs de la terre. Aspects du savoir géographique à la Renaissance*, Paris, Ens Editions, 2003.

_, *Face au monde. Atlas, jardins, géoramas*, Paris, Desclée de Brouwer, 2003.

_, *Ver a terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*, trad, São Paulo, Perspectiva, 2006.

_, ““Quelle géographie pour le prince chrétien? Premières remarques sur Antonio Possevino” in *Laboratoire italien*, n° 8, Lyon, 2008.

_, “Cosmography and Geography in the sixteenth century. The position of Oronce Fine between Mathematics and History”, in MARR, Alexander, *The Worlds of Oronce Fine. Mathematics, instruments and print in Renaissance France*, Donington, Shaun Tyas, 2009.

BIELANSKI, Stefan, "La biografia storica in Botero", in BALDINI, Enzo, *Botero e la 'ragion di Stato'*, Atti in memoria di Luigi Firpo, (Torino, 8-10 marzo, 1990), Firenze, Leo S. Olschki, 1991.

BIOW, Douglas, *Doctors, ambassadors, secretaries: Humanism and professions in Renaissance Italy*, Chicago, University of Chicago Press, 2002.

BIRASCHI, Anna Maria, “Una geografia per l'impero”, in *I greci. Storia, cultura, arte, società*, Torino, Einaudi, 1998.

BIRELEY, Robert, SJ, *The Refashioning of Catholicism, 1450-1700: a reassessment of the counter Reformation*, Washington DC, Catholic University of America Press, 1999.

BIZZOCCHI, Roberto, "Chiesa, religione, stato agli inizi dell'età moderna", in CHITTOLINI, Giorgio, MOLHO, Anthony, SCHIERA, Pierangelo, (org), *Origini dello Stato*, Bologna, Il Mulino, 1994.

BOLZONI, Lina, "Il segretario neoplatonico", in Adriano Prosperi, (org), *La corte e il cortegiano*, Roma, Bulzoni, 1980.

BORRELLI, Gianfranco, *Ragion di Stato e Leviatano. Conservazione e scambio all'origine della modernità*, Bologna, Il Mulino, 1993.

BOUWSMA, William, *The Waning of the Renaissance. 1550-1640*, New Haven, Yale University Press, 2000.

BOWEN, Margarita, *Empiricism and geographical thought. From Francis Bacon to Alexander von Humboldt*, New York, Cambridge University Press, 1981.

BRAGAGNOLO, Manuela, “Geografia e politica nel Cinquecento. La descrizione di città nelle carte di Gian Vincenzo Pinelli”, in *Laboratoire italien*, n° 8, Lyon, 2008.

BRIENNEN, Rebecca Parker, *Visions of savage paradise. Albert Eckhout, court painter in colonial dutch Brazil*, Amsterdam, Amsterdam University Press, 2006.

BRIZZI, Gian Paolo, "Strategie educative e istituzioni scolastiche della Controriforma", in *Letteratura italiana, volume primo, il letterato e la corte*, Torino, Einaudi, 1982.

BROC, Numa, *La geografia del Rinascimento*, trad, Modena, Franco Cosimo Panini, 1996.

BUCCIANINI, Massimo, *Galileo e Keplero. Filosofia, cosmologia e teologia nell'Età della Controriforma*, Torino, Einaudi, 2003.

BURKE, Peter, *As fortunas d'O Cortesão*, trad. São Paulo, Unesp, 1997.

_, *Uma História Social do conhecimento. De Gutenberg a Diderot*, trad, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

_, *Testemunha ocular*, trad, Bauru, Edusc, 2004.

_, e PO-CHIA HSIA R., (org), *A tradução cultural nos primórdios da Europa moderna*, Trad, São Paulo, Unesp, 2007.

BUISSERET, David, *The Mapmaker's quest*, Oxford, Oxford University Press, 2003.

BURKHARDT, Jacob, *A cultura do Renascimento na Itália. Um ensaio*, trad, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

CAMOS, Rosanna Gorris, "Dall'angelo alla colomba: il volo del segretario" in Rosanna Gorris Camos, (org), *Il segretario è come un angelo*, Fasano, Schena, 2008

CAMPBELL, Mary Baine, *Wonder and science. Imagining worlds in early modern Europe*, Ithaca, Cornell University Press, 1999.

CAMPORESI, Piero, *Le belle contrade. Nascita del paesaggio italiano*, Milano, Garzanti, 1992.

CANTIMORI, Delio, *Umanesimo e religione nel Rinascimento*, Turim, Einaudi, 1975.

_, *Eretici italiani del Cinquecento*, Turim, Einaudi, 1992.

CARACCIOLO ARICÒ, Angela, (ed), *L'impatto della scoperta dell'America nella cultura veneziana*, Roma, Bulzoni, 1990.

CARLSMITH, Christopher, "Struggling toward success. Jesuit education in Italy, 1540-1600", in *History of Education Quarterly*, 42, 2, 2002.

CARTA, Paolo, "I cartografi della cristianità. Geografia e politica nelle nunziature apostoliche", *Laboratoire italien*, 8, 2008.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte, *Operários de uma vinha esteril. Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620)*, Bauru, Edusc, 2006.

CAVALLINI, Concetta, "L'art du secrétaire dans l'oeuvre de Battista Guarini: théorie et pratique" in Rosanna Gorris Camos, (org), *Il segretario è come un angelo*, Fasano, Schena, 2008

CEARD, Jean, *La nature et les prodiges. L'insolite au XVIe siècle en France*, Genève, Droz, 1977.

CELESTIN, Roger, "Montaigne and the Cannibals. Toward a redefinition of Exoticism", *Cultural Anthropology*, 1990, p 292-313.

CERTEAU, Michel de, *Heterologies. Discourse on the other*, Minneapolis, Minnesota University Press, 1986.

_, *La fable mystique*, Paris, Gallimard, 1982.

_, *L'écriture de l'histoire*, Paris, Gallimard, 1978.

CHABOD, Federico. *Scritti sul Rinascimento*, Torino, Einaudi, 1967.

CHINARD, Gilbert, *Exotisme américain dans la littérature française au XVI siècle*, Paris, Hachette, 1911.

CHITTOLINI, Giorgio, MOLHO, Anthony, SCHIERA, Pierangelo (org), *Origini dello Stato. Processi di formazione statale in Italia fra medioevo ed età moderna*, Bologna, Il Mulino, 1994.

CODAZZI, Angela, *Mostra di toloni e atlanti antichi*, Roma, 1967.

CONLEY, Tom, "Thevet revisits Guanabara", *Hispanic American Historical Review*, 80/4, 2000, p 753-781.

_, "Early modern literature and cartography: an overview", in Woodward, David, (ed.), *The History of Cartography*, vol 3, part 1, Chicago, University of Chicago Press, 2007.

CONTINISIO, Chiara, "Introduzione", in BOTERO, Giovanni, *La ragion di Stato*, Roma, Donzelli, 2006.

CORMACK, Lesley B, "Good fences make good neighbors. Geography as Self-Definition in early modern England", *Isis*, 82, 1991.

_, "Maps as educational tools in the Renaissance", in Woodward, David, (ed.), *The History of Cartography*, vol 3, part 1, Chicago, University of Chicago Press, 2007.

CORTESÃO, Jaime, "A política do sigilo nos descobrimentos", in *Obras completas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1967.

COSGROVE, David, "Mapping New Worlds: culture and cartography in sixteenth-century Venice", *Imago Mundi*, 44, 1992, p 65-89.

COSTA, Daniela, "Dall'ideale cortigiano alla figura del segretario", in GORRIS CAMOS, Rosanna "Dall'angelo alla colomba: il volo del segretario" in Rosanna Gorris Camos, (org), *Il segretario è come un angelo*, Fasano, Schena, 2008.

COURCELLES, Dominique de, (org), *La Varietas à la Renaissance*, Paris, École nationale des Chartes, 2001.

_, "Les enjeux politiques de l'angéologie à la Renaissance: de Nicolas de Cues à Francisco Suarez et Francisco Pacheco", in Rosanna Gorris Camos, (org), *Il segretario è come un angelo*, Fasano, Schena, 2008

CROCE, Benedetto, *Storia dell'età barocca in Italia*, Bari, Laterza, 1929.

CURCIO, Carlo, (org), *Utopisti e riformatori sociali del Cinquecento*, Bologna, Zanichelli, 1941.

DAINVILLE, F, *La géographie des humanistes*, Paris, Beauchesne, 1940.

D'AMICO, Silvia, *Heureux qui comme Ulysse. Ulisse nella poesia francese e neolatina del XVI secolo*, Milano, Led edizioni universitarie, 2002.

D'ARIENZO, Luisa, "La presenza italiana in Portogallo e nella Spagna meridionale all'epoca di Cristoforo Colombo", in *Cristoforo Colombo e l'apertura degli spazi*, Roma, 1992

DASTON, Lorraine, e PARK, Katharine, *Wonders and the order of nature 1150-1750*, New York, Zone Books, 2001.

DELUMEAU, Jean, *A civilização do Renascimento*, 2 vols, trad, Lisboa, Estampa, 1983.

DE ROSA, Gabriele, *Tempo religioso e tempo storico*, Roma, Edizioni di storia e letteratura, 1998.

DESAN, Philippe, "Montaigne paysagiste", in COURCELLES, Dominique de, (org) *Nature & paysages. L'émergence d'une nouvelle subjectivité à la Renaissance*, École nationale des Chartes, 2006.

DESCENDRE, Romain, "Une géopolitique pour la Contre-Réforme: les Relations Universali de Giovanni Botero (1544-1617)", *Ésprit, lettre(s) et expression de la Contre-Réforme en Italie à l'aube d'un monde nouveau*, Actes du Colloque International (27-28 novembre 2003), Université Nancy 2, 2005, p 47-59.

_, "Géopolitique et théologie. Suprématie pontificale et équilibre des puissance chez Botero" in *Il pensiero politico*, XXXIII, n 1, Firenze, Leo S. Olschki, 2000.

_, "'Connaître les hommes', 'soumettre les consciences', 'voir toute chose'. Censure, vérité, et raison d'État en Italie au tournant des XVI et XVII siècles, *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, LXX, (2), 2008.

_, *L'État du monde. Giovanni Botero entre raison d'État et géopolitique*, Genève, Droz, 2009.

DOGLIO, Maria Luisa, "Intellettuali e cultura letteraria (1562-1630)", in RICUPERATI, Giuseppe, *Storia di Torino*, Tomo 3, Turim, Einaudi, 1998

DONATTINI, Massimo, "Ramusio e le sue Navigazioni. Appunti per una biografia", *Critica Storica*, XVII, 1980.

_, "Orizzonti geografici dell'editoria italiana (1493-1560)", in PROSPERI, Adriano e REINHARD, Wolfgang, (org), *Il Nuovo Mondo nella coscienza italiana e tedesca del Cinquecento*, Bologna, Il Mulino, 1992.

_, *Spazio e modernità. Libri, carte, isolari nell'età delle scoperte*, Bologna, Clueb, 2000.

_, *Dal Nuovo Mondo all'America. Scoperte geografiche e colonialismo (secoli XV-XVI)*, Roma, Carocci, 2004.

_, (org) *L'Italia dell'inquisitore. Storia e geografia dell'Italia del Cinquecento nella Descrizione di Leandro Alberti*, Bologna, Bononia University Press, 2007.

DONNELLY, John Patrick SJ, "Antonio Possevino's plan for world evangelization", *Catholic Historical Review*, 74:2, 179-98, 1988.

DUPRONT, Alphonse, "Espace et humanisme", *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, VIII, 1946.

EDGERTON, Samuel, *The Renaissance rediscovery of linear perspective*, New York, Basic Books, 1975.

EISENSTEIN, Elizabeth, *The Printing revolution in early modern Europe*, New York, Cambridge University Press, 1983.

ELIAS, Norbert, *O processo civilizador*, 2 vols, trad, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

ELLIOTT, John, *The Old World and the New, 1492-1650*, New York, Cambridge University Press, 1970.

FARAGO Claire, (org), *Reframing the Renaissance: visual culture in Europe and Latin America, 1450-1650*, New Haven, Yale University Press, 1995.

FEBVRE, Lucien, "Civilisation: Évolution d'un mot et d'un groupe d'idées" in Lucien Febvre et al, *Civilisation: le mot et l'idée*, Paris, La Renaissance du livre, 1930.

FERRETTI, Giuliano, "Sull'idea di civiltà in Botero", in BALDINI, Enzo (org), *Botero e la 'Ragion di Stato'*, Atti del convegno in memoria di Luigi Firpo, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.

FINDLEN, Paula, *Possessing nature*, Los Angeles, University of California Press, 1994.

FIORINI, Tiziana, *La biblioteca di Vincenzo Dalberti*, Bellinzona, Edizioni Casagrande, 1991.

FIRPO, Luigi, "Introduzione a Giovanni Botero", *Della Ragion di Stato*, Torino, UTET, 1948.

_, *Gli scritti giovanili di Giovanni Botero. Bibliografia ragionata*, Firenze, Sansoni, 1960.

_, "Boteriana I. L'iconografia. II. Il Botero 'informatore' degli spagnoli", in *Studi piemontesi*, II, 1, 1973, p 65-72

_, "Boteriana III. Al servizio di Federico Borromeo", *Studi piemontesi*, IV, 1, 1975, p 34-47

_, "La 'Ragion di Stato' di Giovanni Botero: redazione, rifacimenti, fortuna", in *Civiltà del Piemonte. Studi in onore di R. Gandolfo nel suo settantacinquesimo compleanno*, Torino, Centro Studi Piemontesi, 1975.

_, *Gente di Piemonte*, Milano, Mursia, 1983

_, "Giovanni Botero", in Dizionario Biografico degli Italiani, www.treccani.it

FRAGNITO, Gigliola, *La bibbia al rogo. La censura ecclesiastica e i volgarizzamenti della Scrittura (1471-1605)*, Bologna, Il Mulino, 1997.

FRAJESE, Vittorio, *Nascita dell'indice. La censura ecclesiastica dal Rinascimento alla Controriforma*, Brescia, Morcelliana, 2006.

FRIGO, Daniela, "Sansovino e Botero: forme di governo e modelli amministrativi degli Stati nelle relazioni del secondo Cinquecento", in Baldini, Enzo (org), *Botero e la 'Ragion di Stato'*, Atti del convegno in memoria di Luigi Firpo, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.

FUMAROLI, Marc, *L'âge de l'éloquence. Rhétorique et 'res literaria' de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Paris, Albin Michel, 1996.

GAETA, Franco Gaeta, "Dal comune alla corte rinascimentale", in *Letteratura italiana*, vol 1, Turin, Einaudi, 1982.

GARIN, Eugenio, *La cultura filosofica del Rinascimento italiano*, Firenze, 1961.
_, *Rinascite e rivoluzioni. Movimenti culturali dal XIV al XVIII secolo*, Laterza, Bari, 1990.
_, *Umanisti artisti scienziati. Studi sul Rinascimento italiano*, Roma, Editori Riuniti, 1989.

GATTO, Romano, "Cristoforo Clavio e l'insegnamento delle matematiche nella Compagnia di Gesù", in *Il rinascimento italiano e l'Europa*, vol 5, Treviso, Angelo Colla, 2008.

GAUDIO, Michael, *Engraving the Savage: the New World and techniques of civilization*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 2008.

GAUTIER-DALCHÉ, Patrick, "The reception of Ptolemy *Geography* (End of the Fourteenth to beginning of the Sixteenth century)", in WOODWARD, David, *The History of Cartography. Volume three. Cartography in the European Renaissance, Part 1*, Chicago, University of Chicago Press, 2007.

GENTILE, Sebastiano, catalogo a cura di, *Firenze e la scoperta dell'America. Umanesimo e geografia nel '400 fiorentino*, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.
_, "Umanesimo e cartografia: Tolomeo nel secolo XV", in Diogo Ramada Curto, Angelo Cattaneo, André Ferrand de Almeida, (org), *La cartografia europea tra primo rinascimento e fine dell'illuminismo*, Firenze, Leo S. Olschki, 2003.
_, "Toscanelli, Traversari, Niccoli e la geografia", *Rivista Geografica Italiana*, 100, 1993, p 113-131.

GERBI, Antonello, *La disputa del Nuovo Mondo*, Milano, Adelphi, 2000.
_, *La natura delle Indie Nove*, Milano, Adelphi, 2000.

GINZBURG, Carlo, *Micro-história e outros ensaios*, trad, Lisboa, Difel, 1991.

_, *Simulazione e dissimulazione religiosa nell'Europa del Cinquecento*, Turim, Einaudi, 1970.

GIOBERTI, Vincenzo, *Del primato morale e civile degli italiani*, Losanna, Bonamici e co., 1846.

GIODA, Carlo, *La vita e le opere di Giovanni Botero con la quinta parte delle Relazioni Universali*, Milano, 1895.

GIOMBI, Samuele, "Processi di disciplinamento linguistico nella prima età moderna: teorie sulla retorica sacra tra XVI e XVII secolo", *Quaderni di discipline storiche*, Bologna, CLUEB, 1998.

_, "Sacra eloquenza: percorsi di studio e pratiche di lettura", in BARBIERI, Edoardo e ZARDIN, Danilo, *Libri, biblioteche e cultura nell'Italia del Cinque e Seicento*, Milano, Vita e Pensiero, 2002.

GIUCCI, Guilherme, *Viajantes do maravilhoso. O Novo Mundo*, Trad, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

GLIOZZI, G, *Adamo e il Nuovo Mondo. La nascita dell'antropologia come ideologia coloniale: dalle genealogie bibliche alle teorie razziali*, Firenze, La Nuova Italia, 1977.

_, *Differenze e uguaglianza nella cultura europea moderna*, Napoli, Vivarium, 1993.

GOFFART, Walter, *Historical atlases: the first three hundred years, 1570-1870*, Chicago, University of Chicago Press, 2003.

GOMES, Plinio Freire, "Alessandro Zorzi e l'invenzione dei tropici", in RAMADA CURTO, Diogo, CATTANEO, Angelo, FERRAND DE ALMEIDA, André, (org), *La cartografia europea tra primo rinascimento e fine dell'illuminismo*, Firenze, Leo S. Olschki, 2003.

_, "Volta ao mundo por ouvir-dizer: redes de informação e a cultura geográfica do Renascimento", *Anais do Museu Paulista*, 19, 1, 2009.

GREENBLATT, Stephen, *Possessões maravilhosas. O deslumbramento do Novo Mundo*, trad, São Paulo, Edusp, 1996.

GRENDLER, Paul, *Renaissance education between religion and politics*, Aldershot, Ashgate, 2006.

GUARINI, Elena Fasano, "Declino e durata delle repubbliche e delle idee repubblicane nell'Italia del 500" in Maurizio Viroli, *Libertà politica e virtù civile. Significati e percorsi del repubblicanesimo classico*, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 2004.

HEADLEY, John, "The sixteenth-century Venetian celebration of the earth's total habitability: the issue of the fully habitable world for Renaissance Europe", *The Journal of World History*, 8:1-27, 1997.

_, "Geography and Empire in the late Renaissance. Botero's assignment, western universalism, and the civilizing process", *Renaissance Quarterly*, Vol. 53, n° 4, 2000, pp. 1119-1155.

HEATH, Michael, "Introduction", in LUCINGE, René de, *Le premier loysir du monde*, Genebra, Droz, 1999.

HODGEN, Margaret, *Early Anthropology in the sixteenth and seventeenth centuries*, Filadelfia, University of Pennsylvania Press, 1964.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1996.

HOPFL, Jarno, *Jesuit political thought. The Society of Jesus and the State 1540-1630*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

HUNT, John Dixson, (org) *Greater perfections. The practice of Garden theory*, Philadelphia, 2000

JACOB, Christian, *The Sovereign Map*, trad, Chicago, University of Chicago Press, 2006.

_, "Geografia", in *I greci. Storia, cultura, arte, società*, Torino, Einaudi, 2001.

JAKOB, Michael, *Il paesaggio*, Bologna, Il Mulino, 2009.

KUNTZ, Marion Leathers, "Guillaume Postel e l'idea di Venezia come la magistratura più perfetta", in *Postello, Venezia e il suo mondo*, Firenze, Leo S. Olschki, 1988.

LANCIONI, Tarcisio, *Viaggio tra gli isolari*, Milano, Rovello, 1991.

LESTRINGANT, F, "Cosmographie pour une restitution. 'Des Merveilles du monde' de Guillaume Postel", *Postello, Venezia e il suo mondo*, a cura di M L Kuntz, Firenze, Leo S. Olschki, 1988.

_, *Le Huguenot et le Sauvage*, Paris, Aux amateurs du livre, 1990.

_, *Ecrire le monde à la Renaissance. Quinze études sur Rabelais Postel, Bodin et la littérature géographique*, Caen, Paradigme, 1993.

_, *A oficina do cosmógrafo, ou a imagem do mundo no Renascimento*, trad, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

LOIS, Carla, *Plus Ultra Equinoctialem*, Buenos Aires, Tese de Doutorado, 2007

MACZAK, Antoni, *Viaggi e viaggiatori nell'Europa moderna*, trad, Bari, Laterza, 2002.

MAFFEI, Giuseppe, *Storia della letteratura italiana*, Livorno, Mazzajoli, 1852.

MAGALHÃES, Anderson, "Uno scrittore di cose segrete: la fortuna de Il segretario di Torquato Tasso tra Italia e Francia", in Rosanna Gorris Camos, (org), *Il segretario è come un angelo*, Fasano, Schena, 2008.

MAGNAGHI, Alberto, *Le "Relationi Universali" di Giovanni Botero e le origini della Statistica e dell'Antropogeografia*, Lausen, Torino, 1906.

_, "Processo e condanna di Giovanni Botero", *Memorie della Reale Accademia delle Scienze di Torino*, s II, vol 68, 1936, p 85-148.

MANGANI, Giorgio, *Cartografia morale. Geografia, persuasione, identità*, Modena, Franco Cosimo Panini, 2006.

_, *Il 'mondo' di Abramo Ortelio. Misticismo, geografia e collezionismo nel Rinascimento dei Paesi Bassi*, Modena, Franco Cosimo Panini, 2006.

MARAVALL, José Antonio, *Estado moderno y mentalidad social*, 2 vols, Madrid, Alianza, 1986

MARCHETTI, Valerio, "Gli scritti religiosi di Botero", in Baldini, Enzo (org), *Botero e la 'Ragion di Stato'*, Atti del convegno in memoria di Luigi Firpo, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.

MARCOCCI, Giuseppe, "A proposito dell'immagine dell'Italia nel Cinquecento. La Descrizione di tutta Italia di Leandro Alberti e la cartografia rinascimentale", in Massimo Donattini, (org) *L'Italia dell'inquisitore. Storia e geografia dell'Italia del Cinquecento nella Descrizione di Leandro Alberti*, Bologna, Bononia University Press, 2007.

MARR, Alexander, *The Worlds of Oronce Fine. Mathematics, instruments and print in Renaissance France*, Donington, Shaun Tyas, 2009

McLEAN, Matthew, *The 'Cosmographia' of Sebastian Münster. Describing the world in the Reformation*, Aldershot, Ashgate, 2007.

MEINECKE, Friedrich, *Machiavellism*, New Haven, Yale University Press, 1957.

MELANI, Igor, *Il tribunale della storia. Leggere la 'Methodus' di Jean Bodin*, Firenze, Leo S. Olschki, 2006

MERLIN, Pierpaolo, "La corte di Carlo Emanuele I", in Ricuperati, Giuseppe, (org), *Storia di Torino*, vol III, Turin, Einaudi, 1998.

MILANESI, Marica, "La cartografia del Cinquecento e la nascita della tradizione colombiana", *Nuova raccolta colombiana*, Roma, 1991.

_, *Tolomeo sostituito. Studi di storia delle conoscenze geografiche nel XVI secolo*, Milano, Unicopli, 1984.

_, "Geography and Cosmography in Italy from XV to XVII century", in *Memorie della Società Astronomica Italiana*, LXV, 2 1994, pp 443-468

MISSIO, Edmir, *Acerca do conceito de dissimulação honesta de Torquato Accetto*, Tese de Doutorado, Unicamp, 2004

MORÁN, Manuel, e ANDRÉS-GALLEGO, José, "Il predicatore", in VILLARI, Rosario, (org), *L'uomo barocco*, Bari, Laterza, 1998.

MOZZARELLI, Cesare, *"Familia" del principe e famiglia aristocratica*, Roma, Bulzoni, 1988.

_, *L'antico regime in villa. Tre testi milanesi: Bartolomeo Taegio, Federico Borromeo, Pietro Verri*, Roma, Bulzoni, 2004.

NIGRO, Salvatore, "Il segretario", in Rosario Villari, (org), *L'uomo barocco*, Bari, Laterza, 1998.

OGILVIE, Brian W., *The Science of describing: natural history in Renaissance Europe*, Chicago, University of Chicago Press, 2006.

O' MALLEY, John, *The first jesuits*, Harvard, Harvard University Press, 1993.

_, "How the first jesuits became involved in education", in Vincent Duminico, *The jesuit ratio studiorum*, New York, Fordham University Press, 2000.

OLMI, Giuseppe, *L'inventario del mondo. Catalogazione della natura e luoghi del sapere nella prima età moderna*, Bologna, Il Mulino, 1992.

OSSOLA, Carlo, *Dal cortegiano all'uomo di mondo*, Turim, Einaudi, 1987.

PAGDEN, Anthony, *The fall of natural man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*, New York, Cambridge University Press, 1982.

PAOLI, Marco, "Ad Ercole Musagete. Il sistema delle dediche nell'editoria italiana di Antico Regime",

POCOCK, John, *The Machiavellian moment*, Princeton, Princeton University Press, 1975.

POMATA, Gianna e SIRAI, Nancy, *Historia. Empiricism and erudition in early modern Europe*, Cambridge, MIT Press, 2005.

POMIAN, Krystof, *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise, XVIe-XVIIIe siècle*, Paris, Gallimard, 1987.

POMPA, Cristina, *Religião como tradução. Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*, Bauru, Edusc, 2003.

PRODI, Paolo, *The papal prince. One body and two souls: the papal monarchy in early modern Europe*, trad. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

PROSPERI, Adriano, *Tribunali della coscienza. Inquisitori, confessori, missionari*, Torino, Einaudi, 1996

_, e Reinhard, Wolfgang, (org), *Il Nuovo Mondo nella conoscenza italiana e tedesca del Cinquecento*, Bologna, Il Mulino, 1992.

_, "Conclusioni: la coscienza europea davanti alle scoperte geografiche del '500", in Prosperi e Reinhard, Bologna, Il Mulino, 1992.

_, *L'eresia del libro grande*, Milano, Feltrinelli, 2000.

QUAINI, Massimo, "L'età dell'evidenza cartografica. Una nuova visione del mondo tra Cinquecento e Seicento" in *Cristoforo Colombo e l'apertura degli spazi*, Roma, Poligrafico dello Stato, 1992.

RADULET, Carmen, *Os descobrimentos portugueses e a Itália : ensaios filológico-literários e historiográficos*, Lisboa, Veja, 1991.

RAMINELLI, Ronald, *Viagens ultramarinas*, São Paulo, Alameda, 2007.

RANDLES, W, *De la terre plate au globe terrestre. Une mutation épistémologique rapide. 1480-1520*, Paris, Armand Colin, 1980.

—, *Geography, Cartography and Nautical Science in the Renaissance. The Impact of the Great Discoveries*, Aldershot, Ashgate, 2000.

REES, Ronald, "Historical links between cartography and art", *Geographical Review*, 70, 1980.

RICHARDSON, Brian, *Printing, writers and readers in Renaissance Italy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

RODRIGUES, Rui Luis, *Entre o dito e o maldito. Humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente, 1530-1685*, Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 2012.

ROMBAI, Leonardo, (org), *Il Mondo di Vespucci e Verrazzano: geografia e viaggi. Dalla Terrasanta all'America*, Firenze, Leo S. Olschki, 1993.

ROMEO, Rosario, *Le scoperte americane nella coscienza italiana del Cinquecento*, Milano, Riccardo Ricciardi, 1954.

ROSA, Mario, "La Chiesa e gli stati regionali nell'età dell'assolutismo", in *Letteratura italiana, volume primo, il letterato e le istituzioni*, Torino, Einaudi, 1982.

ROSCIONI, Gian Carlo, *Il desiderio delle Indie. Storie, sogni e fughe di giovani gesuiti italiani*, Torino, Einaudi, 2001.

ROWE, John, "The Renaissance foundations of Anthropology", *American Anthropologist*, 67, 1965, p 1-20.

RUBIÉS, Joan-Pau, "New worlds and Renaissance ethnology", *History and Anthropology*, 6(2), 1993.

SALONI, Alfredo, "L'educazione intellettuale", in Valpolicelli, Luigi, (org) *Pedagogia. Le forme dell'educazione*, Milano, Vallardi, 1970.

SANTORO, Marco, "Contro l'abuso delle dediche. Della dedicazione de libri di Giovanni Fratta", in *Paratesto*, 1, 2004

—, "La prassi bibliografica degli inquisitori romani di ancien régime: l'index librorum prohibitorum nel XVI secolo", *Italica*, vol 82, n 3/4, 2005.

—, *Uso e abuso delle dediche. A proposito della "Dedicazione de libri" di Giovanni Fratta*, Roma, Edizioni dell'Ateneo, 2006.

SCADUTO, Mario, *L'opera di Francesco Borgia*, Roma, La civiltà cattolica, 1992.

SCAGLIONE, Aldo, *The liberal arts and the jesuit college system*, Philadelphia, John Benjamin Publishing, 1986.

SCHMIDT, Benjamin, *Innocence abroad. The Dutch imagination and the New World, 1570-1670*, New York, Cambridge University Press, 2001.

SCHULZ, Juergen, *La cartografia tra scienza e arte. Carte e cartografi nel Rinascimento italiano*, trad, Modena, Franco Cosimo Panini, 2006.

SCIACCA, Enzo, *Umanesimo e scienza politica nella Francia del XVI secolo*, Firenze, Leo S. Olschki, 2007.

SCUCCIMARRA, Luca, *I confini del mondo. Storia del cosmopolitismo dall'antichità al Settecento*, Bologna. Il Mulino, 2006.

SKINNER, Quentin, *As fundações do pensamento político moderno*, trad, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

SMITH, Pamela e FINDLEN, Paula, (org), *Merchants and marvels. Commerce, science, and art in early modern Europe*, New York, Routledge, 2002.

SOLARI, Gioele, "Le origini della Statistica e dell'Antropogeografia", *Rivista Italiana di Sociologia*, Anno XI, 1907, p 99-106.

SOUZA, Laura de Mello e, *Inferno Atlântico. Demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

STAGL, Justin, "The Methodising of Travel in the 16th century. A tale of three cities", *History and Anthropology*, vol 4, 1990, 303-338.

SUPPA, Silvio, "Ragione politica e ragione di Stato (rileggendo Machiavelli e Botero)", in Baldini, Enzo (org), *Botero e la 'Ragion di Stato'*, Atti del convegno in memoria di Luigi Firpo, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.

TONGIORGI TOMASI, Lucia, "Giardini e tradizione clássica: due casi esemplari" in MARQUES, Luiz, (org), *A constituição da tradição clássica*, São Paulo, 2004.

TENENTI, Alberto, *Venezia e il senso del mare. Storia di un prisma culturale dal XIII al XVIII secolo*, Milano, Guerini e associati, 1999.

TESTA, Simone, "Per una interpretazione del Tesoro Politico", in *Nuova Rivista Storica*, 85/2, 2001.

TIRABOSCHI, Girolamo, *Storia della letteratura italiana*, Modena, 1778.

TODOROV, Tzvetanv, *La conquista dell'America*, Turim, Einaudi, 1990.

TOLIAS, George, "Maps in Renaissance libraries and collections", in Woodward, David (ed.), *The History of Cartography*, vol 3, part 1, Chicago, University of Chicago Press, 2007.

TOOLEY, R, "Maps and Italian Atlases of the 16th Century", *Imago Mundi*, III, 1939.
_, *Maps and Mapmakers*, London, Batsdorf, 1987.

TREVOR-ROPER *Religião, reforma e transformação social*, Lisboa, 1972

TUCCI, Ugo "Atlas", *Enciclopedia Einaudi*, Torino, Einaudi, 1977.

TUCKER, George Hugo, *Homo Viator: Itineraries of exile, displacement and writing in Renaissance Europe*, Genève, Droz, 2003.

TURNER, Hilary Louise, "Christopher Buondelmonti and the Isolario", *Terrae Incognitae*, 19, 1987, pp 11-28.

VAGNONI, Debora, "Il plagio del *De patientia* di Celio Calcagnini nel secondo dei *Due dialoghi* di Lucio Paolo Rosello", in Gigliucci, Roberto (org), *Furto e plagio nella letteratura del classicismo*, Roma, Bulzoni, 1998.

VASOLI, Cesare, "A propósito della della 'Digressio in Nicolaum Machiavellum': la religione come 'forza' politica nel pensiero del Botero", in Enzo Baldini (org), *Botero e la ragion di Stato*, Firenze, Leo S. Olschki, 1992.

VEBLEN, Thorstein, review in *The American Historical Review*, vol XIII, n 4, 1908, p 854-856.

VENTURA, Angelo, *Relazioni degli ambasciatori veneti al Senato*, 2 vols, Bari, Laterza, 1980.

VILLARI, Rosario, (org), *L'uomo barocco*, Bari, Laterza, 1991
_, *Elogio della dissimulazione*, Bari, Laterza, 1987.

VILLOSLADA, Riccardo, S.I. *Storia del collegio romano dal suo inizio (1551) alla soppressione della Compagnia di Gesù (1773)*, Roma, Edizioni della Università Gregoriana, 1954

VIROLI, Maurizio, *Dalla politica alla ragion di Stato. La scienza del governo tra XIII e XVII secolo*, Roma, Donzelli, 1994.

_, Maurizio, *Machiavelli's God*, Princeton, Princeton University Press, 2010

VIVANTI, Corrado, "Alle origini dell'idea di civiltà. Le scoperte geografiche e gli scritti di Henri de la Popelinière", *Rivista storica italiana*, LXXIV, 1962.

_, "Gli umanisti e le scoperte geografiche", in Prosperi e Reinhard, (org), *Il Nuovo Mondo nella coscienza italiana e tedesca del Cinquecento*, Bologna, Il Mulino, 1992.

WOODWARD, David, *Maps as prints in the Italian Renaissance. Makers, Distributors & Consumers*, London, The British Library, 1996.

WOORTMANN, Klaas, *Religião e ciência no Renascimento*, Brasília, Editora UnB, 1997.

_, "O selvagem na História: Heródoto e a questão do Outro", *Revista de Antropologia*, v 43, n 1, São Paulo, p 13-59, 2000.

_, *O selvagem e o Novo Mundo. Ameríndios, humanismo e escatologia*, Brasília, Editora UnB, 2004.

ZANON, Tobia, "Campi semantici e usi letterari del termine segretario: dalle origini al primo Barocco", in Rosanna Gorris Camos, (org) *Il segretario è come un angelo*, Fasano, Schena, 2008.

ZORZI, Roberto, (org), *L'epopea delle scoperte*, Firenze, Leo S. Olschki, 1994.